ROBERTA CAMILA SALGADO

MANAUS 1965

DA FLORESTA E DAS ÁGUAS

CULTURA
Edições Governo do Estado

MANAUS 1965
DA FLORESTA E DAS ÁGUAS

GOVERNADOR DO AMAZONAS
Omar Aziz

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
José Melo

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA
Robério Braga

SECRETÁRIAS EXECUTIVAS
Mimosa Paiva
Elizabeth Cantanhede

ASSESSOR DE EDIÇÕES
Antônio Auzier

Secretaria de
Estado de Cultura

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 - Manaus-AM-Brasil
Tels.: (92) 3633.2850 / 3633.3041 / 3633.1357
Fax.: (92) 3233.9973
E-mail: cultura@culturamazonas.am.gov.br
culturadoam.blogspot.com
facebook.com/culturadoamazonas
www.culturamazonas.am.gov.br

Roberta Camila Salgado

MANAUS 1965
DA FLORESTA E DAS ÁGUAS

CULTURA
Edições
Governo do Estado

Copyright © 2009 Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado da Cultura

Coordenação Editorial
Antônio Auzier Ramos

Projeto Gráfico
KintawDesign

Capa
Lo-Ammi Santos

Revisão
Cláudia Adriane Souza

Ficha Catalográfica
Ycaro Verçosa dos Santos — CRB-11 287

C183m Salgado, Roberta Camila.

Manaus 1965 – Da Floresta e das Águas./Roberta Camila Salgado. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado da Cultura, 2009.

288 p.

1. Manaus – História I. Título

CDD 981.13
22. ed.

Dedico a meus filhos Luiz Antônio, Ítalo e César; meus netos Diogo, Keone, Gabriel, Fernanda e Luíza; e in memoria para meu querido e inesquecível amigo-irmão Hélio Oiticica, o grande incentivador de minha veia criativa.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 11
AGRADECIMENTOS 13
A CHEGADA 15
DA FLORESTA E DAS ÁGUAS 23
MANAUS O INÍCIO E O CAMINHAR 37
NASCE MANAUS 37
MANAUS DO IMPÉRIO 60
A MANAUS DA BORRACHA 66
MANAUS PÓS-BORRACHA 93
DESCOBRINDO A CIDADE 97
O PRIMEIRO OLHAR 97
O MERGULHO 108
VIVENDO MANAUS 125
ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS UM GOVERNO DEFINITIVO 177
ESTÁDIO VIVALDO LIMA 188
CAMTEL – MANAUS 194
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO AMAZONAS 197
ANEXO PALÁCIO RIO NEGRO 198
ESTUDO PARA A REMODELAÇÃO DO PARQUE 10 DE NOVEMBRO 206
HOTEL DE 10 QUARTOS PARA REGIÃO DE CAÇA E PESCA 211
RESTAURANTE CHAPÉU-DE-PALHA 214
ESCOLAS PRÉ-FABRICADAS 216
RESIDÊNCIA DO ARQUITETO, EM MANAUS 217
COMO GOVERNEI O AMAZONAS 247
ALGUMAS SINGULARIDADES 279
A DIETA CABOCLA 280
AS PARTEIRAS, AS REZADEIRAS, AS PEGADEIRAS 284
ÁGUAS DE MANAUS 287

APRESENTAÇÃO

O olhar e o zelo da grande maioria dos pesquisadores que têm se dedicado a Manaus, especialmente nos últimos anos, tem se voltado, naturalmente, para o período áureo da borracha, símbolos que o caracterizaram e fizeram a fama daqueles anos.

Roberta Imbiriba Camila Salgado, entretanto, rompeu este círculo praticamente vicioso de ver a capital amazonense e, como uma viajante que veio e ficou, observou, registrou, deu de si e muito recebeu da terra, resolveu registrar os anos de transformação urbana a partir de 1965, cuidando de um registro da floresta e das águas, mas também das pessoas, da cidade, dos hábitos e costumes, da gastronomia, das novidades, das antiguidades que lhe chegaram às mãos.

É livro para ser lido de uma sentada. Absorvendo as delícias do tacacá, dos banhos de igarapé, do perfil das pessoas com as quais ela se relacionou em pleno governo do professor Arthur Cezar Ferreira Reis, das inovações sonhadoras do Luiz Maximino de Miranda Correa, neto, do manifesto do Clube da Madrugada, do requinte com que Jauary e Carmem Marinho tratavam seus convidados pelas bandas da ponte da Bolívia, e muito mais da memória de uma cidade que se perdeu na imensidão de uma superpopulação de dois milhões de habitantes, chegados quase que de surpresa e de impulso, especialmente com a Zona Franca de Manaus.

Bem escrito, meditado, muitas vezes a autora me referiu que estava escrevendo sobre a cidade que ela encontrou quando aqui chegou para viver uma aventura de morar e trabalhar na floresta e mais, ver de perto, bem de pertinho, a criação singular, típica, elegante, clássica, de Severiano Mário Porto, daqueles que o Amazonas deve festejar e aplaudir pela grande contribuição que ofereceu a nossa terra.

Neste livro está Manaus. A Manaus das esquinas conhecidas, das cadeiras na calçada, das famílias entrelaçadas pela amizade e o compadrio, das festas caipiras e dos bailes a rigor, das fachadas que se perderam no tempo, dos casarios assobradados que a modernidade derrubou ou mutilou, da varanda tropical do hotel Amazonas, dos bares, pensões, das catraias, dos ônibus construídos em flandres e madeira, dos primeiros conjuntos habitacionais, da cidade flutuante.

A Manaus que ela viu, gostou e pela qual ficou.

Relato apaixonado em linguagem escorreita, Roberta Camila deixa para sempre a sua declaração de vida nesta terra de águas e florestas e de povo que sabe receber e agradecer.

Gostei de ler. Gostei de rever a Manaus que bem poderia existir. Precisava ter sido cuidada, somente.

Robério Braga

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos e gratidão vão para Luiz Maximino de Miranda Corrêa, por sua confiança e estímulo; César Oiticica, pela confiança e patrocínio; César Oiticica Filho pelo apoio carinhoso e patrocínio; professor e grande poeta Carlos Gomes, pelo atendimento amigo e magistral revisão; Dr. Robério dos Santos Pereira Braga, Secretário de Cultura do Estado do Amazonas, pela confiança e por esta oportunidade; Maria Auxiliadora da Silva Cruz e Telma Inez Veiga do Nascimento, do Gabinete da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, pelo sempre gentil e eficiente atendimento; Equipes da Biblioteca Arthur Reis, do Museu da Imagem e do Som do Amazonas – MISAM e do Centro Cultural Povos da Amazônia – CCPA, pela atenção e colaboração; Carlos Adart Pimenta Carmo, Helen _____ e Silvio da Silva Pinto Junior, pelo eficiente trabalho de digitação, formatação e diagramação; Maria do Socorro Oliveira da Silva, Júlia Antonieta, Zirza e Tereza de Magalhães Coelho, Wanda Torres, Heliandro Maia, Matilde Saraiva, pela amizade, paciência e estímulo; Dra. Cleomar Feitosa, Edinei Azancoth, Dr. Gebes Medeiros, *in memoriam,* pela confiança e inestimável contribuição; Severiano Porto, José Joaquim Marinho, Aníbal Beça, Baby Rizatto e Geraldo dos Anjos, pela gentil e valiosa participação.

A CHEGADA

Conheci Manaus no início do Governo Arthur Cezar Ferreira Reis, em agosto de 1964, quando o Amazonas e sua capital passavam a aparecer mais freqüentemente nos jornais e na televisão do Sul, do Sudeste e até do exterior, principalmente pelos feitos de seu Governador, um administrador diferente, com muito pulso e personalidade, que governava desenvolvendo ações, dando lições e cobrando resultados, como um grande professor que era.

Embora amazônida, de Belém, com fortes raízes no Baixo Amazonas (os Andrade Figueira, do Lago Grande, em Santarém; os Imbiriba, de Santarém, Alenquer, Óbidos, Oriximiná; e remotas no Amazonas, os Salgado dos Santos), não conseguia visualizar Manaus, e o pouco que imaginara era muito diferente da cidade que encontrei.

Olhando a Amazônia de cima, ou circulando pelo seu espaço, temos sempre a presença forte e constante da floresta e das águas. Assim senti Manaus: um ponto estratégico na floresta, no fluir e confluir de grandes águas, o que lhe permitiu, no passado, sedimentar a sua posição de principal posto avançado da Província do Grão-Pará e Rio Negro, depois capital da Província do Rio Negro, e, por fim, capital

do maior estado brasileiro – o Amazonas – e o mais importante centro sócio-político-econômico da Amazônia Ocidental.

A primeira impressão foi de cima. O avião, um *Constelation* ou *Electra*, não lembro, iníciou e continuou a descida e eu procurava a cidade e me deslumbrava com a floresta, o verde, as águas e a luz de mil nuances, sob um céu azul, onde já começavam a surgir róseos fortes, alaranjados fortíssimos, azuis escuros e algum cinza... Era fim da tarde, a noite já se anunciava, mas o pôr-do-sol era dos mais belos que eu havia visto nos últimos tempos..., um pôr-do-sol amazônico.

Tudo o que via me enternecia e eu não parava de usufruir o momento. O avião baixou mais para que tivéssemos uma visão da cidade e de seus arredores – a floresta, o rio, as praias e o magnífico "encontro das águas". Lá embaixo estava o Negro se lançando nas águas barrentas e aterradoras – para mim – do Solimões, formando o Amazonas. A paisagem era forte. Era a Amazônia, com toda sua força e magia.

De repente, já quase em cima da cidade, a floresta abriu espaço para o homem e seu *habitat*. *V*iu-se uma cidade pequena, bem traçada, que avançava para a floresta, que resistia, mantendo o espaço urbano permeado pelas águas e pelo verde.

Tinha uma forma interessante: a área central ligava-se a bairros laterais e, juntos, se debruçavam sobre o rio escuro, um chá forte. A cidade se expandia em meio a muito verde.

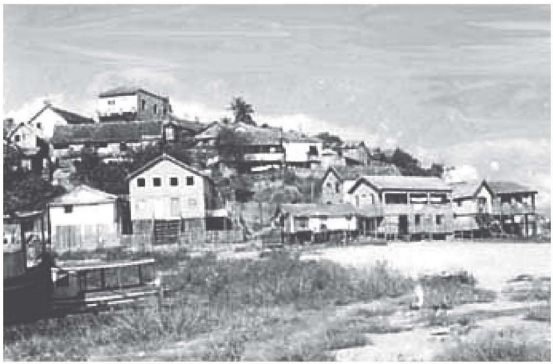
Descemos no Aeroporto de Ponta Pelada – eu, César[1] e outros técnicos, amazonenses ou não, que vinham, como nós, trabalhar no governo, pois havia quase total ausência de mão-de-obra especializada e Reis pretendia realizar muito, em pouco mais de dois anos.

Calorão que eu já esquecera, água salgada pelo rosto, num suor intermitente que eu nem mais lembrava e o intenso movimento do aeroporto – o típico passeio das pequenas cidades.

1 César Oiticica, arquiteto, meu companheiro por mais de 23 anos e pai de meu terceiro filho – o fotógrafo, artista plástico e curador do Projeto Hélio Oiticica, César Oiticica Filho – que chegava para assumir o cargo de Presidente da recém-fundada COHAB – Companhia de Habitação do Amazonas.

Aeroporto de Ponta Pelada. Fonte: http://biblioteca.ibge.gov.br

Saímos e fui me comovendo com a singeleza, inventividade e beleza das casas populares, coloridas, de madeira, cobertas com palha ou alumínio, que compunham a paisagem do bairro proletário que se estendia por algumas ruas de barro e outras de madeira (estas construídas sobre áreas alagáveis), entre o aeroporto e o bairro de Educandos (conhecido como "bairro dos cearenses").



Bairro de Educandos. Fonte: http://biblioteca.ibge.gov.br

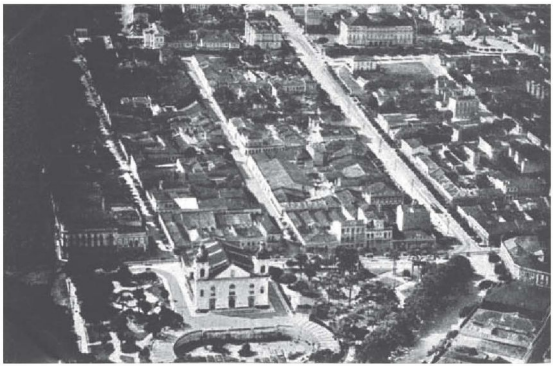
Entramos na cidade. Eu, César, Luiz Maximino de Miranda Corrêa, Ariosvaldo Moraes e outros que chegaram conosco. Foi nova e agradável surpresa – ruas largas, bem traçadas, bem cuidadas, algumas arborizadas. Uma pequena cidade, limpa e aconchegante. Fomos para a Rua Marcílio Dias, no centro, para o Lord Hotel, que inaugurava nessa noite e já hospedava convidados e pessoas que também estavam vindo trabalhar no governo. Ali, eu e César, ficamos. O hotel recém-construído, ainda cheirando a novo, vivia seu grande momento. O Governador do Estado viria inaugurá-lo e um grande coquetel estava sendo preparado.

Os Tadros, seus proprietários, à frente o patriarca, Sr. José Tadros, distribuíam gentilezas e era muito bom se sentir bem-vindo. Depois de um pequeno descanso e um imenso banho – era agosto, um dos meses do verão amazônico -, estávamos prontos para a inauguração.

Coquetel de Inauguração do Lord Hotel – Charufe Nasser, Frederico Langbeck, César Oiticica, a autora, Luiz Maximino de Miranda Corrêa, Vicente Pereira, Nozor Nascimento.

Chegamos ao coquetel e, apresentados por Luiz Maximino de Miranda Corrêa, começamos a tomar contato com pessoas do governo e da cidade, entre outras: o Prefeito de Manaus, Doutor Paulo Pinto Nery e a Primeira Dama do Município, D. Maria Marinho Nery; Renato Faro de Andrade e Frederico Langbeck – que assumiriam as diretorias de Turismo e de Promoção do DEPRO – Departamento Estadual de Turismo e Promoção; Dra. Marineves Oliveira, Assistente Social e Secretária de Estado, e seu marido Dr. Wallace Oliveira, conceituado ginecologista e obstetra; Cel. Themístocles Trigueiro, Chefe da Casa Militar do Governo do Estado, e sua esposa Profa. Myrthes Trigueiro; Sr. Moacir Vilela e Sra. Kilde Veras, do Gabinete do Governador; Dr. João Loureiro, engenheiro amazonense, formado na PUC do Rio de Janeiro, integrante da equipe técnica da Secretaria Estadual de Obras; Drs. Nozor Nascimento e Vicente Pereira, que comporiam com César a Diretoria da COHAB-AM; a Consulesa Antonieta Freitas Pinto Martins, sua filha Sheyla, seu sobrinho Renan; o poeta Aníbal Beça, suas irmãs Yone e Carmem Helena, sua mãe, D. Clarice de Miranda Corrêa Beça – a grande doceira da cidade, D. Leda Mello, Kathleen Neves e Frank Lima, Charufe Nasser, bem jovem, muito alegre e que veio a ser excelente cicerone e ótima companheira e, claro, toda a família Tadros, além de muitas outras pessoas, simpáticas e agradáveis.

Tivemos um civilizado evento. Depois, a convite de Luiz Maximino, eu e César fomos conhecer um pouco da cidade.



Fonte: http://biblioteca.ibge.gov.br

Cruzamos o centro em direção da floresta, fomos para o elegante Adrianópolis, também chamado Villa Municipal ou Villa. Luiz conta que o bairro foi implantado pelos ingleses, que escolheram um local mais alto, de clima mais ameno, para moradia e descanso.

Encontramos um espaço moderno, elegante: ruas largas, asfaltadas, casas ótimas, a maioria com imensos terrenos arborizados. Cruzamos a Rua Recife, sua principal artéria, que terminava quase na floresta. Fui olhando tudo e, de repente, me deparo com uma casa[2] muito interessante. Luiz explicou que era toda em ferro, vinha da época dos ingleses e havia sido importada pré-fabricada da Inglaterra, para residência de um deles.

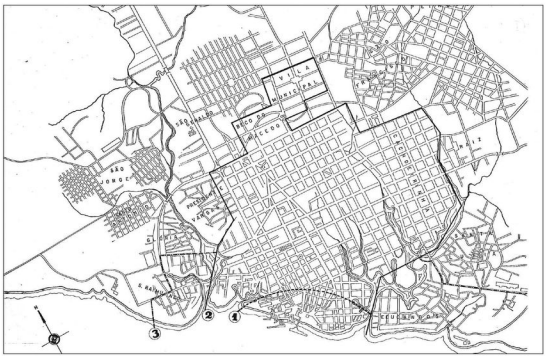
A Praça Nossa Senhora de Nazaré e sua Igreja davam ao bairro um ar pitoresco de cidade do interior. Duas outras construções me atraíram e me remeteram para o passado da cidade: o Reservatório

2 Na década de 80, essa casa foi vendida para Raul Cachefo e Nelson Buouro e, até hoje, 2008, sedia a D. Flor da Villa, loja de plantas e flores.

do Mocó e uma residência particular, apelidada de "Castelinho", que pertenceu à antiga família Furtado.

Desde que entramos na Vila, a temperatura melhorou bastante e o cheiro do mato e da terra nos envolveu, me devolvendo à infância – Belém, Pinheiro, Mosqueiro -, ao útero materno, à mãe-terra. Foi gostoso esse meu primeiro contato com Manaus e trechos de seu entorno.

Já era madrugada, quando voltamos para o hotel. A temperatura era bem agradável, a umidade não incomodava, dava a sensação de um afago carinhoso, umedecendo a pele e molhando o nosso coração. Dormimos.



Planta de Manaus de 1965

De cima, eu vi Manaus assim:

O SOL EXPLODE TONS
E OS TONS...
QUE TONS!

PÁSSAROS
PASSAM...
BANDOS!

O CÉU SINALIZA
.....

NUM NINHO VERDE
ENTRE ÁGUAS TÉPIDAS
SURGE MANAUS
.....
.....

DA FLORESTA E DAS ÁGUAS

Na Amazônia, desde sempre, é a floresta, com sua fantástica e rica biodiversidade, que fornece os mais importantes itens da dieta, a quase totalidade dos componentes da medicina indígena e cabocla, os principais produtos de sua riqueza e da pauta de exportação. E os rios são as vias que transportam essas riquezas, fazem a ligação entre locais os mais distantes, trazendo e levando bens e pessoas, contribuindo para a manutenção da vida, para o desenvolvimento regional, principalmente de sua parte ocidental.

Manaus tinha a floresta a sua volta bem próxima, como uma imensa muralha verde que a protegia e que, acompanhando os igarapés, invadia o espaço urbano, marcando suas mais fortes características.

Esquecendo as raríssimas exceções, são de água as principais estradas amazônicas, elos seculares e quase únicos entre locais os mais distantes da região, meios de navegação, inclusive a que a liga ao resto do país e do mundo. São os grandes rios, seus afluentes, toda a malha fluvial, essa rede enorme, que margeia e penetra a floresta, a principal responsável pela manutenção da parte brasileira da Amazônia.

Pelas águas vêm as frutas, as raízes, os legumes e as hortaliças, as caças, os peixes, os bichos de casco e muito mais. São elas que oferecem,

como dádivas, diversos e saborosos peixes e outros seres aquáticos – itens importantes da dieta cabocla. Vêm delas e por elas: ouro e outros metais, gás, petróleo, pedras preciosas, inclusive diamantes... Não podemos esquecer delas próprias, cada vez mais raras em estado puro e que serão disputadas, num futuro não muito distante, tanto ou mais que o petróleo. É bom lembrar que a borracha veio da floresta, por sobre as águas e enriqueceu a Amazônia, Manaus, o país.

Foi através das águas que a vida fluiu: trocas eram feitas, amizades se estreitavam. Eram meios de convivência, caminhos de descobertas, de sobrevivência, de festas e de guerras; depois, palco de disputa entre conquistadores, de luta entre estes e os nativos, vias de penetração para locais e estranhos, estes trazendo o quase total extermínio, físico e cultural, para os donos da terra.

A expressiva presença das águas se faz mais forte quando olhamos de Manaus para a baía do rio Negro, em frente. Tem-se a idéia de que a zona comercial da beira-rio se estende por sobre a água, onde há um número considerável de flutuantes comerciais e um permanente movimento de embarcações dos mais diversos tipos, tamanhos, capacidade e finalidades. São catraias usadas para transporte a pequenas distâncias, inclusive entre a "beira" e barcos e navios ao largo; canoas a remo ou com motor de popa, comercializando pão, leite, café-com-leite, mingaus, fósforos, velas, cigarros, "Melhoral", fumo de rolo, etc., atendendo aos viajantes e aos flutuantes; barcos, pequenos e médios, abarrotados de frutas, verduras, etc., "regionais"[3], de frete ou de linha, os mais diversos em tamanho, formato, cor, nome, destinos, uns responsáveis pela ligação entre a capital e o interior do Estado, outros unindo os mais diferentes e distantes pontos da Amazônia, "recreios", barcos de menor alcance, usados para turismo, lazer ou em viagens mais prolongadas; "jangadas", trazendo madeira-de-lei para o beneficiamento nas serrarias instaladas à beira-rio; "trens", uma forma interessante de cortar os rios amazônicos: um barco maior puxando uma fileira de

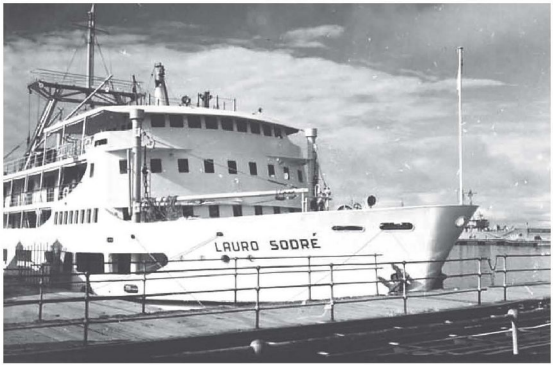
3 Assim são chamados os navios menores, construídos em estaleiros da região.

barcos menores, uns amarrados aos outros – "jangadas" e "trens" são imagens bonitas de ver -, balsas, rebocadores, empurradores, apoios permanentes à navegação; navios de médio e grande porte, inclusive os grandes navios de bandeira estrangeira, trazendo produtos de centros mais desenvolvidos e levando itens da produção local, numa permanente atividade comercial entre o Amazonas, pontos da Amazônia, do país e do mundo; raros transatlânticos, trazendo milionários do hemisfério norte, em rápidas passagens, em busca do exótico, da natureza, da lenda.

Dos primórdios de Manaus até 1965, como influência ainda próxima da cultura indígena e para compensar deficiências da malha urbana, o transporte fluvial, em certos trechos, era o meio mais racional e econômico para movimentar pessoas e pequenas cargas. Assim, a ligação entre alguns bairros ribeirinhos e entre estes e o centro da cidade era feito por catraias.

Os navios maiores – nacionais, internacionais e mesmo regionais – ficavam ao largo, aguardando espaço para atracar, e criavam um visual interessante e movimentado para a baía do rio Negro, pontuado pelos

apitos, tão fortes, que se ouviam em toda a cidade, dando a sensação de que não estávamos esquecidos, nem tão sós.



Apesar do transporte fluvial ser a forma mais tradicional, a mais utilizada e muitas vezes única, para movimentação de pessoas e cargas na Amazônia, é ele um segmento sem apoio e investimentos à altura da sua importância, o que o torna irregular, precário e quase sempre muito perigoso, devido à superlotação.

Em terra, nos pequenos portos e especialmente no maior deles, o famoso e movimentado "Porto da Escadaria dos Remédios", as *vozes*[4] eram os veículos principais para a comunicação com o público circulante. Ficavam com elas os avisos sobre as embarcações – chegadas, saídas, destinos –, as mais diferentes informações: os anúncios de festas, aniversários, casamentos – em Manaus e no Interior –, a publicidade

4 *Vozes* – pequenos alto-falantes que, instalados em vários pontos das capitais e cidades do interior da Amazônia, prestam um grande serviço de utilidade pública.
Sua presença sinaliza e supre as deficiências na área da comunicação em toda a região, principalmente no interior e na sua parte ocidental.

dos mais diferentes produtos e serviços, a propaganda de itens da cultura local: ervas miraculosas, "garrafadas", remédios, mandingas e mandingueiros; barracas de comida e outras. Eram elas que traziam as mensagens de parabéns, de amor, as boas-vindas aos que chegavam e boa-viagem para os que partiam, as músicas dos compositores locais, regionais, nacionais, internacionais e muitas outras informações. Havia *vozes* por toda a cidade, inclusive no centro, mas as dos portos eram mais interessantes, úteis. E haja avisos, convites, recados, anúncios, música.

A água confirma, mais uma vez, a sua importância na vida amazônica. Ao ser transformada em "terreno" para a construção de casas flutuantes – singelas e inteligentes soluções da arquitetura cabocla, com total adaptação ao meio. Coloridas, subindo e descendo com as águas, encantavam leigos e arquitetos, artistas e engenheiros, que as encontravam à beira da floresta, nos inúmeros paranás, igarapés, lagos e rios do entorno de Manaus. Nesta cidade, como em toda a Amazônia, no sábio dizer do grande Leandro Tocantins: "o rio comanda a vida", e eu completo: as águas comandam a vida, sejam as do rio ou as da chuva, esta outra marca registrada da região. São elas que determinam, entre outros fatores, a dimensão da enchente, sob cujo signo vivem as populações ribeirinhas.

A vida e a força das águas são tão presentes para o amazônida, principalmente o do interior, que ele sabe como e quando a chuva vem, podendo se prevenir dos imensos temporais. Isto fica muito claro quando, ao menor sinal de chuva forte ao longe, práticos ou comandantes dos barcos ou navios regionais procuram abrigo nas margens. E o caboclo, que vive o rio e o conhece, sabe quando ele vai subir, como será a próxima enchente, qual será o nível dessas águas, quando começarão a baixar, e pressente o repiquete[5]. Essa imensa importância das águas pode ser identificada nas respostas que dão quando perguntados sobre

5 Na época da vazante, uma parada rápida, seguida de uma pequena subida das águas do rio, logo voltando a descer.

onde nasceram ou onde vivem. Muitos dizem: "nasci no Purus", "sou do Madeira", "sou do Alto Solimões", "moro no Tarumã"[6], "moro no lago do Limão", "moro no Igarapé do 40*". Isso mostra as águas como suas referências principais, os indicadores de suas origens, de seus lugares. São suas ruas, suas avenidas, seu lazer, seu caminho. Sem dúvida, há uma convivência respeitosa e fraterna entre os amazônidas e as águas, do céu e da terra, um sentir bem presente sobre elas, que podemos creditar à herança indígena e sua sensível convivência com a natureza.

Em 1965, e ainda hoje, 2008, a malha aquática continua sendo de suma importância para a Amazônia Ocidental, para Manaus, pois apesar da popularização das rodovias e da aviação comercial, aqui ainda são as águas os únicos caminhos para muitos. No interior, há lugarejos, vilas e mesmo cidades, que têm na navegação fluvial seu único meio de transporte, abastecimento, escoamento da produção e contato com o mundo externo. Há áreas que ficam totalmente ilhadas nas vazantes dos rios, quando barcos ou navios transferem pessoas e cargas para pequenas canoas ou carroças, pois a pouca água não os

6 Igarapés localizados no entorno de Manaus.

deixa chegar aos seus destinos e a finalização das viagens é feita por esses meios alternativos. Há lugares que, sem aeroportos ou rodovias, têm que aceitar o seu isolamento na ausência das águas, benditas águas. Como complicador, há as distâncias amazônicas, que fazem demorar quinze, vinte dias, viagens entre Manaus e municípios amazonenses mais distantes. Inacreditável, mas verdadeiro[7].

É visível a importância das águas no pós-borracha, quando quase que só elas mantiveram o fluxo dos negócios e da vida para os que aqui ficaram, para Manaus e o Amazonas, mantendo-os como partes do Brasil.

Como seus coadjuvantes indispensáveis: o Porto, os portos secundários, as linhas de navegação – com ênfase para as regionais – são marcos dessa resistência complementada e ampliada pela ação da FAB – com seus *Catalinas* e *Hercules*, os "anjos da guarda" de significativa parcela da população interiorana, atendimento único em urgências e emergências, quando o transporte fluvial se torna insuficiente e mesmo inexistente.

Fui buscar um pouco da história do Porto, que acaba sendo uma parte da história de Manaus, no excelente artigo de Luiz Miranda Corrêa, publicado na revista "Arquitetura", nº 42, dezembro, 1965.

> *Nos fins do Século XIX, com o aumento das exportações, principalmente da borracha, o Amazonas passou a ter necessidade urgente de um porto moderno e bem aparelhado. Os navios que vinham da Europa, ou do sul do país, não poderiam continuar, por mais tempo a se servirem de trapiches e alvarengas para carga e descarga. Vivia-se a época dourada da Amazônia e o pequeno entreposto que era a Manaus daqueles dias – que tanto decepcionara os Agassiz – modernizava-se e se preparava para o destino de cidade civilizada, e, mais ainda, requintada, dentro dos padrões da Europa ocidental.*
>
> *Já há algum tempo que, pelos jornais, os homens do Amazonas discutiam tal necessidade. Com o aumento do meio circulante,*

7 Assim continua a vida para muitos, no Amazonas de 2008.

um grande número de lojas importava da França, da Inglaterra e mesmo dos Estados Unidos, mil e um itens necessários à vida nos seringais e na cidade. A população da capital amazonense se habituava aos vinhos e às cervejas, aos licores e conservas, aos linhos e rendas, produtos das fábricas européias. E a cada dia exportavam mais borracha para as usinas inventadas pela Revolução Industrial, ávidas do produto nativo, principalmente, após o advento da indústria automobilística. Era ponto pacífico a necessidade de Manaus possuir um porto. A questão era como construí-lo e quem o construiria.

Enfim o Governo do Amazonas entregou a concessão necessária ao Deputado paulista Álvaro de Carvalho e ao Barão Hymiewicz, polonês de nascimento. De posse da concessão, dirigiu-se o Barão à Inglaterra. Após manter contatos com diversos capitalistas da "city", conseguiu interessar os irmãos Charles e Alfred Booth, proprietários da Booth Line Ltd., linha de navegação que através dos tempos seria um elo entre a Amazônia e a Europa, tendo como primeiro Superintendente o Dr. Antônio Lavanderia que, juntamente com o Dr. Cavalcanti de Albuquerque, projetou o porto, sobre as idéias deste último. Os planos constavam de um flutuante com três torres, defronte do qual se erigiriam também, três torres de terra-firme ligadas entre si por cabos aéreos. Seria construído dentro do princípio do flutuante, um plano inclinado fixo, em terra-firme, terminando em uma outra plataforma flutuante acompanhando o nível das águas até 12 metros. Este plano inclinado receberia o nome de "Roadway" e, daí por diante, o porto passaria a ser chamado pelo manauense por tal nome.

Já em terra-firme seriam construídos os armazéns, o edifício da Alfândega e a Guarda Moria, bem como a casa de máquinas e a usina de força e luz necessárias à movimentação das torres e vagões de carga, e a iluminação das diversas dependências do porto.

Após a aprovação dos planos pelo Ministério de Viação e Obras Públicas, se iniciaram as obras, que durariam de 1902 a 1904, sendo concluídas na Administração do Governador Silvério Nery.

O Roadway, então, passou a ser a verdadeira porta do Amazonas. Entrada e saída obrigatória de passageiros e cargas. Nas épocas de maior riqueza, os cargueiros e os "liners" portando as mais

diversas bandeiras, aguardavam o momento de atracar Navios Lóide Brasileiro, da Lamport, da Amazon River, da Booth Line, e de tantas outras companhias de navegação, norte-americanas ou alemãs, inglesas ou italianas.

Os jornais informavam detalhadamente as importações ou exportações, quem chegava ou quem partia. Do sul ou para o sul. Da Europa ou para a Europa.

E as lojas incluíam em seus anúncios o nome do barco responsável pelo belo carregamento de chapéus, vestidos, linhos e sapatos.

Mas nem só de transatlânticos vivia e vive a "Manaus Harbour". Uma frota de vaticanos, gaiolas e motores tinha como base de suas operações o porto da capital amazonense. Eram as embarcações da borracha, demandando os altos rios, as terras do Acre, os seringais do Madeira. Em um deles, viajou Ferreira de Castro que se exilava no rio Madeira, onde, escreveria "A Selva". Em outro, seguiu Galvez para as aventuras acreanas. E outro Castro, o gaúcho Plácido, viajou numa dessas embarcações até às batalhas finais que viriam anexar ao Brasil as terras do Acre, ricas em borracha.

Mas também de poesia viveu e vive o "Roadway". Poesia de namorados que em roupas dominicais faziam e fazem seu passeio pela grande ponte de madeira que avança pela baía do Rio Negro. Poesia de garoto sonhador olhando os navios partirem para terras distantes, na ânsia contida da evasão. A imagem do filme "Em Rade" do brasileiro Cavalcanti, que seria repetida no seu nordestino "Canto do Mar".

Antes do avião era só o navio, que aportava no "Roadway", o elo vivo entre a civilização européia e a cidade das selvas e que fazia com que o amazonense continuasse a ser brasileiro. E a chegada de cada barco do Lóide, era uma manhã de festa sob o sol do equador.

Ou a chegada dos transatlânticos da Booth Line, com as partidas de vinhos, licores e conservas, trazendo de volta de suas vilegiaturas européias famílias amazonenses ou ingleses engajados no London Bank, na "Manaus Light and Traways", na "Manaus Harbour" ou em outra qualquer empresa de capital britânico ou mesmo simples turistas, se transformava, também, num acontecimento. E muitos eram os que se dirigiam

ao porto só pelo prazer de ver desembarcar os ingleses, ou de sentir um cheiro de outras terras, ou se deixar envolver pelo buliço das grandes malas baixando nos guindastes, dos caixotes contendo nomes exóticos, ou de participar do momento feliz no reencontro.

Hoje nos navios da "Booth Line" continuam a chegar no "Roadway" grupos de ingleses em férias, atraídos pela floresta equatorial e seus mistérios. Não levam mais, entretanto, as famílias amazonenses para suas temporadas européias. Em sua maioria elas preferem os aviões a jato e a rota mais freqüente a do Rio de Janeiro ou a de São Paulo.

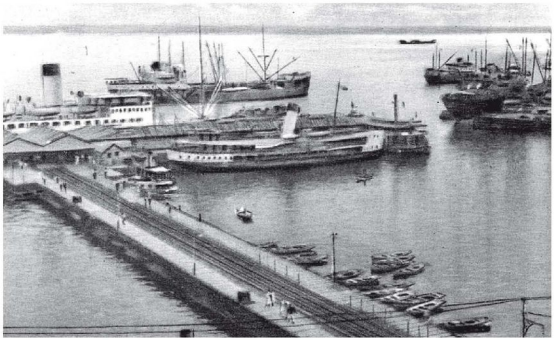
As lojas de Manaus não mais recebem os ternos (os "fatos" do linguajar amazonense) de Londres ou os vestidos e os perfumes de Paris. A louça que se descarrega no porto não traz as etiquetas tradicionais de "Theodore Havilland" ou "Wedgwood". Os cristais são quase sempre "Prado" e raramente "Bacarat" ou "Val St. Lambert". Nem mesmo os grão-senhores do interior viajam mais engomados em navios belgas.

Mas de volta à Europa, as madeiras, os couros e a castanha, continuam a encher seus porões, possibilitando, inclusive, aos ingleses, a fabricação de seus famosos chocolates "Cadbury´s" recheados de "Brazilian Nuts".

A concessão dada pelo Governo do Estado à "Manaus Harbour" aproxima-se de seu fim. Os órgãos técnicos do atual governo amazonense preocupa-se com seu reequipamento e recuperação. No Plano Bienal do Governo Arthur Reis, prevê-se:

"O reequipamento e recuperação do Porto de Manaus está orçado em um dispêndio de ordem de 1.218 milhões de cruzeiros para 1965. O financiamento de tal programa é inadiável à economia amazonense, pela significação do porto como principal centro de recuperação e escoamento da área". (Plano de Desenvolvimento Econômico e Social – 1965-1966. Governo do Estado do Amazonas)."

Recuperado e equipado, o Porto de Manaus deverá, ainda mais, concorrer para o desenvolvimento econômico do Amazonas.



O Porto de Manaus é o maior porto fluvial do mundo. Tem 1.313 metros de extensão, 120 metros de profundidade média e capacidade para movimentar 38.072 toneladas. Foi durante muito tempo o maior símbolo da economia do Amazonas e de Manaus. Em 1965, tinha no Aeroporto de Ponta Pelada um colaborador que, nem de longe, afetava a sua liderança e a sua importância.

O poema do Pe. Luís Ruas, religioso, professor, filósofo e um dos representativos poetas do Amazonas, marca a importância do Porto, dos Portos, de sua presença no sentir amazonense.

Crônica Romântica de
Adeus ao Roadway

Posto que, sendo porto,
Sempre foste caminho de partida
Ou barco de ferro e pinho
Que os ingleses ancoraram
Nas margens do rio Negro.

Era "roadway" britânico caminho flutuando
Nas índias águas do rio
Que viu, espantado, surgir
No meio da selva bruta
Onde ainda ecoavam nítidos
Os rudes sons dos Manaus,
Uma clareira de sonhos,
De látex e de libras esterlinas.

Foste "roadway" e "rodo"

Mas, posto que sempre foste
Porto – caminho de partida
Também foste caminho de chegada.
(De chegada mais, talvez, que de partida).
Pela ponte de pinho
Louro e de negro ferro
Legiões de marujos desfilaram
E de artistas, empresários e turistas
De além-mar chegados, fascinados
Pelo encanto da floresta-mãe
Onde se arrancava de tetas vegetais
O leite branco que se mudava em ouro

Francesas, espanholas e polacas,
Para gozar nas camas dos bordéis
O ouro fácil em que se transmudara
O sangue, o suor, a febre delirante
Dos seringueiros – parias do Nordeste.

E foi por tua ponte flutuante
Que chegaram as "levas" nordestinas
Dos " brabos", dos "soldados da borracha"

Que seguiam encantados, enganados,
Para os "centros" – distantes seringais
Do Purus, Acre, Madeira e Juruá
Onde findavam – finavam – escravizados.

Passarelas de dor e sofrimento!
Passarela de luxo, amor e sonho!
No teu ritmo binário que acompanha
O ritmo binário deste rio
Que todo ano sempre sobe e desce,
Também foste termômetro da morte
E da vida que todas as enchentes
E vazantes ofertam fatalmente
Aos homens e as mulheres ribeirinhos
E às roças e animais da várzea.

Mas, que importa! Ficaste, Flutuante
Lembrança de um tempo que ficou,
Também, em vários outros monumentos
Erguidos sobre as bases do martírio
De milhares, devorados pela selva
E pela ambição do lucro fácil.

Que importa!
Ancorado ficaste tanto tempo
Mas, também, nas páginas da história
De um povo que, aqui nesta cidade
Dos extintos Manau sempre viveu
A longa espera de um amanhã melhor.

Caminho da terra para a água
Caminho da cidade para o rio
E caminho do rio para o mar

No macio balanço da rua ponte
Todos nós de Manaus, em ti, deixamos
Uma pegada da vida que partimos
Dentro em pouco será simples lembrança,
Pois, tuas linhas arquitetônicas serão
Destruídas, apagadas, distorcidas
Em nome de um progresso que uns poucos
Gozarão. Toda a história se repete.

"Roadway" dos ingleses engenheiros
Ou "ródo" dos caboclos de Manaus!

Aqui fica este adeus de quem te viu, menino
E, por ti – uma vez – partiu sonhando
Os mais belos sonhos que sonhar eu pude.
Adeus, velho roadway flutuante,
Docemente embalado pelos ritmos
Das morenas águas do rio negro. É
Chegado teu fim. Exige-o assim
Este rude imperativo do progresso.
Mas, em mim, como te vi, hás de ficar
Dourado pelos raios do sol quente
Ou banhado pelas pratas do luar.

O contato com a cidade, as informações, comentários e "lendas" sobre sua trajetória, apogeu, declínio, tudo me despertava uma imensa curiosidade e me permitiu conhecer um pouco desse caminhar que compõe o próximo capítulo: "Manaus – O Início e o Caminhar", que antecede a descrição de minhas vivências na Manaus de 1965.

MANAUS
O INÍCIO E O CAMINHAR

NASCE MANAUS

Debruçada sobre o rio Negro, próximo ao encontro deste com o Solimões, a partir daí Amazonas, Manaus, na sua origem, era uma simples aldeia indígena, com predominância de Barés, Baniwas e Passés. Pertencia à Capitania do Pará e Rio Negro e servia de base para o comércio de drogas do sertão, especiarias e até de índios, entre conquistadores e nativos.

Como tantas outras cidades brasileiras, cresceu a partir de um forte, o Fortim de São José do Rio Negro[8], e de uma igreja, a Ermida de Nossa Senhora da Conceição[9]. Foi povoada por índios – os donos da terra –, soldados e missionários – os dominadores. Entre 1669 e 1679, foi chamada Lugar da Barra, Cidade da Barra e Manaus, uma homenagem aos Manáus, tribo que dominava e defendia o vale das constantes investidas de estrangeiros e que teve em Ajuricaba[10] – o legendário e controvertido herói amazonense – um de seus Chefes.

8 Construído, em 1669, por Francisco da Motta Falcão, por ordem do General de Estado Albuquerque Coelho de Carvalho. "Diário da Viagem Filosófica", Rodrigues Ferreira , 1887

9 Erguida pelos Carmelitas. "Manaus e Outras Vilas", Arthur Cezar Ferreira Reis, 1935.

10 Sobre ele há inúmeras controvérsias, mas é, sem dúvida, o grande herói da resistência indígena, para os manauenses.

A Capitania do Rio Negro, criada pela Carta Régia de 3 de março de 1755, teve como sede: Vila do Javari, no rio Solimões, logo abaixo do Forte de Tabatinga; Vila de Barcelos, no rio Negro, a hoje Barcelos, e Fortaleza da Barra do Rio Negro, Manaus a partir de 1856.

Há controvérsias quanto à data da sua fundação, mas o maior consenso indica 8 de Dezembro de 1669, baseado em que 08 de dezembro é o dia consagrado à Nossa Senhora da Conceição, sua padroeira, e 1669 é o ano da instalação do forte. Porém, se considerarmos que o local já era habitado quando os primeiros conquistadores aqui chegaram e o aldeamento indígena como seu embrião primeiro, o surgimento da cidade se perde no tempo e a data de sua fundação "civilizada" deixa de ter tanta importância.

Segundo Francisco Xavier Ribeiro, em 1778, início da administração Lobo d'Almada, o Lugar da Barra tinha aproximadamente 586 habitantes – sendo 346 brancos. A figura mais importante era o Comandante Militar, com funções equivalentes às de um governador. A atividade econômica baseava-se no fabrico de manteigas e, em menor escala, de farinhas e redes; a agricultura era a de subsistência: milho, café, algodão, tabaco, arroz e castanha, muito prejudicada pela ação das formigas e dos sucessivos ataques dos índios Mura. O criatório era insignificante e a tartaruga, muito importante para a vida do povoado, ora como alimento, ora como matéria–prima para a fabricação de manteiga e de óleo para a iluminação.

Lobo d'Almada encontrou um povoado decadente, mas altamente estratégico para a defesa do Vale, então alvo de sucessivas investidas de estrangeiros. Desenvolveu um importante trabalho no sentido de melhorar as condições de vida do Lugar da Barra e trazer para ali a sede da Capitania, então Barcelos, o que ocorreu em 1791. Entre as ações de Lobo d'Almada merecem destaque:

- Construção do Palácio dos Capitães Gerais (nos arredores da atual sede da Portobrás);
- Construção do Hospital;

- Instalação do Serviço de Água (o primeiro, que melhorou a qualidade da água, até aí retirada diretamente dos igarapés, onde também eram jogados os restos do abate do gado);
- Construção da Cadeia Pública (confluência das atuais Av. 7 de Setembro e Gabriel Salgado);
- Construção do Depósito de Pólvora;
- Construção de olarias, de fábricas[11] – fécula, vela de cera, igarités, tecidos.

Foi desse período o início do arruamento, da solução de problemas físicos, "transformando o aldeamento que vegetava entre o Forte e a Capela em uma Vila bem cuidada e progressista". [12]

A política de ocupação portuguesa do Vale teve ações bastante contraditórias. Por exemplo: se de um lado adotou medidas positivas, como a que deu privilégios aos portugueses que viessem a casar com índias, favorecendo a miscigenação, do outro, tornou obrigatório o uso do português, como língua oficial e única, tentando banir definitivamente as línguas locais e, principalmente, a Língua Geral – uma atitude altamente negativa, típica do colonialismo cultural, que foi vencida pela força da cultura indígena, pela resistência cultural do índio, o que fez com que muitas dessas línguas particulares e a Língua Geral chegassem até nossos dias, esta ainda falada por índios, índios aculturados e muitos caboclos.

Lobo d'Almada foi um grande administrador, o primeiro industrial do Amazonas, o fomentador da pecuária do Rio Branco – à época, pertencente à Capitania – e o responsável pelo início da inclusão social dos caboclos. Sua política de miscigenação os levou a ser aceitos como parte daquela sociedade, passando a poder ocupar cargos públicos, entre outros o de Lampista – responsável por acender e apagar os lampeões públicos, acesos às 17h, exceto em noites de luar, e

11 Uma delas funcionou na atual Ria da Instalação, onde há hoje um departamento do INSS.

12 *Roteiro Histórico e Sentimental da Cidade do Rio Negro*, Luiz Maximino de Miranda Corrêa, 1969. Edição Governo do Estado do Amazonas, Manaus.

apagados às 5h da manhã; Juiz de Paz; Arruador – este responsável pela fiscalização e cumprimento das posturas municipais.

Apesar de todo esse progresso e, também, devido a ele, rivalidades e pressões políticas conseguiram que fosse promulgada a Carta Régia de 12 de agosto de 1798, dando novamente a Barcelos a condição de Sede da Capitania, que seria devolvida ao Lugar da Barra, já como sede da Província do Amazonas, sob a Presidência do Senhor João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, seu primeiro presidente, nomeado por Carta Imperial de 7 de junho de 1851 e empossado no dia 1° de janeiro de 1852, conforme documento a seguir.

INAUGURAÇÃO DA PROVÍNCIA DO AMAZONAS

Dos archivos da Câmara Municipal da Cidade Manáos, extrahimos o seguinte e importante documento, que ahi vae fielmente transcripto:

Câmara Municipal

Sessão extraordinária do dia 1° de Janeiro de 1852.

Presidência interina do Senhor Rodrigues do Carmo.

Às nove horas menos dez minutos da manhã, feita a chamada se acharam presentes os Senhores Vereadores Barroso, Páo-Brazil, Roberto, Brandão, Paula Azevedo, Manoel José de Macedo, Fleury e Pedro Mendes Gonçalves Pinheiro: verificado pelo Sr. Presidente existir numero legal para formar casas, declarou aberta a sessão e em seguida passou a nomear uma commissão para receber o Exm. Sr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, presidente nomeado para esta província do Amazonas, que se deve achar na casa às nove horas para prestar juramento e tomar posse da mesma, como tudo se acha conciliado na Acta da sessão de 29 de Desembro ultimo, cuja nomeação recahio nos Srs. Vereadores Brandão, Fleury, Pinheiro, Paula Azevedo e Páo-Brazil.

A hora indicada compareceo o mesmo Exm. Sr., que foi recebido e introduzido pela commissão na sala das sessões, tomou assento ao lado esquerdo do Sr. Presidente da Câmara, depois do que mandou este proceder a leitura da Carta Imperial, por onde S.M. o Imperador houve por bem Nomear o mesmo Exm. Sr. para presidente d'esta província e finda a leitura da dita Carta Imperial, deferio a este o juramento dos Santos Evangelhos defender o Império, manter as liberdades constitucionais, executar as leis, promover quanto em mim couber os melhoramentos moraes e materiaes d'esta província do Amazonas, assim Deus me ajude.

Findo este acto, levantou-se o Sr. Presidente e convidou o mesmo Exmo. Sr. a tomar assento à sua direita, o que assim foi effectuado, declarando aquelle em voz alta e intelligivel, que em virtude da sobredita Carta Imperial, e do Aviso expedido pelo Ministério do Império de 7 de Junho do dito anno, dava a Câmara Municipal posse da província ao Exmo. Sr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, presidente para ella nomeado. E passou logo o Sr. Presidente da Câmara a convidar o 1º vice-presidente nomeado Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda, para prestar o devido juramento d'este cargo, cujo juramento lhe foi effectivamente deferido da forma mencionada, e repetindo o 2º vice-presidente o cônego Joaquim Gonçalves de Azevedo, o 3º o coronel João Henrique de Mattos e o 4º o cidadão Manoel Thomaz Pinto – assim o juro. O Sr. Presidente da Câmara, sendo o vice-presidente nomeado em 5º lugar, passa a presidencia d'esta ao Sr. Verador immediato em votos, o que feito, deferio este á aquelle o juramento nos mesmos termos acima mencionados e reassume novamente a presidencia.

O Exm. Sr. Presidente da província pedindo permissão à Câmara, deferio igualmente o juramento dos Santos Evangelhos, com as formalidades que constam do termo retro, a João Wilkens de Mattos, que, por Carta Imperial de 18 de Agosto do anno próximo passado, foi nomeado para Secretario do Governo desta província.

Concluído que foi o que acima fica declarado, sahio a Câmara em companhia do Exm. Presidente da Província e mas autoridades e cidadãos outros, que se achavam presentes e se dirigiram à Capella do Seminário Episcopal, onde foi celebrado o religioso acto de acção de graças, dirigindo-se depois ao palácio do governo, onde foram pelo Exm. Presidente

da província empossados dos seus cargos os empregados nomeados pelo governo de S.M. o Imperador para chefes de diversas repartições. Logo se recolheo ao paço d'ella, acompanhando o Exm. Sr. Presidente, e ahi na sala de suas sessões, tomando novamente assento o mesmo Exm. Sr. ao lado direito do Sr. Presidente da Câmara, declarou em voz alta, que em virtude da Lei de 5 de Setembro do anno passado, installava a província do Amazonas, para qual fora nomeado presidente por Carta Imperial de 7 de Junho do mesmo anno, do que lavrou o Secretario da presidência o competente auto, que foi assignado por elle Presidente, pelos Vereadores da Câmara, pelas autoridades e mais cidadãos, que presentes estavam.

Finalmente, depois de ter a Câmara deliberado que se fizesse publico por editaes todas as occurrencias n'esta mencionadas e que communicasse a todas as Câmaras da Província, convidou o Sr. Presidente da mesma ao Exm. Sr. Presidente da Província para que se dirigisse á Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, matriz provisória d'esta Cidade, afim de ahi assistirem ao solemne Te-Deum Laudamus em acção de graças por tão satisfactorios acontecimentos, e levantou a sessão, mandando lavrar esta acta, que com os demais membros assignou, Eu Clementino José Pereira Guimarães, Secretario, que a escrevi.[13]

Transcrevo, a seguir, trechos do livro "Duas Memórias Sobre a Capitania de São José do Rio Negro" um relato bem interessante sobre aquele universo, escrito pelo Padre José Maria Coelho, nomeado Vigário Geral da Capitania, pelo Bispo Dom Romualdo Coelho, em 30 de agosto de 1821.

13 "Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas", do Cônego Francisco Bernardino de Souza, págs. 9, 10, 11 e 12.

DUAS MEMÓRIAS SOBRE A CAPITANIA DE SÃO JOSÉ DO RIO NEGRO (1823)

Pelo padre JOSÉ MARIA COELHO

A CAPITANIA DO PARÁ (1819)

Por JOSÉ DE BRITO INGLÊS

VERDADEIRA MEMÓRIA

das igrejas desta Capitania de S. José do Rio Negro

Introdução

Eu tornaria irrizoria à confiança q' de mim fez hum dos mais excellentes Prelados da Portuguesa Igreja Americana o E.mo e R.mo Sr. Dr. Romualdo de Souza Coelho, Bispo do Grão Para, se contente só com a nomeação onrosa de Visittador desta dilattada Capitania, adormecesse nos braços da Vangloria esquecido dos meus deveres sagrados. Semelhante título emponda huma Ley regurosa ao meu coração dezafia a minha sollitude, benção sabdendo opor-se a minha obdiencia, só me restava secobrir deficuldades que trazião na sua frente sempre escripta a palavra não há. Vezitar huma Capitania q' segundo o milhor calculo tem de circonferencia 880 legoas, e que conta desde a montanha de Parentins prim.ro ponto desta Capitania athe ao forte de Marabitanas ultima Collonia Portugueza 450 legoas, sem o estado me dar Embarcação, gente, e Subcidios para a sua mantenção hera hum obstacolo p.a mim quazi impossível, q' falto de pagam.to das minha Côngruas, e sem recursos próprios, e desponiveis, fazião espirar os meus dezejos no momento mesmo em que nascião. No meio pois destas privações, restava me só o recurso dos meus amigos, e forão estes, e os rebates das minhas ordinarias, q.m me fez acreditar de que mais faz q.m quer, do que quem pode.

Ex aqui a onrosa Provizão de S.E.a R.ma D. Remualdo de Souza Coelho, por M.ce de Deos e da S.ta Sé Apostólica, Bispo do Grão Pará, e do Concelho da S.m.de Fidelissima que D.s G.e – Aos que esta nossa Prov.am virem Saúde e benção. Fazemos saber que não podendo nos ainda por urgentes motivos, é (em branco) de Negocios mais árduos satisfazer ao vehemente dezejo que temos de visitar pessoalm.te o nosso Bispado, e tendo muito em consideração o bem espiritual do nosso Rebanho facillitandolhe

havemos por bem delegar ao M.to R.do D.or Jozé Maria Coelho Vig.r Geral da Capitania do Rio Negro, pello bom conceito que fazemos da sua proibidade e Zello, o poder de vesitar aquella Capitania, e de conferir o Sacram.to do Crisma em quanto não mandarmos o contrario. Dada nesta Cidade de St. Maria de Belém do Grão Pará sob o nosso signal, e selo de nossas armas, passada pela Chancellaria, e registrada a onde pertencer, aos 30 dias do mez de Agosto de 1821 annos. Lázaro Antonio de Azevedo Cordeiro q' a escrevi. Romualdo Bispo do Pará. Lugar do sello. Teg.ta af 18 do livro n.º 19. de Reg.ta das provisões. Pará 1º de Setembro de 1821 – Azevedo Reg.ta de f. 4 do Livro do Reg.to desta Capitania e Vig.r Geral de St. Jozé do Rio Negro: Coelho.

Determinado em fin a enxer meu Menisterio, e feitas aquellas provizões q' estavão a meu pequeno alcance, foi o meu Am.º João Lucas da Cruz da Villa de Moura, quem me emprestou huma Embarcação analloga para a navegação deste soberbo Rio, facilitando me os seus Índio para a minha Equipaje, e foi tão bem o dia 10 de julho de 1823 a quelle em que principiei a minha derrota.

Persuado-me não ser importuno em dar prim.ro huma ideia geral desta Capitania, seus limites, seus Governadores, suas Fortalezas, como tambem o que observei na dilatada navegação do Rio Negro, que dão nome a este Estado, e que podendo ser o mais rico do Brazil, pela sua situação, toda cheia de Cannaes, e toda navegável, de hoje o mãos infeliz e o mais pobre de todas as pocessões Portuguezas.

CAPP.º 1.º

Ideia geral, desta Capitania

Já eu disse segundo os milhores Geógrafos, q' a circonferencia desta Capitania comprehendia 880 legoas, e q' a sua longetude desde a arcantillada Serra de Parentins, sobranceira ao Rio Amazonas, athe ao forte de Marabitanas limítrofe d'America hespanhola por este lado 450 legoas. Acrescento agora que ella está cituada na ponta mais occidental da Capitania do Grão Pará. Confina pelo lado do E. com a referida Capit.a do Pará: Por O. com Mainas fronteira Hespanhola, Por N.E. com a Província de Caracas tambem Hespanhola, Pelo N.

pelas pocessões que forão da Ollanda, e pelo S. com a Capit.ª portugueza de Matto-Grosso.

Estas fronteiras são defendidas por suas Fortalezas. Na de Manias sobre o Amazonas, ou Solemões como lhe chamão os Nacionaes por suas margens serem habitadas da Nação Solliman, tem hum Forte por nome Francisco Xavier de Tabatinga guarnecido por 45 praças, e no Rio Içá pouco abaixo desta tem outro ponto guarnecido por 9 praças. Na de Caracas sobre o Rio Negro, tem hum forte denominado de Jozé de Marabitanas, defendido por 40 praças, e pouco abaixo sobre este mesmo rio tem outro forte guarnecido por 9 praças denominado de Gabriel da Cachoeira. No porto que confina sobre o Rio Branco, tem hum forte chamado de St. Joaquim defendido por 10 praças, finalm.te nas partes q' confinão com a Capitania do Pará e com a do Mato-Grosso tem dois Registros guarnecidos por 4 praças. Adiante fallarei do estado destes fortes, sua Artilharia, e seus Comandantes. Athe o anno de 1754 a Capitania do Pará, e Rio Negro era huma mesma cousa, porem huma Carta regia de 3 de Março de 1755 sº separou esta daquella. Ambos estes territórios formão a Dioseza de St. Maria de Belém do Grão-Pará, cujo Ex.mos Snrs. B.os tem nesta Capitania hum Vig.r Geral, que serve ao mesmo tempo de Provizor, Juiz dos Casam.tos e dos Residios, e de Vesitador das suas Igrejas.

Depois do referido anno de 1755 tem esta Cap.ia sido athe ao prez.te governado por 7 Governadores polliticos, alem dos Governos interinos na forma da Socessão estabellecida por Alvará de 12 de Dezembro de 1770. Os nomes destes Governadores são os seguintes:

Joaquim de Mello Povoas = Gabriel de Souza Filgueiras. Joaq.m Tinoco Vallente = M.l da Gama Lobo de Almada. Jozé Antonio Salgado. Jozé Joaq.m Victorio da Costa. Manoel Joaquim dos Passos: Que sendo dependente do General, e da Junta da Fazenda do Pará, aqui administra a Fazenda real, q' he finalizada por hum Dr. Provedor. Tem esta Capit.ª tido 3 povoações em que tem residido as Autoridades mencionadas. Foi a primeira a Villa de Javari que a edificarão sobre o Amazonas duas legoas abaixo do Forte de Tabatinga. Os Padres da Comp.ª denominados Jesuítas fundarão a sua Igreja que teve por Orago St. Jozé, hoje não existe, e o sitio em que foi fundado pela espessura do matto mal se pode assignar. A 2.da foi a Villa de Barcellos sobre o Rio Negro, de que adiante farei menção: e

a 3.ª he hoje a fortaleza da Barra do Rio Negro onde Rezide o Governo.

Esta Cap.ª possue hum território em extremo fecundo dos Gêneros da primeira necessidade para o uso da vida, e das drogas as mais precisas, e interessantes para o Commercio. As suas principaes produções são a Mandioca que se faz a farinha que comem os habitantes em lugar de Pão. O milho que pradar de 3 em tres mezes com huma fertilidade admirável, o Arroz, o Algodão de que se vestem a maior parte dos habitantes: O Tabaco, Caffé, Cação, Cravo, e Castanha vulgarm.te chamado do Maranhão: a Salsa parrilha, Goaraná massa que Gentio faz de certas fructas de que se faz hum uso quotidiano na América por ser contra a podridão dos intestinos: Puairi, perciosa Casca de certas Arvores, Baunilha tambem fructa: Piaçaba, de que se fazem as (em branco) Anil, Urucu, Carajuru, tintas excelentes feitas das folhas de certas arvores que reduzidas a Pão como o anil, fazem huma cor vermelha como o sangue, Copaíba Olleo destillado de certas arvores, Breu, e outras muitas tintas, Olleos e Rezinas, alem de hum a emencidade de Madeiras as mais finas e pintadas de cont. (em branco) produzidas espontaneam.te nas margens dos Rios ou nos centros dos matos.

Abundancia das pescarias que se fazem, e se tirão nos diferentes Rios q' retalhão este precioso terreno não he menos inter (em branco). Entre os Peixes de toda a Especie, cujos nomes vareião inteiram.te das conhecidas na Europa, em que alguns tem muita semelhança na figura, e no sabor, há dói de dismarcada grandeza, e pezo de 6 – 8 e mais arrobas tal he o chamado Piraricú, e o peixe Boi a que os Espanhoes chamão Vacca marinha. Destes se fazem salgas de milhares de Quintaes que sustentão a maior parte dos habitantes tanto desta Capit.ª como o Pará e Matto-grosso. Da sua gordura se fazem milhares de pottes de manteiga, que serve para as luzes em lugar de Azeite. Ha tambem incrível abundancia de Tartarugas, de que os ovos se fazem hum sem numero de pottes de manteiga, q' não só servem para as Luzes, mas athe para adubos de comidas, e manjares sendo a mais especial de todas as manteigas a que se faz das refferidas Tartarugas.

Tendo eu fallado da abundancia dos habitantes das agoas, he uma divida deixa de fallar dos moradores dos mattos em que se acha uma produção inumerável de Cassas, e de infinidade de animaes. Sem fazer menção dos excellentes prados, em que

se crião, e nutrem tanto animaes vacum, como Cavallares de excellente tamanho, e robustos. Nos achamos Veados Corças, Rebanhos incalculaveis de porcos montezes, de espinhos, m.tas Antas, Cotias, Macacos, Guaribas, Capivaras, Perguizes, Pacas, Tatuns, Quatins, todos animaes quadrúpedes cujas carnes são gostosissimas e saudáveis. Do mesmo modo se encontrão emencidade de Aves de toda a grandeza, e admiráveis nas sua plumage, no seu numero, nos seus Cantos, nos seus bicos, e na variedade das suas cores, resultando daqui todo o secorro para o gasto, e para a manutenção da vida.

Quanto aos seus habitantes, devemos fazer differença entre os já civilizados que habitão nas margens dos Lagos, Anviados, Bahias dos grandes Rios que retalhão toa esta Capt.ª, daquelles que entregues a mais brutal barbaridade habitão no coração dos bosques. Os primeiros são hum milhão de vezes mais deminutos, que os segundos, porquanto em algumas aparições q' se tem visto na occasião das suas festas, ou emsaios de exercício para a Guerra que constantemente tem entre si, se calcula ser um numero infinito de milhares de Almas. Esta grande porção do Gênero humano, se divide em Nações ou tribus, sempre differentes huma das outras em Idiomas, em Costumes, em Armas, em Ornatos, em signaes que se imprimem na Cara, na boca, no peito, nos narizes, nos beiços e nas orelhas, suas festas, seus intertenimentos, e seus bailes são diversos huns dos outros, e desonidas sempre, por isso que desde a sua origem a guerra, e a pilhage anda atipoda entre elles de que resulta centenares de Assasinios, de surprezas em Aldeias inteiras, e de Prizioneiros que trarão com toda indignidade, e Villipendio.

Eu seria fastedioso em extremo se empredesse nomear estas nações contentome em dizer que os praticos do Paiz não atinão no seu numero e só dizem as Nações mais grandes em q' se achão milhares de homens, mulheres e crianças: seus nomes são esquezitos, e como devo fallar a situação dos Povos, e dos rios em que habitão, nesta occasião os inumerarei com particolaridade e exacção.

Todas estas Nações ou são errantes, ou rezidem em Cazas cujos tetos, e paredes são de páos a pique guarnecidas de pailha de varias Palmeiras: Alguns são Antropófogos, comem assim os brancos que cahem nas mãos, sejão homens ou mulheres, outros comem simplesm.te os homens, e não offendem as mulheres q' reservão para seu uso. Tambem as mays que parem 2 filhos

julgando não os poderem crear, escolhem hum, e em companhia dos maridos comem o outro. Do mesmo modo comem as prezioneiras que fazem nas suas Guerras, sussitada, entre huns e outros. As armas de que uzão são em regra Arcos e flechas q' jogão com prodigiosa destreza já por elevação ja em linha retta: as pontas destas flechas são delicadíssimas e farpadas, são tocadas em certos sumemos de ervas e leite de arvores e secas ao Sol, venenozas com ellas mandão a morte a todos os viventes em q' são empregadas, bem que dizem elles uzão de antidotos para nos desconhecidos, mas isto só no cazo de q.do não ficarem os bicos das flechas cravados nos corpos, q' em virtude de sua delicadeza, e pequenas farpas, mal entrão, logo quebrão: o certo he que por menor que seja a ferida basta só fazer sangue, para contarem seus dias acabados. Outras Nações uzão de páos que arremeção de differente maneiras com huma força emcrível. Alem disto uzão tambem de huns Canudos formados de duas pessas ligadas huma na outra de cumprimento de 4-5 varras, as suas ligaduras são pintadas de differentes cores, e betumadas de certa rezina de arvores que o ar não pode penetrar nestes Canudos pois a que chamão Zarabatanas, metem humas pequenas flexazinhas tambem ervadas, e as empellem com o sopro a huma distancia pasmosa, com pontaria tam ajustada que raras vezes errão o ponto a onde as dirigem.

Nutrem se ordinariam.te de fructas silvestres de q' abundão os mattos, e destas fructas tambem fazem bebidas, amassão-nas, e depois de fermentadas extillã-nas em vazos de Barro q' cozem ao Sol. E com elas se embriagão homens e mulheres, uzão m.to da Cassa e da pesca, em que são summan.te peritos e industriados, e tambem comem toda a Costa de animaes, sem excluir os mesmo insettos, por exemplo as formigas, e há tambem alguns q' se nutrem de páos podres, andão nus sem differença de idade, ou sexo, escondem porem as partes pudendas, as mulheres com hum tecido de palha do cumprim.to de um palmo quadro pouco mais ou menos, o qual pende de huma ligadura da mesma palha,q eu as singe pela sintura, matizadas de algumas miçangas ou vidrilhos: E os homens atão as partes genitais com uma espécie de fitta larga, feita tambem de palha. Ambas estas coberturas paresse mais servirem de ornato, do que porque conheção as Leys da modéstia. Juntão-se para coabitarem varão e fêmea, ou por que o acazo assim o dispõem, e separão-se por vontade de qualquer dos dois. São governados por Cheffes a q' chamão

Tuxauas, mas estes paresse não terem auctoridade alguma se não a consultiva. A força destas nações, e Auctoridade destes Tuxauas consiste na maior força de familea, que se lhes agrega. A população aldeada, mas culta desta Capital pode calcular-se de 15 a 16 mil almas, contados os indeviduos de todas as cores. As suas povoações são então pela maior parte situadas sobre os rios, sobre as Aricadas, e sobre as Bahias, taes são as que acabo de visitar no Rio Negro que da o nome a esta Capit.ª. He por esta razão que eu principio a fallar delle em primeiro lugar, relacionando o triste estado em que achei suas Villas, seus lugares, suas fortalezas, e suas Igrejas. Parecerá incrível o que tenho a referir, mas eu juro pelo sagrado habito q' professo, e in Verbo Sacerdotis q' não sou entarecido, chamando a todos os q' tem viajado esta parte do mundo, a testemunha da veracidade das minhas afirmativas.

CAPP.º 2.º

Rio Negro

He o Rio Negro o mais poderoso Vassallo do Imperador dos rios, o nosso Amazonas. Vindo como fugido da Província de Caracas, talvez assustado de semelhante nome. Elle entra nos domínios portugueza na ponta da fortaleza de St. Jozé de Maribitanas, a quem levando os seus muros respetitosam.te deixa a direita da sua corrente, ou na parte austral de suas margens: emrequecido de muitos grandes rios que de hum, e outro lado vem a ser de seus tributários, elle ferteliza as terras desta Capit.ª ao espaço de 350 legoas, vindo a fazer sua junção com o poderoso Amazonas no sitio denominado das Lajes, a onde confundindo suas agoas perde o nome. Na altura de 3gs. E 9 minutos ao Pólo do Sul, com direcção do Oeste para Leste quaze parallelo a do Amazonas que fica a direita da sua corrente dessendo-se pelo rio Negro, he o denominado Sitio das Lajes, cuja forte embocadura por huma estimativa mais ajustada: suas agoas são pretas, amaneira daquellas que em Portugal se vem sahir dos esgotadores dos Logares de Azeite, e tão denças q' lutando por m.to tempo com as do Amazonas, a huma grande distancia, se devizão os Cachões de preta baralhadas com a agoa branca. Este formoso Rio he doptado de prayas, e margens delliciosas, elle he por hum e outro lado bordado de arvoredos como o nosso Rio Tejo o he em a Villa de Abrantes em Portugal sempre

verdes, e m.to floridas estas arvores offerecem aos olhos huma continuada Primavera. O matiz deste verde he admirável, e alegre para o homem pensador, q' observa a natureza em huma mesma cor adimitir tanta variedade de verdes. Estas arvores são altíssimas de huma grossura pasmosa nos seus pés de que os nacionaes escavando os seus troncos por dentro, e pouco a pouco abrindo-os ao fogo fazem Embarcações emteiras que carregão muitas arrobas, a que os nacionaes chamão Canoas. Quanto mais se sobe por este Rio, mais se admirão estas arvores, que rodeadas de hum delgado arbusto, semelhante ao nosso vime em Portugal, elle sobe ao cume de seus grandes pampanos, e não tendo mais a subir pende para a terra, e mal a toca cria raízes, e torna a elevarse, figurando desta sorte os mastros de muitas Náos cercadas de suas exarcias, chamão os Nacionaes a esta qualidade de Arbustos Cippó. Em outros sítios figurasse à vista hum muro bastante alto vestido de verde como a nossa Era, que veste as paredes em muitas Cazas de Campo em Lisboa, e na Província do Alem Tejo, e desta sorte este continuado Bosque se torna intransivel.

Nos seus Centros há emença Cassa de que já fiz menção, seja ella quadrupede ou volátil, mas tambem há muitos onças de dismarcada grandeza, e muitas Cobras de veneno o mais mortífero sempre promptas a devorar o homem que se atreve, a penetrar seus domicílios silencioso, assim mesmo elles são viollados pelos Nacionaes que vestidos de Couro, e armados de facões semelhantes aos Traçados dos Officiaes inferiores do nosso Exercito, elles vão a troco do seu divertimento, ou do seu interesse afrontar a morte. O Rio também he abundantam.te de muitas aves aquárias, inteiram.te desconhecidas na Europa, pela sua grandeza, pela sua plumage, e pelo seus nomes. Alem destes tem muitos Patos, e de muitas qualidade, porem summan.te desconfiados, e ariscos, e por isso defficultosos de matar.

Eu já fallei em geral das pescarias dos Rios, este he bastante fértil, mas nunca como o Amazonas. Tem tambem peixes Bois, ou Vacas marinhas, sua figura he monstruosa, mas a Cabessa, olhos e beiços, são justam.te como de hum boi, não tem orelhas nem pontas, mas nutre se de huma qualidade de herva chamada Capim semelhante a folha da Sevada da Europa antes de espigar, aqual nasce dentro da agoa junto as barreiras do Rio, pescão se com harpões, que logo que se cravão, largão o cabo, ficando o ferro prezo a huma robusta linha de muitas varras

q' he atada a pequenas Canoas fabricadas este fim, como este peixe de pelle escura anda com a cabeça baixa, e o lombo lhe he superior, he fácil serem harpuados, e finda que sejão, elles partem levando a Canoa atras de si hum bom espaço, findo o qual, ficam esmorecidos sem tentarem segunda carreira: Tem tambem este Rio nas suas agoas o grande Peixe Pirarucu, de excellente gosto, de linda escama e muito saudável. Tem Surubim, Filhotes, Piraíbas, Tucunaré e outros muitos grandes, porem os mais delles, de cabeça mostruosa e feias. Há tambem neste rio o cellebre peixe por nome Piraqué, nome que lhe dão os nacionaes, a quem os sabios conhecem pelo nome de Termolges, he semelhante a huma grande Heras dos nosso Rios de Portugal, particularm.te no Mondego em Coimbra, a onde chamão Jugiões, sua pesca he mui perigoza, porque niguem pode tocala sem ficar peralizado por m.to tempo. Tal he a sua electricidade de que tem resultado muitas infelicidades e mortes, de ordinario as suas residências são ao pé de grandes pedras, já quaze conhecidas pelos pescadores. Alem deste temível habitante, tem outros não menos perigosos: Tem Arveia, mui semelhante a dos nossos mares Luzitanos, cujo ferrão que tem na cauda he tão venenoso q' mata com dores as mais insuportáveis, bem que se conhece já o seu Antedato sendo aplicado a tempo, tal he a denominada Fava de St. Ignácio que rellada em pó, e desfeita em agoa tépida tomando-se em pequenas porções, modefica as dores, e rebate a enflammação. Tem o atraiçoado Jacaré, monstro horrível desmarcado em grandeza a forças, e quadrupede e Amphibio, do meio do Rio elle costuma levantar sua cabeça informe, e observando-se nas margens na em que elle seve a sua voracidade, profunda-se, e com a pontaria mas bem deregada, elle vem por baixo da agoa fazer a sua preza, sua bocca he grandíssima e rasgada, nos lados armada de três ordens de dentes agodissimos e reforçados, de sorte que fazendo preza dificilm.te se escapa com vida, e quando isto sosseda o membro em que pegou sempre o quebra, quando o não motille com a mais doloroza amputação. Não são só estes mortíferos animaes que o Rio Negro nutre em suas agoas. A cituação local que regão suas correntes, faz que ellas inundem infinitas planicias, he aqui que se crião Cobras de grossura de huma grande arvore, e de muitas varras de comprido a que os Nacionaes chamão Cycurijú, não são venenozas, porem todo o vivente que ellas podem alcançar com sua cauda fatal, encontra a sua boca a destruição e a morte, como he Amfibia ella transmigra pelos Citios que lhe apraz, e

desta sorte tem tirado a vida a muitos homens, q' ou na pesca ou no banho se divertem. Há tambem em algumas prayas deste Rio hum pequeno Peixe chamado pelos Nac.es Candiru he cummam. te dellicado e agudo em sua cabessa, e dentes q' cortão como huma lanceta. A sua maldade consiste em procurar a Oretra de qualquer vivente racional ou inracional de hum ou de outro sexo que pilha na agoa talvez atrahido do cheiro da orina, se elle se entroduz, com não pode recuar por sua pelle viscosa, sim morrem, mas a operação he dolorosissima, e alguns Entes de huma e de outra espécie tem acabado seus dias.

PARAGRAFFO 1.

Fortaleza da Barra do Rio Negro Capital desta Capitania

Sabidas pois estas particolaridades q' acabo de referir, o Rio Negro desde a sua embocadura no Amazonas a 6 horas de jornada pouco mais ou menos segundo os ventos ou a força de remos, o primeiro povo que se encontra, he a Fortaleza chamada da Barra, ella fica na margem austral, ou para todos entenderem a direita deste Rio sobindo sua corrente. Habitada primeiram. te pelas Nações de Manibá, Baré, e Passe, cujas gentes forão domesticados pelos Religiosos Carmelitanos Calados, a sua situação he elegante, e sobranceira ao Rio, cujas agoas lavão suas muralhas, e tão pacificas que na noite mais serena não se escuta o rogido de suas correntes, muito lavado dos Ares ella não tem conhecido moléstias contagiosas, he rodeada de pequenos riaxos de agoas cristalinas, e podia ser huma grande povoação se tivesse mais Policia, e se os Governadores todos fossem como o grande Gama, em 1814 a sua população era de 166 fogos, hoje conta arruados 232.

Referindo me ao q' já disse desta Povoação, acrescento que ella he ornada de huma Ribeira em que se fazem a concertão as Canoas, e Batellões do Estado, tendo todos os utencilios para este fim, seus Edifícios hoje imperiaes são (em branco) soffriveis, assim elles todos fossem cobertos de telha, sua fabricas de panno de Algodão, Ollaria, e de Amarras de Piassaba hum pouco atenuadas, hoje vão progredindo, para milhorar do Hospital q' está m.to arruinado, vai a concluir-se hum novo, tem excellentes Armazéns da Fazenda, das Armas, seus pertences e de polvera todos cobertos de telha todos novos. No recinto em q' há 11 pequenas ruas, e huma praça

quadrada, já se contão seus Edifícios nobres outros se vão edificando tambem cobertos de telha, porem o chamado palácio do Governo, a Secretaria da Provedoria, e o aquartelamento militar cobertos de palha ameassão roinas e tudo está sogeito a hum incendio, de q' tem havido já dois bem desastrosos. Seu porto he freqüentado de todas as Embarcações q' sobem e dessem desta Capitania, tem mui excellentes Ancoradores para se ampararem das Temprestades, há huma boa roda de negociantes bem estabelecidos e acreditados, no seu termo conserva huma boa porção de Sítios admiráveis e productivos de Algodão, Cação, Caffé, Mandioca, e vários fructos, e he huma pena que estes lavradores não tenhão braços para aumentarem a sua agricultura. Como os primeiros Descobridores deste Rio por hum principio de segurança fazião naquelles pontos q' lhe parecião mais agradáveis, e deffesos, suas fortalezas à sombra das quaes se amparassem de hum golpe de mão da Gentillidade, foi aqui q' elles fazendo huma grande Caza q' ainda hoje existe coberta de telha, e cercada de hum bom muro de pedra e cal, a este re (em branco) pois derão o nome de Fortaleza. Ella he hum quadrado quaze perfeito suas paredes posto q' bastante grossas, mas de altura de 2 homens pouco mais ou menos, não tem o menor signal de Cachoeiras para o uso de fogo de Artilharia, hum poço sobranceira a Povoação tem toda a capacidade de as ter, e se arrada pelo lado da terra de hum bom fosso, nada porem paresse q' existio, e estas mesmas muralhas já abertas por dois lados não asignão a entrada de sua porta principal, divisasse com tudo seu bordão na muralha mas informa e arruinado, não tem vestígios de q' houvesse ali huma Guarita, e a esta roda de paredes se chama a Fortaleza de que fala Mr. De Condamine pág. 65 do seu Diario, aonde diz q' a Fortaleza q' defende o rio está no passe mais estreito do mesmo Rio cuja largura achara ser nesta parte 2:886 varas Castelhanas, no que se enganou pois q' neste ponto tem o rio mais largura do que na sua entrada do Amazonas. Esta pois denominada Fortaleza estava destituída de Artilharia, e apenas contava pessas, 2 de Bronze do qualibre D1, e duas de ferro de qualibre de 3, estas estavão montadas em huns Carros que se não podião mover por velhos e quebrados, os seus reparos erão huns paus espetados no chão a que estavão prezos quando se crião dar algumas salvas. A Revolução de Cametá fez q' este Governo provizorio tomando todas as medidas de defeza melhorasse neste ponto, fazendo vir

varias pessas abandonadas em Barcello, q' fez montar, e por em acção de cortar de Acidente.

Alem do q' dito fica, estão aqui algumas Praças destacadas dos Regimentos de Linha do Pará, cujo numero se não pode assignar perfitam.te pelas suas Descrições, e em virtude do q' raras vezes deixão de servir as Praças de 2ª Linha q' aqui há. Este corpo de Milicianos está indesseplinado ao ponto de não saberem os Soldados perfeitam.te por a arma ao hombro, e q' quando querem de fogo fogirem com a cara, porem estão com toda a actividade exercitando-se. Em toda esta Cap.ta só existem tres officiaes deste Corpo q' não tem thé ao presente em q' esta escrevo Livro mestre, e com isto digo tudo. Os ditos officiaes são os seguintes: Francisco Ricardo Zany – Tenente Coronel, Antonio da Silva Craveiro – Capitão, Bonifácio Jução de Azevedo – Tenente. Todos os mais officiaes estão fora desta Capit.ta desfructando as honras q' lhe dão suas Patentes, sem ao menos conhecerem suas Companhias, nem os Soldados saberem quem são seus Superiores, porque nunca huns se avistaram com os outros.

Já eu disse q' os Relligiosos Carmellitanos calçados forão aquelles q' primeiro fizerão conhecer as Nações Manibá, Baré, e Passe habitantes deste território a Religião Catholica Romana, estes P. P.es edificarão huma Igreja no mesmo citio em q' hoje está porem arruinando-se o incomparável Governador Manoel da Gama Lobo de Almada, a rendefficou, e ampliou a o ponto em que hoje se conserva, seu Orago he Nossa Snr.ª da Conceição, ao dito Governador deve este Templo o ser todo forrado de madeira no seu tecto, e estar coberto de telha, elle foi quem dêo a Pia Bauptismal de pedra mármore muito bem feita, o Lavatório da sacristia do mesmo mármore, emgrandesseo esta Sacristia de hum escellentes Caxões de bellisima madeira, foi elle quem déo a Snr.ª huma Coroa de Oiro, huma Costodia de prata dourada rodeada de Topázios, huma Ambola, Vazos de prata para os S.tos Olleo, Concha de prata para os bauptismos, hum prezioso Tribollo e Naveta de prata em summa o q' há bom nesta Igreja elle foi o donatorio mas a sua morte cobrio de lutto esta parrochia, e ainda hoje chora a sua falta. Este Edifício he muito bem construido de Madeiras da primeira Ley, tem hum bem arranjado Trono, e huma bella Tribuna sobre o Altar mor, a onde está collocada debaixo de hum Docel huma perfeita imagem de Snr.ª da Conceição; tem duas Tribunas collateraes,

huma para o Governo outra para a Muzica; tem hum bello gradamento e dois Confissionarios de optima Madeira, dois Púlpitos, oito Janellas que rodeião este edifício em boa Semetria; distante da Igreja 4 varras do lado da Ep: tem huma pequena Torre com hum pequeno sino, mas de boa voz, 2 Garidas das quaes huma esta quebrada e prezentem.te tanto a Tora como a parede principal da Capella mor, muito arruinada, bem q' com promessa do Governo de tudo se consertar.

Como vimos nesse incrível depoimento do padre José Maria Coelho, Manaus sempre surpreende, surpresa que está, no desapontamento de Madame Agassiz[14], em 1865:

Que poderei dizer de Manaus? É uma pequena reunião de casas, a metade das quais prestes a cair em ruínas, e não se pode deixar de sorrir ao ver os castelos oscilantes decorados com o nome de edifícios públicos: Tesouraria, Câmara Legislativa, Correios, Alfândega, Presidência.

Apesar de desapontada, consegue ver um futuro brilhante para Manaus, como importante pólo de desenvolvimento e centro comercial.

Em 1902, Euclides da Cunha[15], também surpreso, diz:

Manaus rasgada em avenidas largas e longas pela audácia do Pensador (...) é uma grande cidade, estritamente comercial, de aviadores solertes, zangões vertiginosos e ingleses de sapatos brancos.

E mais adiante diz:

cidade meio caipira, meio européia, aonde o tajupar se achata ao lado de palácios e o cosmopolitismo exagerado põe ao lado do yankee espigado... o seringueiro achambrado, a impressão que ela nos incute é a de uma maloca transformada em Gand.

14 Elizabeth Agassiz – "Viagem ao Brasil" – 1865-1866.

15 Revista Arquitetura. Dezembro 1965 – IAB – *Aspectos da arquitetura tradicional de Manaus* – Leandro Tocantins.

É muito interessante e esclarecedor o depoimento verbal do grande Professor, Historiador e Escritor, Mário Ypiranga Monteiro que esteve visitando a área do "Projeto de Recuperação do Sítio Mais Antigo de Manaus", como consultor, em companhia da Presidente, Sra. Zeina Neves, e de técnicos da Fundação Municipal de Turismo – FUMTUR, em 1993, da qual participei como técnica. Sobre aquela Manaus, disse ele:

> *Manaus no seu início possuía só três ruas[16]: Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, e um Largo[17], o da Trincheira (hoje, Praça XV de Novembro, que ocupava uma área elevada, com o Forte em uma de suas extremidades sobre o Rio Negro).*
>
> *Com a Província, veio o interesse pela melhoria e ordenação do espaço urbano, que se expandira e já envolvia o entorno do Largo do Pelourinho[18] – local do açoite de escravos. Foi aí iniciado o calçamento das ruas do centro e dos quarteirões[19].*
>
> *Havia, então, as seguintes ruas:*
>
> *do Trem, depois Independência;*
>
> *do Frei José dos Santos Inocentes, hoje Frei José dos Inocentes; nela funcionava o Depósito de Munição do Exército;*
>
> *do Pelourinho, hoje Governador Vitório;*
>
> *da Cadeia, hoje Coronel Salgado; esta tinha, em 1852, em sua esquina com rua Brasileira – hoje Av. 7 de Setembro – a primeira Cadeia Pública[20] da cidade, onde também funcionava a Delegacia de Polícia;*
>
> *de São Vicente, hoje Bernardo Ramos, que mantém seu traçado original e, em sua esquina com o Beco José Casimiro, uma casa dessa época, que conserva sua arquitetura colonial brasileira intacta. Ali residiu José Casimiro, político de origem portuguesa e vereador de 1819 a 1820. Foi ele o construtor e*

16 Não havia esse termo *rua* chamava-se *beiesga* ou *travessa*.

17 A praça de hoje.

18 Hoje praça D. Pedro II.

19 Termo usado para bairros.

20 Este prédio desapareceu num grande incêndio.

responsável pelo funcionamento do primeiro Teatro de Manaus. Todo em madeira, ficava localizado na área hoje ocupada pela Capitania dos Portos. Nesta rua moravam inúmeros pescadores portugueses, responsáveis por grande parte do abastecimento de pescado da cidade;

Beco José Casemiro – ligação da rua São Vicente à Frei José dos Santos Inocentes;

da Pedreira – hoje trecho da Av. Eduardo Ribeiro, entre o Porto e o Edifício dos Correios;

Rua Formosa.

Para visualizarmos o espaço de então, precisamos saber que a maioria das ruas eram ligadas umas às outras por precárias pontes de madeira, lançadas sobre os inúmeros igarapés existentes e que, por exemplo, a área ocupada posteriormente pela praça Gal. Osório (1965) era um dos subúrbios. A localização de alguns prédios públicos também nos permite imaginar o espaço principal da cidade:

O Palácio dos Governadores ficava no Largo da Trincheira, na esquina em frente ao, hoje, edifício IAPTEC. O Quartel do Batalhão do Exército ficava no local onde hoje funciona o Arquivo Público. A Cocheira ocupava o final da Rua Brasileira (7 de Setembro), mais ou menos no final do prédio da Prefeitura Municipal (1965).

É interessante saber sobre o casario dessa época. Havia:

casas de estilo, ditas nobres – estrutura importada, toda em ferro, possuindo cornija e platibanda;

casas tipo popular – construídas de taipa, socada com os pés ou com monjolo, de beiral corrido.

As fachadas variavam entre simples – uma porta e duas janelas; ou duplas – com duas partes e a porta no meio. A planta baixa era quase sempre a mesma: porta, corredor com guarda-vento (meia porta); antes deste, havia uma porta para a sala de visita[21]*, depois deste, um corredor comprido e estreito, levava à sala-de-jantar, onde parentes e pessoas mais próximas eram recebidas. Ali o patriarca armava a sua rede durante o dia; os quartos*

21 Reservada para as visitas de cerimônia.

davam para o corredor. Nas casas duplas, de um lado ficava o jardim ou pátio, havendo uma área reservada ao uso exclusivo das mulheres. No mais, a planta baixa era a mesma das simples. O acabamento era rústico: o piso geralmente de tijolo maciço, vermelho, com aproximadamente uma polegada de espessura. A madeira era muito pouco utilizada, mesmo para piso.

Os telhados iam até as calhas, cujas goteiras lançavam a água das chuvas nas valas das ruas. O Código de Postura da época proibia jogar água nas calçadas e a infração era multada.

Nas esquinas das ruas havia blocos de pedra, chamados charuto ou frade, com 80cm de altura, servindo de marco para o nivelamento e o arruamento.

Por volta de 1800, o Arruador ainda era o responsável pela manutenção desses marcos e a verificação das infrações e por multar.

Bem antes do advento da eletricidade, o local já era iluminado por lampeões[22], abastecidos com óleo de tartaruga embebido em mechas de algodão. Cabia ao Lampista acendê-los todos os dias.

Os nomes das ruas eram afixados, nas esquinas, em tabuletas pintadas de verde, colocadas sobre postes baixos.

As praças possuíam lampeões e bancos de ferro e madeira.

O visual urbano era bastante colorido, alegre. Havia casas amarelas, vermelhas, azuis, verdes, azul-cinza, cor–de-rosa, etc.; o branco era utilizado somente para os edifícios públicos."

Esses enfoques nos permitem imaginar a Manaus desse passado e passear por seus espaços pitorescos. Visualizar o colorido das casas, pensar nas formas de convivência e no que devia ser o dia-a-dia dessa cidade, com seus igarapés, suas pontes...

Faço uma pausa e procuro trazer até nós, com a poesia do grande Élson Farias, a forte e terna presença da natureza, que envolvia a cidade, penetrando e tornando mais vivo o espaço urbano, um forte diferencial da Manaus de 1965.

22 Os atuais da praça D. Pedro II são cópias fiéis dos originais.

A PAISAGEM

Elson Farias[23]

Desenho com traço e traço
os traços dessa paisagem
caniços verdes e frios
de vegetal e de água

O céu me surge da face
leve azulada do rio
nuvens limpas refletidas
com suas altas figuras

A mínima criação de luz
alimenta a cor do dia
em cada caule sereno
se equilibra uma libélula

(Nem o sol se deitava
a lua já se abrasava)

Ar do ar do após a chuva
quando a paisagem se enxuga

23 *Romanceir- Poemas* – Ed. Puxirum, 1985, Ma, AM.

MANAUS DO IMPÉRIO

O Império traz para o Lugar da Barra uma forte influência européia, visível na arquitetura que vem dessa época e ainda compõe a paisagem da Manaus de hoje. São exemplares:

Igreja dos Remédios

Fica na Praça dos Remédios, no Centro. Construção eclética, com algumas características neoclássicas.

Em seu início, era uma pequena capela, destruída por um incêndio, em 1821, e reconstruída a partir de 1827. Foi Matriz por oito anos. A praça foi construída em 1899 e seu calçamento é todo em calcário de Lisboa.

Catedral Metropolitana

Está localizada no Largo da Matriz, no Centro. Em 1695, ali foi construída uma capela rústica, demolida em 1781. O atual prédio obedece ao neoclássico, estilo predominante no Brasil do Primeiro e do Segundo Império.

Foi criada pelos Projetos nos. 86 e 87, de 4 de junho de 1858. Teve sua pedra fundamental lançada no dia 23 desse mesmo mês. A construção ocupou os quinze últimos anos do Império e foi custeada com recursos doados pelo Imperador D. Pedro II. Sua primeira missa foi rezada em 1875, pelo Padre Dr. Manoel dos Santos Pereira. Reformada em 1916, recebeu a sagração litúrgica em 1946. É consagrada à Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Amazonas.

Quartel da Polícia Militar

Ocupa área fronteiriça à Praça Heliodoro Balbi, no Centro. Imponente em seu estilo português despretensioso, inicialmente,

foi residência do Dr. José Paranaguá. Em 1817, sediou o palacete Provincial. A partir de 1913, reformado e ampliado, foi ocupado pela Escola Normal do Amazonas. Em 1944, passou a Quartel da Polícia Militar e assim permanecia em 1965.

Sociedade Beneficente Portuguesa

Localizada à Av. Joaquim Nabuco, Centro, é um belo prédio, mistura do neoclássico tardio com outras influências. Fundada em 1873, como Casa de Saúde, foi inaugurada em 1874 e passou a funcionar em 1875. Funciona até hoje (2008) e é um dos melhores hospitais da cidade.

Paço da Liberdade

Fica à Rua Gabriel Salgado, em frente a Praça Dom Pedro II, antiga *da república*, entre a Rua Bernardo Ramos e trecho da Av. 7 de Setembro, Centro.

Um belo exemplo neoclássico, teve sua pedra fundamental lançada em 1.º de janeiro de 1874. A obra foi contratada com Leonardo Antônio Malcher, no mesmo mês, e concluída por Francisco de Souza Mesquita.

Inicialmente, o prédio foi destinado ao despacho e à residência dos Presidentes da Província. Em 1879, passa a sede do Governo da Província, assim permanecendo até 17 de abril de 1917, já na República.

Apesar de intervenções e ampliações feitas nas administrações de Constantino Nery (1904-08) e Jorge Moraes (1911), sua fachada permanece a original, até hoje (2008).

Mercado Adolpho Lisboa

Localizado à Rua dos Barés, Centro, na área do antigo Bairro dos Remédios, é um belo exemplo *art-nouveau*. Sua arquitetura é quase

uma cópia do *Les Halles*, de Paris. Foi construído pela empresa Bakus & Brisbin, de Belém. Teve sua estrutura, toda em ferro, importada de Liverpool e os azulejos de Portugal. Foi inaugurado em 15 de agosto de 1883, tendo tido modificações em 1890, 1899, 1901, e ampliações em 1906, 1909, 1911 e 1913. É tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Instituto Benjamim Constant

Fica à Rua Ramos Ferreira, Centro. É um belo prédio, em estilo neoclássico. Foi construído em 1874, em área de propriedade do Barão São Leonardo. Ali funcionou o Museu Botânico do Amazonas, extinto na administração Eduardo Ribeiro. Em 1965, sediava uma Escola Pública Estadual.

Ginásio Dom Pedro II

Fica à Av. 7 de Setembro, Centro, em frente à Praça Heliodoro Balbi. É um imponente e belo prédio neoclássico. Foi inaugurado pelo Conde d'Eu, D. Gaston de Orleáns, marido da Princesa Herdeira, que ali se hospedou, em 1888, na administração do Dr. Manuel Machado.

O Ginásio teve as seguintes denominações: Ginásio Amazonense Dom Pedro II, Colégio Estadual Amazonense, Colégio Amazonense, Ginásio Amazonense.

Praça Heliodoro Balbi (da Polícia) com o Ginásio D. Pedro II, ao fundo. Fonte: Centro Cultural Povos da Amazônia.

Igreja de São Sebastião dos Capuchinhos

Construída no Segundo Império, em estilo neoclássico, obedece ao padrão das igrejas européias dos Capuchinhos. Ocupa uma das laterais da Praça São Sebastião, no Centro, e é o principal destaque do entorno do Teatro Amazonas. Foi inaugurada, ainda em final de construção, em 8 de setembro 1888.

Igreja de São Sebastião. Fonte: Lula Sampaio.

Vêm do Império as seguintes praças:

Praça XV de Novembro

Antigo Largo da Trincheira, foi a primeira praça de Manaus.

Praça Dom Pedro II

Inicialmente Largo do Quartel do Pelourinho, depois, Largo da República, fica na área pioneira da cidade, em frente ao atual prédio onde, em 1955, funcionava a Prefeitura Municipal de Manaus. Antigamente, chegava até ao Largo da Trincheira, hoje Praça 9 de Novembro.

Praça da Saudade

Oficialmente Praça 5 de Setembro, foi construída em área lateral à Estrada do Epaminondas, em frente ao Cemitério São José (1855 – 1856), espaço hoje ocupado pelo Atlético Rio Negro Clube. Em 1965

e hoje (2008) é limitada pelas ruas Epaminondas, Ramos Ferreira e Simão Bolívar. Foi completamente descaracterizada e tem na calçada da Epaminondas, um prédio horroroso, construído por governante recente. No Governo Reis, junho 1964 – janeiro de 1967, ali funcionou o Departamento de Turismo e Promoção do Estado – DEPRO.

Praça Osvaldo Cruz

Fica no Centro. Antiga Praça da Alegria, depois Praça da Imperatriz. Inaugurada em 1868, quando fazia parte do bairro do Espírito Santo. Ficou conhecida como Praça da Estação porque ali ficava a Estação dos Bondes.

Praça de São Sebastião

Fica na confluência das ruas 10 de Julho e Tapajós, no Centro. Compõe um belo conjunto com o Teatro Amazonas, a Igreja de São Sebastião e um interessante casario de época. Seu piso é todo em granito preto e branco, importado da Europa. Tem em seu centro o importante *Monumento Comemorativo à Abertura dos Portos às Nações Amigas* (1867). Foi inaugurada em 1868.

Praça General Osório[24]

Fica no Centro, sendo limitada pelas ruas José Clemente, Padre Estélio Dálison, 10 de Julho e Av. Epaminondas. O antigo Largo da Pólvora ocupava área do Bairro da Campina e passou a ter essa nova denominação em 1879. Ali, ainda em 1965 e até o final da década de 60, no mês de junho, era realizado o Festival Folclórico de Manaus, concorridíssimo, patrocinado por *O Jornal*, da família Archer Pinto.

24 A partir da década de 70 a área passou a integrar o Complexo do Colégio Militar de Manaus.

Nele, os *Bois* e os *Pássaros* faziam um espetáculo diferente, com fortes raízes regionais. Mesmo o *Boi*, trazido do Nordeste, ganhara contornos amazônicos.

Em volta da praça, inúmeras barraquinhas ofereciam comidas da época de São João. Era uma festa. A cidade toda estava lá.

Sem dúvida, essa arquitetura valorizava o espaço urbano da Manaus da época, e como que antecipava a revolução que a cidade sofreria com o Ciclo da Borracha.

A MANAUS DA BORRACHA

No final do século XIX, iniciava-se a exploração dos seringais e a avidez dos mercados internacionais já permitia uma análise favorável sobre o que viria a ser a contribuição da borracha para a economia do Amazonas, da Amazônia, do Brasil.

É dessa época – governos de Eduardo Ribeiro, Ramalho Júnior e Silvério Nery, com destaque para a ação determinada e renovadora de Ribeiro – a transformação da cidade, para o que muito contribuiu, além do descortino e da eficiência desses governantes, a competência técnica e criativa dos ingleses, que implantaram e exploraram, por vários anos, alguns dos serviços mais modernos e sofisticados do mundo de então.

O Arquiteto César Oiticica, no artigo *Impressões Sobre o Urbanismo de Manaus*[25], assim se refere ao grande Eduardo Ribeiro:

> *"Teve o Estado a ventura de contar, então, com um governador do porte de Eduardo Ribeiro, que foi, sem favor algum, o grande construtor de Manaus.*
>
> *Entre os decantados méritos de Eduardo Ribeiro, como grande estimulador de reformas e construções, deve-se assinalar o de ter realizado o primeiro e único Plano Urbanístico da cidade. Aterrando os igarapés do Espírito Santo e do Aterro*

25 *Revista Arquitetura* nº 42, dezembro de 1965, Edição: IAB

e construindo onde era antes enorme lamaçal, Eduardo Ribeiro pôde dar expansão à cidade, que viria a crescer assustadoramente. Assessorado pelo Engenheiro João Miguel Rivas, deixou obra que fornece a Manaus, até hoje, um aspecto urbanístico invejável.

Entre outras obras, construiu pontes, escolas, palácios, instituiu a canalização de água e deixou um extenso programa de melhoramentos, concluído por seus sucessores.

No período de governo que se seguiu, foram inauguradas obras notáveis: linha telegráfica subfluvial, o Instituto Benjamin Constant, pontes, serviço de iluminação elétrica, o Teatro Amazonas, etc."

Sempre surpreendente Manaus recebeu do excelente e respeitado escritor paraense Leandro Tocantins[26] uma comparação emocionada e elogiosa:

"De uma aldeia de índios, o antigo Lugar da Barra se transformou num dos mais importantes centros do mundo tropical, graças à vitalidade econômica da borracha, que lhe deu vida, riqueza e encantos, como, na Antigüidade, o comércio interno do Mediterrâneo e do Adriático possibilitou a Roma, Florença e Veneza um papel preponderante na economia, nas artes e na arquitetura".

Entre 1890 e 1920, a borracha financiou o crescimento e desenvolvimento da cidade, para o que concorreram levas de brasileiros, principalmente nordestinos, com maior número de cearenses; europeus – com o destaque já citado dos ingleses; turcos, como eram chamados os próprios, os sírios, os libaneses e outros oriundos do Oriente Médio; inclusive judeus de varias procedências, a maioria do Marrocos.

Enquanto a quase totalidade dos nordestinos ia diretamente para os seringais, muitos dos outros brasileiros e os estrangeiros não

26 Revista *Arquitetura*, nº 42, dezembro de 1965. Edição: IAB

seguiam para a floresta, permaneciam na cidade, uns montando seus próprios negócios, outros inaugurando os *tec-tec*[27] e os *regatões*[28] – navios regionais que saíam de Belém ou de Manaus, abarrotados de gêneros alimentícios, tecidos, louças, materiais de construção, móveis, etc., enfim tudo o que se fazia necessário ao dia-a–dia e itens mais supérfluos: jóias, instrumentos musicais, inclusive piano, e muitas bugigangas, tudo caríssimo, trocado por seringa, castanha e outras drogas da floresta, negociadas a preço vil. Embora comércio desigual e extorsivo, era fundamental e necessário para a vida do povo do interior. Assim ajudavam a movimentar e interiorizar a economia do lugar e ocupar esse espaço imenso.

A contribuição de todos esses brasileiros e estrangeiros foi importantíssima para o Ciclo da Borracha, para o crescimento, a transformação e a sedimentação de Manaus como um centro econômico. Rica, ela pôde inaugurar à época:

- um competente traçado urbanístico;
- uma arquitetura importante;
- energia elétrica;
- um sistema viário, que resistiu e ainda resiste às pressões da expansão urbana[29];
- um excelente sistema portuário, com seu apropriado e revolucionário porto;
- um sistema de esgoto eficiente, vindo dos ingleses e único existente na cidade, que atende somente parte do Centro, até hoje, 2008;
- o serviço de coleta e deposição de lixo;

27 Assim chamados os ambulantes – a maioria *turcos* – que utilizavam um objeto de madeira, que produzia um som similar ao termo, para avisar que estavam passando, vendendo suas mercadorias;

28 Em 1966 e ainda hoje, 2008, continua a existir esse tipo de comércio, o único para algumas das mais distantes áreas da Amazônia, do Amazonas, o que o torna imprescindível.

29 Essa malha urbana continua sendo a mais utilizada, apesar da forte e crescente pressão surgida a partir da criação da Zona Franca de Manaus, fevereiro de 1967, que fez a cidade avançar para muito além dela, deixando-a como limite da antiga Manaus.

- um dos primeiros serviços de bondes elétricos do país;
- o serviço de telefonia.

É no Historiador e Acadêmico Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto que vou buscar a síntese dessa época de fausto e o que dela restou.

> *"Na última década do Século XIX e nos primeiros do Século XX, as capitais da Amazônia sofreram um ímpeto de modernidade poucas vezes conhecido na história moderna. Como entreposto do financiamento e comercialização dos negócios da borracha, Manaus, mais do que Belém, transformou-se no exemplo clássico desse excepcional desenvolvimento. Cito Manaus como espaço privilegiado, segundo o julgamento do Governador Eduardo Ribeiro, sintetizado em sua frase: "Encontrei Manaus uma grande aldeia e trasformei-a em cidade moderna".*
>
> *Já Belém, desde os tempos em que era a capital do Grão–Pará, no Governo do Marquês de Pombal, vinha sofrendo os cuidados do governo do Império Português e se encontrava em estágio superior a Manaus, então apenas um centro administrativo de uma simples Comarca.*
>
> *Na capital amazonense foi realizado um trabalho fantástico quanto a sua urbanização, construção de prédios públicos, serviço de água, esgoto, energia elétrica, porto flutuante, indústria de transformação, implantação de um sistema bancário, criando uma espécie de empresa mista de agência bancária e entreposto comercial: as Casas Aviadoras.*
>
> *Esse surto de realizações, em que se destacam as portentosas edificações do Teatro Amazonas e do Palácio da Justiça, foi ampliado por um ciclo de construções particulares em que, sobrados à maneira de Lisboa ou palacetes de "art- nouveau" francês eram moda. Completando essa europeização do burgo, um grande número de lojas atraíam os amazonenses endinheirados para os últimos lançamentos de Lisboa, Londres e, sobretudo, Paris.*
>
> *O sonho durou pouco. Duas décadas, talvez um pouco mais. Com a concorrência da borracha do Oriente, o produto da floresta tornou-se impraticável pelo seu custo mais alto, comparado aos das plantações organizadas. Foi a falência do extrativismo amazônico. Apesar desse processo de falência ter*

sido tão rápido quanto o crescimento dos negócios do Vale, seu efeito sentiu-se aos poucos na vida cotidiana de Manaus. Talvez uma espécie de efeito retardado.

Certo é que diminuiu, mas sem cessar, o número de navios cargueiros entre a Europa, Estados Unidos e as cidades amazônicas. Agora, sem os negócios da borracha, vinham buscar outras drogas do sertão, entre elas a bem cotada castanha e, também, madeira-de–lei, em toras. O comércio da cidade caiu pela metade. Lojas fecharam. A noite efervescente, sovada por lataria importada, "champagne", quase desapareceu. Sobreviveram algumas indústrias de transformação para consumo local. Os luxos chegavam ao fim. Iniciou-se o repatriamento dos imigrantes, a volta de migrantes, e várias foram as famílias, com raízes locais, europeizadas, que buscaram o Rio de Janeiro para ocultar o seu ocaso financeiro."

Fonte: Centro Cultural Povos da Amazônia.

Fruto do desenvolvimento e crescimento acelerados, trazidos pelos negócios da borracha, o aumento populacional foi impressionante. Entre 1778 e 1920, a cidade viu sua população crescer conforme abaixo:

Ano	Número de Habitantes
1778	586 hab.
1852	6.000 hab.
1889	20.000 hab.
1920	75.000 hab.

A época dotou Manaus de importantes prédios públicos e comerciais, confortáveis e suntuosas residências, praças, etc., entre os quais se destacam:

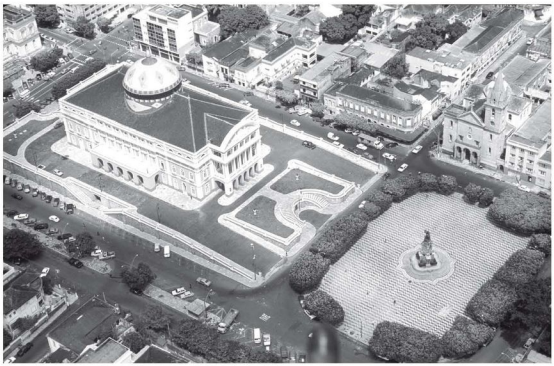
Teatro Amazonas

Fica no Centro. Foi construído sobre um pequeno promontório artificial e domina, imponente, a Praça São Sebastião, a sua frente; é limitado por trechos das ruas 10 de Julho e José Clemente, tendo aos fundos o trecho da Av. Eduardo Ribeiro onde está localizado o imponente prédio do Palácio da Justiça.

Sua arquitetura predominante é o neoclássico, com a cúpula e o interior *art-nouveau*. Surgiu sob pressão do público sofisticado de Manaus. Sua criação foi proposta pelo Projeto de Lei n.º 45, de 21 de maio de 1881, do Deputado Provincial Fernando Júnior. A construção teve início na administração Eduardo Ribeiro e a inauguração sob Fileto Pires, 1896.

Depois de dias de glória, ficou abandonado por longo tempo. Gilberto Mestrinho em seu primeiro governo iníciou obras de recuperação, continuadas no governo Arthur Reis[30]. Desde sua inauguração mantém suas linhas básicas.

Hoje, 2008, apresenta, com sucesso, o Festival de Ópera do Amazonas – surgido na administração de Amazonino Mendes (1994-2002) – e inaugura os Festivais Internacionais de Jazz e o de Cinema de Aventura. Assim, o Teatro Amazonas entra no calendário mundial de eventos e marca a sua posição de Casa de Ópera da Floresta, cujos espetáculos são disputados por aficcionados do mundo.



Teatro Amazonas. Fonte: Secretaria de Estado de Cultura.

Porto de Manaus

30 Após Reis, o Governo do Coronel João Walter de Andrade executou importante obra de restauro, com o concurso de renomados técnicos. Gilberto Mestrinho, novamente, e Amazonino Mendes, seu sucessor, são responsáveis pela excelente restauração do Teatro, executada sob a supervisão do SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional e a cargo de especialistas do país e do estrangeiro. Foi uma restauração completa, que não se restringiu à parte física, mas se estendeu à técnica, dotando-o dos mais sofisticados equipamentos, inclusive sistemas de luz e som irrepreensíveis.

Projeto defendido desde Eduardo Ribeiro, foi construído na administração Silvério Nery, pela *The Manaus Harbour*, empresa dos irmãos Booth, da *Booth Line*, que também obteve a concessão para administrar e explorar os serviços.

Integra o *Complexo Roadway*, composto por Armazéns, a Guardamoria, o edifício da Alfândega, a Casa das Máquinas, a Usina de Força e Luz.

Estudado e executado para atender às peculiaridades do Rio Negro, é flutuante, funcionando sem interrupções na cheia ou na vazante.

Palácio da Justiça

Em estilo neoclássico, este belo prédio fica localizado na importante Av. Eduardo Ribeiro, no Centro. Sua construção se iniciou, em 1894, na administração de Eduardo Ribeiro. Inicialmente a obra ficou a cargo da empresa inglesa *Moers & Moreton*. Foi concluído por José Gomes da Rocha e inaugurado pelo governador Ramalho Júnior, em 1900. Foi tombado pelo Patrimônio Histórico Estadual, Decreto 5.218, de 3 de outubro de 1980.

Palácio da Justiça. Fonte: Secretaria de Estado de Cultura.

Palácio Rio Negro[31]

Localizado à Av. 7 de setembro, no Centro, combina em sua arquitetura elementos *neoclássico tardio* e *art-nouveau*. Bem adaptado ao clima, possui amplas varandas, pé-direito alto e bem cuidados jardins. Na lateral com acesso Rio Negro, via igarapé de Manaus, ficava (1995) um pequeno ancoradouro, hoje desaparecido, onde parava o navio do governo, responsável pelo atendimento a urgências e a *tours* programados para visitantes ilustres.

Foi construído, em 1903, pelo Eng. Henri Joseph Moers, para residência de um dos *barões da borracha*, o comerciante alemão Waldemar Scholtz, que o hipotecou, em 1911, ao Cel. Luiz da Silva Gomes. Comprado pelo Governo Bacelar e destinado à residência oficial dos Governadores, passa a ter, então, a atual denominação.

31 Foi tombado, pelo Patrimônio Histórico Estadual pelo Decreto n.º 5218, de 03 de outubro de 1980. Sede do executivo estadual, até 1994. A partir de 1996, totalmente restaurado, passa a sediar o importante Centro Cultural Palácio Rio Negro, por determinação do Governador Amazonino Armando Mendes.

Palácio Rio Negro. Fonte: Secretaria de Estado de Cultura

Biblioteca Estadual

Localizada à Rua Barroso, na confluência com a Av. 7 de Setembro. É obra da Administração Constantino Nery, 1804-08, é dos mais belos prédios de Manaus, principalmente o seu interior, onde se destacam a escada em ferro forjado, trazida inteiramente de Liverpool, e o teto do *foyer* superior, todo em estuque[32].

32 técnica que utiliza o gesso como matéria prima;

Biblioteca Estadual. Fonte: Secretaria de Estado de Cultura.

Alfândega

É um bonito exemplo do *art nouveau* usado para prédios oficiais e integra o complexo do *roadway*. Sua pedra fundamental foi lançada no dia 27 de junho de 1906, ato que teve a presença do Presidente da República, Dr. Afonso Penna. O prédio, totalmente pré-fabricado, foi importado da Inglaterra, construído pela empresa do Barão Ryemkiewcz, e inaugurado dia 27 de março de 1909. Na realidade, são dois prédios, um, lateral ao Porto, faz frente para o início da Av. Eduardo Ribeiro, o outro, interno, possui um possante farol de observação.

Sede do Porto de Manaus[33]

Localizada à rua Taquerinha, de acesso ao Complexo do *roadway*. Foi construída em 1907, para sede da empresa inglesa *Manaus Harbour*, por longo tempo administradora do Porto de Manaus.

33 Desde 1975, é sede da Portobrás. Foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, a 6 de fevereiro de1980.

Em 1964, Governo Castello Branco, sediou a arbitrária Comissão Interventora que investigou as atividades do Porto. Era a época das famosas e execráveis CPIs e havia uma forte perseguição do *Governo da Revolução* aos marítimos, um dos suportes da política progressista de João Goulart.

No prédio da Usina de Força funciona hoje, 2008, o Museu do Porto.

Ponte Benjamin Constant (Ponte da Cachoeirinha)[34]

Fica localizada no final da Av. 7 de setembro, início do Bairro da Cachoeirinha. Em estilo *art nouveau*, foi totalmente importada da Inglaterra. Construída pelo Engenheiro Frank Hirst Hebblethwait, no Governo Eduardo Ribeiro, 1892-1895, é um dos mais importantes marcos do patrimônio técnico-artístico da cidade. Poucos sabem seu nome oficial, sendo chamada também de Terceira Ponte, Ponte Metálica, Ponte da Cachoeirinha.

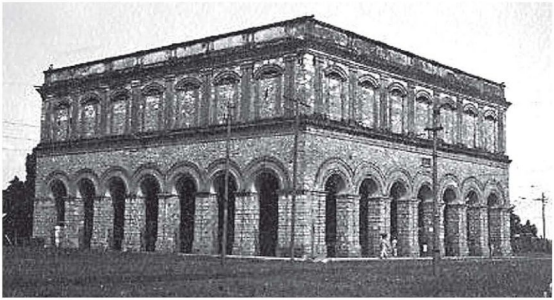
Ainda dessa época e dignos de referência, temos os seguintes prédios:

Reservatório do Mocó[35]

Localizado na Praça Chile, em Adrianópolis. Importado, pré-fabricado, da Inglaterra, no Governo Eduardo Ribeiro. Até 1965, era o único reservatório de água da cidade.

34 Foi totalmente reconstruída no Governo Álvaro Maia, 1938; sua estrutura metálica foi restaurada inteiramente no Governo Danilo de Mattos Areosa, em 1967.

35 Hoje, 2008, integra o complexo operacional da empresa francesa, cujo nome local é Águas do Amazonas, sucessora da Companhia de Saneamento do Amazonas – Cosama. Na década de 80, ali funcionou o Teatro Álvaro Braga, hoje desativado.



Reservatório do Mocó. Fonte: Secretaria de Estado e da Cultura

Castelinho[36]

À Rua São Luís, em Adrianópolis, esse *castelo art nouveau*, foi construído pelo Prefeito Adolpho Lisboa, e residência de algumas das mais importantes famílias da cidade. Em 1965 era propriedade da família Furtado.

Vila Fanny

Fica na Av. Joaquim Nabuco, no Centro. Seu estilo é o *sobradão português*.

Sede da Legião Brasileira de Assistência – LBA

Na esquina da Av. Joaquim Nabuco com a rua 24 de Maio, no Centro, fica esse prédio, de estilo híbrido, com características de *casa*

36 Em 1980, foi vendido para o empresário italiano Biaggi, há muito aqui radicado, que o recuperou, mantendo seu estilo original.

de fazenda, uma arquitetura muito comum na Manaus do início do Século XX.

Palacete Silvério Nery[37]

Localizado na Av. Joaquim Nabuco, Centro, foi construído pelo Governador Silvério Nery para sua residência. É o melhor exemplo do estilo neoclássico, em Manaus.

Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas – IGHA

Localizado à Rua Bernardo Ramos, na área pioneira da cidade, mantém sua arquitetura original, estilo palacete. É uma sociedade civil privada, fundada em 1917, voltada para o estudo e a divulgação da Geografia, História, Arqueologia, Antropologia e Sociologia do Amazonas. Nele funciona um pequeno e importante museu e, também, biblioteca, hemeroteca, acervo fotográfico da cidade. Segundo Mário Ypiranga Monteiro, no ínicio foi uma prisão.

Hotel Cassina[38]

Foi construído em 1899, em frente à Praça Pedro II, na esquina da Rua Governador Vitório, antiga Rua dos Armazéns, depois de Deus Padre, área pioneira da cidade. Teve hóspedes importantes, como o escritor Coelho Neto e Galvez, que veio a proclamar a Independência do Estado do Acre, para o que teve o apoio e o concurso de alguns amazonense ilustres. Foi cantado em prosa e verso. Depois, foi pensão e, por fim, cabaret, o *Cabaret Chinelo*.

37 Em 2008, encontra-se abandonado, o que é uma pena e um desrespeito à cultura e à cidade.

38 É uma das prioridades do *Projeto de Recuperação do Centro Histórico*, de 1993.

Cervejaria Miranda Corrêa

Construída no início do século XX, no bairro da Aparecida, seu estilo é o das cervejarias alemãs. Tem uma localização bem amazônica: à beira d' água. Ali foi instalado o primeiro elevador da cidade. Seus imponentes salões foram inaugurados pelo Presidente Washington Luiz e recepcionaram outros visitantes ilustres, inclusive o Presidente Getúlio Vargas.

Vêm dessa época as seguintes praças: Matriz, Polícia, Antônio Bittencourt, hoje, do Congresso, pois, ali foi realizado o Congresso Eucarístico Diocesano em 1942.

A sofisticação dessa Manaus de fausto pode ser imaginada quando se lê *A Platéia*, veículo criado somente para falar de e sobre teatro. As notícias e crônicas sobre o comportamento e a relação dos freqüentadores e até da comunidade com o Teatro e seus espetáculos são indicadores fortes sobre essa sociedade. A seguir a reprodução dos três primeiro números.

ANNO UNICO NUMERO 1

A PLATÉA

Apparece ás terças e sabbados

MANÁOS, Terça-feira
9 de Abril de 1907

Lever de rideau

Um, dois, tres.. e aqui está, minhas senhoras e meus senhores, o primeiro numero d'*A Platéa!* Como tudo isto é theatro, não admirem que o nosso jornalsinho irrompa dum alçapão assim como se fosse o Mephistopheles do *Fausto*. Mas apparece sem pretenções, e não vem metter medo a ninguem, como o papão da revista. E o leitor verá...

E' praxe fazer programma. Pois então vamos a isto, mesmo porque todos os programmas, politicos ou jornalisticos, commerciaes ou scientificos, são feitos precisamente para não serem cumpridos.

O intuito desta gazetinha é trazer o publico frequentador do theatro a par do nosso movimento artistico... emquanto estiver em Manáos a actual companhia lyrica.

Faremos a critica justa, desapaixonada, rigorosa, do desempenho das operas, quer vá agradar ou desagradar á empreza ou o publico. Diremos a verdade sobre os espectaculos, e, nestas paginas pequenas, a leitora de olhos formosos ou feios, encontrará o resumo das operas que serão representadas, notas e apontamentos artisticos, nomes de familias que frequentam o theatro, descripções de *toilettes*, chronicas ligeiras, e échos duma indiscreção famosa...

E. tranquillisemos desde já a imprensa indigena,—porque nós com os elementos que temos podiamos fazer uma concorrencia doida!—a nossa vida será pouco mais do que a da decantada rosa de Malherbe. Em as andorinhas lyricas—andorinhas de todos os feitios e de todas as idades—azulando para terras paraenses, nós tambem partiremos, não em perseguição dellas, mas para o limbo, para o nada, de que como muita gente nunca deveramos ter sahido.

Ora, se isto não é um programma, então não sabemos o que fazer! O leitor, *perú* emplumado de quatorze annos ou *perú* rebelde de setenta e dois, contente-se com *A Platéa* que, numero a numero, vae ser aperfeiçoada, e não se abhorreça com o tom leve das nossas palavras, porque nós somos ainda um pequerrucho impertinente e travesso, e acceite o cumprimento que de casaca e luvas claras, monoculo entalado, lhe dirigimos com um leve sorriso:

—*Bon soir, Messieurs, Dames!*

NOTAS

A PLATÉA, ao iniciar a sua publicação, tem a honra de saudar a imprensa amazonense.

⁂ Acceitamos collaboração sobre materia theatral, ficando sujeita entretanto á opinião da redacção.

⁂ Distinctissima senhora do nosso mais alto meio social teve a gentileza, que muito nos penhora, de se encarregar da chronica de *toilettes* da *Platéa*.

Escriptora modestissima e de grande valôr, observadora intelligente e sagaz, acreditamos que as nossas leitoras ficarão bastante satisfeitas com as suas chronicas.

⁂ Nesta semana a companhia lyrica vae representar a *Carmen*, opera comica em 4 actos, de Henrique Meilhac e Ludovico Halevy, da Academia Franceza, e musica de Georges Bizet.

E' uma das operas do agrado da platéa amazonense.

A scena se passa em Hespanha, epoca 1829.

Foi representada pela vez primeira a 3 de Março de 1875, sendo creação de *mademoizelle* Galli Marié.

E' do repertorio da *Opéra-Comique*, de Paris.

A *Carmen* tem sido representada ahi, entre outras, por *madame* Sigrid Arnoldson, *madame* Calvé, *mademoizelle* Marié de L'Isle, *mademoizelle* Claire Friché, etc.

Em Manáos, no anno findo, *madame* D'Agenville alcançou um ruidoso successo no papel de *Carmen*.

⁂ Repete-se hoje, no *Theatro Amazonas*, o *Fausto* de Gounod.

⁂ Por affluencia de materia adiamos para o proximo numero diversas secções.

⁂ Somos gratos aos nossos illustres collegas o *Amazonas* e o *Jornal do Commercio* pela maneira gentil por que têm se referido *A Platéa*.

CARTA ABERTA

MINHAS SENHORAS—Perdoem se, rompendo com a praxe estabelecida, eu começo com uma interrogação,—mas porque V. V. Exc.as não vão ao salão do *Theatro Amazonas?* Não é uma sala bonita, sumptuosa, no genero a primeira do Brasil? Porque não frequentam a mais bella dependencia da nossa casa de espectaculos? Porque não vão passeiar para lá, palestrar, commentar o desempenho do ultimo acto?

E depois, exm.as, que bello ensejo para mostrar desfarçadamente as magnificas *toilettes!* E' preciso reflectir neste ponto, que é importante, mas muito importante. A nossa chronista gentil fica embaraçada para fazer a resenha das *toilettes!* Se V. V. Exc.as não arredam das frizas, das cadeiras e dos camarotes!

Bem sei que é porque querem: e estão no seu direito... Mas *A Platéa* tambem aqui está para fazer um pedido: façam o obsequio, minhas senhoras, de nos intervallos darem um pequeno passeio no salão. Tres, quatro, mesmo cinco voltas, e basta! Olhem que a *A Platéa* só pedio isto porque tem a certeza absoluta de ser attendida!

Admirador de V. V. Exc.as

ASSIGNANTE

A variedade deleita... e instrue

Nem sempre gallinha, Real Senhor! Nem sempre gallinha! exclamava o padre capellão, ao fim de alguns dias do regimen de cabidéla, a que o condemnara a regia malicia, compellindo-o a reconhecer a variedade como elemento indispensavel ao perfeito entretimento do paladar... e de outras funcções do organismo humano.

Nem sempre Verdi!—, suspiravam os dilettantes amazonenses, enfartados de opera italiana, desde a época remota em que a Bianchi Montaldo, sob a severa vigilancia do subdelegado incumbido de fazer respeitar a fé dos contractos, enchia o estreito ambito do Eden-Theatro com os queixumes e as imprecanções de Leonora, emittidos por uma garganta, que o curso dos annos não conseguira enfraquecer.

E o maestro Franco, percebendo os symptomas d'essa gastralgia auricular emprehendeu cural-a por meio de applicações periodicas de récipes francezes.

Em bôa hora se lembrou, pois que a innovação de elencos e de repertorios, agindo como estimulante sobre a curiosidade do publico, vae dando excellentes resultados, dispertando o interesse pelas obras de uma escola até então quasi ignorada por elle, revelando-lhe auctores que sequer conhecia apenas de nome, ensinando-lhe a comparar para saber preferir.

Não que na musica italiana não abundem trabalhos capazes de mantel-a em todos os tempos no elevado posto, que ella de longa data vem occupando: Contestal-o, seria parvoice.

O proprio Verdi, que não foi acima citado porque encarado individualmente nas suas composições pareça fastidioso, é por si só

bastante para satisfazer aos eclecticos, começando pelo bello *Trovador* e a sempre joven *Traviata*, até terminar acompanhando as evoluções da Arte com um ardor incrivel na sua avançada velhice, com a *Aida*, com *Othelo*, com *Falstaff*; e mesmo deixando de lado esse Mestre dos mestres, honram contemporaneamente as tradições de sua patria nomes como os de Mascagni, de Puccini e de Giordano.

Mas como ser eclectico sem conhecer as differentes escolas, e as differentes maneiras dos artistas que as compõem?

E era disso que precisavamos, é disso que estamos tendo.

Quando, depois de aguçado o appetite da nossa platéa com a incomparavel vivacidade da *Carmen* e a apparatosa solennidade de *Sansão e Dalila*, á medida que o gosto se fôr desenvolvendo, e os meios o fôrem permittindo, ouvirmos a não menos solenne *Salammbô*, *Luiza Levère*, *Thaís*; quando, familiarisados com Bizet, Saint-Saens, Reyer, Carpentier, Bruneau, Massenet, attingirmos finalmente a comprehensão da estupenda musicographia Wagneriana, reconheceremos enfim que a educação espiritual de um povo não se póde confirmar n'uma só escola, n'um só estylo, e para ser util e proveitosa carece de perlustrar todos os departamentos da Arte, apta a discernir com criterio e bom gosto.

Os primeiros passos para a abolição de uma rotina prejudicial, não se póde negar que partissem do maestro Franco, nem tão pouco se póde, sem flagrante injustiça, negar que a elle deva o Amazonas a sua crescente predilecção pelo theatro lyrico.

Quem escreve estas linhas batalhou a seu lado na organisação e na direcção da primeira companhia regular vinda a Manáos, e attesta a sua infatigavel dedicação, que ultrapassa as raias do desinteresse e vai até ao sacrificio.

Eis porque o presente artigo, improvisado a convite da illustre Redacção deste novel periodico, tendo começado n'um despretencioso humorismo, acaba invocando a suave memoria de uma longinqua camaradagem, folgando ao mesmo tempo que os imprevistos caprichos do acaso me hajam proporcionado ensejo de mais uma vez exprimir-lhe em publico a minha admiração pela sua invejavel tenacidade no proseguimento da obra civilisadora ha tantos annos iniciada.

NANO

SCHERZANDO

Por que é que, quando as francezas da companhia chegaram, perguntaram logo: — O dr. Menelio está em Manáos?

⁂ Contaram-me — não sei se é um conto — que Mademoiselle D..., com uns contos, estudaria até, em Barbados, para pharmacia...

Tudo isto vae acabar num grande conto... de vigario!

⁂ Charada.

— Dois espetos, voando, dois espetos, no ar, dois espetos, no espaço — 1-1. Conceito: é mestra na sua arte.

⁂ Como somos da *Platéa*, sabemos tudo o que se passa na platéa...

Assim, prevenimos a um adoravel cavalheiro que o seu olhar já foi descoberto... por toda a platéa, frizas e até camarotes! O amôr é mesmo assim: é cégo...

⁂ Dizem-nos que Mr. Estellini está agora collecionando moscas... Mas que extravagancia!

⁂ Mademoiselle D... tão alta, bonita, loura, com tão bôa voz, elegante, muito clara, muito branca, muito alva, e...

Mas as francezas têm coisas!

PST.

A SALA

Um bello aspecto apresentava no sabbado a grande sala do Theatro Amazonas. Representava-se Os dragões de Villars e o publico encheu a nossa casa de espectaculos, talvez acreditando que fosse ouvir o *Fausto* substituido, embora por justos motivos, quasi á ultima hora...

Da peça outro chronista se encarregará de fallar. Cabe-nos apenas, ligeiramente, a tarefa de noticiar os nomes das pessôas gradas que lá estavam. Cinco ou seis *toilettes* destacavam-se pela elegancia e bom gosto.

E' impossivel guardar de memoria os nomes das senhoras e senhoritas que vimos no Theatro. Entretanto, lembramos-nos de *mesdames* Breteslão de Castro Junior, João Hermes, Sá Antunes, Nemesio Quadros, Rosa Stelling, Paulino de Mello, Satyro Marinho, Marianna Nogueira, Vasconcellos Caldas, Paes de Andrade, Julio Verne, Luiz Schill, Alípio Nery, Camillo Amora, Anisio Teixeira, Taborda, Genil Bittencourt, Firmino Saraiva, Chaves Lima, etc.

Mademoiselles: Zazá Hermes, Lita Nery, Alice Carvalho, Glady Antunes, Maria e Abygail Lima, Prudencia Santos, Paes de Andrade, Honorina Nunes, Claudio de Mesquita, Antonina Borges, Delzuith Nogueira, Honorina e Maria Amora, etc.

⁂ Na *soirée* de domingo ouvio-se o *Faust*, de Gounod. Uma enchente completa: frizas, camarotes, cadeiras, tudo occupado.

A sala tinha um aspecto brilhante.

Entre muitas senhoras e senhoritas, lembramo-nos ter visto:

Mesdames: José Gayoso, João Hermes, Breteslão de Castro, Nemesio Quadros, Sá Antunes, Vasconcellos Caldas, Marianna Nogueira, José Maranhão, Albertino Nery, Paes de Andrade, Guilherme Catramby, Luiz Rodolpho, Anisio Teixeira, Taborda, Paulino de Mello, Francisco Valente, Marinus de Vries, Satyro Marinho, Febronio Pinheiro, Camillo Amora, Ed. Simões, Sarmento, etc.

Mademoiselles: Cotinha Faria e Souza, Zazá Hermes, Delzuith Nogueira, Amora, Glady Antunes, Paes de Andrade, Nelly Quadros, Lita Nery, Honorina Nunes, Alice Carvalho, Ignez, Anna, Maria e Rosa Pinheiro, etc.

Viam-se *toilettes* de grande e raro gosto.

E no outro numero promettemos ser mais minuciosos...

MONOCULO.

INSTANTANEOS

I

MONSIEUR BONI

Mr. Eduardo Boni é o director da orchestra da companhia franceza do empresario Joaquim Franco. Nasceu em Nice, em 1864, fazendo seus estudos como pianista acompanhador. Como tal esteve na Opéra, de Paris. Depois, foi chefe de orchestra em Cherbourg, Brest, Valenciennes, Namur, Spa, Royat, Toulon, Reimsel. Foi regente tambem no grande Casino de Nice, e trabalhou no Gymnase, de Marselha. E' membro da Sociedade dos Autores e Compositores de Paris, desde 1897. Foi tambem regente de orchestra em Anvors, na opera de Khédivial (Cairo), em Buenos Ayres e Santiago.

Esteve em Manáos no anno findo, e é um velho conhecido nosso.

Intelligente e trabalhador, o maestro Boni tem verdadeiras sympathias nesta terra.

JORGE S.

Sabbado:

CHRONICA RIMADA

de *Zig-Zag*

CHRONICA THEATRAL

DRAGONS DE VILLARS

Estreou nesta opera de Maillart a contralto sr.ª Moska, que foi uma victima das difficuldades em que se vio a empreza para a representação de sabbado. Tendo annunciado o *Fausto* de Gounod, vio-se forçada, por motivos bem independentes da sua vontade, a tirar do cartaz a opera de Gounod, substituindo-a pela de Maillart, a unica em condições de ser levada á scena assim de momento, como foi.

A sr.ª Moska, ha dias bastante incommodada da garganta, foi apanhada de sorpresa, e, não querendo augmentar as difficuldades da empresa, difficuldades essas que todos os artistas reconhecem e lamentam, prestou-se a trabalhar á noite, no papel de *Rose Friquet*, embora bastante rouca. Apezar disto, podemos descobrir na sympathica artista, uma bella voz de contralto, volumosa e rica de timbres, e, mesmo com a difficuldade de emissão, que todos deveriam notar, cantou com agrado a *aria*

Maître Thibaut, nos males sont chers ...

o *duo* com Belamy:

Allons, ma chère

o outro *duo* com Sylvain:

Moi, jolie!

e, sobretudo, a *aria*:

Il m'aime! Espoir charmant,

que foi coroada de muitas palmas.

A sr.ª Moska ainda ha de brilhar muito no nosso palco scenico, em outras operas, quando, com a sua nobre voz completamente restabelecida, poder se mostrar tal qual é. E' de justiça, por conseguinte, adiar, para uma melhor occasião, qualquer julgamento sobre o seu valor artistico.

A senhorita Durant foi muito apreciada no papel de *Georgette*, sobretudo nos *couplets de l'ermite*:

Grâce à ce vilain ermite

Melhor que na *Filha do Regimento*, apresentou-se-nos o sr. Benevadi, quer no jogo de scena, onde achava-se mais á vontade, quer no canto.

Cantou perfeitamente e com agrado a bella romanza:

Ne parle pas, Rose, je t'en supplie!

assim como no *duo* com Rose:

Moi, jolie!

As honras da noite, porem, couberam ao sr. Tritignan, que no *Guilherme Tell* já tinha estreado, mas num papel em que pouco poude apparecer.

Interpretando, agora, na opera de Maillart, o personagem de Belamy, teve occasião de mostrar melhor a sua sympathica voz de barytono, brilhante, cheia de vida e de uma emissão a mais natural.

O sr. Tritignan, bem senhor do seu papel, com movimentos naturaes, gestos largos e desembaraçados, cantou, merecendo muitas palmas, todo o seu papel, do começo ao fim, mas não podemos deixar de salientar o interessante *duo*, com Rose:

Allons, ma chère

e a canção:

Le sage qui s'eveille.

O artista que interpretou o papel de Thibaut, e cujo nome nos escapa, sahio-se perfeitamente.

Os côros, bem afinados, sobretudo na grandiosa prece:

Soutien de l'innocent

que muito agradou.

A orchestra, sob a regencia do maestro Delne, esteve mais justa do que de qualquer das outras vezes precedentes.

A platéa conservou-se de uma frieza desesperadora, e somente para a sr.ª Moska houve um movimento de boa vontade, applaudindo-a na aria:

Il m'aime

Todos contavam com o *Fausto* e tiveram de ouvir os *Dragons de Villars*...

Mas, que culpa têm os artistas das difficuldades da empreza?!

⁂

FAUSTO

Primeiro que tudo, as nossas mais calorosas felicitações ao maestro Joaquim Franco pelo bello triumpho que foi a representação da grande e sempre applaudida opera de Ch. Gounod.

Não houve quem não sahisse do theatro cheio de enthusiasmo pelo que acabava de ouvir, e, si não fosse o pouco tempo de que dispez o maestro Boni para ensaiar solistas, córos e a orchestra, ainda mais brilhante teria sido a execução da partitura de Gounod.

No papel de Margarida, fez a sua estreia — e que estreia! — a senhorita Demours.

Só a Demours, disse convencido um collega enthusiasmado, vale toda a subvenção que o Franco teve!....

Não iremos tão longe, mas registramos com o maior prazer e com muita justiça, as calorosas ovações a que fez juz e de que foi alvo a talentosa e culta artista que é a senhorita Demours.

Com o bello timbre de sua voz de soprano, justa, cheia de expressão, fogosa e docil ao mesmo tempo, vocalizando com a maior facilidade, maleavel a qualquer passagem por mais difficil, a qualquer rythmo por mais complicado, possuindo alem de todo este conjuncto de dotes vocaes, uma dicção nitida, desembaraçada, attitudes nobres, amplas, e um temperamento verdadeiramente dramatico, a senhorita Demours poude, como não muitas artistas, interpretar a personagem de Margarida como raras vezes se é dado apreciar.

Já no segundo acto, na sua curta passagem pela scena, respondendo a Fausto:

Non, monsieur! je ne suis demoiselle, ni belle, a sala inteira vio logo que a fama, de que vinha precedida a senhorita Demours, não ia ser desmentida, e, como prova, veio a scena do jardim.

A canção do rei de Thulé:

Il était un roi de Thulé,

maviosa, terna, expressiva, foi o preludio de toda aquella magia de sons que foi a aria das joias. Somente uma artista, digna deste nome, poderia, com aquella naturalidade, manifestar a surpresa, o pasmo de Margarida ao dar com aquelle cofre de joias, que os seus olhos de rapariga pobre nunca tinham admirado:

Que vois-jé là?
D'où ce riche coffret peut-il venir?
Je n'ose y toucher.

e, depois, aquelles trillos, aquelles gorgeios todo aquelle encanto de se ver tão bella:

Je ris de me voir
Si belle en ce miroir,

que somente um poeta poderia descrever!

D'ahi em diante a talentosa cantora conquistou toda a nossa platéa, foi o alvo de todo o enthusiasmo do publico e, nos intervallos seguintes, o thema de todos os assumptos. Nas outras scenas todas ellas interpretadas com igual talento, foi ouvida com o mesmo sentimento de sympathia e admiração por toda aquella sala que não regateou-lhe os applausos de que tanto foi digna.

Os distinctos artistas srs. Hugs, Manent e Valdor, que iá tivemos occasião de admirar, vieram completar esse conjuncto soberbo, de uma perfeita homogeneidade, (tão raro em nosso caro Brasil!) que com tanto brilho interpretou os principaes personagens da opera de Gounod.

O sr. Hughs, no primeiro acto, quando ainda o velho dr. Fausto: *languit triste et solitaire*, não podia ser mais natural do que foi, e da mesma maneira em todas as outras scenas, entre as quaes não podemos deixar de salientar a cavatina em frente a casa de Margarida:

Salut! demeuse chaste et pure, mimosamente cantada.

O sr. Manent, com a possante voz de que é dotado, soube tirar, da parte que lhe coube, na partitura de Gounod, os melhores effeitos de sonoridade, e fosse o registro grave da sua bella voz, mais cheio e mais vibrante, ainda maiores teriam sido esses effeitos. E ainda melhor teria sido, si, mais senhor da sua parte, podesse mover-se mais despreoccupado da batuta do maestro Boni, isto, bem entendido, somente em algumas passagens

Nas estrophes da scena da kermesse:

Le veau d'or est toujours
debout

e na serenata, recebeu, como era de justiça, muitas palmas.

O sr. Valdor foi, como sempre, um artista correcto. Valentin não poderia ter melhor interpretação e não podemos comprehender o motivo da frieza com que o publico o ouviu! Verdade é que na scena da morte, por duas vezes sentiu-se a impaciencia da sala em applaudil-o, mas a partitura, sem nenhum intervallo propicio para essa manifestação, fez com que, só no descer do panno, as palmas rebentassem quentes pela sala.

Mais uma artista, a senhorita Botti, estreou, no papel de Siebel, que, por ser de tão pequena importancia, não foi propicio para a sympathica artista mostrar-se tal qual deve ser.

Por isto adiamos as nossas impressões sobre os seus dotes artisticos para uma outra occasião

As scenas da noite de Walpurgis correram animadas, e, no bailado, de que já tratamos em outra chronica, as senhoritas Ory e Kosac foram muito applaudidas.

Os comprimarios e os coros portaram-se perfeitamente bem, assim como a orchestra, sob a habil batuta do maestro Boni.

A este distincto artista cabe, em grande parte, as honras da triumphal *soirée* que foi essa representação do *Fausto*, pois foi devido a uma noite toda de trabalhos e ao fatigante ensaio das 2 horas da tarde ás 6, no proprio dia da primeira representação, que a interpretação foi o que todos vimos.

Ao distincto chefe de orchestra, pois, os nossos agradecimentos e sinceras felicitações.

ELFIS.

Argumento da CARMEN

Opera comica em 4 actos Letra de Meilhac e Halevy, musica de George Biset. (Extrahida da novella, do mesmo nome, de Prosper Merimée) Passa-se na Hespanha.

PERSONAGENS

Dom José, (*estréa*)...	*Mr. Henrie*
Escamillo...	*Mr. Valdor*
Dancaire...	
O Remendado...	*Mr. Benevodi*
Moralès, brigadeiro...	*Mr. Trintignan*
Zuniga, tenente...	*Mr. D'Arnauld*
Lillas Pastia...	
Um guia...	
Carmen...	*Mlle. Demours*
Michaela...	*Mlle. Mendés de Leon*
Frasquita...	*Mme. Boni*
Mercêdes...	*Mme. Durand*

No primeiro acto a scena se passa em Sevilha, deante da porta duma fabrica de cigarros, junto da qual se acha um corpo de guarda. Uma rapariga, Michaela, apparece e pede para falar a D. José, brigadeiro, seu companheiro de infancia e seu noivo. Não o encontrando, retira-se promettendo voltar.

As cigarreiras sáhem da fabrica, cigarros nos labios, e misturam-se por entre os soldados. Carmen apparece, com uma flôr rubra aos labios, e os soldados lhe falam avidos de seus carinhos.

Carmen canta a celebre habanera:

L'amour est enfant de Bohême,
Il n'a jamais connue de loi;
Se tu ne m'aimes pas, je t'aime;
Se je t'aime, prends garde á toi!...

Depois de diversos episodios, as operarias com Carmen á frente entram na fabrica. Reapparece Michaela que entrega a D. José uma carta de sua mãe. Segue-se um duetto, e ouve-se um grande tumulto; é Carmen que briga com as suas companheiras e ferio uma dellas. O official Zuniga manda D. José prendel-a, ligando-lhe as mãos; nesse tempo ella canta uma seguidilha e dá uma entrevista a D. José, numa taberna.

Ficando a sós com D. José, este desliga as cordas que prendem as mãos de Carmen, e esta quando é conduzida presa pelos soldados fóge, dando grandes gargalhadas.

⁂

O segundo acto se passa na taberna de Lillas Pastia. Officiaes estão á mesa com Carmen, Frasquita e outras bohemias. Ellas, sobre as mesas, fumam e bailam. Zuniga, o mesmo que fez prender Carmen, conversa com este intimamente. Chega o toureiro Escamillo que por sua vez conquista Carmen e canta o celebre *couplet*

Toreador, en garde,
Et songe en combattant
Qu'un oeil noir te regarde
Et que l'amour t'attend

O *dancaire* propõe um novo contrabando, e consegue o concurso de todos, que deixam a scena, excepção de Carmen que esquivou-se. Ouve-se ao longe a vóz de d. José que vem ao *rendez-vous* combinado. Depois dum duetto, sôa um clarim tocando recolher. D. José quer partir, mas Carmen não consente. Seduzido por ella, jura-lhe um amor eterno e resolve desertar, ligando-se aos contrabandistas.

⁂

Passa-se nas montanhas o terceiro acto. Os contrabandistas cantam a gloria da sua profissão. Carmen e as companheiras deitam as cartas. Espalham-se todos pelas montanhas e apparece Michaela que, num ultimo esforço, tenta arrancar debalde d. José dessa vida de aventuras. Ella diz que sua mãe quer vêl-o e perdoal-o antes de morrer. D. José porém está ciumento do toreador, com quem tem um duello a navalha, interrompido pelos contrabandistas que chegam. Elle parte entretanto com Michaela, jurando vingar-se de Escamillo.

⁂

O quarto acto é passado numa praça de Sevilha. Ao lado, o Colysen onde vae haver uma tourada. Apparece Escamillo dando o braço a Carmen, radiosa. O toureiro vae para a arena, emquanto que d. José apparece e quer levar Carmen consigo. Ella resiste a tudo, supplicas e ameaças, declarando que ama ao toreador. No momento em que este é acclamado pela multidão, Carmen corre para a porta do Colysen. D. José persegue-a, até que vendo fugir a sua amante, dá-lhe um golpe mortal de navalha. Nessa occasião ao povo que sáhe do circo, d. José entrega se a prisão e exclama:

Vous pouvez m'arrêter... c'est moi qui l'ai tuêe

Escamillo apparece, e d. José cáhe sobre o corpo de Carmen, e diz:

O ma Carmen! ma Carmen adorée!

Nota: Mlle. Demours fará a parte de *Carmen* da bellissima partitura de Bizet. Esta parte foi escripta para *mezzo soprano*, podendo ser feita por um soprano lyrico, tendo em vista umas pequenas modificações feitas na partitura pelo proprio Bizet.

E' escripta a parte de *Carmen* nas mesmas condições que o *Mephistopheles* do *Fausto*, e o *Cacique* do Guarany. São partes estas feitas para *basso cantante*, podendo ser feitas por um baritono, haja visto o celebre baritono Maurel que é um dos mais distinctos artistas da escola franceza, e a quem foi confiada a creação da parte de *Cacique*, e que é um dos primeiros *Mephistopheles* do mundo.

Parece-nos que será mais um successo para a companhia franceza a recita da *Carmen*, attendendo ao cuidado que tem tido a empreza na sua montagem.

4 A PLATÉA

Nhônhô

—Onde vae, *Sinhá*, tão chique?
Que bonita mulatinha!
—*Nhônhô*, não bula commigo,
Deixe seguir quem caminha.

—Onde vae com tanta pressa,
Que não me deseja ouvir?
—Vou á missa, como sempre,
Nhônhô, me deixe seguir.

—Porque não dá-me um beijinho
Que mate este meu feitiço?
—O' *gentes!* que moço este!
Pois então eu cá sou disso!...

JOAQUIM NORBERTO

Das torrinhas...

Pediram-me uma chronica... Faço lá chronica! Tinha graça que eu, velho e rabujento, fosse escrever para gazeta! Não faltava mais nada! Aqui, do meu cantinho das torrinhas, me contento em binocular lá para baixo. E vejo, atravéz dos vidros, a *pose* ducal de mr. Pimentel, a elegancia romantica do Victor, a mocidade eterna do Felgueiras, a gordura do Cesar, a caréca lusidia e bella do Alfredo, os gestos mephistophelicos do Zé Duarte, a importancia emocionante do Lopes, a indifferença geladissima do Octavio, o olhar apaixonado do Dico, a adiposidade de S. Exc.ª o consul do Paraguay, o nervoso afrancezado do Elpidio, a juventude esbranquiçada do Bacellar, a gordura phantastica do Bayma, e daqui quasi nem vejo o transparente e diaphano Pedreira!

Mas os srs. querem afinal uma chronica? Escripta por mim?! Não e não! Só se eu não tivesse mesmo o que fazer!...

P'RU'.

PUBLICAÇÕES

O *Centro de Publicações*, acreditada casa de jornaes e revistas á avenida Eduardo Ribeiro, e de propriedade dos srs. Armindo Freitas & C.ª, offereceu-nos o numero de Fevereiro ultimo da apreciada revista *Ars et labor*, que se publica em Milano, e diversos do *Menestrel*, de Paris.

No *Centro de Publicações* encontram-se sempre as ultimas novidades do paiz e do extrangeiro.

*** A popular *Agencia Freitas*, á rua da Installação, teve a gentileza que muito agradecemos, de enviar ao nosso jornal o ultimo numero do *Le Theatre*, de Paris, e diversos numeros das revistas francezas *La Vie au grand air*, *Paris qui chant*, a polka *Tico-Tico*, de Abilio Fonseca, e a bella revista ingleza *The Sketch*.

Somos gratos á agencia Freitas.

ARCHIVISTA

Theatro Amazonas

Temporada lyrica de 1907.—Março-Maio.—Empreza J. FRANCO

A PLATÉA offerece aos seus leitores todo o elenco da companhia franceza que ora trabalha no Theatro Amazonas:

1.º Chef d'orchestre	M. Edouard Boni
2.º »	M. Dolne
Régisseur général	M. Servat

ELENCO POR ORDEM DE GENERO:

Soprano dramatique lyrique	M.lle Demours
Soprano léger	M.lle Mendés de Léon
Soprano dramatique	M.lle Conte
Mezzo soprano	M.lle Moska
Soprano mezzo	M.lle Botti
Contralto (Dugazon)	M.lle Durand
1.º Dugazon	M.me Boni
2.º »	M.lle Dumond
3.º »	M.me Lhorme
1.º Ténor dramatique	M. Hughes
1.º Ténor lyrique	M. Henric
1.º Ténor léger	M. Benevadi
1.º Baryton grand opéra	M. Valdor
1.º Baryton opéra-bouffe	M. Tritignan
1.º Basse noble	M. Manent
1.º Basse chantante	M. Darnaud
1.ºs Basses bouffes	M.ers Servat et Jagorel
2.º Ténor	M. Henriot
2.º Baryton	M. Delange
2.º Basse	M. Lopez
1.ª Danseuse (Etoile)	M.lle Ory
Travesti	M.lle Noriac
Danseuse—*Demi caractere*	M.lle Francia

DAMES DU BALLET

M.lles Garello, Diane da Costa, Eleonora da Costa, Chabrier, Moneta Morandi, Rosita Belti.
Maitresse de Ballet—M.lle Idda Ory.

30 coristas de ambos os sexos, 35 professores de orchestra, 20 banda.

Costumier	Alexandre
Decors	Sormani de Milan
Musique	Ricord—Joubert
Accessoires	Berard

Administrateur general—E. BONI.

O repertorio é o seguinte:—*Africana, Huguenottes, Hebréa, Guilherme Tell, Barbeiro de Sevilha, Fausto, Carmen, Bohemia, Rigoletto, Guarany, Palhaços, Cavallaria Rusticana, Mignon, Werter, Traviata, Lucia, Trovador, Galathéa, Dragons de Villars* e *Filha do Regimento*.

Destas operas a companhia já representou *Guilherme Tell* (estréa), a *Filha do Regimento, Dragons de Villars* e *Fausto*.

EXPEDIENTE:—Numero avulso 200 reis. A correspondencia deve ser enviada para a Agencia Theatral—Barbeiro Elegante, rua Municipal n.º 7.

ANNO UNICO NUMERO 2

A PLATÉA

Apparece ás terças e sabbados

MANÁOS, Sabbado
13 de Abril de 1907

A temporada lyrica

A companhia lyrica, que ora trabalha no *Theatro Amazonas*, já conquistou as sympathias da platéa amazonense. Era justo que assim se correspondesse aos grandes esforços do maestro brasileiro Joaquim Franco. A luta que é preciso travar para, na Europa, organizar uma companhia com destino ao extremo-Norte do Brazil, é incalculavel. Desgraçadamente ainda se acredita lá fóra que o extrangeiro vem para estas plagas apenas para morrer...

E ha uma infinidade de coisas a tratar, a resolver, caprichos e explorações que afinal têm de ser satisfeitos,—os pequeninos «nadas» de emprezas congeneres e que são verdadeiras batalhas. Mas, ao emprezario nosso patricio não se pode negar uma grande intelligencia, competencia rara na sua Arte, tenacidade e trabalho. Dahi, deste conjuncto de predicados e qualidades, o successo artistico das emprezas do maestro brazileiro.

A actual companhia tem um bello conjuncto. Ninguem negará que os seus primeiros artistas, por ordem de genero, são todos excellentes, a começar por essa soprano dramatico que é uma victoria artistica. E, se ha pequenos senões, se houve faltas imprevistas de que a empreza está tendo agora as consequencias, em compensação já tivemos representações como o *Fausto*, que foi verdadeiro successo.

No Brazil, por preços tão modestos, de Sul a Norte, não se ouve lyrico tão bom. E se isto é assim se deve tambem á subvenção que o governo dá. Os artistas são quasi todos duma certa nomeada, e exigir melhor é querer celebridades, talvez um Caruso, por sete mil réis a cadeira...

Mas o publico tem sido justo, e a platéa mais duma vez tem sahido da frieza que infelizmente lhe é habitual, applaudindo com enthusiasmo os principaes artistas.

E é um consôlo para nós, que vivemos abarrotados do dramalhão barato, termos sempre lyrico, e do bom...

NOTAS

Agradecemos aos presados collegas da imprensa amazonense as phrases gentis que tiveram para o primeiro numero da *Platéa*, e bem assim ao publico á maneira lisongeira com que nos distinguio.

⁂ A segunda *serata* do *Fausto*, de Gounod, realisou-se na terça-feira.

Na *première* nos occupamos longamente do desempenho, que foi na segunda ainda mais correcto.

Bravos, bravos, á Demours!

⁂ Hoje, em recita de assignatura, representa-se a *Mignon*. Ia a *Carmen*, mas adoeceu ligeiramente Mlle. Demours.

Amanhã, em espectaculo de recita livre, o *Fausto*, com outros artistas.

⁂ Recebemos, com o pseudonymo de *Langar*, uns versos humoristicos e offensivos a um cavalheiro do nosso meio social.

A Platéa não tem a pretenção de ser um jornal humoristico: limita-se a publicar critica e argumentos de operas, noticias theatraes, etc.

Uma ou outra secção mais ligeira, não terá nunca uma palavra offensiva a quem quer que seja.

⁂ Está em ensaios a *Bohême*, de Puccini.

Talvez vá á scena na proxima semana.

⁂ Ao *Meio*, nosso estimavel collguinha d' *A Semana*, agradecimentos pelas cortezias dispensadas *A' Platéa*.

⁂ Publicamos hoje, na secção *A sala*, a primeira chronica de *toilettes* da nossa distinctissima collaboradora que se occulta sob o modesto pseudonymo de *Srn*.

⁂ Sarah Bernhardt foi nomeada professora do Conservatorio de França. E' uma compensação á decepção porque passou na Chancellaria da Legião de Honra...

A SALA

Vimos na quinta-feira, na *première* da Favorita, as bellas e elegantes *toilettes*: mesdames Souza Maranhão, com um gracioso vestido créme enfeitado de rendas de guipure e laços de velludo verde esmeralda; Bacellar Souza, com um vestido claro, simples e de muito gosto; Nemezio Quadros, vestido de colienne beige claro, com um elegante bolero de renda Irlandeza, que dava á toda toilette muita graça; Nogueira, vestido cinzento de cachemira; Sá Antunes, bella saia grise e graciosa bluza crême com applicações; Amora, bella toilette em setim roxo, coberta de tulle bordado; Bretislão de Castro, rico vestido preto bordado á seda e lantejoulas; Paes de Andrade, toilette de seda rosea coberta de rendas; Britto Pereira, vestido muito chic, roza pallido; Hermes de Araujo, um vestido de seda branca, coberto de gaze preta e branca de muito gosto; Praguer, vestido de crépe da Chine, azul claro muito elegante; Guerreiro Antony, vestido de gaze beije; Taborda, gracioso vestido creme de gaze e rendas; Anizio Teixeira, toda de côr de roza com um bello chapéo preto; Jeronymo Gomes, toilette preta, assim como tambem madame Bastos Rego; Mattos Pereira, vestido branco, um paletot muito bem talhado; Alvaro Maia, toda de branco; Jovino Maia, com vestido em genero alfaiate; Marinus de Vries, toda de preto; Sarmento Bittencourt, com um primoroso vestido crême; Schill, com uma riquissima toilette branca e cinzenta, tendo todo o chic parisiense; Satyro Marinho, toda de preto, etc, etc.

Mademoiselles: Gladys Antunes, com um elegante vestido roseo tendo um bolero de renda Irlandeza; Zazá Hermes d'Araujo sempre mimosa, com uma toilette rosea que lhe dava uma graça distincta; Delzuita Nogueira, vestia uma linda toilette azul celeste, tendo sobre os seus sedosos cabellos uma grinalda de rosas; Alice de Carvalho, toda de azul, muito chic; Paes de Andrade, com seus vestidos vermelhos, de gaze e renda; Marina Amora, graciosa toilette em setim crême coberta de tulle bordado á lantejoulas douradas; Honorina Amora, toilette em seda azul, sendo a saia pregueada em *raios de sol;* Antony, Couto, Crespo e Rhossard, tambem trajavam elegantes toilettes.

Peço desculpa ás minhas gentis e condescendentes leitoras pelo mal alinhavado desta chronica.

Nota: – As bellas *toilettes* que apparecem no nosso Theatro, são quasi todas feitas por m.me Muller, praça de S. Sebastião n. 7.

SRN.

⁂

Na segunda do *Fausto*, terça-feira, a concorrencia ao Theatro foi numerosa. Cadeiras, camarotes de 1.ª e frizas quasi todos cheios.

Notamos as presenças de *mesdames*: Carlota Baird, Luiz Barreiros, Carlos Stelling, Abilio Nery, Geraldo Amorim, Nemesio Quadros, Sá Antunes, Octavio Sarmento, G. Bittencourt, Coriolano Durand, Maria Esther Silva, etc.

Mademoiselles: Julia Pinto, Alice, Maria e Carlotinha Baird, Sampaio, Germano, Schianetti, Tapajoz, Campello, etc.

MONOCULO.

OPINIÃES

(CHRONICA RIMADA)

Fui ao Guilherme de tal, que nada teve de mal. E garanto sem receio que o fim terminou no meio.

EXPEDIENTE

Numero avulso...................... 200 réis

A correspondencia deve ser enviada para a Agencia Theatral—*Barbeiro Elegante*, rua Municipal n.º 7.

A PLATÉA vende-se:

No *Barbeiro Elegante*, á rua Municipal.
—No *Centro de Publicações*, á avenida Eduardo Ribeiro.
—Na *Agencia Freitas*, á rua da Installação.
—Na bilhetaria do *Theatro Amazonas*.

Mas gostei, gostei immenso, não disfarcei meu sorriso, minha *franqueza* louçã; meu applauso dei intenso, pois lembrou-me o Paraizo, a tal scena da maçã. Tive um mór contentamento com a Filha do Regimento. E si o que dizem é certo, si nada tem de encoberto, affirmo sem mais demora que, no caso, quem mais logra, subindo ao papel de sogra é o nosso Camillo Amora. Essa pequena elle adora, por ser-lhe *progenitora*.

O Sino do Eremiterio, esse caso muito serio, todo cheio de rasões, fez-me até perder o tino, porque lá não vi o *Sino*, tão pouco vi os *Dragões*. Paciencia! O Fausto enorme agradou.

Sei de um informe do Bayma sobre o Manent, do Franco sobre o Darnaud, mas deixo para amanhã o que aqui dizer eu vou. Mas, não; a coisa eu encaixo, sem dar pulos, sem dar saltos: achei o contralto baixo, vi que esses baixos são altos.

Agora, reparem nisto, que é um milagre de Christo: o corista aqui da ponta, que para os outros aponta, gordo, bonito e faceiro—véro artista consummado—é, diz-me um perú tufado: —*monsiú* P'reira Padeiro!

Bravos artista dilecto, o céo te sirva de tecto e o grande mar, de lençol. Has de sumir-te orgulhoso, no Pantheon glorioso, de farinhas num paiol!

Desculpem. Estas coisas vãs são minhas opiniães.

ZIG-ZAG

«MIGNON»

(NOTAS AO ARGUMENTO)

A *Mignon*, opera comica em 3 actos e 5 quadros, é musica de Ambroise Thomas, e letra de Michel Carré e Jules Barbier. Foi representada pela primeira vez a 17 de novembro de 1866, na Opéra-Comique, de Pariz.

E' uma obra cheia de graça, de gôsto e de sentimento.

Entre os trechos principaes da bellissima opera, citaremos estes de *Mignon*:

I

Connais—tu le pays où fleurit l'oranger,
Le pays des fruits d'or et des roses vermeilles,
Où la brise est plus douce et l'oiseau plus léger,
Où dans toute saison boutinent les abeilles?
Où rayonne et sourit comme un bienfait de [Dieu,
Un éternel printemps, sous un ciel toujours [bleu?
Hélas! que ne puis-je tu suivre
Vers ce rivage heureux d'où le sort m'exila!
C'est lá que je voudrais vivre,
Aimer et mourir! ..C'est là!...

II

Connais-tu la maison où l'on m'attend là-bas?
La salle aux lambris d'or oú de hommes de mar- [bre
M'appellent dans la nuit en me tendant les bras,
Et la cour où l'on dans à l'ombre d'un grand [arbre?
Et le lac transparent où glissent sur les eaux
Mille bateaux légers pareils à des oiseaux?...
Hélas! que ne puis-je te suivre
Vers ce pays lointain d'où le sort m'exila!
C'est lá que je voudrais vivre,
Aimer et mourir!...C'est là!...

o seguinte duetto cantado por *Mignon* e *Lothario*:

Légères hirondelles
Oiseaux bènis de Dieu,
Ouvrez, ouvrez vos ailes,
Envoles-vous! adieu!

o romance de Wilhelm —*Adieu, Mignon, courage!*; o duetto—*As-tu souf fert, as-tu pleuré?*; no terceiro acto o—*De son cœur j'ai calmé la fièvre;* a romanza bellissima—*Elle ne croyait pas danssa candeur naïve*, etc, etc.

Mignon é uma opera leve, encantadora, e do agrado da platéa. A partitura tem grandes bellezas. Está no cartaz do Opéra-Comique, e no de todos os bons theatros modernos.

Mignon foi interpretada maravilhosamente por Melle. Galli-Marié.

Em 1894, a 13 de Maio, Ambroise Thomas assistiu na Opera-Comique a MILLESIMA representação desta sua opera. Era um facto unico. Foi por essa occasião que o auctor de *Mignon* teve a Legião de Honra, a primeira distinção deste genero concedida a um musico francez,—diz o livro de onde tiramos estas notas.

A platéa amazonense conhece a *Mignon*, e hoje terá ensejo de deliciar-se com a musica adoravel de Ambroise Thomas.

Ib.

CHRONICA THEATRAL

A FAVORITA

Para muita gente foi uma surpreza a representação da opera de Donizetti, cuja bôa interpretação não contava-se, visto o pouco tempo que teve o maestro Boni para ensaial-a.

Até a orchestra, que só teve um ensaio, assim mesmo pela falta de tempo feito ás pressas, sahio-se perfeitamente e a *ouverture* nada deixou a desejar.

Quasi todos os artistas foram dignos de applausos, e a sr.ª Moska que, para bem dizer, não teve tempo de tomar parte nos ensaios, por somente na vespera ter sido chamada para substituir a sr.ª Conte, impossibilitada de estrear, como estava annunciado, fez todo o possivel para agradar.

Além disto, essa artista ainda não se acha restabelecida da garganta, razão por que a sua voz conservou-se constantemente velada. Na minha chronica precedente, referindo-me á essa actriz, disse: «A sr.ª Moska ainda ha de brilhar muito no nosso palco scenico, em outras operas, quando, com a sua nobre voz completamente restabelecida, poder se mostrar tal qual é».

Infelizmente ainda não foi d'esta vez e esperamos que, no espectaculo de hoje, em que vae interpretar a personagem de *Mignon*, a minha predicção possa se realizar.

A sr.ª Moska, comtudo, já agradou mais que nos *Dragões de Villars*, especialmente na aria:

O' meu Fernand

e no duo final:

Fernand imite la clèmence du ciel...

O sr. Hughs é um outro artista que especialisamos, pois teve de cantar a parte de *Fernand*, tenor ligeiro, com a sua volumosa voz de tenor dramatico, tendo conseguido perfeitamente domal-a a ponto de alcançar os melhores effeitos nas doces melodias de Donizetti, especialmente a cavatina *Un ange, une femme inconnue*.

Em tudo o mais o apreciado artista sahio-se bem.

O sr. Valdor é sempre um interprete consciencioso de todos os papeis de que se encarrega.

De muitas e muitas palmas foi digno em todas as vezes que cantou, salientando-se ainda mais nas arias *Léonor viens* e *Léonor, mon amour brave l'univers*, no duo com Léonor:

Dans ce palais regnent, pour te seduire, tous les plaisirs,

e no trio do terceiro acto:

Pour tant d'amour ne soyez pas ingrate.

O mesmo direi do sr. Vanent, no papel de Balthazar, produzindo a sua bella voz o melhor effeito.

A sr.ª Boni agradou, e o mesmo o sr. Benevadi no papel de *D. Gaspar*.

Os coros estiveram correctos.

As senhoritas Ory e Noriac, assim como as suas companheiras do bailado, foram muito apreciadas.

ELPIS.

INSTANTANEOS

II

MONSIEUR VALDOR

O barytono mr. Jorge Valdor é um artista completo. Tem vóz e tem uma grande naturalidade em scena. Intelligente, sympathico, insinuante, modesto, conhece todos os segredos do palco. A sua vez tem sido applaudida em grandes theatros

A *Gazette Officielle des Théâtres de France* chamou-o,—um artista consummado.

Nasceu em Charleroi. Após os primeiros estudos, trabalhou no *Grand Théâtre*, de Gand. Fez na *Africana* o papel de *Nelusko*, tendo uma enorme ovação lembrada sempre em Bruxellas. E' certo o successo no *Rigoletto*, *Pierre d' Aragon*, *Tannhauser*.

O publico amazonense já o ouvio, principalmente no *Fausto*.

Em França tem tido um grande exito notadamente em *Lyon Douai, Arras* (Favorita), *Amiens*. Na *Tosca*, dizem jornaes, faz uma creação sensacional.

E' tambem um homem de coração. Salvou, em 1903, uma creança de morrer afogada, em Escaut, e, no anno ultimo, em Bruxellas, conseguio pela sua força e coragem parar uma carruagem cujos cavallos vinham em disparada. Tem, por isto, medalhas de prata e bronze do governo belga.

Mas, deixemos tudo isto, para saudar apenas o barytono correcto que tanto tem agradado á platéa amazonense.

JORGE S.

MEPHISTOPHELES

(*A Mr. Manent*, baixo)

Oh Tu, supremo Mephisto,
Senhor da Treva e do Mal,
Ao teu poder não rezisto
Nessa luta desigual.

A minh'alma te offereço
Como valor em caução;
Ella vale bem o preço
Do que tens de seducção!

Comtanto que me concedas,
Archangelico Revel,
Viver no fausto e, entre sêdas
Libando em taças de mel,

Passar a vida sonhada
Por ideólogos suptis,
Mas nunca realizada,
Que não tinham teus ardis.

Dá-me essa doce demencia
Em que eu possa prescindir
Dos Deoses e da Sciencia
Sem ter magoas que lenir.

Conduz-me em vida, Patrono,
A' Terra de Valpurgis,
Aonde eu possa, d'um throno
Vêr Valkirias e as Huris.

E quando me sinta exhausto
De gozar, meu Satanaz,
Faz'—me novo como ao Fausto,
Faz' esse milagre, faz? !

FIRMO DE SARA

ARTES E ARTISTAS

CONCERTO CELESTE RAMOS

Na proxima segunda feira, ás 8 1/2 horas da noite, no salão nobre do Gymnasio Amazonense, a muito apreciada pianista Exm.ª Sr.ª D. Celeste Ramos realisa um interessante concerto.

A distincta pianista conta com o concurso de dous bons artistas da companhia lyrica, ora entre nós - a Sr.ª Boni e o Sr. Tritignan, de outros artistas e amadores desta capital e do maestro Elpidio Pereira, encarregado de organisar o programma dessa bella festa, que muito vai agradar á sociedade manauense.

BINOCULINO.

DE TODA A PARTE

Um incidente, bastante curioso, produziu-se no theatro de Chicago, durante uma representação da *Lucia de Lammermour*, diante de 2.500 espectadores.

Notou-se, num certo momento, uma espessa fumaça invadir a scena e logo um panico apoderou-se do publico, que começou por fugir o mais depressa.

Então, a *prima-dona*, senhorita Alice Nilsen, apparece ante a rampa, e com voz sonora, entoou o hymno americano. Os espectadores, mais tranquillos pela sua presença, se acalmaram: o fogo foi extincto com rapidez e o panico não teve as consequencias terriveis que era para temer. Desnecessario é dizer que a intelligente e corajosa cantora, recebeu, em seguida, uma immensa ovação.

⁂ O maxixe fez das suas na Hespanha, tendo sido causa de um grande *rôlo* no Circo Price, de Madrid. Uma joven bailarina, a senhorita Pepita Sevilla, extasiava-se com as ondulações da dança da moda, mas sem satisfazer o publico, que, descontente della, se poz a assobiar vigorosamente. Então, a Pepita, descontente por sua vez, virou-se para os espectadores e fez-lhes um gesto, que os jornaes qualificaram de indecente.

Os espectadores reclamaram em altas vozes desculpas, não só á dançarina como ao emprezario, e, nada obtendo, fizeram um angú dos diabos, berrando e quebrando tudo que encontravam—cadeiras, bancos, etc... até que entrou em scena a guarda para evacuar a sala.

Foi peior ainda. Os berros augmentaram, a guarda foi recebida a sôcos e o tumulto tornou-se indescriptivel. Foi preciso o reforço da policia para que somente ás 2 horas da manhã o Circo podesse ser evacuado.

Argumento da MIGNON

OPERA EM 3 ACTOS

Esta opera de Ambrosio Thomas, libreto de Michel Carré e Julio Barbier, será cantada hoje pela companhia Franco, em recita de assignatura.

Eis um resumo das principaes de suas scenas:

PRIMEIRO ACTO

Chegada de Mignon em companhia de uma *troupe* de ciganos. Mignon recusa-se a dançar a *dança dos ovos*, pelo que seu patrão enfurece-se, sendo detido na sua colera por Wilhelm Meister, que, condoido da pobre criança, compra-a ao miseravel.

Philine, que quer fazer Wilhelm amoroso d'ella, zomba-o pela sua nobre acção.

SEGUNDO ACTO

A scena passa-se no castello, onde os ciganos vão dar um espectaculo. Mignon, que já tem uma certa affeição ao seu salvador, sem que elle de nada desconfie, soffre muito com as faceirices de Philine, que já descobrio o seu amor e, por isto, a ridicularisa constantemente. Mignon no auge do desespero, vae afogar-se, quando o velho Lothario, muito a proposito, apparece e salva-a. Este velho, que tornou-se louco desde que lhe roubaram a filha, toda a sua affeição, procura por toda a parte a criança amada e consola-se com o seu alaúde, seu unico amigo.

Elle tem por Mignon, em quem vê uma infeliz, uma paternal piedade e uma cega affeição. Para vingal-a das zombarias de Philine, lança fogo na sala de espectaculos, todo o mundo foge, mas, quando Wilhelm sabe que Mignon refugiou-se na mesma sala, lança-se no meio das chamas e salva-a.

TERCEIRO ACTO

Na Italia, para onde Wilhelm levou Mignon, cuja affeição por elle já não lhe resta mais duvidas. O velho os seguio e todos tres habitam um velho castello abandonado ha 15 annos. Num momento de lucidez Lothario reconhece que o castello, em que estão, é a sua propria casa e Mignon não é outra que a sua querida filha, que lhe fôra roubada outr'ora.

E' quando, então, Mignon crê poder declarar a sua affeição por Wilhelm, que a ama tambem, sendo o fim de tudo a união nupcial dos dous.

A senhorita Pepita Sevilla, diz o *Menestrel*, donde extrahimos esta noticia, póde gabar-se de ter feito falar de si.

ZIT.

PUBLICAÇÕES

O *Centro de Publicações*, dos srs. Armindo Freitas, á avenida Eduardo Ribeiro, offereceu *A' Platéa* diversos numeros de revistas illustradas, do paiz e do extrangeiro, o que muito agradecemos.

No *Centro de Publicações*, que no genero é uma das melhores casas do Norte do Brasil, encontram-se sempre as ultimas novidades em jornaes e revistas.

ARCHIVISTA

Atravéz do theatro

Estão fazendo verdadeiro successo, no *Theatro Recreio* do Rio de Janeiro duas peças novas: *O dote*, de Arthur Azevedo, comedia que todos dizem ser a melhor peça do escriptor maranhense, e o episodio dramatico *Ultima noite* de João do Rio, que se revelou um dramaturgo de valôr, o que não era de esperar da sua recente revista *Chic-chic*...

⁂ A companhia dramatica Alves da Silva, que no mez findo trabalhou no *Theatro Amazonas*, tem agradado no Pará. As ultimas datas estava representando o hilariante *vaudeville A Lagartixa*.

⁂ Está fazendo successo no *Ambigu*, em Pariz, *La môme aux bijoux Jeux*, de Decourcelles, que é no theatro o substituto de D' Ennery, seu tio.

⁂ No theatro lyrico, do Rio, váe trabalhar brevemente uma grande companhia Lyrica, contractada pelo Sr. J. Cateysson.

⁂ Em Lisbôa, no S. Carlos, cantou-se o *Propheta*, de Meyerbeer, em que reappareceu na parte de Fides, a Sur.ª Parsi, antiga estrella do mundo lyrico. Fizeram-lhe uma grande ovação.

⁂ Em Paris: no *Odéon* representava-se *La Faute de l' Abbé Mouret*, peça em 4 actos e 11 quadros, com musica, extrahida do romance de Zola, por Alfredo Bruneau; no *Nouveautés*, *La Puce á l'oreille*, peça em 3 actos de Georges Feydeau, e que alcançou um triumpho; no *Variétés*, *La Revue du Centenaire*, revista em 3 actos de Gavanet, Flers e Héros.

⁂ D. Lourenço Perósi concluio uma nova peça, *Il santo*. Refere-se a vida e aos milagres de S. Antonio de Padua.

⁂ Em Monte-Carlo representou-se com um bello successo *Timbre d'argent*, de Sain-Saëns.

⁂ Cantou-se recentemente na Italia, com grande exito, *Il Guarany*, de Carlos Gomes.

⁂ Em Bruxellas, no *Alcasar*, foi applaudida uma nova derivação do *Faust*, de Goethe: trata-se de *La desespérance de Faust*, poema do senador Picard, musica de Carlos Milaut.

W. W.

Uma boa ideia

Amanhã a companhia lyrica representará, pela terceira vez, o *Fausto*, de Gounod, em recita popular.

Os principaes personagens serão interpretados por outros artistas que não os da 1.ª e 2.ª representação, como sejam:

Fausto........	*Sr. Henrie*
Mephistofeles....	« *Darnaud*
Valentin.......	« *Trintignan*
Margarida......	*S.ra Mendés de Leon*
Siebel.........	« *Moska*

Será interessante o comparar-se a interpretação primeira com esta de amanhã.

Com a sua louvavel ideia, o maestro Franco não só mostra o grande elemento de que dispõe a sua *troupe*, a ponto de poder dar uma opera, como é o *Fausto* de Gounod, com duas interpretações completamente differentes.

O maestro Franco, com muita razão, entende que o principal fim de uma companhia lyrica é instruir deleitando, e é o que elle, por iniciativa propria, deseja facilitar com espectaculos como vae ser o de amanhã.

Bella ideia esta que desejamos não fique em uma só realisação, sendo preciso para isto que o publico tambem auxilie o nosso esforçado emprezario lyrico.

E.

Aqui, ali, acolá

Deve ser inaugurado em maio proximo o Cassino Julieta, elegante theatrinho situado á praça da Constituição. A receita de inauguração, cujo producto reverterá em beneficio da Santa Casa de Misericordia e da Beneficente Portugueza, será realizada pelo grupo do actor Pestana.

⁂ A celebre actriz Tina di Lorenzo, que o publico fluminense já teve occasião de ver representar, esteve o mez passado em Lisboa onde deu seis espectaculos no theatro D. Amelia, obtendo um verdadeiro triumpho. Estreiu-se na *Magda* representando em seguida, *La Rafale, Maternitá, Dama das Camelias*.

⁂ Um *habituée* do nosso theatro está traduzindo do francez a celebre peça de Alfred Capus *L'Atentat*, que deve ser representada por uma companhia que no proximo anno visitará esta capital.

⁂ A actriz Amelia Lopicollo, que a platéa de Manáos já teve occasião de applaudir na companhia Thomaz del Negro, fez a sua festa artistica no theatro Avenida, em Lisboa, com a operetta *Fanfan La Tulipe*. Amelia Lopicollo que é ha annos a *étoile* da companhia José Ricardo, tem no *Fanfan* um dos seus melhores trabalhos. Brevemente a companhia José Ricardo virá a Manáos, e o publico terá mais uma vez ensejo de avaliar o merito de Lopicollo, no seu repertorio em que se destacam a revista Favas Contadas, e as operetas Flor de tojo, Mura dos Estudantes, Fan-fan, La Tulipe, Que noute de Nupcias!, O homem das mangas, Testamento da velha, e outras.

LUIZ OCTAVIO.

Na quinta-feira, quando foi representada *A Favorita*, fizemos distribuir um supplemento, com o resumo dessa opera.

Caixa d'A PLATEA

ELEGANTE—O sr. se diz elegante e nos faz uma consulta destas? Pois vá de casaca, amigo, ou *toilette* parecida. No primeiro caso, gravata branca e luvas, *idem*.

N. N. Vestido claro, para theatro. Sim, da mesma côr.

FRANCESINHA—Por ora, a Dêmure. Depois... veremos.

JULIO B. N'*A Platéa* encontrará tudo o que deseja. Quanto ao resto, acredite que o maestro Franco envida esforços para fazer representar a opera a que se refere.

REPORTER.

ANNO UNICO NUMERO 3

A PLATÉA

Apparece ás terças e sabbados

MANÁOS, Terça-feira
16 de Abril de 1907

A eterna questão

A eterna questão, em materia de theatro, é o chapéo. Não o chapéo alto e luzidio, o de palha, o Chile. Apenas este outro que tem sido assumpto de milhares de chronicas, artigos, anecdotas e não sabemos se de livros: o de senhoras. O thema é melindroso e, se não houver habilidade, a gente incorre no desagrado de *mesdames*, o que é sempre e sempre uma coisa torturante.

A Platéa refere-se as senhoras que vão de chapéos para a platéa. Bem sabemos que ellas são em numero resumido... e que essas usam apenas uns chapéos ligeiros, pequenos, insignificantes no tamanho. Mas, mesmo assim, os homens ficam indignados, e, os máos, se queixam! Queixam-se de não vêr, de dôres no pescoço que fica transformado em moto-continuo, e de serem obrigados durante longas quatro horas a ter a vista pregada n'uma pluma rubra ou num periquito verde!

Ha Theatros na Europa e na America do Norte onde as mulheres não podem ir de chapéos para a platéa. Aqui não precisa uma lei, ou uma ordem administrativa. As senhoras são, como todas, bem educadas, têm bom coração e não guardam ódio ao homem: *A Platéa* aposta que, de hoje em deante, nenhuma irá para as cadeiras com esse adorno desnecessario. E, depois, na sala de theatros, as mulheres ficam muito mais bonitas em cabello, penteadas á ultima moda parisiense, seja á Desfossé, Jourliac, Deroux, Felix ou Lewis.

E, minhas senhoras, como o extrangeiro está em moda, fazemos ponto com a sediça frase:

— *Honni soit qui mal y pense...*

NOTAS

Temos recebido do nosso mundo elegante muitos parabens pela chronica de *toilettes* da nossa distincta collaboradora Srx.

Transmittimos a digna senhora esses merecidos cumprimentos.

*** No sabbado é provavel que seja representada uma opera desconhecida da platéa amazonense.

Continúa a ser ensaiada a *Bohème*, de Puccini.

*** No seu primeiro numero *A Platéa* publicou o enredo da *Carmen*, que vae hoje á scena, em 7.ª recita de assignatura.

E' curioso lembrar que o anno passado, trigesimo da morte de Bizet, as composições deste autor cairam no publico dominio. O director da opera de Berlim fez representar *Carmen* sem pagar os direitos a Paulo Choudens, editor da peça, o qual protestou, declarando que *Carmen* sendo obra de Bizet, Meilhaic e Halévy este ultimo devia receber os direitos de autor.

Teve logar, então, uma demanda, em principios de fevereiro, no fôro de Berlim.

O director sustentava que a lei não protegia sinão a musica e o seu compositor, e não o libretista: tanto que para a representação de qualquer obra musical é necessaria unicamente a autorização do compositor. O advogado do editor respondeu que na *Carmen* não se podia separar a musica do texto, havendo conformidade de vista entre musico e libretista. O tribunal deu razão ao director tudesco, e decidiu nada deverem ao editor francez os emprezarios que quizerem dahi em diante levar á scena a obra prima de Bizet. Choudens appellou. Aguardamos a decisão final, diz o *Correio da Manhã*, do Rio.

Fará hoje o papel de *Carmen* a sr.ª Moska.

No primeiro numero da *Platéa* publicamos o enredo desta opera. O leitor encontrará a venda esse numero na bilheteria do Theatro.

*** Um conhecido frequentador de theatro, lembra-nos a idéa de abrirmos em nossas columnas um questionario para se saber ao certo qual o genero theatral de mais agrado da platéa amazonense.

A pergunta é: — Em theatro o que prefere? O genero lyrico, dramatico, a operetta, a comedia, a opera buffa, etc?

As respostas devem ser enviadas para o nosso jornal, dando o «porquê» da preferencia, no mais resumido numero de palavras possivel.

Desejavamos tambem registrar as opiniões das senhoras e senhoritas frequentadoras do theatro.

*** Nos corredores do *Theatro Amazonas* ouve-se com frequencia queixas por ficar quasi no escuro a grande sala, durante os espectaculos.

Em alguns theatros da Europa, aliás poucos, usa-se tal systema, mais por economia do que para sobresahir a scena.

Informam-nos que a resolução não é do illustre director daquella casa.

Parece-nos rasoavel a reclamação. Não é justo que as *toilettes* caras e de grande gosto, as joias preciosas, etc., fiquem quasi ás escuras...

A scena sobresáhe da mesma maneira, e tanto assim que esse systema em Manáos, é recente. O resultado é ficar a sala, durante os actos, numa grande tristeza, como se a gente estivesse ali num ultimo movimento de piedade para com um ente querido...

Illuminem á farta a grande sala, até morrer de amor, no quarto acto, o pobre tenor. E todos ficarão satisfeitos.

*** Por falta de espaço addiamos diversas das nossas secções, inclusivè a *Instantaneos*, versos humoristicos, etc.

*** Falleceu quasi que repentinamente o 1.º tenor lyrico da companhia franceza de operas, mr. Benevadi.

Chegou a trabalhar no *Theatro Amazonas* nas operas *Os Dragões de Villars* e *Filha do Regimento*, com agrado da platéa.

Era um bom artista, e a sua morte foi muito sentida entre os seus companheiros.

*** Por nos ter chegado muito tarde ás mãos, não podemos publicar hoje a secção *A Sala*, do que pedimos desculpa a nossa gentil collaboradora.

Lyrio

Altiva e bella, e nobre, e sobranceira...
Tenho seguido sua vida inteira,
Como quem segue o fio de uma historia.
Talvez seja esse lyrio
O meu grande martyrio,
Ou talvez minha gloria!

PAULO

EXPEDIENTE

Numero avulso..................... 200 réis

∴

A correspondencia deve ser enviada para a rua Municipal n.º 53, officinas da Imprensa Official.

∴

A PLATÉA vende-se:

No *Barbeiro Elegante*, á rua Municipal.
—No *Centro de Publicações*, á avenida Eduardo Ribeiro.
—Na *Agencia Freitas*, á rua da Installação.
—No bilheteiro do *Theatro Amazonas.*

Trecho de historia antiga

Pois que *A Platéa* foi criada para exclusivamente tratar de assumptos theatraes, seja permittido a um velho amador impenitente d'esse genero de diversão, exhumar do fundo da sua memoria umas tantas cousas que alli jaziam ha bom par de annos, e que, a despeito de sua apparente insignificancia, nem por isso deixarão de servir como subsidio para a historia do theatro lyrico no Amazonas.

Em 1885, quando os azares da sorte trouxeram o auctor d'estas linhas para esta moderna Chanaan, a unica casa de espectaculos de Manaus funccionava no terreno então pertencente á Sociedade Beneficente Portugueza, e actualmente occupado pelo Paço Episcopal, n'um antigo barracão levantado por aquella associação para os leilões em beneficio do seu hospital em construcção, e ao qual, pela forma circular de seu telhado, e pelo esteio que o sustentava no centro, o publico dava o nome tão typico quanto pittoresco de *Chapeu de Sol.*

Ahi, a população ainda reduzida d'aquelle tempo, ia de vez em quando desopilar o figado dilatado pelas ardentias do clima tropical com as pilherias do Passos, estarrecer de horror á voz trovejante do Braga, o mais pavoroso Lusbel dos *Milagres de Santo Antonio* que jamais se viu em palcos brazileiros, ou soluçar de commoção ante as tiradas sentimentaes do Penante, contrascenando com a Helena Balsemão, encarnando a *Morgadinha de Valflôr* no seu alentado physico de quarentona obesa.

Creio mesmo que esse modesto templo da Arte, coberto de telhas pôdres e minado de cupins, teve a honra insigne de abrigar novo carro de Thespia, artistas do valor de Manoela Lucci, uma das mais illustres actrizes d'entre as poucas que temos possuido, e de Xisto Bahia, por ventura o actor nacional mais completo, como o mais complexo, do nosso paiz, e capaz de conquistar um nome glorioso em qualquer scena extrangeira onde lhe fosse dado exercitar o seu grande talento.

Um dia porém, os frequentadores do *Chapeu de Sol* libaram o prazer de uma sensação nova, que os arrancava aos costumados espectaculos de farças e dramalhões: um pequeno grupo composto da cantora buffa italiana Adelia Naghel, de um contralto cujo nome me escapa agora, e do barytono Dominici, a servir-lhe audições de cançonetas humoristicas, de mistura com trechos de operas; e se tiverem grande curiosidade de saber quem era que fazia elle só o papel de uma orchestra inteira, acompanhando-os ao piano, perguntem ao maestro Franco.

Lembra-me que n'um dos intervallos do espectaculo de estréa d'esse grupo, um amigo, extasiando se em minha presença sobre o merito dos artistas, declarara, com singela sinceridade, achal-os excellentes, pela simples razão de que era a primeira vez que via *o lyrico.*

Mal sabia elle que estava testemunhando o lançamento da primeira pedra de um edificio, que mais tarde seria monumento condigno dos demais factores da civilisação n'esta futurosa terra.

Tal gosto provocou entre nós essa ligeira amostra no genero, que apenas o barracão da Beneficente passou a gosar de uma merecida aposentadoria, substituido pelo Eden-Theatro, que a empreza Couto & Lucas levantou ao lado do Hotel do Commercio, hoje transformado em El-Dorado com as decorações pintadas por Arturo Luciani as duas musas no arco do proscenio e o panno de bôca representando a humanidade em marcha para o Progresso,—tratou-se logo de fazer vir uma companhia lyrica *de verdade*, com todos os *ff* e *rr*, posto que n'aquelles dous vocabulos não se encontre um unico *f*, e um *r* só seja mais que bastante.

Custou isso a cada um dos seus accionistas o capital que subscreveu, absorvido pelo *deficit;* mas como mais vale um goste que quatro vintens, satisfizeram-se com a idéa de terem concorrido para plantar mais um marco miliario na estrada do nosso desenvolvimento.

D'ahi para cá, as companhias que se têm succedido vão sempre a melhor.

Por dous motivos deixo de passal-as em revista: primeiro porque as dimensões limitadas d'este galante jornalzinho não admittem estopadas demasiado longas, segundo porque seria entrar no periodo contemporaneo, que todos conhecem.

Sem duvida os jovens leitores d'*A Platéa*, ao tomarem conhecimento d'este trecho de historia antiga e do pouco conforto theatral disfructado por seus páis, não se poderão furtar a um leve sorriso de desdem; mas os veteranos da minha edade, esses sentirão commigo o doce contentamento de evocar velhas reminiscencias saudosas, a par de legitimo orgulho de avaliar n'um só golpe de vista, do pardieiro da praça General Osorio ao palacio do largo de S. Sebastião, do Chapeu de Sol ao Theatro Amazonas, das cançonetas da Naghel aos gorgeios de Mademoiselle Demours, quanto temos caminhado...

NEMO

Um patricio nosso, viajado no extrangeiro, e recentemente chegado a Manáos, censurava acremente a companhia do maestro J. Franco, na execução do *Fausto*, taxando-a até de indecente, por haver substituido a marcha dessa opera pela da *Aida*, de Verdi!

O'! da guarda!...

O que tem sido o theatro entre nós

I

Não se chamasse «A Platéa» este modesto jornal e não fosse elle criado tão somente para tratar de assumptos theatraes, com certêza que não nos dariamos absolutamente ao trabalho de fazêr um confronto entre a companhia que actualmente se exhibe no Theatro Amazonas e outras que nos têm visitado. Fazemos isto para realçar os meritos do maestro Joaquim Franco, tão mal apreciado, tão injustamente guerreado, quando deveria ser applaudido, considerado pelo publico em geral, demonstrando assim o seu reconhecimento aos ingentes sacrificios que têve de fazêr para enfrentar e vencêr um sem numero de obstaculos que se oppunham á organisação da sua *troupe*, obstaculos que inda continúa a encontrar a cada instante para honradamente dar cumprimento ao seu contracto.

Pôr transcripções de jornaes da Europa feitas pelo «Jornal do Commercio», pode-se facilmente avaliar das enormes difficuldades que o nosso illustre patricio têve que removêr á custa de inauditos esfórços para reunir os elementos que fórmam a actual companhia lyrica. Só este trabalho herculeo por si só absolve o maestro Franco de alguns senões que por ventura se encontre no conjuncto de seus artistas.

Quem escreve estas linhas não tem predilecções ou antipathias por este ou aquelle emprezario. O que unicamente deseja é que o theatro não seja monopolisado em mãos inhabeis e nada mais.

As companhias que mais difficuldades offerecem para ser mantidas, são incontestavelmente as lyricas. A's vézes por uma circumstancia toda fortuita vê-se o emprezario na contingencia de têr artistas e não dispôr de uma só opera para levar a scena. Accrescente-se a isso o facto de que á ninguem é permittido contar com a garganta alheia, tanto em Manaus como em qualquer outra parte do mundo. Dahi a necessidade de sermos indulgentes com tôdo artista, que quasi sempre, como entre nós acontece, é transportado de um clima para outro completamente diverso, de um meio artistico para outro radicalmente differente, sahindo do seio de um publico perfeitamente instruido em cousas de artes para exhibir-se ante um outro que em sua maioria não possue esse predicado. Essas circumstancias que a muita gente passam desapercebidas—são de uma importancia capital para a apreciação de uma companhia, para se poder aquilatar do merecimento de cada um de seus artistas.

As exigencias de umas tantas pessôas—que pelo facto de já terem estado no estrangeiro se julgam por isso habilitadas a julgar de tudo que diz respeito á musica—não levam em conta os motivos ácima indicados e as difficuldades de tôda ordem para organisar-se uma companhia regular.

Disso resulta sempre uma campanha contra o emprezario. Não trouxe um conjuncto de celebridades—como muitos desejavam e por isso condemnam-no de modo absoluto.

WAGNER.

Do *frou-frou:*

Elle—Aimez-vous la musique?

Lui—Ça dépend...Si vous avez l'intention de me faire chanter, je n'aime pas du tout la musique!...

A "CARMEN"

A *Carmen*, que váe hoje em *première* no *Theatro Amazonas*, é uma opera comica em 4 actos, extrahida da novella do mesmo nome de Prosper Mérimée por Henry Meilhac e Lodovic Halévy (da Academia Franceza), e musicada por Georges Biset.

No nosso primeiro numero in-

serimos o libretto da bellissima opera, e hoje nos limitamos a publicar a respeito algumas notas ligeiras.

Foi representada no Theatro Nacional da Opera Comica a 3 de Março de 1875, sendo o papel de *Carmen* creação de Mme. Galli-Marié.

Toda a musica é brilhante, viva, impetuosa.

Citar os trechos principaes desta opera, é quasi reproduzil-a toda. Mas, destacaremos, no 1.º acto,

Il y sera quand la garde montante remplacera la garde descendante

a adoravel canção espanhola, *habànera*:

Quand je vous aimerai, ma fois, je ne sais pas.
Peut être jamais, peut-être demain:
Mais pas aujourd' hui, c'est certain

L'amour est un oiseau rebelle
Que nue ne peut apprivoiser
Et c'est bien en vaim qu'on l'appelle
S'il lui convient de refuser.

....

L' amour est enfant de Boheme
Il n'a jamais connu de loi
Si tu ne m'aimes pas, je t'aime
Si je t'aime, prends garde á toi!

o duetto de Micaëla e de D. José:

Parle-moi de ma mère

No 2.º acto, a canção bohemia:

Les tingles des sistres tintaient
Avec un éclat métallique, etc

o bonito côro:

Vivat! vivat le torero!
Vivat! vivat Escamillo!

o duetto de *Carmen* e *D. José*:

Non, tu ne m'aimes pas, nennear si tu m'aimais
Là bas, lá-bas, tu me suivrais.

o allegretto de *Carmen*:

Bel officier

No 3.º acto, o côro:

Sans souci du soldat;

o trio das cartas; a aria de Micaëla:

Je vais voir de prés cette femme
Dont les artifices maudits, etc.

e a phrase final

Je te tiens, fille damnée!

No 4.º acto, finalmente, o duetto:

Mais moi, Carmen, je t'aime encore;
Carmen, Carmen, moi je t'adore

e a ultima phrase:

O' ma Carmen! ma Carmen adorée!

Parece-nos que vamos ter, na *serata* de hoje, uma bella *Carmen*, que é uma das operas mais justamente queridas da nossa platéa.

Ib.

ARTES E ARTISTAS

Concerto Celeste Ramos

Correu muito animado o concerto que a Exm.ª Sr.ª D. Celeste Ramos realisou, hontem, no salão nobre do Gymnasio Amazonense.

O programma, muito leve e variado, agradou muito e pena é que, para ouvil-o, a assistencia, devido ao máo tempo de hontem, não tenha sido das maiores, como era de esperar da sociedade manauense, onde a joven e talentosa pianista é tão estimada e admirada.

Comtudo, os applausos eram grandes e continuos, sendo todo o programma executado á risca, exceptuando o 2.º numero da segunda parte que, por impedimento do conhecido flautista Sobreira Lima, foi substituido pelo distincto maestro Elpidio Pereira que executou ao violino uma mimosa *Berceuse*, de Francisco Braga.

A D. Celeste Ramos, apesar do piano ser bastante duro, na primeira parte deu ao estudo *En songe*, de Godard, uma execução nitida e bem rythmada, assim como á bella pagina de musica que é o *Gazouillement du printemps* de Sinding, uma sonoridade sempre justa e igual, e que muito agradou ao auditorio, que não lhe regateou os applausos de que se fez merecedora, recebendo, nessa occasião, de uma gentil senhorita um bonito *bouquet* de flores.

Na segunda parte executou, tambem com o mesmo talento, e com muita graça, a celebre valsa Ap. 64 n. 2 de Chopin e a *Dança polaca* de Scharwenka, sendo como da primeira vez, muito applaudida.

As senhoritas Marina e Honorina Amora, duas jovens de talento e de um já notavel adiantamento no estudo do piano, executaram a 4 mãos, com a gentil concertista, a *ouverture Mar calmo e feliz viagem*, de Mendelssohn e a *Valsa brilhante* de Lysberg, respectivamente, sendo muito apreciadas.

Os distinctos artistas da companhia lyrica, M.me Boni e o sr. Tritignan foram muito applaudidos, pois cantaram esplendidamente, tendo M.me Boni recebido um bello *bouquet* de flores naturaes.

Acompanhou-os ao piano o apreciado maestro Cornetto.

Completou o programma o incançavel maestro Elpidio Pereira ao violino, acompanhado ao piano pela festejada concertista, a quem saudamos com enthuziasmo e felicitamos pelo fino gosto com que organisou o seu concerto, um dos mais interessantes que temos assistido.

W. W.

CHRONICA THEATRAL

MIGNON

Foi um dos bons espectaculos da empreza Franco a representação da popular opera de Ambrosio Thomas.

A personagem de Mignon, encontrou na sr.ª Moska uma intelligente e consciencioza interpretação, que muito agradou a todos. Cada vez que esta distincta artista apparece em scena, mais sympathias vae tendo na nossa platéa, o que prova o valor dos seus trabalhos, e ainda mais, quando é certo que, das trez operas em que ella tem tomado parte, ainda nenhuma é do seu repertorio, quasi sempre chamada á ultima hora para salvar uma situação difficil.

Asseveraram-nos que foi a primeira vez que a sr.ª Moska interpretou a parte de Mignon, e isto é mais uma razão para que a talentosa artista ainda mais admirada seja.

O papel de Philini encontrou tambem, na sr.ª Mendés de León, uma boa interpretação, si bem que, em certas passagens, na polaca, por exemplo, a sua voz, apezar de perfeito soprano-ligeiro e de timbre agradabilissimo, não tenha a devida extensão.

Estreou no papel de Wilhelm Meister, o sr. Henric, que, como a sr.ª Moska, não estava preparado para elle, e, somente na vespera á noute, recebeu o pedido da empreza para tomar parte na representação da *Mignon*, opera que não é absolutamente do seu repertorio. Foi um verdadeiro sacrificio que o sr. Henric fez e pena é que o publico ignorasse por completo essa situação. O distincto artista, que é tambem um cavalheiro de fino trato, tem uma bonita voz de tenor lyrico, bem cultivada, e a sua educação artistica é a mais completa.

Não teve, porém, como os seus collegas, o ensejo de apresentar-se ao publico de Manaus numa opera do seu repertorio, bem senhor do seu papel e livre de emoções que nem sempre se póde evitar e que tanto prejudica a necessaria presença de espirito de um artista.

Não importa; assim como tivemos razão predizendo para a sr.ª Moska, que teve identica estréa, momentos mais felizes, em que ella se visse mais comprehendida do nosso publico, como aconteceu nesta mesma representação, que foi a estréa do sr. Henric, auguramos ao sympathico artista, verdadeiros triumphos em outras operas, como uma recompensa ás fatalidades de que foi alvo na primeira vez que se nos apresentou.

Todos os mais artistas sahiram-se perfeitamente, e é somente por absoluta falta de tempo que não nos occupamos mais minuciosamente de cada um delles.

*
* *

FAUSTO

Diante de uma bem pequena concorrencia (um domingo e uma opera tão apreciada e tão bem representada!!) a empreza Franco deu-nos uma terceira representação da opera de Guonod. Apesar de ser uma terceira representação, havia uma grande novidade, que era a interpretração dos papeis de *Margarida* e *Mephistofeles* por novos artistas — Sr.ª Mendés de Léon e o Sr. Darnaud.

Si applaudimos a Sr.ª Demours e o Sr. Vanent com enthuziasmo, nesses mesmos papeis, o fazemos da mesma maneira á Sr.ª Mendés de Léon e ao Sr. Darnaud, pois nada deixaram a desejar, e a prova é que o publico pensou como nós, applaudindo-os com o mesmo calor das noutes precedentes.

O Sr. Hughes, no papel de *Fausto* e o Sr. Valdor, no de *Valentin*, sahiram-se como sempre correctos do comeco ao fim, e sempre muito apreciados de nosso publico São, como se diz vulgarmente, *páos para toda obra*, e sempre fazendo jús aos maiores applausos.

A Sr.ª Durand, no papel de *Martha* e a Sr.ª Botti, no de *Siebel*, sahiram-se perfeitamente.

As apreciadas bailarinas Ory e Noriae, mais ainda de qualquer das outras vezes, foram muito applaudidas.

A orchestra teve boa execução, sob a batuta do maestro Boni.

Um bello espectaculo, emfim, este de domingo ultimo, e que, quando não fosse mesmo

pela bella musica de Gounod, ao menos pelo interesse que devia despertar no nosso publico o confronto de dous artistas tão applaudidos na mesma opera, em noites precedentes, era dous outros tambem do mesmo valor artistico, era o sufficiente para que tivesse, ao menos, a mesma concorrencia da primeira representação da opera de Gounod. Mas, qual!...

ELPIS.

Havia um certo critico que se dizia muito entendido em assumptos musicaes e theatraes.

Esse grande Sarcey, criticando dumafeita *A Força do Destino*, disera que a orchestra andara mal no *Ra-tan-plan*!

Como sabem os leitores, o *Ra-tan-plan* é um córo a secco!

E *isto* é um critico!...

MARIA

(Traducção)

Ella perguntou-me sorrindo:

Se não me chamasse Maria, que nome gostarias que eu tivesse?

—Só um nome te convém; o teu, porque sendo teu... é, por certo, o mais formoso!...

Meu Deus! Que madrigal tão velho! Estou a fallar-te sériamente, não faças versos da velha escolla!

Suppõe que não sabes como eu me chamo. Como te arranjarias tu para achares um nome digno de mim e que ao mesmo tempo te agradasse?

—Facilmente, respondi eu, das cinco coisas bellas do mundo tomaria uma lettra, e combinando-as, formaria o teu nome.

—E quaes são, meu amigo, essas cinco coisas?

Conta pelos dedos:

O mar...

—Porque?

—Porque é tão magestoso e tão docemente traidor como o raio dos teus olhos divinos!

—E depois?

A aurora.

—Porque?

—Porque é tão rosada e tão graciosa como o sorriso dos teus labios.

—Depois?

—A rosa.

Porque?

Porque é a expressão de tua bocca.

—Continúa...

—Segue o mez de Abril.

Porque razão?

Porque é tão perfumado como as rendas finissimas que envolvem o teu seio de arminho e os teus braços de jaspe.

—E por ultimo?

—Aquecna, que é branca como essas espaduas alabastrinas e as tuas pequeninas mãos de neve que eu quizera calçar de beijos!

—Ah! Estás hoje dum lyrismo a toda a prova! Vamos a vêr:—de cada uma dessas coisas tomarás...

—Uma lettra: M do mar, A da aurora, R da rosa, I do mez de Abril e A da aquecna.

Ella soltou uma gargalhada.

—Mas, exclamou por fim, ao não me enganão com essas lettras formarás o meu proprio nome, Maria!

—Não! Enganas-te: porque o teu nome adorado é o unico digno de ti... e se não perguntá-o ao mar, á aurora, ás rosas, ao mez de abril e ás aquecnas!...

CATULLE MENDÈS

De *Iron*:

—O senhor vae muito á opera?

—Eu nunca, minha senhora.

—Parece-me ouvir sua esposa dizer que o senhor era apaixonado pelas ápreduções italianas!?

E' exacto, minha senhora. Sou doido pelo macarrão...

DE TODA A PARTE

Traduzimos do *Il Mundo artistico*:

«Não podemos verificar a exactidão da noticia, dada por alguns jornaes e segundo a qual o tenor Antonio Arambuiso, que no passado gastou milhões, e que creou, entre outras numerosas obras, o *Guarany* de Gomes, acha-se neste momento em um hospital de Milão, reduzido á mais extrema miseria e num estado de cando quasi desesperador. O facto é deplorabilissimo entretendor, si se pensa que Arambuiso tem uma filha que vive na opulencia e que é ligada a uma das mais ricas familias da Italia».

***

Reproduzimos do *Menestrel*, de Paris, para os leitores da *Platéa*:

Um Sr. Hermann Ritter acaba de imaginar, na Allemanha, um violino a cinco cordas, que, por esta razão, elle chama *Gliapatite*, (encontrou) e que, segundo elle, deve facilitar o estudo do instrumento e tornal-o accessivel a aquelles que, tendo mesmo o sentimento musical, não têm a devida destreza de mãos indispensavel para bem tocar o violino a quatro cordas.

Eis uma invenção que não passará da imaginação do seu autor, si com a corda já o violino é o mais difficil dos instrumentos, o que não será elle com mais uma corda, que deve ser, segundo o Sr. Ritter, a 4ª corda do *alto*.

Um *habitué*, com fóros de elegante, criticava uma vez na primeira do *Guarany*, no *foyer do Theatro Americano*, a execução da opera de Carlos Gomes, notando e censurando a nuscuia... da onça!

Seja tudo pelo amôr de Deus!

Aqui, ali, acolá

Lê-se no *Talking Machine World*, de New-York: «E' um facto curioso que as mais bellas vozes não são as que dão melhores registrações phonographicas. Regularmente as vozes de baixo e de contralto fazem mais effeito que as de tenor e de soprano.

Ha todavia uma excepção. Caruso (será mau reclame para elle?).

Não ha registração de um effeito mais real que a da voz de Caruso; parece na verdade que se o ouve em carne e osso».

***

Foi um grande successo em Lisboa, no 8. Carlos, a opera em 3 actos de João Marcellino Arroyo, *Amor de Perdição*, libretto italiano tirado do romance de Camillo Castello Branco por Francisco Braga. Foi interpretada pelas.mes Gagliardi, Torreta e Leonardi, os tenores Rusitano e Fassini e o barytono Ramini, que já esteve em Manáos trazido pelo maestro Joaquim Franco.

***

Continuava a fazer successo na Opera, de Paris, *Ariane*, de Massenet e Catulle Mendès.

***

Na Opera Comique, em Paris, estava em ensaios *Circé*, dos irmãos Hillemacher. A 28 de Março ultimo devia ser representada *Marie-Magdeleine* de Massenet, interpretada por mme Calvé.

LUIZ OCTAVIO.

Caixa d'A PLATEA

MARIA Z.—A nossa chronista agradece. Reconhecte, como diz V. Exc.ª, era uma falta sensivel num meio elegante como o nosso.

FAUST.—Porque, no salão nobre, se tira o chapéo? Porque é ordem, meu amigo, e o Snr. não tem razão em queixar do empregado. Si, nos Theatros que cita, o uso é outro, tambem devemos observar que um homem educado, num salão onde as senhoras, deve ser conservar de chapéo na mão. Emfim...

PERÚ DE SMOKING. A sua carta chegou tarde; conversaremos no outro numero.

ARTHUR A. O tenor que falleceu chamou-se Roncvaly e nasceu em Paris em 1870, estreando para o Theatro em 1892. Esteve em Lion como tenor de opera buffa, cantando depois em Reims, Boulogne, Nice, Paris e em outros theatros. Estava, antes de vir para Manáos, trabalhando em Gand.

REPORTER.

MANAUS
PÓS-BORRACHA

Terminado o sonho da borracha, muitos dos que haviam chegado atraídos por ele, permaneceram, uns no interior – o que foi fundamental para a ocupação e manutenção desse espaço como brasileiro; outros, na capital, contribuindo para a formação e a identidade da sociedade local, bem como para a permanência de Manaus como posto avançado do Brasil e pólo difusor de desenvolvimento da Amazônia Ocidental. Alguns se firmaram como lideranças política, empresarial, intelectual. Ainda hoje encontramos descendentes desses pioneiros, em Manaus, no Amazonas, na Amazônia, continuando a escrever a história iniciada por seus antepassados – tão pouco pesquisada, quase desconhecida -, que se mescla com a antes escrita pelas populações indígenas, esta pulverizada pelos invasores e quase toda perdida no tempo.

Por anos, a falta de apelo sócioeconômico-cultural no interior fez surgir e se intensificar a migração rumo à capital, pressionando o espaço urbano, criando um enorme déficit habitacional, causa do surgimento de habitações às margens dos igarapés e do Rio Negro, da Cidade Flutuante, que no início dos anos 60 ocupava a frente de Manaus, causando sérios problemas de saneamento e saúde pública, o que levou o Governo Reis a extingui-la, instalando os moradores à custa do Estado, enquanto aguardavam a conclusão do Conjunto Habitacional da Raiz, construído pelo governo estadual para alojá-los,

mediante projeto do Escritório Anthony & Pereira da Cunha Arquitetos Associados, do Rio de Janeiro.

Paralelamente a esse movimento interior-cidade, a falta de maiores oportunidades de estudo e trabalho, na capital, estimularam a saída de considerável número de pessoas, a maioria jovens das classes mais abastadas, principalmente rumo ao Sul-Sudeste brasileiros.

Foi quando tudo quase parou. A Amazônia, o Amazonas, a partir de 1920 e por muito tempo, ficaram meio esquecidos, quase completamente abandonados pelo poder central e sem meios próprios para renascer e voltar a crescer. Foi a época do *já teve*.

Os dados sobre o crescimento populacional de Manaus pós-borracha são bastante ilustrativos:

Ano	Número de Habitantes
1920	76.704[39]
1940	106.309[40]
1950	139.620
1960	175.343

O Amazonas sofreu mais e por maior tempo do que o Pará – falando de seus dois principais Estados – que teve, sob Juscelino Kubtischeck, o grande impulso trazido pela Belém–Brasília, ampliado pela ação ilegal do contrabando.

Sem dúvida nenhuma, o Pará e sua capital, Belém, já tinham sedimentado a posição de liderança na região amazônica. A história já indicava essa primazia regional: capital da Província do Maranhão e Grão-Pará e, posteriormente, do Grão–Pará e Rio Negro, Belém apresentava uma economia mais dinâmica e organizada e uma população maior, uma elite mais intelectualizada, sofisticada, e era sede dos principais órgãos federais na região, o que lhe garantia o lugar de principal pólo das decisões regionais.

39 Fim do Ciclo da Borracha

40 Êxodo interior – cidade

Frente da Cidade de Manaus. Fonte: http://biblioteca.ibge.gov.br

Aproveito esse hiato para dar meu depoimento sobre os primeiros contatos com a cidade, seu povo, seus costumes, o fluir da vida em 1965, que considero o ano do renascimento de Manaus e fortalecimento do Amazonas como Unidade Federativa, fato que teve na criação da Zona Franca de Manaus e instalação de sua Superintendência, no final de fevereiro de 1967, o indicador preciso de um futuro com desenvolvimento.

O breve relato de Luiz Maximino de Miranda Corrêa, que acompanhou os trâmites iniciais e nos conta como surgiu e se materializou a idéia da Zona Franca, é da maior importância, pois que verdadeiro, eliminando dúvidas quanto a esse sucesso histórico.

E ASSIM SURGIU A ZONA FRANCA DE MANAUS

O economista amazonense ARTHUR AMORIM, que viveu nos Estados Unidos, onde conheceu e fez amizade com o Embaixador Roberto Campos, tinha idéia de como vencer o isolamento de Manaus, dando à capital de seu Estado natal uma nova destinação no contexto da economia brasileira. Planejava a instalação de uma Zona Franca envolvendo a importação de

bens industrializados para consumo local, livre de impostos, possibilitando a transferência de contingentes populacionais de outras unidades da Federação e mesmo do exterior e, numa segunda etapa, a construção de um Distrito Industrial. Não ignorava o fracasso de uma tentativa anterior de criar um porto livre.

No exercício da Presidência da República, o Marechal Castelo Branco nomeou o Embaixador Roberto Campos para o Ministério do Planejamento e este, juntamente com Arthur Amorim, propuseram ao Presidente a criação e instalação da Zona Franca.

O Presidente submeteu o assunto à aprovação do Governador do Amazonas, professor Arthur Cezar Ferreira Reis, que a aprovou e contribuiu para a materialização da idéia, o que ocorreu um mês após o término de sua administração."

O PRIMEIRO OLHAR

Desde a chegada em agosto de 1964, até a volta em fevereiro de 1967, nosso dia-a-dia – eu, César e nossos filhos Luiz Antônio e Ítalo – foi de muito trabalho, algumas diversões e agradáveis surpresas, com a cidade, sua gente, seus costumes.

Manaus era muito pequena, mas limpa, tranqüila, amigável; seu povo gentil, solidário, confiante, o que encantava e até espantava, já que comportamentos em desuso nos médios e grandes centros.

Tudo era novidade e surpresa. A cidade em si, seu urbanismo, sua arquitetura, os igarapés, penetrando o espaço urbano e o tornando sensualmente diferente, ao juntar suas curvas às subidas e descidas das ruas; as casas de madeira e coloridas, à beira d'água, mostra importante da arquitetura popular; o ritmo das pessoas – a calma, a humanidade, a gentileza, a cumplicidade, a bondade; e – traço do índio – a alegria, o rir, o dar, o se doar. Interessante era, também, a predominância do tipo caboclo, amazônico, marcando novamente a forte herança indígena: os cabelos negros, azeviche, lisos, fartos, brilhosos, ah! que cabelos!..., a cor da pele, e os olhos rasgados. Havia bem presente a sensualidade das mulheres ao se mostrarem, uma forma meio ingênua de se exibir.

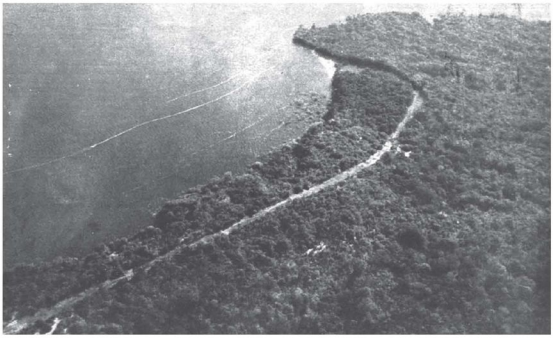
Manaus, como quase todas as cidades amazônicas, surgiu e se estabeleceu à beira-rio, cresceu e se desenvolveu rumo à floresta, sempre cortada por muitas águas, os igarapés, que marcavam a diferença da sua paisagem e a condição de sua civilização – a civilização fluvial.

Olhando Manaus, a partir da baía do Rio Negro, via-se um desenho interessante: uma área central, mais baixa, que cresceu rumo ao interior, cortada por igarapés, com suas pontes, separada pela foz dos igarapés de São Vicente e dos Educandos, de extensões laterais de terras altas, com belas praias e casario de palafitas coloridas, com a floresta ao fundo.

Essas áreas acompanhavam o rio, uma subindo em direção aos bairros de Glória, de Santo Antônio e de São Raimundo, com a praia da Ponta Negra e a foz do rio Tarumã bem adiante; a outra, seguia para o *encontro das águas*, passando pelos Educandos (o *bairro dos cearenses*) e pelo porto secundário da PANAIR (que pronunciam – todos – PA–NA–IR), até alcançar Lajes – um promontório, onde havia instalado o Colégio Agrícola e, abaixo, uma praia belíssima com sua piscina de pedra[41] – presente da natureza convidava a nadar, mergulhar e até pescar, na época da *piracema*[42].

41 Destruída em época não definida, talvez para ser transformada em material de construção.

42 Época das desovas e, infelizmente, das grandes pescarias.



Estrada da Ponta Negra – o caminho para a mais bela praia de Manaus (vista aérea). Fonte: Revista Arquitetura. Dez.1965. Edição: IAB.

A área central surgia a partir do *roadway* do rio Negro, envolvia o espaço da Manaus inicial, com a Ilha e o Igarapé de São Vicente, e crescia ladeada pelos já citados igarapés. Era um misto de área histórica, institucional, empresarial, comercial, de serviços, lazer e residencial.

Seu espaço principal era definido, lateralmente, pelas praças XV de Novembro e Matriz, de um lado, e a Av. Joaquim Nabuco, de outro, com a Av. 7 de Setembro como limite interior, rompido pelo prolongamento da Av. Eduardo Ribeiro, que nasce no Porto e segue até a Praça do Congresso, a rua Barroso e a Av. Getúlio Vargas, continuação da rua Leovegildo Coelho. Ali temos, além dessas, as ruas Marechal Deodoro, Guilherme Moreira, Marcílio Dias, Dr. Moreira, Av. Floriano Peixoto, Quintino Bocaiúva, ruas Mundurucus, Barão de São Domingos, Barés, 5 de Setembro, Miranda Leão, dos Andradas, Beco do Comércio, Rocha dos Santos, Teodoreto Souto. E as praças Tenreiro Aranha, Adalberto Vale, dos Remédios, Heliodoro Balbi (da Polícia).

Era esse o espaço da maioria dos órgãos públicos, das mais importantes empresas, da rede bancária – bastante reduzida, praticamente toda a infra-estrutura de apoio: comércio, lazer, serviços,

saúde, educação, etc., uma eficiente infra-estrutura urbana vinda dos ingleses, uma boa representação da arquitetura e da vida cultural, com destaque para o Mulateiro, da Praça da Polícia, à sombra do qual surgiu e se reúne, desde 1954, o Clube da Madrugada, associação de intelectuais e artistas, os cinemas Guarani, Politheama e Odeón, o Hotel Amazonas e o recém–inaugurado Lord Hotel. Adjacente a esse espaço e após a Joaquim Nabuco, está localizada uma pequena área, mais residencial que de negócios, com as seguintes ruas: José Paranaguá, Lima Bacury, Isabel, Dr. Almino e Pedro Botelho.

O Mercado Adolfo Lisboa, o Porto e a Capitania dos Portos, a Praça e o Porto dos Remédios, e seus entornos, compunham um espaço importantíssimo para a economia da cidade, do estado, e eram pontos obrigatórios de todos os roteiros turísticos.

Havia ali, dia e noite, um movimento comercial intenso, abastecido por lojas, armazéns, empórios, a maioria de *turcos*, reforçando a posição dessa área como principal entreposto comercial para o interior e de seu porto – o dos Remédios – como o responsável pela quase totalidade do embarque e desembarque das rotas interioranas, estaduais e regionais, de cargas e passageiros.

A área entre a Av. 7 de setembro e Leonardo Malcher, limitada lateralmente pelas avenidas Joaquim Nabuco – que foi a dos *barões da borracha* – e Luís Antony, vinha quase que totalmente da época áurea da cidade. Possui uma boa infra-estrutura urbana e de serviços e ali estavam as importantes Avenidas Getúlio Vargas e Eduardo Ribeiro, as praças do Congresso, da Saudade, São Sebastião, General Osório, os endereços de algumas das famílias mais representativas da sociedade e imponentes prédios da Manaus antiga, como os belos Palácio da Justiça e o Teatro Amazonas.

Essa área e a Vila Municipal, hoje Adrianópolis, eram as melhores zonas residenciais, com ótimas casas, dentro de um padrão aproximado, o que não acontecia em vários outros locais, onde, ao lado de excelentes residências, encontrávamos casas simples e até choupanas, o que não deixava de ser interessante. Era mais um traço democrático na paisagem.

A partir da Luís Antony, o Bairro de Aparecida que, de um lado alcançava a Matinha, ficava separado dos bairros de São Raimundo, da Glória e de Santo Antônio, por igarapés utilizados para o serviço regular das catraias, que ligavam esses bairros entre si e ao Centro.

Aparecida possuía características próprias. Pequena, aconchegante, guardava um pouco do casario de época e era residência de intelectuais, artistas e alguns políticos[43]. Um de seus pontos de referência era a Cervejaria Miranda Corrêa, fabricante da cerveja XPTO e de gelo, este um insumo importante para a vida e a economia local, durante muito tempo, e ainda em 1965.

Ali estavam algumas serrarias e olarias, indústrias bem amazônicas, quase todas instaladas à beira d'água. Sua feira-livre, as terças, era considerada a melhor e todos corriam para lá. Era, também, o dia da Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que lotava, desde o amanhecer, a Igreja de Aparecida, dos Irmãos Redentoristas.

Da Praça da Bandeira Branca, saem ruas pequenas e estreitas, com casas simples e coloridas, lembrando vielas de algumas cidades italianas, inclusive pelas roupas penduradas às janelas ou em cordões externos.

Distanciados do rio, tínhamos Santa Luzia, vizinho aos Educandos; a seguir, a partir do final da Av. 7 de Setembro e limitados pelos Educandos e Santa Luzia: Raiz, São Francisco, Petrópolis, o início de Adrianópolis e extensões do Bairro da Cachoeirinha. Este, muito agradável, com ruas largas, algumas casas imponentes em meio a terrenos arborizados. Era dos mais característicos da cidade – eclético e democrático. Em sua avenida principal, a Carvalho Leal, estava localizado o Palácio Rodoviário, sede do DER – AM, tendo no penúltimo andar a recém–criada COHAB-AM e, no último, a residência oficial do Governador.

43 Ali residiam: o grande poeta Luiz Bacelar, o ex-governador Gilberto Mestrinho, e ainda reside o reconhecido pintor Moacir Andrade, entre outros.

São Francisco e Petrópolis podiam ser consideradas áreas habitadas da floresta. Envoltos pela mata, possuíam um casario esparso e igarapés virgens, caça e pesca abundantes. A luz elétrica e a água encanada ainda não haviam chegado ali. Seus moradores conservavam as carnes em salmoura, como muito antigamente se fazia, e bebiam água de poço ou do igarapé.

Adjacente à Cachoeirinha e limitado, no sentido interior, pelo Boulevard Amazonas, a Praça 14, era o reduto de descendentes de barbadianos. Ali se viam, mais facilmente, pessoas de origem africana, muito raras nesta parte da Amazônia.

Iniciando em Adrianópolis, a estrada do Aleixo, um longo caminho de barro, seguia rumo ao Lago do Aleixo[44], às Lajes, cruzando terras da Companhia Brasileira de Plantações, propriedade do Sr. Cosme Ferreira.

Essa área, com seus seringal e castanhal, era cortada pelo imenso Igarapé do Mindu – para mim um rio. Ali encontrávamos, livres, micos, aves, orquídeas, e muitos ouriços de castanha caídos pelo chão. Era um ambiente paradisíaco, transformado pelo DEPRO em um dos pontos obrigatórios da visitação turística, onde uma pequena canoa permitia um delicioso *tour* sobre o Mindu.

A partir da confluência Leonardo Malcher-Epaminondas, iniciava a Av. Constantino Nery que, junto com a Estrada do Aleixo e a rua Recife, a principal via de Adrianópolis, eram os caminhos que levavam à floresta. Constantino Nery e Recife ligavam a cidade à Rodovia AM-10, Manaus-Itacoatiara, cuja construção foi retomada e a estrada inaugurada no final do Governo Arthur Reis, tendo seu Km 0 na Rua Recife, em frente ao Balneário Parque 10 de Novembro[45], balneário que

44 Próximo a este lago, temos o Hospital Chapeau–Prevost, que atende aos hansenianos.

45 Pertence à Prefeitura Municipal de Manaus. É o maior espaço de lazer da cidade. Possui uma imensa piscina, de água corrente, limpíssima e gelada, Salão de Dança, Restaurante – onde é servido o melhor peixe; um mini Zôo, tudo em meio a muitas árvores que, além de refrescar e sombrear, servem para atar as redes na hora da sesta. Este era outro ponto obrigatório no roteiro turístico de Manaus, principalmente por suas características amazônicas.

recebeu essa denominação em homenagem ao estado-novo, instituído nessa data por Getúlio Vargas.

Laterais à Constantino Nery, havia os seguintes bairros: Matinha, antes do Boulevard Amazonas, e depois, Seringal Mirim, Beco do Macêdo, São Jorge e Chapada. Presidente Vargas foi o nome proposto para substituir o de Matinha. Não vingou. O bairro continua a ser conhecido como Matinha.

O Boulevard Amazonas, com seu canteiro central, tão bem arborizado, seus bancos para descanso de pedestres ou para a convivência entre moradores das áreas próximas, era e ainda hoje (2008) é o limite espacial bem visível entre a cidade estabelecida e sua área de expansão. Após e a partir dele, surge o bairro de Adrianópolis, a Vila ou Vila Municipal. Bonito, mais bem traçado, com um clima ameno e imensos terrenos com suas mansões. Era o bairro chique. Em sua praça, a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré é uma homenagem à padroeira dos paraenses, onde anualmente, como em Belém, há as procissões e os festejos tradicionais do Círio.

Suas ruas principais têm nomes de capitais: Recife, São Luís, Teresina, Fortaleza, Maceió, Paraíba, Natal, Salvador, Belo Horizonte. No final da rua Recife, com acesso por um caminho de barro, havia dois tradicionais clubes de campo: o Guanabara e o Tucunaré. Eram clubes fechados, com poucos e selecionados sócios, onde se podia mergulhar no Mindu, assistir à pesca de tambaquis, tucunarés, sardinhas, pacus, e outros, e comê-los logo depois, assados com muito molho de tucupi, pimenta e farinha.

Um fato inusitado na paisagem era a quase total ausência de arranha-céus, o que nos mostrava uma cidade praticamente horizontal, horizontalidade rompida pelos seguintes edifícios: IAPETEC, Hotel Amazonas, DER-AM, e Lord Hotel.

Foto: Hotel Amazonas.

Envolta pela floresta, a AM-010 seguia, com igarapés, *banhos*[46] e sítios nas laterais. Bem adiante, a Ponte da Bolívia, sobre um igarapé de águas negras, limpas, bem geladas, era um ótimo refúgio, muito procurado por manauenses, *estrangeiros*[47] e turistas.

46 São os sítios, as casas de campo dos manauenses. Aí, famílias e amigos se reúnem nos fins de semana e feriados para a convivência, o *banho*, e para saborear peixes, bichos de casco, e outros pratos da culinária local. Possuem piscinas construídas a partir de igarapés represados – rústicas, de águas correntes e frias e chão de areia... Maravilhosas! Fiquei tão apaixonada por eles que os fiz objeto do primeiro *folder* que criei e redigi para o DEPRO – Departamento de Turismo e Promoção do Estado do Amazonas, em 1965, *BANHOS E IGARAPÉS*.

47 Como eram chamados os de fora que haviam vindo trabalhar no Governo Reis.

Foto: Estrada AM-010 – Manaus/Itacoatiara, a partir do Km 0. Fonte: Revista Arquitetura. Dez.1965.

A arborizada Constantino Nery não era só a mais longa via da cidade, era também a mais diferente, a mais interessante. Após o Boulevard, seguia cortada por pequenos igarapés, pelo grande Mindu, tendo a sua esquerda o tradicional e especialíssimo Bosque Club, onde outro igarapé, limpíssimo e gelado, fazia a festa e refrescava a todos, inclusive nós, recém–chegados, que adotamos o *banho* como costume e o Bosque como ponto de encontro, nos fins de tarde. À direita, a *Verônica*, a tia Vevé, *rendez-vous* famoso, ponto de encontro para uma cerveja, uma contradança e outras *cositas más*, para os senhores e rapazes da cidade, um local diferente para qualquer turista; havia ainda, casas populares, umas junto às outras, em meio a olhos d'água, que geravam pequenos córregos permanentes, obrigando ao uso de passarelas de madeira. Assim, ela seguia até encontrar a Manaus – Itacoatiara, oferecendo *flashes* desse universo a cada instante.

A Estrada de São Jorge, via principal desse bairro quase proletário, começava na Constantino Nery e seguia até se confundir com a Estrada da Ponta Negra, um caminho asfaltado que rasgava a floresta virgem e

densa, acompanhado, abaixo, por praias de areia alvíssima, num belo contraste com o verde da mata, o chá do rio e o azul forte do céu.

Foto: Praia da Ponta Negra. Fonte: Revista Arquitetura. Dez.1965.Edição: IAB

Era a natureza com muita força e beleza. No final, a Praia da Ponta Negra era o ponto de encontro de todos, o melhor e o mais democrático espaço da cidade. Ali estava o povo que a alcançava a pé, em longas caminhadas ou em modorrentas viagens de ônibus ou, ainda – da forma mais amazônica – pelo rio. E por ele vinham iates modernos, motores regionais e até barcos em *tours*. Ali também estavam os melhores e mais modernos automóveis. Eram os ricos, os *societies*, aproveitando o sol, o clima que convidava a água e a proximidade do Equador. A praia estava sempre com gente e, nos fins de semana, transbordava.

Cachoeira Pequena do Tarumã, em época de cheia. Fonte: Arquivo da autora.

O Igarapé do Tarumã, com suas cachoeiras, águas puras e reconfortantes, era outro oásis. Um ponto no meio da selva, com acesso por um pequeno desvio da Manaus-Itacoatiara, onde pequenos e típicos bares davam o clima bem amazônico: peixes diversos e servidos de forma típica; pés-de-moleque regionais, rala-rala, batidas feitas com frutas locais, música, muita música, e dança, muita dança.

Para nós, os *banhos* foram a grande descoberta. O banho da residência de Gilda e Severiano Porto, também recém-chegados, à rua Recife, era *quase nosso*, para onde corríamos a qualquer pequena folga de fim de tarde, para um mergulho rápido. Fim-de-semana e feriados, quando possível, eram destinados à alegria dos *banhos*. Então, nos deixávamos molhar, beijar, limpar e renovar por águas frias e limpíssimas. Era um renascer. Revigorados, voltávamos para nossos trabalhos, que muitas vezes não nos permitiam descansar. Todos trabalhavam muito no Governo Reis, sem distinção de cargos ou hierarquias. Havia pouco tempo para realizar e muito a fazer e foi feito, pois havia um sentido de equipe e uma vibração positiva que vinha, mais do que de qualquer outra fonte, da determinação coerente e honesta de muito realizar do Governador.

Assim Manaus se apresentava para mim e era tudo muito agradável. Começando logo a trabalhar no DEPRO – Departamento

Estadual de Turismo e Promoção, pude expandir meus contatos com a cidade, seu entorno, seu povo, seus costumes, enfim, viver e conviver, o que conto a seguir, em *O Mergulho*.

O MERGULHO

O Teatro e o Mercado

Desde os meus primeiros contatos com Manaus, o Teatro Amazonas e o Mercado Adolpho Lisboa surgiram como seus mais significativos marcos culturais.

O Teatro, comprovação maior da riqueza, sofisticação e *europeização* da *sociedade da borracha*, apesar de suas épocas de total abandono e desvirtuamento, continuava sendo o palco da cultura erudita. Já o Mercado Adolpho Lisboa – abstraída a sua arquitetura – era o mostruário vivo de sua gente, flora, fauna, artesanato, usos, costumes, do viver amazônico, amazonense, caboclo, enfim, da cultura de seu povo.

Interessante era constatar que a localização de ambos reforçava essa diferente representatividade.

O Teatro, construído sobre um promontório artificial, projetado para lhe dar destaque, fica na área mais urbanizada e nobre da cidade e reina imponente sobre seu entorno imediato, a Praça – ao centro o belo *Monumento à Abertura dos Portos às Nações Amigas* – a Igreja de São Sebastião e as ruas 10 de Julho, José Clemente, Costa Azevedo e trecho da Av. Eduardo Ribeiro. Sua cúpula, colorida e *kitsh*, o leva a quase toda a cidade, como seu símbolo maior, seu estandarte, seu protetor.

A minha primeira visita ao Teatro, em 1964, não permitiu uma avaliação concreta sobre seu uso durante os governos anteriores. Em uma ligeira pesquisa de pauta, podia-se comprovar a realização de espetáculos esporádicos de grupos e artistas da cidade e de fora, eventos governamentais, formaturas..., indicadores da ausência de uma política

cultural e da importância das ações de grupos de intelectuais e artistas locais que, sem maiores apoios e estímulos oficiais ou de patrocinadores, conseguiram criar e manter funcionando Grupos de Teatro, inclusive Infantil, o importantíssimo Grupo de Estudos Cinematográficos, o Clube da Madrugada, o Coral João Gomes Jr. e outros movimentos culturais.

Mas conhecê-lo, desde seu entorno até o interior, belo e luxuoso, sentar em suas cadeiras originais, admirar a riqueza de seus lustres, olhar detidamente para o seu *Pano de Boca*, sabendo-o o original, ocupar um lugar na platéia, em uma frisa ou camarote, imaginando como havia sido a época áurea dessa casa, subir e descer suas escadas, olhar de sua varanda, pisar em seu piso de acapu preto e amarelo, madeira regional, tão bem trabalhada..., enfim, passear pelo Teatro foi para mim, e seria para qualquer pessoa, um exercício diferente, onírico e enriquecedor.

Já o Mercado, fincado à beira-rio, com seu dia-a-dia musical, colorido, frenético, por sua localização e conteúdo, se mostrava como o espaço mais definitivamente amazônico da cidade. É ali que sentimos a força da região, de sua cultura, quando realizamos que estamos em outro universo, rico, diferente. Estamos na Amazônia, no Amazonas, em Manaus. A descrição de minha primeira visita ao Mercado, embora carregada de muita emoção, pode mostrar a diversidade e riqueza cultural que encontramos lá.

Andar pelo Mercado Adolpho Lisboa me levou de volta à minha terra, Belém do Pará, ao Ver-o-Peso, a encantos e *encantos* que só encontramos nesta região. Lá estavam os peixes regionais, frescos, com seus nomes exóticos e seus sabores inigualáveis: matrinxãs, tambaquis, tucunarés, pirarucus, aruanãs, bodós (os primos do tamuatá), piraíbas enormes, sardinhas gigantes, pacus e outros; as frutas, com seus cheiros, gostos, nomes diferentes, todas com alto teor vitamínico, alimentício, de fibra. E eu ia passando por montes de uxis, pupunhas, cupuaçus, maris, pitombas, frutas-pão, tucumãs (este, segundo o Doutor Heitor Vieira Dourado, o *must* em fibras), melões, abius, açaís, bacabas, taperebás, graviolas, e tantas outras; também estavam lá os tabuleiros

com ervas, favas, raízes, cascas, etc., do repertório da cura regional, de índios, caboclos e até de médicos.[48]

Mercado Adolpho Lisboa. Fonte: Lula Sampaio.

Além das tradicionais andiroba e copaíba, conhecidas e usadas por todos os amazônidas para a cura das mais variadas doenças, havia muito mais plantas, folhas, raízes, cascas, entrecascas curativas, como o jambu, planta da família do brócolis, segundo fonte do INPA, mais poderoso do que este; além de remédio, é a planta da culinária amazônica por excelência. Entra, com o tucupi[49], na composição do tacacá (o lanche diário dos paraenses, também tomado nas madrugadas frias de Belém, para curar ressaca), e do pato-no-tucupi, tradicionais e saborosos itens da cozinha paraense, que se estenderam por toda a

48 Sobre medicina regional, aprendi muito com minha avó, D. Lina Antunes Salgado, ferrenha adepta dessas curas, muitas aprendidas com os mais velhos, com as empregadas da família, a maioria vinda do interior; outras, com seu marido, meu avô paterno, Dr. Camillo Henriques Salgado, médico alopata, enorme cirurgião e permanente pesquisador das propriedades curativas de exemplares de nossa flora e fauna. Em nossa casa havia sempre andiroba, copaíba e mel de abelha, este coletado no pequeno apiário de minha avó, que também cultivava orquídeas.

49 Líquido extraído da mandioca, prensada. Os índios e o caboclos utilizam o *tipiti* (tubo feito de trançado de palha) para fazer o tucupi, que deve ser fervido em panela destampada, para eliminar componentes tóxicos. Este é um dos itens obrigatórios da culinária indígeno–cabocla da Amazônia brasileira.

Amazônia. É também usado em muitos pratos de peixe, em sopas, misturado ao arroz, e muito mais. Adiante, darei três receitas, que faziam parte dos cardápios de minha família, desde muito antigamente. O jambu é também utilizado como remédio para as afecções hepáticas e, sua flor, na cura de catarata e outras doenças da vista; crajiru, malvarisco ou capeba, corama, amor-crescido, jucá (este, um dos mais milagrosos, resolve rápido inflamações, internas e externas, anemias, contusões, doenças do pulmão, etc.), raiz de açaí (fervida com cascas de sacaca, de carapanaúba e cipó-tuíra, debela rapidamente crises hepáticas). Nomear a todas seria quase impossível, mas essas já servem como exemplo da riqueza e biodiversidade da região.

Estavam também ali as ervas, raízes, sementes, etc., usadas para os perfumes e *atrativos*, embora encontradas e utilizadas em menor escala do que em Belém, onde fazem parte da cultura e dos usos diários e do receituário dos *mandingueiros*, para as questões do coração, familiares, de dinheiro e outras. E fui sentindo o perfume da oriza, do vindicá, da japana, da catinga-de-mulata, do patchuli, da priprioca, da canela, do mucuracaá, da baunilha, dos variados jasmins, das rosas miúdas, do breu, e muitos mais. As mais atrativas entram na composição do *banho de cheiro*, uma forte tradição paraense, hoje quase regional. Muito cheiroso, ele é utilizado para limpar o corpo e a aura, abrir caminhos, atrair boas coisas e expulsar as negatividades, nos deixando mais leves. Só quem já tomou um *banho de cheiro* é que pode dizer como nos sentimos limpos, perfumados, plenos, após um deles... Não podiam faltar e estavam lá as folhas e raízes dos chás das merendas da tarde e das noites amazônicas: canela, carmelitana, sálvia-do-Marajó, capim-santo, erva cidreira, erva-doce, folhas e cascas de lima, limão e laranja, e muitas mais.

Gostei de reencontrar itens da minha dieta diária de Belém – as tapiocas, com manteiga, coco ou castanha; os beijus indígenas, feitos de massa puba, os beiju-cica; os mingaus: mungunzá, de banana – ralada ou raspada na colher, verde ou amarela, com ou sem farinha-de-tapioca, com leite de gado ou de castanha; de jerimum, de açaí, de macaxeira, de

bacaba, e o indispensável e diversificado *mingau da caridade* sempre presente nas casas ricas e pobres da região, muito usado para levantar as forças e curar ressacas.

Gostei também de achar as diversas e ótimas farinhas: d'água, branca, seca, suruí, do uarini, umas mais claras e finas, outras mais escuras e grossas, estas as das caldeiradas e dos pirões. E lógico, não havia como não encontrar as pimentas..., e lá estavam elas, das suaves às mais picantes, todas saborosas e obrigatórias nos pratos regionais, indispensáveis no tacacá e nos pratos de peixe.

Os bichos de casco – tartaruga, iaçá, tracajá, etc. – e seus ovos eram mais ou menos raros no Mercado e quando surgiam... logo sumiam. Sua venda era feita mais através de vendedores *especializados*, para consumidores *costumeiros*. Eles são, sem dúvida, das mais sofisticadas e caras delícias amazônicas, seja a carne ou os ovos, estes consumidos crus[50] ou cozidos.

Esse meu primeiro contato com o Mercado foi muito forte, trazendo-me recordações, saudades e redescobertas, aguçando o meu lado amazônico, fazendo-me feliz por ter nascido nesta região tão bonita, diversa e forte. Foi uma releitura da cultura da minha terra – a Amazônia – um afago no meu coração, uma alegria para os meus sentidos.

O Porto e os Portos Secundários

Sem a mesma força cultural do Teatro e do Mercado, mas com imenso valor técnico e principal referência da vida econômica, o Porto de Manaus é o marco fundamental da resistência e permanência do Amazonas, sua Capital, seu empresariado, sua gente, à longa e difícil fase pós-borracha, posição secundada pelos supermovimentados pequenos portos.

50 Arabu – assim é chamado esse prato de ovos crus, de tracajá ou tartaruga. Bate-se bem os ovos inteiros, junta-se sal e farinha. Mistura-se bem, até formar um bolo amarelo, consistente, come-se acompanhado ou não de banana, uma delícia!

O *Roadway*, como aqui é chamado o Porto, é impactante e, ainda, obra dos ingleses. Ocupa uma grande parte da frente da cidade, com seus armazéns, prédios, um farol e o gigantesco e revolucionário cais flutuante, funcionando o ano inteiro, seja cheia ou vazante do rio.

Atende aos navios maiores, que muito contribuem para a economia local. Havia alguns de bandeira estrangeira, como os transatlânticos da *Booth Line* e da *McComarck* que, enquanto aguardavam para atracar, misturados a navios brasileiros de grande e médio porte, davam uma certa imponência à paisagem.

O porto foi a base fundamental para o comércio da borracha. Em 1965, mantinha sua importância, pois era o quase único responsável pela descarga, armazenamento e despacho das cargas que chegavam e saíam, exceto as do comércio regional, movimentadas em navios menores, a maioria atendida pelos portos secundários.

Em 1965, a aviação comercial contribuía muito pouco para o transporte de cargas e passageiros aqui. Poucas companhias operando, com freqüência mínima de vôos, demorados e com tarifas extorsivas, principalmente se considerados os padrões locais de renda.

Os portos secundários são espaços amazônicos. Surgiram e cresceram espontaneamente, como espaços imprescindíveis para a navegação regional. Os principais são: da Escadaria dos Remédios, de São Raimundo, da Panair, em Educandos, da Aparecida, este mais um pequeno atracadouro de catraias e canoas, que faziam o transporte interbairros de passageiros e pequenas cargas.

Catraias e Canoas. Fonte: Arquivo Centro Cultural Povos da Amazônia.

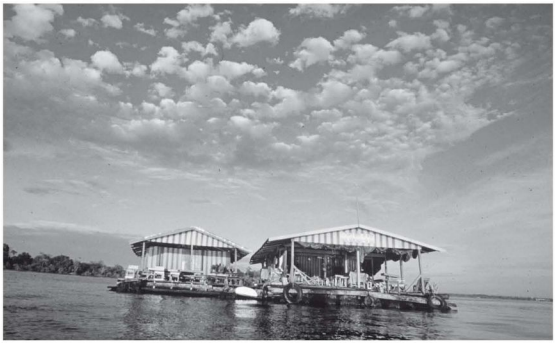
Era eletrizante ficar em qualquer um deles, assistindo ao ir e vir das mais variadas embarcações regionais, recebendo e despejando gente e cargas aos borbotões, entre *vozes* com suas mensagens, misturadas aos apitos de chegada e partida, muita música e a correria dos retardatários, que esbarravam em tudo e todos, atrapalhavam os carregadores... enfim, uma loucura.

Foi enorme o impacto e a sensação de liberdade que senti no meu primeiro contato com o da Escadaria dos Remédios, sem dúvida o mais importante. Ali estava um espaço repleto de barcos coloridos, muitos enfeitados com bandeirolas, lembrando São João e Volpi, num vai-e-vem de cargas, passageiros, visitantes, acompanhantes, turistas, carregadores, vendedores, etc. Os apitos das embarcações e o forte traço indígena da maioria dos rostos compunham o quadro, de grande beleza e força. Tudo era muito bonito, criativo. Parecia mais cenário de uma superprodução: as roupas coloridíssimas (ainda não chegara aqui a TV e seu padrão de vestir), os belos torços dos velhos e jovens carregadores, a forma criativa como movimentavam as cargas, a força daqueles homens, verdadeiros tarzans... Era um mundo extremamente movimentado, alegre, musical, e livre. Era o mundo amazônico ao

meu redor. Lá adiante, o Negro, bonito, ameaçador, e um pôr-do-sol lindíssimo, de perto do Equador, completavam a paisagem.

Como Agente de Promoção do Departamento Estadual de Turismo e Promoção – DEPRO tinha entre as minhas atribuições a de acompanhar visitantes oficiais, jornalistas, cientistas, cinegrafistas, investidores e alguns grupos de turistas. Foi acompanhando um jornalista americano, cujo nome perdi, editor de uma revista sobre Agronomia e Agricultura, dos EUA, que fiz minha primeira viagem de barco e foi muito interessante e instrutivo.

Nossa viagem seria a bordo do barco do Governo do Estado, ancorado em um estaleiro localizado na Compensa. Apanhei o jornalista e seguimos para o barco. Ao chegarmos... Surpresa! Era época da vazante, o rio estava longe, teríamos que subir em um tronco, andar sobre ele – verdadeiro equilibrismo – alcançar o primeiro barco, passar pelo segundo, cruzar um barco em construção, para chegarmos à nossa embarcação. Foi um sufoco. A última etapa quase nos desencorajou..., tínhamos que cruzar o barco em construção, passando por uma tábua estreita, lançada de popa a proa, a uma altura entre 2 e 2,50m. Eu temia..., ria..., e ia; o *gringo* se divertia, achava tudo diferente... e ia. Mas, nessa etapa, até ele ficou apreensivo, desconfiado com esse roteiro inicial. Por fim, alcançamos o nosso barco e seguimos para o Lago do Janauari, onde, segundo ele, havia alguns tipos de arroz nativo, de excelente qualidade e ótimos para produção em larga escala. Ele fazia uma expedição exploratória. Eu o acompanhava e curtia esse meu primeiro roteiro fluvial amazonense, que incluiu o transbordo para uma pequena canoa, com a qual visitamos os arrozais nativos, *habitat* do peixe-boi e do jacaré, o que me colocou de novo frente ao gigantismo amazônico, trazendo calma e reflexão.



Flutuantes. Fonte: Lula Sampaio.

Essa pequena viagem foi mais uma mostra da real importância das águas para a vida da região. Em todo o trajeto, na ida e na volta, cruzamos com inúmeras embarcações dos mais diversos tipos e tamanhos, de transatlânticos a *trens*. Podemos dizer que, após o apogeu da borracha, Manaus só permaneceu inserida no mapa do Brasil e presente no mundo também graças a sua localização – fundamental para a manutenção e o avanço brasileiro.

Longe e Isolada

Paralelamente às descobertas agradáveis, ao lado exótico, interessante, amigável, receptivo e alegre da cidade e seu povo, o que nos conquistou de imediato, sofremos um impacto, desagradável e angustiante, ao constatarmos que Manaus não era só longe..., ficava isolada, como uma parte esquecida, que o país não queria ou desprezava – Belém, minha terra, vivera assim por muito tempo, mas a Belém-Brasília a havia redimido, integrando-a ao país, embora continue meio rejeitada, como acontece com o Norte e o Nordeste brasileiros.

Foi extremamente desgastante descobrir as dificuldades de ir e vir além dos limites da cidade, fosse para o próprio estado ou para fora dele; de se comunicar, de se informar e sermos informados sobre nossas famílias, amigos, o país, o mundo. Como podia uma capital de um estado brasileiro, localizado na região maior, mais rica e importante, principalmente em termos de segurança nacional (e olha que estávamos sob um Governo Militar, *revolucionário*), ficar tão desprotegida?

Sentíamo-nos inseguros ao constatar que qualquer acontecimento em Manaus poderia levar dias, muitos dias, para ser informado, divulgado e obter as respostas necessárias, se houvesse, o que valia também para os acontecimentos chegarem a Manaus. Como dizer para alguém que sempre viveu em outras áreas do Brasil que Manaus, quando em foco os transportes e as comunicações, parecia ser um outro país... e atrasado. Era terrível essa sensação de abandono e impotência. Uma tragédia.

Os transportes eram basicamente marítimos e fluviais. Rodovias inexistiam e a aviação comercial oferecia poucos e demorados vôos, inclusive entre as capitais da região, o que levava inúmeras e pequenas cidades e lugarejos a quase total dependência dos vôos da FAB, quando atendidos por ela. O resto do país era alcançado via Belém, Brasília e Rio de Janeiro. A ligação com o exterior só através de conexões, preferencialmente em Belém e Recife.

Fonte: Arquivo da autora

As comunicações eram deficientes e precárias, embora a cidade possuísse jornais – O Jornal e Diário da Tarde, tradicionais da imprensa local, do Grupo Archer Pinto, à frente a Sra. Maria de Lourdes Archer Pinto, tendo como secretário da redação, o competente jornalista Herculano Castro e Costa; A Crítica, propriedade e direção de Umberto Calderaro Filho que hoje, 2008, continua sob o comando da família Calderaro, D. Rita e Cristina à frente; Jornal do Commercio, dos Diários Associados, este sob a direção do jornalista Epaminondas Baraúna; hoje, 2008, é propriedade do empresário Guilherme Aloísio da Silva; A Tarde, do jornalista Aristophanes Anthony. Rádios – Baré, Difusora e Rio-Mar, esta da Igreja Católica; Correios e Telégrafos, telefonia interurbana e internacional, via ITT. Os rádio-amadores eram imprescindíveis e muito contribuíam, com seu apoio permanente e abnegado.

Os jornais recebiam e transmitiam as notícias com muito atraso, ou não transmitiam; os programas das rádios eram somente locais. A Voz do Brasil, da Rádio Nacional, hipoteticamente com retransmissora cobrindo todo o país, inclusive a Amazônia Ocidental, mal era captada ou o era esparsamente e, ainda assim, prejudicada pela forte interferência de rádios do exterior, mais potentes e interessadas em alcançar a Amazônia brasileira, como um todo.

Apesar dessa situação, Manaus possuía um grupo de jornalistas da maior categoria, articulistas importantes, entre os quais se destacavam: o já citado Herculano Castro e Costa, Nelson Porto, Ulisses Paes de Azevedo Filho, Genesino Braga, Aristophans Anthony, Armando Menezes, a primeira jornalista amazonense Denise Cabral dos Anjos, com sua *Manaus Magazine*. Como boas promessas que se confirmaram, entre outros: Sinval Gonçalves e Frânio Lima.

O colunismo social local, iniciado no O Jornal, com a coluna da Dra. Aury Matheus, sob o pseudônimo Thays, posteriormente o temível *Beldemônio,* da *Manaus Magazine*, era bem atuante, com as colunas de Nogar, no Jornal do Commercio; Betina (Maria de Lourdes Archer Pinto), em O Jornal; Little Box (Luiz da Conceição Souza Pinto), na Rádio Difusora. Havia também uma coluna publicada sob pseudônimo e escrita pelos jovens Francisco Reis, Carlos Augusto Carneiro e outros.

Uma grata surpresa foi descobrir o importante e humanitário trabalho realizado pelas rádios locais, dirigido para o interior do Estado, atingindo pontos os mais distantes. Essa era, praticamente, a única forma de contato com o mundo exterior para uma considerável parcela dessas populações. Eram programas de notícia. Além das notícias nacionais e locais, havia avisos, chamadas, convites, etc. Era através delas que as famílias do interior sabiam dos que estavam fora; tinham

as informações sobre chegada e partida de pessoas, *recreios*, motores, navios; as datas prováveis para a esperada passagem dos aviões do CAN – Correio Aéreo Nacional, da FAB. Como nas *vozes*, era imensa e diversificada a lista de comunicados.

Além de fazer circular notícias, essas Rádios prestavam um inestimável serviço de integração dessas populações, entre si e com a capital. Em Manaus, nas sedes dos municípios, nos sítios ou fazendas, eram os programas mais esperados e acompanhados. Funcionavam nos dois sentidos, também trazendo notícias do interior. Prestavam, sem dúvida, um interessante serviço de difusão cultural, pelo menos quanto à produção musical. Intercalavam informações com música, muita música, muito mais sons do Caribe, dos países limítrofes. Eram boleros, salsas, merengues, mambos, alguns ritmos norte-americanos e muito pouca música brasileira. Desta, os sempre presentes eram: Luiz Gonzaga *Rei do Baião*, Herivelto Martins, Dalva de Oliveira, Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Miltinho, Cauby Peixoto, Sylvio Caldas, Sivuca. A maioria deles vindo sempre a Manaus para shows nos auditórios das Rádios.

É difícil imaginar certas impossibilidades que fazem parte do dia-a-dia das populações do interior da Amazônia. Uma delas, é a da circulação de correspondência. Sempre a cargo dos Correios e Telégrafos, à época era transportada por via fluvial ou pelo CAN[51]. Havia lugares que esperavam de 20 a 30 dias para recebê-la. Outros, nas grandes cheias ou vazantes, ficavam incomunicáveis, ou quase, e havia, ainda, os que não estavam na rota da FAB, o que transformava em dramática a espera ou o envio de notícias, e quase impraticável o viver.

51 Os *Catalinas* foram, por largo período, a salvação para o homem do interior. Utilizando a farta malha aquática, pousavam na água e conseguiam chegar longe, muito longe. Hoje, 2008, não contamos mais com eles. Uns viraram peças de museu, outros foram vendidos para países que também possuem áreas de difícil acesso. A verdade é que ainda fazem muita falta para algumas populações do imenso interior amazônico.

Apesar de não cobrir todo o imenso interior da Amazônia, mas atendendo a totalidade das aldeias indígenas, a FAB, com seu CAN, era imprescindível para essas populações longínquas, sua única ponte para outros pontos da região e do Brasil. O que pensar dessa situação... da vida dessas pessoas... Imagino que deviam se sentir em Marte, em Júpiter... no Limbo..., totalmente desprotegidas, à mercê do acaso.

Nós, recém-chegados, nos sentíamos como que banidos em nossa própria terra. As notícias mais recentes, do Brasil e do mundo, nos vinham através da BBC, de Londres, da Rádio Difusión Française, da Rádio de Moscou, da Rádio de Cuba, todas com programas em português, alguns dirigidos para o Brasil; da Voz da América, dos EUA, e de estações latino-americanas e caribenhas. Nosso consolo é que essas notícias – inclusive as censuradas no Brasil – nos chegavam em sua versão verdadeira. Assim soubemos, em primeira e talvez única mão, do covarde assassinato dos Cinta-Larga, que receberam sacos de açúcar com arsênico, jogados de helicóptero por fazendeiros paulistas, interessados em se apossar daquelas ricas terras; também soubemos da prisão de muitos guerrilheiros e tivemos acesso a outras notícias proibidas no território nacional.

Era triste constatar que só conseguíamos saber verdadeiramente do que acontecia em nosso país através de estrangeiros... mas era a única saída e... ainda bem – para os daqui ou os que aqui estavam – que ela existia.

Tomar consciência de toda essa problemática e vivê-la, em parte, nos dava uma sensação estranha, misto de tristeza e abandono. Todos nós, jovens que haviam optado por vir trabalhar no Amazonas, no Governo Reis, sabíamos sobre a distância em termos geográficos, mas desconhecíamos essa quase inoperância dos meios de comunicação e a

extrema dificuldade dos transportes, constatá-las nos levava a nos sentir oprimidos, diminuídos.

A falta de maior e freqüente informação, de imediata mobilidade espacial, criavam o caos. A minha sensação era muito estranha. Eu sentia o Brasil longe, muito longe, tão longe que me parecia estar atada a ele por um imenso e fortíssimo elástico, que a distância havia esticado e a falta de contato ameaçava romper.

A televisão, com seus prós e contras, ainda não fazia parte da vida da cidade e essa falha deixava nítido e forte o gigantismo desta região e marcava Manaus, o Amazonas, a Amazônia, como pontos isolados.

Apesar disso tudo – do avião que era esperado e não vinha, da ligação interurbana[52], com hora marcada, que demorava de 2 a 3 dias para ser conseguida e que, na hora, não acontecia... a voz do outro lado, tão desejada, não era ouvida ou não nos ouvia – ainda assim, tínhamos consciência de estarmos participando de um momento de transformação para a vida neste Estado, nesta Cidade, um momento de ruptura com tudo o que há muito os atrasava.

Entre descobertas e surpresas que marcaram esse meu contato mais detido, o meu mergulho na cidade, pude vivê-la e descobri-la como uma agradável experiência.

"RECEITAS DA TIA ANA"

Arroz com Jambu, à tia Ana, para 2 ou 3 pessoas

Ingredientes:
250 g de arroz
4 dentes de alho
Óleo – sal a gosto
1 maço de jambu

52 As ligações telefônicas – interurbanas e internacionais – só eram feitas da cabine da *Radional*, localizada próximo do Hotel Amazonas. As filas eram imensas, as ligações tinham que ser marcadas com antecedência e a maioria das vezes eram remarcadas ou jamais aconteciam.

Modo de preparo:
Jambu – lavar bem, tirar os caules grossos e aferventar rapidamente. Tirar o jambu e reservar a água (aferventar em quantidade pequena de água). Lavar o arroz – deixar secar, refogar o alho, quando o alho estiver dourado, jogar o arroz, a água do jambu, que deve estar quente. Após jogar a água, mexer bem e jogar o jambu. Tampar a panela, baixar o fogo. Quando o arroz secar esta pronta. Comer o arroz de jambu ou usar como acompanhamento de carne, peixe, camarão, etc. Se preferir, colocar pimenta na água de jambu.

Tamuatá no tucupi

Modo de preparo:
Lavar o tamuatá com escova e separar; Lavar novamente com bastante limão; Tirar o gosto do limão e deixar separado. Cozinhar o tucupi com alho, folhas de alfavaca e chicória; colocar 1 ou 2 pimentas de cheiro ou malagueta, se usar pimenta, quando o tucupi ferver bem, provar o sal e jogar o tamuatá, após 5 minutos, jogar o jambu, 1 maço grande de jambu para 2 pessoas. Após o jambu cozinhar, apagar o fogo e servir com farinha, arroz e molho de pimenta.
Obs: Tamuatá: tem muitas espinhas pequenas, cuidado.

Sopa de legumes com jambu

Ingredientes:
2 batatas
4 maxixes
1 fatia de jerimum
Jambu (por pessoa ½ molho)
Modo de preparo:
Ferver os legumes com casca, cortados em pedaços pequenos, em pouca água. Após moles, deixar esfriar, bater tudo, inclusive o jambu, no liquidificador. Deixar alguns ramos de jambu, com flor para enfeitar.

Como já dito, nossa vinda – eu e César – para Manaus foi fortemente motivada pelas notícias sobre as ações do governo Reis, que levavam o Amazonas para os grandes jornais do Brasil, e sempre de um modo positivo.

Eu, com a *Revolução*, pedira licença de meu cargo de Taquígrafa de Debates da Superintendência da Valorização da Amazônia – SPVEA, órgão da Presidência da República, e de Taquígrafa contratada de outros órgãos, como CNPQ, CNP, CADE, no Rio de Janeiro. César descobria outros interesses em sua carreira iniciante de arquiteto. Resolvi dizer ao Governador Reis, através de Leandro Tocantins e Luiz Maximino de Miranda Corrêa, que gostaríamos de trabalhar no seu Governo, contribuir para a construção de um novo Amazonas. Ele aceitou, já que recrutava jovens para essa empreitada, e nós viemos. A chegada já foi relatada e foi ótima.

César, no dia seguinte, assumiu o cargo de 1º Presidente da Companhia de Habitação do Amazonas. Eu fiquei alguns dias ainda livre para organizar a vida da família. Havíamos vindo na frente, mas os filhos – Luiz Antônio e Ítalo – viriam ao fim das aulas. Depois o meu tempo quase não existiria, pois eu viria a exercer as funções de Agente de Promoção, no DEPRO – Departamento de Turismo e Promoção do

Estado do Amazonas, cujo Presidente era o meu grande amigo e primo longe, via os Machado de Óbidos, Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto.

A cidade, pequena, que havia ficado quase parada no tempo, agora se agitava. Pessoas, algumas amazonenses, chegavam, inclusive para trabalhar no Governo, e a demanda por casas de aluguel era enorme, e elas não existiam. Era uma loucura. A sorte é que a primeira característica que havíamos detectado nos amazonenses era a solidariedade. Assim, nos meus primeiros dias em Manaus, procurando casa para alugar, conhecer a rede de abastecimento doméstico, descobrir escola para os filhos que viriam, arranjar uma boa empregada, enfim, organizar a nossa vida, a nossa casa, tive a companhia agradável e solidária de Charufe Nasser que, no dia seguinte à nossa chegada, me mostrou a cidade, os locais de abastecimento, enfim, me ajudou muito. Depois, foi Frank Abrahim Lima, à época noivo de Kathleen Neves, com quem casou, minha grande companheira de DEPRO, hoje uma amiga, que me levava para cima e para baixo, mostrando-me como fazer melhor as compras da casa, numa cidade sem supermercados. Também no DEPRO, tive o apoio e a amizade de Sheila Freitas Pinto, que me introduziu em sua antiga e importante família, que me adotou e me hospedava quando César viajava a trabalho. Deles recebi um imenso carinho e foi ótimo tê-los conhecido. Passei a ter uma nova família. Tivemos também a ajuda de Marineves Oliveira. Preocupada em nos arrumar um local para ficarmos até conseguir uma casa, colocou à nossa disposição o seu *banho* da Estrada do Tarumã. A distância impediu que aceitássemos.

Saídos do Lord Hotel, fomos morar no apartamento de Frederico Lambeck, amazonense, Diretor de Promoção do DEPRO, que iria ao Rio para casar. Ocupamos, então, o seu pequeno apartamento, à Rua Barroso[53], próximo ao atual prédio da Caixa Econômica e quase em frente da casa de D. Iaiá, do Cinema Avenida. Dali passamos para um sobrado, à Rua Monsenhor Coutinho, entre Tapajós e Getúlio Vargas,

53 Hoje há inúmeras lojas no andar térreo deste pequeno edifício de 2 andares.

onde hospedamos por longo tempo Ivan Pimentel, que muito me ajudou com os meninos, e por poucos dias Amaury Farias, ambos vindos para trabalhar na COHAB. Havia uma imensa falta de mão-de-obra especializada e, daí, tantos técnicos chegando para trabalhar.

Depois de instalados, vieram Luiz Antônio e Ítalo. A casa era muito quente, havia muito carapanã, e eu me vi forçada a procurar, com urgência, um outro local para morarmos. Desde a chegada, me apaixonara por Adrianópolis, mas ali não havia casas para alugar. Sempre que havia uma folga eu saía à procura e muitas vezes acabava ali, no Bar Oásis, do seu Cláudio e D. Ana, amigos da família Freitas Pinto e fabricantes do melhor sorvete da cidade. Eles estavam acabando de construir um apartamento em cima do seu bar, onde pretendiam morar. Comecei a pedir que me alugassem e o consegui. Fomos, então, morar à Praça N. Sa. de Nazaré, esquina da Rua Recife. Foi ótimo.

O clima era bem ameno, os carapanãs raros, e a praça, o quintal para os nossos filhos. Providencialmente, em uma das esquinas da Praça, morava a excelente professora Ana Emília Soares Vieites, que dava aulas particulares, acompanhando os estudos de algumas crianças e jovens. Matriculei, logo, Luiz Antônio e Ítalo, para o acompanhamento e complemento das aulas do colégio. Ela foi fundamental para os estudos deles. Pela manhã, estudavam no Christus[54], à tarde, iam para essa aula particular.

Nos fins de tarde, quando possível, íamos, eu, César, Ivan, os meninos, alguns amigos – Aníbal Beça, Amaury Faria, Leon Manickchand, para o Bosque Clube ou para a casa de Severiano e Gilda Porto, à rua Recife, próxima da nossa, para o *banho*, que nos revigorava para a virada da noite. Sim, porque a maior parte dos dias trabalhávamos, também, à noite.

Aos poucos, fomos vivendo e nos adaptando, o que não foi difícil, inclusive devido à boa acolhida e ao apoio de muitos.

54 Funcionava na Joaquim Nabuco, em uma casa antiga, quase na esquina da 7 de setembro.

A cidade amanhecia cedo. Muito cedo. Havia sempre um nevoeiro tênue sobre a floresta próxima, que os raios do sol logo desfaziam. Os pássaros começavam a cantar, quando ainda escuro, como saudando o dia e advertindo que o sol já vinha. Aos poucos, tínhamos um verdadeiro coral. Logo, logo, passavam em bandos.

No céu, muito azul, as nuvens teciam imagens e paisagens. Na Praça Nossa Senhora de Nazaré, borboletas – brancas e amarelas – alegravam o início da nossa manhã e participavam, ao longe, do nosso café. O sino da Igreja chamava para a missa das 7h..., e os fiéis iam passando.

Os urubus, por sua vez, se lançavam ao vôo matinal. Era o início das suas presenças, alegres e elegantes, na paisagem, ora em vôo, ora descansando sobre as casas, após as chuvas, com as asas abertas, verdadeiras esculturas; ora bailando, em bandos, entre as nuvens, avisando que ia chover. Às vezes, os encontrávamos se banhando a beira dos igarapés ou do rio. Eram simpáticos e úteis símbolos daquela Manaus tranqüila.

Manaus possuía poucos ônibus e carros – particulares ou táxis (estes com pontos fixos, no Centro – onde residia a maioria das famílias de maior poder aquisitivo e ficavam localizadas as repartições públicas, o comércio, os principais equipamentos de serviço e lazer, etc.). Eram chamados por telefone. As distâncias pouco significativas e os raros ônibus levavam um número grande de pessoas a se deslocar a pé. Assim, o nascer do dia trazia, também, o movimento dos pedestres. Pessoas indo para seus trabalhos, grupos barulhentos e alegres de estudantes e outras pessoas passavam a circular, movimentar as ruas, a torná-las sonoras.

Cedo, também, começava o pregão dos jornaleiros e dos vendedores ambulantes, que vinham a pé, com seus tabuleiros, ou empurrando limpíssimos carros de obra ou de madeira ou, ainda, em carroças, algumas bem sofisticadas, teladas, puxadas por burros ou cavalos. Eles eram muitos e diversificada a sua oferta. Eram leiteiros, peixeiros, fruteiros, bananeiros, mingauzeiros, verdureiros, vendedores

de miúdos de boi (estes mais comuns no início da noite), garrafeiros (compradores de garrafas), amoladores – com seu barulho inconfundível – e muitos outros.

Era hora dos primeiros ônibus,[55] exóticos, bonitos, diferentes, lembrando os *cubos de montar* da infância..., transformando as ruas em rotas de brinquedos infantis, ruas dos *soldados de chumbo*. Eram coloridos, de madeira. Era como se existissem para compor um todo harmônico com as, também coloridas, casas populares, para complementá–las como espetáculo de cor e luz. Era muito diferente, jamais vi algo parecido.

E as ruas se enchiam de gente, cores, barulhos, gritos, cheiros. Ficavam movimentadas. Vivas.

A ida para o trabalho, bem cedo, era acompanhada pelos cheiros das padarias, das moageiras de café, dos curtumes, das processadoras de seringa. E havia o espetáculo *sui generis* dos cachorros que, como donos de todos os meios de rua, começavam a se espreguiçar, movendo-se, lentamente, à passagem dos primeiros ônibus e carros que, para seguir viagem, tinham que parar e esperar que eles se levantassem, o que faziam sem nenhuma pressa. Eles olhavam e olhavam para nós e só liberavam o espaço quando resolviam.

A cidade começava a funcionar entre 7h e 7h30 da manhã; 11h30, 12h, tudo, tudo mesmo, parava para o almoço; às 14h, 14h30, iniciava o turno da tarde, que encerrava entre 17h30 – 18h. Sem dúvida, um horário bem de acordo com o clima local e que abria um bom espaço, após o almoço, para a sesta diária, costume que eu havia esquecido e arquivado no meu mergulho no Sudeste e que voltei a desfrutar, com grande alegria, sempre que o trabalho permitia.

Pouquíssimas indústrias, um comércio e serviços reduzidos, eram sinais de que o Estado e a cidade precisavam ser sacudidos. A maioria dos postos de trabalho e os mais bem remunerados ficavam com os

55 É uma pena que o progresso os tenha tirado de circulação, acabando com mais um traço bem diferente da cidade. Quem sabe se o Secretário Robério Braga, que tanto tem resgatado para Manaus, não os reedita. Seria, sem dúvida, um forte apelo turístico, mais um diferencial.

funcionários públicos, principalmente do Legislativo e Judiciário, e os Fiscais do Executivo, quase todos lotados em Manaus, o que a transformava em uma cidade–estado, que concentrava quase tudo e fazia o homem do interior sonhar em viver ali, onde vinham estudar os filhos das famílias ricas ou quase ricas do interior, geralmente internos nos colégios de padres e freiras. Algumas dessas famílias possuíam residência em Manaus e, então, as mães vinham acompanhando os filhos e aqui ficavam. Os pais continuavam no interior trabalhando e faziam visitas periódicas à família. Esse era um modelo amazônico, o mesmo acontecia, em maior escala, em Belém, que recebia jovens do interior do Estado e das capitais e interiores de outros estados da região, do Maranhão e Piauí.

As mulheres à janela era costume na cidade e me fez redescobrir esse importante traço da arquitetura e relembrar Belém da minha juventude. E lá estavam elas, às janelas, permitindo a muitas o olhar em volta, o penetrar no espaço externo, antigamente tão pouco oferecido para tantas mulheres das capitais amazônicas.

As cadeiras nas calçadas[56] onde havia, lugar para a comunhão entre vizinhos e parentes e até para o divertido disse–me–disse, em papos que varavam pela madrugada, protegidos pelo tranqüilo dia–a–dia da cidade, era um outro costume interessante, até intrigante para os que chegavam das grandes e médias cidades, com suas calçadas repletas de carros, sem lugar para o homem.

Nas madrugadas de domingo, chefes de família, com suas mulheres, e muitas outras pessoas – jovens ou menos jovens – iam ao Mercado Adolpho Lisboa para as compras da semana, feitas ali ou em empórios próximos, a maioria de portugueses ou de seus descendentes.

Como não havia supermercados em Manaus, o abastecimento doméstico era feito através do *Mercado Grande*[57], desses empórios

56 O centro as possuía. As áreas de expansão, com raras exceções, só dispunham de espaços reduzidos, de chão batido, para uso dos pedestres. Assim, sem calçadas, levava ao uso das beiradas das ruas para caminhar, sentar, brincar, o que a quase ausência de trânsito permitia.

57 O Adolpho Lisboa era popularmente chamado de Mercado ou Mercado Grande.

e das mercearias ou pequenas vendas de bairro, estas, inclusive, com *venda por caderneta*, com pagamento semanal ou mensal. Este costume amazônico, muito antigo, havia em Belém da minha infância e juventude e o reencontrei em Manaus.

O Mercado era o local preferido para o café-da-manhã dos domingos e feriados. Assim, os freqüentadores uniam as compras a esse costume e se deliciavam com café, leite, pães, beijus, mingaus, broas, cuscus, macaxeira, bata-doce, cará cozido, sucos e até sopa, peixe frito e caldeirada, estes principalmente para os que vinham direto das noitadas. Nós de fora também passamos a ir ao Mercado para as compras e para o café.

A maioria ia e voltava a pé. Eram bandos se deslocando. Na volta, as cestas e sacolas vinham abarrotadas de compras, coloridas pelas frutas da região. E esse movimento tornava as ruas animadas, movimentadas, barulhentas. Todos falavam muito, riam muito.

Com exceção de mim, amazônida convicta, minha família teve que se adaptar à dieta local, que oferecia inúmeros itens novos e saborosos, como as diferentes frutas, legumes, hortaliças regionais e os peixes inigualáveis. Encontrar as farinhas eles adoraram, pois sempre havia em nossa casa, no Rio.

A cidade, segura, permitia que os carros fossem deixados abertos, com a chave na ignição, compras e dinheiro sobre os bancos, por horas a fio, longe da vista dos donos; que as casas estivessem sempre com suas janelas e portas abertas e dormissem sem chaves ou trancas, que os mais jovens desfrutassem das noites e madrugadas em total segurança.

Nós logo aprendemos que não era preciso fechar carro e casa e desfrutamos disso, felizes e relaxados. Ao sairmos à noite, para trabalhar ou divertir, ou levávamos os meninos ou os deixávamos dormindo, a porta encostada, aos cuidados do Sr. Cláudio e D. Ana, que tinham livre acesso à nossa casa e bondosamente nos ajudavam. E assim, verdadeiramente surpresos, mas adorando esse lado seguro de Manaus, aproveitamos essa paz.

Eram poucas as opções de lazer, muitas bem regionais. Havia os cinemas – Avenida, Politheama, Odeon, Guarani, no Centro, e Ypiranga, na Cachoeirinha, ao lado do edifício do DER-AM, com uma programação geralmente desatualizada, o que era comum na região. As matinais e *matinées* ficavam lotadas por crianças e mais jovens. À noite, a vez dos adultos, havia uma boa procura. Segundo Baby Rizzatto, à época muito jovem e, hoje, importante empresária, jornalista multimídia e um dos expoentes da sociedade local – "os jovens das família importantes só freqüentavam as matinês do cinemas Avenida, ao sábado, e Odeon, aos domingos, e mesmo que os filmes não fosses trocados e eles já os tivesses visto... iam todos". O GEC[58], com seus filmes de arte e debates, atraía intelectuais e jovens. Era o programa imperdível para os que buscavam mais informação e cultura.

Os clubes faziam parte da vida da cidade. Havia os de futebol, que levavam as torcidas à loucura e fortes disputas, como o clássico Rio x Nal (Rio Negro e Nacional); o Olímpico, o São Raimundo, o Sul-América, e outros, todos com sede própria e programação social. O Rio Negro, o Ideal Club e o Bosque Club eram os mais elitizados. O primeiro era o clube da classe média alta, de algumas famílias tradicionais, dos profissionais liberais, dos industriais e comerciantes. Mais aberto do que o Ideal, o tradicional, o mais elitizado, e do que o Bosque, tinha uma freqüência mais jovem e suas festas eram – como diziam – *do arromba*.

O Ideal Club sempre teve sua sede à Av. Eduardo Ribeiro, esquina com a Monsenhor Coutinho[59], em frente ao Palacete Miranda Corrêa. Seus sócios são das famílias mais tradicionais e/ou mais ricas da cidade, suas festas exclusivas e preferidas pelos menos jovens. Apesar desse perfil, Ézio Ferreira[60], Diretor Social à época, nos abriu as portas de seu clube e ali vivemos ótimos momentos.

58 GEC – Grupo de Estudos Cinematográficos, tem sua história contada no Capítulo Resistência Cultural.

59 Em frente havia o palacete da família Miranda Corrêa, que no final dos anos 60, início dos anos 70, deu lugar ao Edifício Miranda Corrêa.

60 Fomos apresentados a Ézio por Luiz Maximino de Miranda Corrêa.

Ideal e Rio Negro ofereciam programação para os muitos jovens, adolescentes inclusive: os *mingaus dançantes*, que lotavam. Eram diferentes esses eventos e, mais ainda, o nome: *mingau*, um dos pratos mais servidos na merenda amazônica. Como era para muito jovens, começava na hora do mingau da tarde, 16h, e terminava no início da noite. É ainda Baby que nos conta: "as quartas-feiras havia o b*anho noturno* no Rio Negro, que começava às 19h e encerrava ao tocar da sirene, pontualmente às 22h. Era concorridíssimo. Os sábados eram para dançar no Ideal; os domingos, para os eventos no Rio Negro".

O Bosque Club, como já dito, foi fundado pelos ingleses para seu lazer. Clube fechado, conquistou muitos adeptos na sociedade tradicional, inclusive alguns atraídos pelo tênis. Para minha alegria, o Presidente do Bosque, à época (1965), era o industrial Isaac Benzecry que, juntamente com sua esposa, D. Santinha, eram amigos de longa data de minha família Salgado. Pessoas de extrema fidalguia conduziam o clube com grande categoria. Com gentileza, deram para nós, de fora, a possibilidade de nos associarmos – como sócios temporários.

Uma tarde no Bosque Club, a autora, Sra. Santinha Benzecry, Srta. Sheila Freitas Pinto, meu filho Ítalo e o arquiteto Ivan Pimentel. Fonte: Arquivo autora.

Seu Diretor Social, o jovem, competente e solidário Guilherme Aloísio da Silva, além da atenção a nós dispensada, muito contribuiu com as programações do Departamento Estadual de Turismo e Promoção – DEPRO, cedendo sempre as dependências do Clube para os eventos oficiais. O diferente do espaço encantava a todos os visitantes, principalmente os estrangeiros.

O Bosque era um Clube de Campo, agradável, diferente e ecologicamente perfeito. Suas quadras de tênis bastante disputadas. Mas o local mais procurado era a chamada *piscina natural*, formada pelas águas geladas e correntes do igarapé, que no final formava uma minicachoeira. Era revigorante cair naquela água gelada, no fim da tarde escaldante do Equador. Sua sede era simples, mas aconchegante. As árvores, muitas, deixavam uma viração bem fresca e, depois de muitos mergulhos, nada melhor do que um *gin tônica* ou uma *kola*, servidos acompanhados de sanduíches do *Seu Vicente*, o zelador, uma espécie de anjo-da-guarda de todos ali.

O Sheik Club, dirigido pelo Sr. Jones Abrahim (para os mais jovens da terra *Tio Jones*), e o Baré Clube faziam as mais animadas e concorridas festas da cidade. Sua freqüência era basicamente de pessoas mais jovens e nós, da ala jovem do governo, íamos a quase todas, que terminavam quando os galos cantavam e o sol já raiava. Eram ótimas.

Além desses, havia outros clubes de bairros, associações, etc., destinados a universos específicos. Conhecemos alguns e estivemos – eu, César e o nosso grupo – no São Raimundo, a convite de seu Presidente, Nozor Nascimento, colega de César na Diretoria da COHAB-AM. Suas festas eram famosas pela animação e pelas moças do bairro, com fama de muito bonitas.

Os clubes tradicionais, com seus parques aquáticos, seus *mingaus-dançantes*, seus jogos, seus concursos desportivos, de beleza, *shows* e bailes, eram centros de convivência, pontos de encontro para todos, crianças inclusive. Ali, nós de fora, com nossos filhos, passávamos bons momentos e os turistas e visitantes recebidos pelo DEPRO podiam participar de suas festas e freqüentar suas dependências.

O destino de quase todos, nos fins-de-semana e feriados, eram as praias, com destaque para Ponta Negra e Lajes; as cachoeiras mais próximas – Tarumã e Tarumãzinho; os *banhos* – de clubes, particulares, públicos; dos últimos, o melhor equipado e muito agradável era o Balneário do Parque Dez, no final de Adrianópolis; igarapés, especialmente o da Ponte da Bolívia. Para os homens, havia as peladas das tardes de sábado e manhãs de domingo, onde mulher não entrava.

Balneário do Tarumã. Fonte: Arquivo – Centro Cultural Povos da Amazônia.

Os fins de semana mais prolongados eram para os passeios de barco para praias e cachoeiras mais distantes. Havia alguns anunciados nas *vozes* e vendidos ao público; outros, realizados em barcos ou iates particulares; os pernoites eram em sítios, *banhos* ou fazendas. Para os homens, e só para eles, havia as pescarias e as caçadas.

Nós, recém-chegados, nos adaptamos logo a esses diferentes e ótimos tipos de lazer. Freqüentadores habituais do *banho* do Bosque Clube, e o de Gilda e Severiano Porto – que construíra sua casa à beira de um dos afluentes do Mindu –, onde, além da piscina natural de água

muito fria e do jogo de vôlei, havia o papo nas redes da varanda. Era o nosso *clube particular*. Mas, quando convidados e com tempo livre, não dispensávamos um fim-de-semana *al mare*.

Balneário do Parque 10. Fonte: Arquivo Autora.

O lazer diário de crianças, jovens e adultos, residentes próximo do rio ou dos igarapés que cortavam a cidade, eram pulos e brincadeiras na água, passeios em canoas, pescarias, etc. Era a civilização fluvial em ação, a convivência pacífica com a água. Nós de fora, muitas vezes parávamos para desfrutar dessa paisagem interessante, movimentada. Na vazante, os leitos secos desses igarapés se transformavam em campos improvisados e haja futebol! Sem dúvida, essas formas de lazer eram outros traços bem diferentes de Manaus.

A falta de televisão fazia com que crianças e jovens locais reeditassem algumas brincadeiras que não se viam mais nas cidades e capitais televisivas: o futebol, as corridas em rústicos carros de rolimã, o peão, as bola de gude, as patinetes, os patins, bicicletas, e muitas outras que faziam das ruas, quintais, beira de rio e igarapés, praças e descampados, espaços de lazer; as curicas – quase sempre de jornal – feitas pelas mães, avós, babás, irmãs, era uma das diversões dos

menores de 7 anos, que as lançavam ao ar, das janelas, sob os cuidados daquelas; os papagaios, de fabricação própria ou comprados de artesãos especializados, acompanhados de rolos de cerol, eram empinados até dos telhados e coloriam o céu.

As idas ao *roadway*, ao Aeroporto de Ponta Pelada[61], o brincar nas praças, as idas ao circo, quando havia, e aqui chegavam muitos e ótimos, a maioria estrangeiros, eram costumes ainda em uso.

As noites de luar na Ponta Negra eram imperdíveis. O bate-papo rolava ao som do violão e das canções. Era programa para os jovens, que iam em bandos e esqueciam que a noite acabava... Viam o dia raiar por sobre o rio, os que não iam de carro tinham que esperar pelo primeiro ônibus.

A população era bem religiosa. Considerando o tamanho da cidade, eram muitos os templos católicos. Os protestantes pertenciam às Igrejas tradicionais ou à Assembléia de Deus. Os cultos afro-brasileiros praticamente inexistiam.

A Padroeira do Amazonas, Nossa Senhora da Conceição, levava multidões à sua Igreja, a Matriz, e à sua Procissão, dia 8 de dezembro. Outras procissões concorridíssimas eram a do Senhor Morto e a de São Sebastião.

A Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro era devoção quase que obrigatória e, às terças, sua Igreja, ficava lotada em todos os horários.

O culto a Santo Antônio, também às terças, acontecia na Igreja de São Sebastião, onde, em janeiro, havia as homenagens a este Santo. Por quinze dias, novenas, missas e quermesses, movimentavam a igreja e a praça. As famílias se uniam aos padres capuchinhos e faziam uma bela festa, patrocinada por elas.

Os festejos de Nossa Senhora de Nazaré aconteciam no mesmo período dos de Belém, com Transladação e Círio, cumprindo o percurso Igreja Nossa Senhora de Nazaré, em Adrianópolis, Igreja Nossa Senhora

61 Inaugurado em 1945.

de Fátima, na Praça 14, ida e volta. Os festejos aconteciam na praça e em uma das laterais internas da igreja, com barracas, brinquedos, jogos, sorteios, comidas típicas, etc., muita música e mensagens, enviadas pela *voz* ali instalada.

Havia inúmeras festas religiosas pela cidade. Suas quermesses eram concorridíssimas e contavam com a contribuição e a participação das famílias. Eram os arraiais. Poucas vezes participamos delas, mas as do Círio eram obrigatórias para mim e meus meninos, Luiz Antônio e Ítalo adoravam os brinquedos, as pescarias e outros jogos.

Apesar dessa extrema religiosidade e da quase inexistência de *terreiros* de umbanda ou candomblé muito freqüentes e freqüentados em Belém, o *Terreiro da Mãe Joana*, na subida de São Jorge, era famoso e suas festas esperadas. Nós do DEPRO o elegemos como um dos pontos obrigatórios dos roteiros oficiais. Turistas e visitantes, principalmente os estrangeiros, adoravam. Mãe Joana era uma figura simpática, o que tornava muito agradáveis as visitas ao local.

O tamanho da cidade e a ausência de mudanças importantes na composição da população talvez sejam a explicação para a melhor aceitação do outro, do diferente, na Manaus daquela época. Não havia, aparentemente, muita censura. Embora pequena, sua sociedade se mostrava mais aberta do que a de outras cidades brasileiras, inclusive capitais.

A zona do meretrício, tão estigmatizada em outros lugares, aqui mantinha uma convivência civilizada com a sociedade. Sua área se estendia da praça em frente ao Colégio Dom Bosco até os galpões do Porto, limitada pela Rua da Instalação e o Igarapé de São Vicente. Nesse espaço, dividido com o Edifício IAPETEC e outras residências de famílias tradicionais ou identificadas, as *moças* circulavam, sem problemas. Os *inferninhos* da zona estavam sempre lotados e com a música bem alta, as pessoas passavam e... seguiam. O meretrício se estendia, também, para a periferia da cidade. Eram os *rendez-vous* à beira dos igarapés: *Lá Hoje, Verônica, Shangri-lá*, os mais famosos. Num certo sentido, faziam parte da vida da cidade, o que levava muitos

casais a freqüentá-los. Eram locais diferentes, ecológicos, regionais, únicos e, como tal, obrigatórios para turistas, e por isso foram incluídos nos roteiros mais exclusivos do DEPRO. Glauber Rocha e sua equipe, ao vir filmar *Amazonas... Amazonas* foram levados por nós para conhecê-los. Adoraram a alegria, o igarapé gelado, o ir e vir democrático, e elegeram o *La Hoje* como refúgio, até o final das filmagens.

No nosso dia-a-dia, em meio a muito trabalho, nos relacionamos, eu e César, com pessoas bem interessantes, de fora e da cidade. Entre estas, tivemos Aníbal Beça, que integrava a equipe do César, na COAHAB-AM, membro de tradicionais famílias locais, poeta, homem da sociedade e boêmio, um excelente e continuado cicerone, que nos levou a conhecer muitos lugares, aspectos e pessoas. Foi ele um dos que nos ajudou a ir descobrindo Manaus. Inclusive foi quem encontrou e indicou para César o terreno onde hoje fica o Conjunto Castelo Branco, naquela época um pedaço de floresta, onde muitas vezes eu e meus filhos fomos comprar frutas bem frescas. Era um sítio alto, lindo, repleto de palmeiras: pupunha, açaí, buriti, etc., e outras árvores, cuja zeladora, uma senhora gorda e afável, informou que o terreno enorme pertencia a João Feliciano de Souza, um cearense, o que facilitou a negociação.

O depoimento de Aníbal foi importante para este livro. Inclusive reforçou a minha conclusão sobre alguns efeitos negativos que a ausência da televisão na cidade trazia para a informação e atualização cultural local. Sem ela, músicas, tendências e movimentos culturais demoravam a chegar. Ele me fez lembrar que isso ficava mais claro nos bailes de carnaval, quando só se ouvia as *marchinhas* das *Chanchadas* da Atlântida, além das muito antigas já consagradas, *Jardineira*, por exemplo. E citou alguns artistas que se apresentavam aqui, com mais freqüência: Francisco Alves, Emilinha Borba, Marlene, as irmãs Batista, Isaurinha Garcia, Blackout, Lupiscínio Rodrigues, Trio Irakitan, Nuno Roland, Dóris Monteiro, Jorge Goulart, Nora Ney, 4 Ases e 1 Coringa. Vinham para os *shows* dos auditórios das Rádios e estendiam suas apresentações ao *Acapulco*, outras casa noturnas e alguns clubes. Isso

talvez explique suas fortes presenças nas programações das *vozes* e nos repertórios dos cantores locais.

O pouco da *Bossa Nova*, da *Seresta* e da *Jovem Guarda* – quando chegava – e as freqüentes músicas da América Latina, Caribe e Estados Unidos, serviam de inspiração para os primeiros compositores locais de música popular. Domingos Lima foi um desses.

A prova da avidez por maior contato com novos compositores, músicos e suas músicas, por maior informação, foi a chegada de Roberto Carlos, para sua primeira apresentação em Manaus. Foi uma loucura. O Aeroporto de Ponta Pelada transbordava de gente, que chegava a pé, de ônibus, de carro, de caminhão, trazendo faixas de boas-vindas e até declarações de amor. Eram berros, desmaios..., tudo como acontece com ídolos. Como tal, ele foi recebido em Manaus, em 1966.

Os instrumentistas locais mais conhecidos desse período eram os que tocavam nas festas do Rio Negro – salões e Parque Aquático; do Ideal – bailes e *Boite Moranguinho*; nas noites do *Acapulco* – a noite mais freqüentada e famosa a cidade; do *Mandys Bar*... Eram eles: Domingos Lima – violão elétrico, Pernambuco – violão tenor, Anunciação – com ótimo repertório de bossa nova, Júlio Aleixo, Camilo Flamarion, Marília Palhano, Geraldina Monteiro – piano; Moisés Azancoth e Simões –/ violino; Anúbio Celestino – percussão; e os cantores mais solicitados eram Luiz Carlos Mello – Ticau, vencedor do prêmio nacional *Voz de Ouro ABC*; Roberto Carreira, filho de um dos sócios da Empresa Bernardino de Cinemas (Odeon, Politheama, Éden, Popular); Júlio Otávio Rocha Pires, *chansonier*, intérprete de músicas estrangeiras; a grande *crooner* era Kátia Maria, Lili Andrade – adolescente, iniciava; Alexandre Otto, Nicolau Murno e Salim Gonçalves eram os principais seresteiros, os mais requisitados.

Os conjuntos musicais surgiram nos programas de auditório e nas novelas da Baré e da Difusora. Josué Cláudio de Souza, catarinense, fundador da Rádio Difusora, ao vir para Manaus, trouxera consigo Rômulo Gomes, que passou a escrever as novelas para essa emissora, dirigidas por Josaphat Pires.

Os restaurantes eram poucos. O melhor e mais sofisticado era o *Canto da Alvorada*, na Japurá, esquina da Comendador Clementino[62], com uma varanda, um espaço interno com reservado e boa cozinha. O proprietário, Sr. Álvaro Neves, e os garçons sempre gentis. Havia, ainda: *Varanda Tropical*, do Hotel Amazonas; o do *Lord Hotel;* o *Shangai*, à João Coelho (hoje Constantino Nery); os tradicionais *Bar e Restaurante Avenida*, *Pensão Maranhense*, pontos de encontro de políticos, boêmios, intelectuais – e o *Siroko*, misto de restaurante e sorveteria, à Av. Eduardo Ribeiro.

Para nós de fora e para visitantes e turistas o roteiro gastronômico obrigatório era o dos *regionais*, muito simples, servindo basicamente peixe. Havia alguns imperdíveis, já famosos, como o *Tucunaré*, em São Raimundo, com acesso via catraia, saídas do porto de Aparecida; o *Panorama*, em Educandos, com vista para a Baía do Rio Negro e um vento permanente. Para o nosso grupo, o melhor era um pequeno espaço em Santa Luzia, muito primitivo, com um aquário, onde escolhíamos os peixes que queríamos.

Ali serviam especialidades! Delícias! Para lá íamos quase todos os domingos, após o vôlei na casa de Gilda e Severiano. Eram almoços caudalosos, regados a muitos papos, cerveja geladíssima e, para quem não bebia álcool, guaraná e refrescos. Ainda não havia Coca-Cola em Manaus. Íamos todos: eu, César, Sevê, Gilda, Murilo Lagares – arquiteto que trabalhava com Severiano Porto; Ivan Pimentel, Léon Manickchand, arquitetos da COHAB-AM, este chegado de Trinidad Tobago via Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro; Amaury Farias, técnico vindo do Rio; Karl Harby – engenheiro alemão, empresário da construção civil, com Maria – ela, de Macapá, Amapá, minha contemporânea do Colégio Gentil Bittencourt, em Belém. Dos locais, iam, nem sempre, Raimundo Parente, com Maria Luiza, Carlos Lins, Ivo Amazonense, com Perpétua, Professor Júlio, que eram do time do vôlei.

62 Onde hoje (2008) funciona a Construtora Capital

Simples, mas com especialidades que atraíam uma clientela identificada e cativa: *Jangadeiros,* famoso por seu sanduíche de pernil, seus tremoços, sardinhas e, imaginem, pratiqueiras trazidas de Belém; *São Marcos*, do seu Luiz e D. Maria, de comida honesta e *chopp* bem tirado; Canto da Saudade, um dos mais populares, à Epaminondas, próximo ao Rio Negro Clube, famoso por seu *motorizado* (arroz, macarrão, feijão, ovos, carne), o preferido dos motoristas de táxi; *Canto do Galeto*, à João Coelho (Constantino Nery), na confluência com a estrada de São Jorge. Os dois ficavam abertos 24 horas, um achado naquela Manaus de horas tão marcadas. Eram os pontos de encontro de todos, pelas madrugadas.

Diferentes, os estabelecimentos mistos: mercearia-bar-restaurante, serviam sanduíches, com pão bem quente; alguma comida e bebidas sempre geladíssimas. Os mais procurados: o do Sr. Manoel português, o do Zé Picotranca, o dos irmãos Polari.

A lanchonete *Fazano* e a *Confeitaria Avenida*, à Eduardo Ribeiro, eram famosas pelos seus doces (caracol, pastel de Santa Clara, madalenas, etc.), sorvetes e xaropes (estes principalmente de guaraná ou groselha). Eram pontos de encontro, após as sessões dos cinemas Avenida e Odeon. A *Mocambo*, à Praça da Polícia, tinha os melhores salgadinhos da cidade, sempre acabados de fazer.

Este era o local preferido por nós, Agentes do DEPRO – eu, Kathleen Neves, Yone Beça, Sheila Freitas Pinto, Ariosvaldo Moraes – para nos abastecer nas *viradas*, quando não havia tempo para almoçar. Passávamos lá e saíamos com bandejas cheias de pastéis, canudinhos, empadas, sanduíches e guaraná. Havia também, à Praça da Polícia, próximo à Rui Barbosa, uma padaria onde nos abastecíamos de pão quente (ótimo com manteiga), de propriedade do Sr. José Grosso, um português atencioso.

Os bares mais conhecidos pela cerveja bem gelada eram: *Pequeno Príncipe* e *Balalaika*, ambos na Epaminondas, o do *Seu* Messias, à Dr. Moreira, e o *Café do Pina*, o famoso e tradicional Café da Praça da Polícia.

O *happy hour* era no *Mandys Bar*, do Hotel Amazonas. Ali estavam todos: turistas, políticos, intelectuais, boêmios, curiosos, *habitués*, viajantes, hóspedes, etc. O melhor sorvete da cidade era o do *Bar Oásis*, como já dito, onde, além do bom sorvete encontrava-se a gentileza e atenção de D. Ana e Seu Cláudio. Mas havia também o do *Bar Brasil*, o do *Siroko* e o do *Seu Messias*, este na Dr. Moreira, todos com bons sorvetes.

Nesse dia-a-dia corrido, mas instrutivo e divertido, fui vivenciando certos costumes, alguns muito arraigados, que se faziam pontuais para os manauenses, como as *Festas de São João*, em junho, presentes em todo o Brasil, mas, as daqui, amazônicas – imensas fogueiras, muitos e super estridentes foguetes, enormes balões, os batismos das fogueiras, as adivinhações e o povo na rua; as *pescarias dos maridos*, marcando mais fortemente os fins-de-semana do verão; os papagaios de papel, as pipas do Sudeste, em junho, julho.

Nesses meses, com sol a pino, calor escaldante e pouco vento, os *papagaios* faziam do céu da cidade uma colcha muito colorida, lançada entre o azul de poucas nuvens e nossas cabeças fumegantes.

As esquinas das ruas, principalmente das avenidas mais movimentadas, ficavam enfeitadas por fileiras de *papagaios*, vendidos com ou sem cerol. Eram quadros mutantes. Cedo, bem cedo, o colorido era compacto e mais vivo, à medida que os mais bonitos iam sendo vendidos, o *quadro* perdia intensidade e variedade de cor e diminuía de tamanho. Empinar *papagaio* era arte e diversão, sem limites; *cortar* os dos adversários, colecionar vitórias, principalmente se de muitos cortes; ter sempre os mais bonitos, os mais coloridos e o cerol mais invencível, eram objetivos dos campeões..., e eles eram muitos e das mais diversas idades e *status* social.

Havia bairros com um maior número de ases do *papagaio*. Os grandes artistas na arte de criar e produzir *papagaios* eram procurados e respeitados. Seu preço era bem mais elevado, mas valia..., eram obras de arte.

Pessoas soltando Pipa. Fonte: Arquivo – Centro Cultural Povos da Amazônia.

O primeiro junho em Manaus foi um empolgante reviver. Como em Belém da minha infância e adolescência, havia as Quadras dos Bois, as fogueiras enormes, os balões, os fogos, os foguetes, os arraiais e as festas com suas guloseimas típicas da época. A cidade se enfeitava de bandeirolas e a noite ficava mais quente com o calor das fogueiras, espalhadas pelos bairros. Várias pessoas, a caráter, se reuniam para os ensaios e as apresentações das quadrilhas. E havia danças e brincadeiras.

Os quinze dias do Festival Folclórico animavam o centro da cidade e a Praça Gal. Osório, apinhada de gente, barraquinhas, música, e muita alegria, via passar os *Bois*, as *Quadrilhas*, os *Pássaros*, na disputa dos prêmios, acompanhados pelas torcidas. Junho fazia de Manaus um campo de festas, que se estendiam até o início de julho, e nelas, novos, velhos, crianças, democraticamente, disputavam lugares nas filas do tacacá, do munguzá, do bolo de macaxeira, cará e batata-doce, banana frita e pastéis, bolos, vatapá, aluá, pé-de-moleque.

Das *pescarias dos maridos*, o que posso dizer é que achei o costume bem diferente: os maridos se reúnem e, em barcos próprios ou alugados, ganham o rio, sexta à tarde ou sábado pela manhã, para pescar, jogar dominó, comer, beber, conversar *conversa de homem*, e...

dormir. As mulheres e as filhas mulheres não entram nesse programa. No domingo à tarde, às vezes segunda pela manhã, chegam eles, renovados e carregados de peixe, ou não.

O Carnaval veio pouco depois de nossa chegada e era bem diferente do do Rio. Como só passei aqui dois carnavais, julguei mais interessante pedir o depoimento de Geraldo dos Anjos, um dos jovens intelectuais mais atuantes de Manaus, pesquisador permanente de várias vertentes da história da cidade, o qual nos fala sobre o Carnaval manauense, tema há muito pesquisado por ele e objeto de algumas de suas interessantes exposições.

Diz Geraldo: "O Carnaval dessa época (1965) era bem ingênuo, simples, bem local. Havia blocos; blocos de sujo, que vinham a pé ou em caminhões decorados; mascarados, solitários ou em bandos, bailes, bailes à fantasia, *assustados*[63], batalhas de confete, desfiles de fantasia – em bailes e na avenida – com Concurso e Prêmios para as melhores, – adultas ou infantis. O desfile da Avenida Eduardo Ribeiro trazia todos para o Centro; era famosa e esperada a *Chegada da Kamélia*, muito concorridos os b*anhos à fantasia*, vários homens se vestiam de mulher e vinham a pé, em carros, caminhões, sós ou em grupo.

Os Blocos mais famosos eram: *Mocidade Clube*, composto por jovens senhores da alta sociedade; *Bloco das Lavadeiras*, do bairro da Matinha; *Cordão dos Linguarudos*, da Praça 14. Havia uma única Escola de Samba – *Escola de Samba Mista da Praça 14*, origem da *Escola de Samba Vitória Régia*, também da Praça 14.[64]

Todos participavam do Desfile da Avenida. O *Mocidade Clube,* a cada ano, apresentava um tema diferente; por exemplo, houve um ano que interpretaram *Branca de Neve e os Sete Anões*; num outro, inspiraram-se em uma novela local, baseada na *Cabanagem*, episódio importante da História Amazônica. Era bem interessante, diferente, esse bloco, e muito esperado pelo público.

63 Grupos fantasiados ou não, invadiam casas de amigos e promoviam pequenas festas carnavalescas. Eram comuns até a década de 60.

64 Esse nome é uma homenagem que houve em 14 de janeiro de certo ano.

As *Batalhas de Confeti* eram realizadas em ruas do Centro e as mais famosas a da Lobo d'Almada e a da Joaquim Sarmento; nos bairros, a mais concorrida, a da Cachoeirinha.

Havia bailes em todos os Clubes, à fantasia ou não. Os grandes bailes de gala da cidade eram o do Ideal Clube, no domingo, e o do Rio Negro, na 2ª feira gorda, que também faziam bailes infantis, com desfile e premiação. A *Chegada da Kamelia,* essa invenção local, levava toda a cidade para o Aeroporto de Ponta Pelada. Iam de carro, a pé, de ônibus, etc., formando uma festiva carreata. A imensa boneca negra era recebida em grande estilo e desfilava pela cidade, acompanhada por todos. Era uma festa. No Aeroporto ela recebia as chaves de Manaus e todos seguiam para o Olímpico Clube, onde Kamélia ficava aguardando seu grande baile, um dos mais concorridos e animados.

Os Desfiles da Eduardo Ribeiro aconteciam domingo e terça gordos. Iniciava na Ramos Ferreira, subia a Eduardo Ribeiro pelo lado direito, iam até o Porto e voltavam pelo lado esquerdo e ficavam dando voltas, entre 17h e 21h-22h. Todos vinham ver os blocos, a escola de samba, assistir aos desfiles de fantasias premiadas, e ao concurso de Rainha do Carnaval e, lógico, pular, pular, pular.

O Clube Internacional, localizado no Boulevard Amazonas, certa época criou uma boneca loura, como contraponto à Kamélia, a Jardineira. Passou a haver a *Chegada da Jardineira*. Mas era um evento restrito ao Boulevard e suas imediações. A Jardineira, então, passou a ser o ponto alto do baile do Internacional.

O Programa Oficial do Carnaval de Manaus, à época, era:

NOS CLUBES	
6ª feira gorda	Baile do Pierrot, União Esportiva Portuguesa.
Sábado gordo	Baile de Gala do Ideal Clube, a rigor ou fantasia de luxo, com desfile, concurso e premiação das melhores fantasias.
Domingo gordo	Baile do Nacional Clube. Esporte fino ou fantasia; baile infantil do Ideal Clube.
2ª feira gorda	Baile da Kamélia, no Olímpico Clube; baile de gala do Rio Negro Clube, a rigor ou fantasia de luxo; desfile, concurso e premiação das melhores fantasias.
3ª feira gorda	Baile infantil Rio Negro Clube; baile infantil Nacional Clube.

Domingo gordo e 3ª feira gorda	Desfile de Carnaval na Eduardo Ribeiro.

Os concursos de fantasia do Ideal e Rio Negro eram disputadíssimos, inclusive com concorrentes de fora. Estavam sempre presentes, com belíssimas fantasias, os jovens: Jaime Covas, Roberto Carreira, Little Box, Inês Maria Lyra, Amadeu Pinto, Roberto Laranjeira, entre outros. Os sempre vitoriosos eram: Jaime Covas, Roberto Carreira e Inês Maria Lyra. O Baile do Pierrot também tinha concurso de fantasia, dele saindo quase sempre vitoriosos Ednelza Sahdo e Pedro Aguiar.

Em 1966, Rádio Baré e Diário da Tarde, do Grupo Archer Pinto, lançaram o 1° Concurso de Música Carnavalesca, somente para compositores locais. Foi um sucesso.

Era assim o Carnaval de Manaus dessa época, pois a cidade ainda não havia sido invadida pela televisão e seu vírus da imitação e da descaracterização cultural.

Além dos bailes e festas de carnaval, havia os eventos tradicionais, que movimentavam o Rio Negro, o Ideal e inúmeros clubes de bairro, como o Sul América e São Raimundo, de São Raimundo, e União Atlética Constantinopla, de Educandos.

Não é possível esquecer o *Concurso Miss Amazonas*, esperado e acompanhado por todos, os vários bailes de debutantes e os disputados concursos de *Miss*. Também, que o *Miss Amazonas* tinha uma madrinha, Sra. Stella Lustosa, que treinava as novas misses para brilhar lá fora.

Os bailes do Ideal e Rio Negro eram notíciados, nos mínimos detalhes pelos colunistas sociais e articulistas. Através deles ficavam conhecidos os nomes das mais festejadas *locomotivas*, à época, entre outras: Sulamita Ferreira da Silva, Neusa Brandão, Santinha Ituassu, Maria Mansour, Mundita Xavier de Albuquerque, Stela Lustosa, Flor Neves, Aury Matheus, Mady Benzecry, Leda Mello, Clarice Miranda Corrêa Beça, Santinha Benzecry, Estrela Sabbá, Raquel Benoliel, Estrela Pazzuelo, Alésia Gama e Silva, Violeta Mattos Areosa, Maria do Céu Vaz de Oliveira, Elza Rezende, Zayra Vasques, Áurea Braga, Carmita Barateiro, Marlene Souza, Dirce Souza, Denise Araújo, Mary

Benchimol, Adayl Anthony, Rosaly Benchimol, Tereza Guerreiro, Lourdes Anthony, Neusa Cerquinho, Iclê Baraúna Pinheiro, Clio Baraúna Carvalho, Débora Baraúna Assayag, Farid Nasser, Bozzi Viannez, Sadie Hauache, Edy Cordeiro.

Entre as jovens que se destacavam lembramos de: Vânia Lustosa, Luiza Maria do Carmo Ribeiro Marques, Baby Castro e Costa, Eleonora Matheus, Zélia Montenegro, Sandra Braga, Inês Maria Lyra, Charuffe Nasser, Zeina Chamma, Sandra Marinho, Liêge Antony, Kathleen e Grace Neves, Ieda Guerra, Esterzinha Sabbá, Maria Eneida Macedo, Antonieta Coelho, Ílcia Honório .

Apesar de Manaus ser o centro das decisões e a irradiadora do desenvolvimento para toda a Amazônia Ocidental, o que até hoje (2008) lhe confere um perfil de uma cidade-estado, no início dos anos 60, as forças produtivas locais eram bem reduzidas. Quase tudo era importado. Os dados do Censo Industrial, Comercial e de Serviços, de 1960, do IBGE, permitem uma perfeita visualização dessa situação.

Produção	Nº Estabelecimento		Pessoal Ocupado	
	Estado	Manaus	Estado	Manaus
indústria*	313	185	4.671	3.826
comércio	3.279	1.254	8.699	3.907
atacadista	527	135	2.117	981
varejista	2.752	1.119	6.582	3.016
serviços**	609	441	1.686	1.386

* Na indústria, o segmento mais significativo era o de Transformação (229) e, neste, o de produtos alimentícios (113). Há um maior número de firmas Individuais (149), seguido pelas de Responsabilidade Limitada (79).
** O principal segmento é o de Alojamento e Alimentação (166 estabelecimentos)

O setor Industrial era composto pelos seguintes segmentos, segundo a sua importância[65]: Extrativo de Produtos Minerais, de

65 Em tempo – quero agradecer a gentileza e a ajuda que recebi do Sr. Adjalma Nogueira Jacques, da Unidade Estadual do IBGE, no Amazonas.

Transformação, Metalúrgica, Mecânica, Material Elétrico e de Comunicações, Material de Transportes, Madeira, Mobiliário, Papel e Papelão, Borracha, Couros, Peles e Produtos Similares, Química, Produtos Farmacêuticos e Medicinais; Produtos de Perfumaria; Sabões e Velas; Produtos de Matérias Plástica; Têxtil; Vestuário; Calçados e Artefatos de Tecidos; Produtos Alimentares; Bebidas; Fumo; Editorial e Gráfica e Diversas.

O comércio atacadista incluía os seguintes itens, segundo contribuição: produtos agropecuários e extrativos; ferragens e produtos metalúrgicos; material de construção; máquinas e aparelhos; material elétrico; veículos e acessórios; movéis e outros artigos de habitação e de uso doméstico; papel; impressos; artigos de escritórios; produtos químicos; farmacêuticos e afins; combustíveis e lubrificantes; tecidos e artefatos de tecidos; fio têxtil; artigos do vestuário e de armarinho; produtos alimentícios; bebidas e estimulantes; mercadorias em geral com produtos alimentícios; mercadorias em geral sem produtos alimentícios; artigos diversos; artigos usados.

O comércio varejista incluía os seguintes itens, segundo sua importância: ferragens e material de construção; máquinas e aparelhos de uso doméstico; instrumentos musicais; discos; materiais elétricos; veículos e acessórios; móveis e outros artigos de habitação e uso doméstico; papel, imprensa e artigos de escritório; produtos químicos e afins; tecidos e artefatos de tecidos; artigos do vestuário e do armarinho; produtos alimentícios, bebidas e estimulantes; mercadorias em geral, com produtos alimentícios; mercadoria em geral, sem produtos alimentícios; artigos diversos; artigos usados.

O segmento de serviços era composto por: de alojamento e de alimentação; de reparação; pessoais; comerciais; de diversão, radiodifusão e televisão.

Assim se desenhava a economia da cidade, do estado, que tinha em José Tadros, José Covas, Jorge Vasques, Felipe Abrahim, Emidio Vaz de Oliveira, João Chamna, Isaac Sabbá, Félix Fink, Moisés Israel, Irmãos Benoliel, Saul e Samuel Benchimol, Isaac e Elias Benzecry,

Cosme Ferreira, Nissim Pazzuelo, Robert Daou, João Mendonça Furtado, João e Carlos Braga, Fernando Monteiro, Abdul Hauache, Ernesto e Mário Moraes, Sócrates e Aristóteles Bonfim, Rafael Azize, entre outros, seus empresários mais modernos e atuantes.

Manaus estava realmente muito distante do Brasil, até 1964. Seu desenvolvimento freado, seus horizontes limitados.

É a partir daí e diferentemente de tudo o que acontecia no resto do País, à época, que o Amazonas – tendo à frente a figura competente, independente e determinada de Arthur Cezar Ferreira Reis – que merecia a admiração e o respeito do Presidente Castelo Branco e a aprovação irrestrita da ala nacionalista das Forças Armadas – começou a sua caminhada para uma nova realidade, embasada em importantes ações dos Governos Federal e Estadual, ampliada pela decisão do Governo Federal de enfatizar a importância e priorizar o desenvolvimento da Amazônia Ocidental e de Manaus, seu pólo difusor, inclusive em função da nova Política de Segurança Nacional, na qual se inseriu a criação e instalação da SUFRAMA – Superintendência da Zona Franca de Manaus.

Pouco tempo nos sobrava para viver e conhecer mais a cidade. O ritmo do governo era frenético. Nós do DEPRO, por exemplo, tanto podíamos estar a serviço do Órgão, como desempenhando alguma função; César Oiticica e Ivan Pimentel eram arquitetos e trabalhavam na COAHAB-AM, no entanto, à noite e em fins de semana, elaboraram alguns projetos para o Governo e sem nenhuma remuneração extra, unicamente por contribuir, por fazer parte de uma equipe.

A equipe da Secretaria de Obras não parava. Atendia ao cronograma dessa Secretaria e apoiava o governo, como um todo, em suas emergências. Por exemplo, a recuperação e adaptação do Colégio Agrícola do Paredão, para receber os professores e alunos integrantes do *Manaus Capital das Férias*, foi feita em tempo recorde, com trabalho dia e noite. No dia da chegada, todos, engenheiros da Secretaria, agentes e secretárias do DEPRO e até os diretores e o presidente deste, davam os últimos acabamentos e retoques no Paredão.

Mesmo quase sem tempo, foi possível viver Manaus e com alegria, apesar das dificuldades no abastecimento e na comunicação.

Sempre foi difícil para mim, cabocla desta região, aceitar que a distante Amazônia, a maior e mais rica parte do país, por sua extensão, riquezas, subsolo, flora, fauna, malha aquática, cultura – e a mais vulnerável – por seu vazio demográfico e extensa fronteira – ficasse como que deslocada, desatrelada, especialmente sua parte ocidental, onde está localizado o Amazonas.

Essa distância – que não era só espacial – e a total falta de energia elétrica, em Belém e Manaus, na década de 50, haviam prejudicado fortemente a informação e o desenvolvimento da região, inclusive cultural. Entretanto, uma das heranças da rica *Época da Borracha*, quando inúmeros amazônidas saíram para estudar na Europa – e do pós-guerra – quando outros tantos tomaram o caminho dos EUA – havia sido, para muitos, o despertar do interesse por um maior nível de informação e cultura, fortalecido pela convivência com alguns dos que haviam vivido fora, pelo conhecer de suas trajetórias e pelo ouvir sobre esses outros universos, aumentado pelos contatos com o Sudeste-Centro-Sul brasileiros.

As falhas na comunicação e a quase total ausência de intercâmbio entre a região e os principais centros culturais do país, fizeram do cinema e do rádio os veículos da informação e da atualização cultural, principalmente as rádios estrangeiras, estas com excelentes programas Informativos e de Difusão Cultural, alguns em português, como já dito, havia também a convivência com essas pessoas bem informadas, viajadas e cultas, algumas compondo o quadro docente dos melhores colégios. Segundo Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto, também foi inestimável a contribuição de alguns padres salesianos, do Colégio Dom Bosco, com elevado nível intelectual.

Rádio e cinema, ao trazerem informação e novidades, levavam muitos a se interessar por novas formas de expressão, por criar, se associar, de modo a manter vivas a Literatura, a Música, o Teatro, o

Cinema, as Artes Plásticas, o Folclore, numa espécie de resistência, resistência cultural, mesmo.

O DEPRO, com Luis Maximino na Presidência, se transformou no mais ativo patrocinador das atividades culturais. Era o local de reunião da intelectualidade, principalmente dos jovens. Hoje, 2008, muitos desses jovens freqüentadores do DEPRO, agitadores culturais à época, ocupam cadeiras na Academia Amazonense de Letras, onde têm a companhia de Luis Maximino. São eles: Élson Farias, poeta, editor e produtor cultural; Márcio Souza, autor, diretor teatral, historiador e cineasta; Aníbal Beça, compositor e poeta; Aldízio Filgueiras, jornalista e poeta. Também participavam ativamente do movimento cultural e integram, hoje, a linha de frente da intelectualidade amazonense, os jovens: Renan Freitas Pinto, Deocleciano Souza, Joaquim Marinho, os irmãos Batistas, Cosme Ferreira Neto, Álvaro Pascoa[66], Freida Bittencourt, Neide Gondim, Randolfo Bittencourt, e muitos.

Por força de minhas funções e por interesse pessoal tive contato com muitos desses intelectuais e artistas e foi uma grata surpresa saber de suas atividades e das de outros que, vencendo todas as dificuldades, haviam feito surgir:

- O Teatro Amazonense de Amadores, em 1944;
- A Coluna de Crítica de Cinema, *Cinemascope no Ar*, na Rádio Rio Mar, da Igreja Católica, em 1954;
- O importantíssimo, resistente até hoje, 2008, e atual *Clube da Madrugada*, em 1954;
- O Coral João Gomes Júnior e o Instituto Musical Santa Cecília, em 1956;
- O Curso de Cinema, em 1956;
- O Cineclube *Domingos Sávio*, no Colégio Dom Bosco, em 1958;

66 Ferreira Neto e Álvaro Páscoa, já falecidos.

- O inovador, educativo e multiplicador cultural, GEC – Grupo de Estudos Cinematográficos, no ínicio dos anos 60;
- A primeira Banda de Rock, *The Beatles Brother´s*, no início dos anos 60;
- O Jogral, grupo criado por Renan Freitas Pinto, nos anos 60.

Podemos considerá-los estandartes dessa resistência que, vindo desassistida, lutando pela sua permanência, encontrou no Governo Arthur Cezar Ferreira Reis o apoio e patrocínio de que necessitavam.

Deve-se registrar a atuação de alguns desses *resistentes* e criativos manauenses (nascidos ou não aqui), que se confunde com a história da cidade.

Com Edney Anzancoth, uma legenda do teatro amazonense, fui buscar a história do *Teatro Amazonense de Amadores*, sem dúvida primeiro forte estímulo para o movimento teatral de Manaus. Conta ele:

"O *Teatro Escola Amazonense de Amadores*, foi fundado em 1944, tendo como estréia a peça *Yaya Boneca*, de Ernani Fornari, no Teatro Amazonas, no dia 02/09/1944. Entre 1944 e 1950, apresentou as seguintes peças:

MONTAGENS	
Ano	Peça
1944	*Yaya Boneca*, de Ernani Fornari
1946	*Os Transviados*, de Amaral Gurgel
1947	*Saudade*, de Paulo Magalhães *A Pupila dos meus olhos* *Gota D´água* *Priminho do Coração*
1948	*A Barbada*, de Armando Gonzaga
1949	*Amor Materno*, de Américo Alvarez *O Casca Grossa*, Domigos Santos e J. Wanderley
1950	*Sinhá Moça Chorou*, de Ernani Fornari

Desde a sua fundação, o principal animador (ou promotor) das atividades do grupo foi Gebes Medeiros, que reuniu pessoas da terra, com pendor para as artes cênicas, entre as quais: Américo Alvarez – Vovô Branco; Professor Fueth Paulo Mourão; Desembargador Luis Cabral, Promotor Carlos Araújo, Dr. Kildeniro Teixeira, Montezuma, Helio Azaro, Tuffic Mamed, Pietro Celani, Aldemar Bonates, Maria Amália Ferreira, Edenice Barroso, Luiza Telles de Miranda, Flor de Maria D'Ávila, Edney Anzacoth, Maria de Nazaré Palheta, a Bia; Herlen Bonates. Em 1945, Gebes deixa Manaus, retornando em 1959, quando inicia a segunda fase do Teatro Escola, que permanece ativo até sua dissolução final, em 1968, segundo ele, causada pela falta de apoio financeiro do Estado.

Entre 1944 e 1950, destaca-se a figura do diretor João Braga, que atuou na direção artística de todas as peças, até sua morte, em 1952. Também é importante lembrar a contribuição do teatrólogo e dramaturgo Alfredo Fernandes.

No ano de 1955, o Teatro Escola ainda realizou a montagem da peça *Deus*, do autor Renato Viana.

Diz Edney:

> *"Durante quatro anos, o grupo de teatro escola permanece ausente dos palcos amazonenses, até que Gebes Medeiros retorna a Manaus e consegue reativá-lo. É a segunda fase do grupo."*

Segunda Fase

Ano	Peça
1959	*O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna
1960	*Dona Xepa*, de Pedro Bloch
1961	*A Farsa da Boa Preguiça*, de Ariano Suassuna *A Raposa e as Uvas*, de Guilherme Figueredo
1962	*Armadilha para um Homem Só*, de Robert Thomas

1963	*Judas no Tribunal*, de Godofredo Tinoco
1964	*A Prostituta Respeitosa*, de Sartre
1965	*Os Três Médicos*, de Martins Pena *A Guerra Mais ou Menos Santa*, de Mário Brasini
1966	*O Garçom de Casamento*, de Carlos Bittencourt e Miguel Santos
1967	*Zero Hora*, de Cleber Andrade

Sobre o fim do grupo, Gebes Medeiros declarou[67]: "pretendia realizar uma grandiosa montagem da peça *Yaya Boneca,* em 1968, porém não encontrei apoio por parte do Governo e do recém-nascido empresariado da Zona Franca. Desestimulado, preferi desfazer o grupo".

Ainda, segundo o Dr. Gebes Medeiros, integravam o Teatro Escola Amazonense de Amadores:

Gebes Medeiros – ***Diretor Geral***

João Braga – ***Diretor Artístico***

Atores

Américo Alvarez	César Lago
Alfredo Fernandes	Wilson e Luis Desemberg
Carlos Araújo	Edney Anzacoth
Hélio Azario	Orlando Vanderley
Walton Gondim	Élson Silva
Florice e Florine Segadilha	Douglas Pinto Castro
Terezinha Tribuzzi	Suely Barroso
Marisa Lobato	Julia Antonieta de Magalhães Coelho
Herlen Bonates	Mauricio Vanderley
Nazaré Palheta	Ana Maria Araújo
Yvens Lima	Jorge Salermo

67 Estas informações foram dadas à autora pelo Doutor Gebes Medeiros, em entrevista, em julho de 1996.

Padre Luis Ruas	Alcileia Lima
Gebes Medeiros	Luiz Carlos Bonates
Nivaldo Santiago	Lourimar Bonates
Farias de Carvalho	Arnaldo Costa

Voltando a Edney, ele fala sobre as montagens: *Quase todas as encenações do Teatro Escola primaram pelo bom gosto dos cenários, dos figurinos (alguns importados do Rio de Janeiro) e pelo ótimo trabalho dos atores*.

Sobre a ideologia do Teatro Escola, diz que nunca esteve preocupado com a montagem de espetáculos que encerrassem mensagens políticas e sociais, questionadoras da realidade brasileira, apesar de muitos grupos teatrais estarem desenvolvendo esse tema, principalmente após o golpe militar de 1964. Informa que a única vez em que o grupo tratou do tema, em 1964, com *A Prostituta Respeitosa*, se deu mal. Por encenar um espetáculo considerado subversivo, o elenco recebeu voz de prisão no então Território do Amapá. Inclusive Gebes Medeiros desculpou-se perante a imprensa, declarando-se defensor do regime militar.

Teatro Infantil

O teatro infantil foi outra vertente da resistência cultural. Américo Alvarez, o Vovô Branco, foi o grande nome, estimulando o interesse de jovens e crianças pelas artes, especialmente pelo teatro.

Com o Dr. Robério dos Santos Pereira Braga, hoje o grande Secretário de Cultura, intelectual respeitado, Membro da Academia Amazonense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico, um pouco da história do teatro infantil de Manaus, do qual foi um dos atores.

> *A Pastorinha, levada ao palco do Teatro do Luso, era o auto esperado anualmente por todos – adultos, jovens e crianças. Seu caminhão, cujo astro maior e mais festejado era o Cão do Luso, um simpático diabo, era aguardado nas ruas por todos,*

que vinham para saudá-lo e as matineés lotavam. Depoimento do Dr. Robério Braga.

O Cinema

A década de 50 foi a do c*inema paixão nacional*. Manaus também teve esse momento, incentivado e ampliado pelas atividades de um grupo de jovens apaixonados pela sétima arte. Foi quando surgiu a crítica de cinema, na Rádio Rio Mar; o curso de cinema, em dependências do Teatro Amazonas; um forte Cineclubismo, a partir do *Cineclube Domingos Sávio*, criado por Márcio Souza no Colégio Dom Bosco.

Crítica de Cinema

A crítica de cinema surge como um programa âncora da Rádio Rio-Mar, da Igreja Católica, desde sua inauguração, em 1954.

Ivens Lima, um apaixonado pela sétima arte, lança um programa pioneiro – *Cinemascope no Ar*, que obteve uma grande audiência, anunciado pela *chamada – O cinema em sua casa*. Era transmitido todos os domingos, de 8h a 9h da manhã.

Cosme Alves Neto,[68] que estudava no Rio e era outro amante do cinema, ficou espantado com a existência daquele programa em Manaus e comentou: "Quem é esse Ivens Lima que está aqui falando sobre cinema, em Manaus, onde ninguém está interessado em cinema?". Mas, embora pensando assim, procurou Ivens, por volta de 1956, com a proposta de criarem um curso de cinema. Haviam acabado de se conhecer, mas levaram a idéia adiante e o curso foi criado.

68 Veio a ser o mais importante Diretor da Cinemateca do MAM, do Rio de Janeiro.

Curso de Cinema

O curso de cinema, criado por Cosme Alves Netto e Ivens Lima, iniciou funcionando em uma sala do Teatro Amazonas, duas ou três vezes por semana, sempre com lotação esgotada. O programa de Ivens Lima fazia a divulgação e era ótima a resposta. Além de Cosme e Ivens, Albertino Jorge da Silva foi figura importante para o sucesso do curso, principalmente por seus conhecimentos técnicos. Cosme ministrava aulas de História e Técnicas do Cinema; o Padre Luiz Ruas lecionava a Estética Cinematográfica.

A considerável audiência ao *Cinemascope no Ar*, o sucesso do curso de cinema, o crescimento do cineclubismo local e a grande participação ao *Seminário Sobre Cinema*, realizado no Teatro Amazonas, levaram Cosme Alves Neto a sugerir a criação do GEC – Grupo de Estudos Cinematográficos, entre 1962-1963. Funcionando inicialmente na residência do pai de Ivens Lima, à Avenida Getúlio Vargas, 1003, no Centro. Seus fundadores foram: Cosme Alves Neto[69], Ivens Lima, Guanabara de Araújo, Randolpho Bittencourt, Albertino Jorge da Silva, Padre Luiz Augusto de Lima Ruas, todos na faixa de 30 anos.

Depois de algum tempo, o GEC resolveu testar sua real força, para isso e através de Randolpho Bittencourt, foi conseguida a cessão do Au ditório do DER-AM, no Palácio Rodoviário, na Cachoeirinha, com capacidade para mais ou menos 400 pessoas.

Feitos os convites e a divulgação, a cidade toda correu para lá e o auditório lotou. Não havia lugar para mais ninguém. Muitas pessoas tiveram que voltar. O público que permaneceu foi estimado em aproximadamente 2.000 pessoas, entre essas alguns intelectuais e um dos pioneiros do cinema-arte em Manaus, Agesilau Araújo, filho do Comendador J.G. de Araújo. O programa foi realmente de impacto:

69 *O Rastro de Silvino Santos* – Selda Vale da Costa e Narciso Júlio Freire Lobo, Superintendência Cultural do Amazonas – Edições Governo do Estado, Manaus, 1977.

Vizinhos e *A Galinha*, de Mac Laren; a *Marcha das Cores*, de Len Ley e *Lê Bateau*, de Marcel Marceau. E a sessão especial... foi um SUCESSO!

Após essa mostra, outros jovens chegaram para integrar o GEC, entre esses: José Joaquim Marinho, Márcio Souza, Roberto Kahané, Francisco Vasconcelos, Felipe Lindoso, Freida Bittencourt, Domingos Demasi Filho, Normandy Litaiff, Almir Pereira da Silva e, trazido por Cosme, o cinéfilo José Gaspar.

O GEC exibiu Mac Laren, René Clair, Eisenstein, *bang-bang*, cinema fantástico e outras vertentes cultas. Depois, vieram filmes de arte, cedidos por Cosme, então Diretor da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. O público era imenso, 400 a 500 pessoas por sessão. Mac Laren, por exemplo, era uma explosão de público.

Foram exibidos, também, *Thin Man*, de Anthony Man, o *Encouraçado Potenkin*, de Eisenstein, este com gente saindo pelo ladrão. Após os filmes, havia debates, muito bem recebidos pela platéia. Houve um debate sobre *A Feitiçaria Através dos Tempos*, com participação do Sociólogo André Araújo, que surpreendeu pelo público – significativo e participativo. Todo esse trabalho era desenvolvido com uma enorme dificuldade, inclusive e principalmente de ordem financeira.

A partir de 1964, o GEC passou a ter o apoio do Governo Arthur Reis, principalmente através do Departamento de Turismo e Promoção – DEPRO, sob Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto, o que permitiu que projetos já existentes e novos fossem desenvolvidos. Por exemplo, foi esse apoio que levou as sessões do GEC do Auditório do DER-AM para o Alberto Rangel[70] e à produção de aproximadamente 15 curtas, há muito programados para o *Festival de Curta-Metragem*.

Foi com o apoio direto do Governador Arthur Reis que uma comitiva do GEC compareceu e participou ativamente da *Jornada de Cineclubes*, em Salvador, com ótimos resultados para o movimento local.

70 O recém-inaugurado Auditório da Biblioteca Pública Estadual.

No livro *No Rastro de Silvino Santos*, de Selda Valle e Narciso Lobo, há dois depoimentos transcritos a seguir, que indicam o modo como o Governador Arthur Cezar Ferreira Reis se relacionava com as questões culturais e as relativas à liberdade individual e de expressão e como interagia com artistas, intelectuais e seus movimentos.

Ivens Lima conta: "O GEC resolveu fazer uma programação em homenagem a Chaplin, a Ivens coube a apresentação. Entre outras coisas ele disse: "Chaplin um grande artista, se não existisse Max Linder..." Nos debates, a maioria discordou de sua opinião. O Governador Reis e a Primeira Dama, D. Graziela, haviam chegado após o início da projeção e o Governador prestava atenção à discussão. Então disse: "olhem, eu cheguei atrasado, vi um pouco dos filmes aí, mas me interessei bastante. Eu quero saber quem falou Max Linder aqui dentro". Identificando Ivens como a pessoa que elogiara Max Linder, disse: "Pois olha, eu concordo com você".

Joaquim Marinho relata alguns feitos de Arthur Reis e chama atenção para um fato importantíssimo: ter Reis conseguido fazer o Amazonas viver um período totalmente diferente de tudo o que acontecia no resto do país. Durante todo o seu mandato, iniciado em 1964, aqui não houve perseguições, nem repressão, pelo menos a partir do Governo do Estado.

Conta Marinho:

> *Por exemplo, em plena época de repressão, um cara como Arthur Reis, que tinha sido colocado por toda aquela repressão política, era um sujeito que dava a maior abertura em todos os setores da atividade cultural.*

Mais à frente, continua:

> *Ele dava a maior cobertura para a atividade cultural, construindo um Auditório, como o Alberto Rangel, fazendo, por exemplo, edições de quase todos os autores amazonenses, levantando quase toda a memória histórica do Amazonas, em*

termos de literatura, dando cobertura a festivais de cinema e tudo o mais...

Completa ele:
Entre outras atitudes do Governador Reis que mais definem a sua postura de intelectual, criador e democrata, foi ter concordado, em 1965, com a sugestão de Luiz Maximino, do DEPRO, de convidar Glauber Rocha para fazer um documentário sobre o Amazonas. Autorizado – e com total apoio do Governador – Glauber e sua equipe chegaram e permaneceram por mais de dois meses, não só filmando, mas interagindo com a sociedade local, atiçando a vida cultural, com entrevistas, palestras, atividades cineclubistas e outras, a maioria organizada pelo GEC, como a palestra proferida por Glauber, no Auditório Alberto Rangel, Glauber Rocha e o Cinema Brasileiro.

As filmagens de *Amazonas, Amazonas*, de Glauber Rocha agitam a pacata Manaus, em 1965. O GEC promove entrevistas, palestras e várias atividades cineclubistas com aquele que viria a ser a figura

mais importante e também a mais controvertida do cinema brasileiro. (Acervo de José Gaspar[71]).

Com o Governo Reis, a posição do GEC como centro de criação, agitação e difusão cultural se fortalece e o cinema ganha mais espaço, possibilitando ao Clube da Madrugada realizar, juntamente com a empresa J. Borges, A Crítica e Rádio Rio Mar, o 1º Festival do Cinema Amador do Amazonas, em novembro de 1966, quando foi mostrada pela primeira vez a produção cinematográfica local. Entre os filmes concorrentes: *Harmonia dos Contrastes*, de Ivens Lima; *Carniça*, de Normandy Litaiff, e um superoito sonoro, de Roberto Kahané; *Um Pintor Amazonense*, superoito de Hanneman Bacelar.

Em 1969, com certeza fruto do apoio recebido no Governo Reis, da dedicação dos integrantes do GEC ao cinema e ao próprio GEC, pôde esse grupo realizar, com sucesso, o I Festival Norte do Cinema Brasileiro, de 19 a 26 de outubro, em Manaus.

Confirmada a importância do GEC para uma significativa parcela de jovens de Manaus daquela época, transcrevo a opinião de seu idealizador, Cosme Alves Neto, página 111, do citado livro:

> *Acho que o Festival de Cinema aqui foi divisor de águas, porque aí você tem duas vertentes que são aparentemente duas vertentes bem afastadas uma da outra, mas que de qualquer maneira se completam. Você tem a partir de toda essa experiência do GEC, de formação de público que culminou com o Festival de Cinema, o surgimento das pessoas que vão se dedicar à realização cinematográfica. Então, você tem Roberto Kahané, Domigos Demasi, Felipe Lindoso, Djalma Batista, Antônio Calmon... E alguns hoje em dia são cineastas respeitadíssimos.*

71 No Rastro de Silvino Santos, pág. 93.

Clube da Madrugada

O livro do poeta Jorge Tufic – *Clube da Madrugada 30 Anos*, do qual transcrevo trechos, editado pela Imprensa Oficial do Estado do Amazonas e patrocinado pela Secretaria de Comunicação do Estado – SECOM, em 1984, à época, sob o comando do Jornalista Manoel Lima, e o depoimento do grande poeta, compositor, músico e acadêmico Aníbal Beça, permitiram traçar, sinteticamente, o caminho heróico do Clube, criado e oficializado no dia 22 de novembro de 1954, sob o mulateiro,[72] da Praça Heliodoro Balbi (da Polícia), onde há um busto de Bruno de Menezes, poeta paraense.

Na apresentação do livro, o poeta Anthístenes Pinto define e destaca a importância do Clube da Madrugada, diz ele:

> *O Clube da Madrugada é uma instituição sui generis, graças às suas peculiaridades, sem paralelismo, no Brasil e no mundo. Conseguiu o milagre de desafiar o tempo e chegar incólume ao seu 30º ano, portando uma série de feitos surpreendentes. A não aceitação dos padrões literários e artísticos ultrapassados; a publicação sistematizada de dezenas de obras de repercussão nacional e além fronteiras; os simpósios, as conferências, as freqüentes exposições de artes plásticas; o intercâmbio com escritores de vários estados do país, indiscutivelmente são alguns desses bens.*

Segundo o autor:

> *Entretanto, se bem que nascido por simples acaso, durante um encontro fortuito entre jovens da mesma geração, o Movimento Madrugada aparece já como programa de luta. A desmistificação do homem da região estaria em primeiro plano. Enfim, todas as categorias do conhecimento baseadas na Amazônia seriam analisadas.*

72 Árvore amazônica. Tem como característica principal a troca permanente de sua casca que, conforme crença regional, tem o poder de rejuvenescer a pele. Usa-se colocando pequenos pedaços da casca de molho, de noite, lavando o rosto, pela manhã.

À reunião em que foi criado o Clube da Madrugada estiveram presentes: Saul Benchimol, Francisco Ferreira Batista, Carlos Farias de Carvalho, José Pereira Trindade, Humberto Paiva, Raimundo Teodoro Botinelly de Assunção, Luiz Bacellar, Celso Melo, Fernando Collyer e João Bosco Araújo.

Diz-se que a designação *Clube* foi sugestão de Saul Benchimol; *Madrugada*, do poeta Luiz Bacellar.

> *A partir da criação, o Clube reunia todos os sábados, quando debatiam vários assuntos. As reuniões eram à noite e entravam pela madrugada. Resolveram conferir a seus sócios o título de Cavaleiro Iniciado em Todas as Madrugadas do Universo. Cada novo clubista era aceito em cerimônia, oficializando a entrada, com a seguinte frase: "Eu, Presidente do Clube da Madrugada, te concedo as honras de Cavaleiro das Letras Amazônicas, com iniciação em todas as madrugadas do mundo.*

E conta o autor:

> *E os velhos casarões de Manaus abriam suas portas à chegada dos poetas, dos músicos, dos oradores, dos filósofos, dos revolucionários. Reuniões memoráveis aconteceram nas residências de: Desembargador João Corrêa, Américo Anthony, André Araújo e Freitas Pinto.*
>
> *O clube quase acaba em 1957, havia poucas pessoas nas reuniões. Assim, para que não acabasse, resolveram que as reuniões poderiam acontecer com a presença de três membros. As decisões é que seriam por maioria.*
>
> *São aceitos como novos sócios: Moacir Andrade, pintor; Sebastião Norões e Alencar e Silva, poetas; Aloísio Sampaio, crítico; Anthístenes Pinto, poeta e romancista.*

Novembro de 1955 – sai o nº 1 da *Revista Madrugada*, com o primeiro Manifesto do Clube, com os seguintes tópicos:

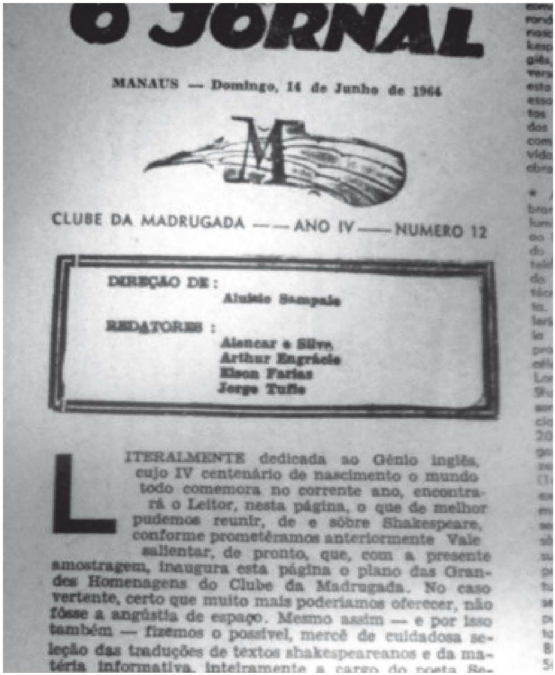
- Literatura: Não há Literatura no Amazonas;
- Escultura, Pintura, Arquitetura – não há, *stricto sensu*, digna de menção, nenhuma dessas categorias no Amazonas;
- Sociologia – apesar de o Amazonas ser uma unidade da federação que apresenta elementos vastíssimos para a pesquisa sociológica, temos apenas alguns estudiosos que se detêm nos problemas superficiais que afetam a nossa região. Lamentável sob todos os aspectos, principalmente para a valorização do amazônida;
- Economia – no Amazonas, os estudiosos dessa matéria são poucos;
- Filosofia – pouco existe no ramo.

Assinavam o Manifesto: Saul Benchimol, Francisco F. Batista, Luiz Bacellar, Jorge Tufic, Farias de Carvalho, Moacir Couto de Andrade, Alfredo Campos, Teodoro Botinelli, Afrânio Castro, Fernando Collyer, Humberto Paiva, Miguel Barrela, João Bosco Araújo, Djalma Passos.

Além do Manifesto, o 1° número da *Madrugada* publica poemas, contos, ensaios, crônicas, de Jorge Tufic, Paulo Comte Alencar, Orígenes Martins, Moacir Andrade, Farias de Carvalho, André Araújo, Luiz Bacellar, Fernando Collyer, João Bosco Araújo, Francisco F. Batista, R. Nonato, Miguel Barrela e Saul Benchimol.

Os Estatutos do Clube foram publicados somente em 1961, sob a presidência de Aloísio Sampaio.

A partir de 1961, passa a publicar um suplemento no *O Jornal*, da empresa Archer Pinto, divulgando por dez anos, contos, poemas, eventos culturais, promovendo as Artes Plásticas, através de duas Feiras, a primeira, em 1963, na Praça da Matriz; a segunda, em 1966, na Ponta Negra.



O JORNAL

MANAUS — Domingo, 14 de Junho de 1964

CLUBE DA MADRUGADA — ANO IV — NUMERO 12

DIREÇÃO DE:
Aluísio Sampaio

REDATORES:
Alencar e Silva
Arthur Engrácio
Elson Farias
Jorge Tufic

LITERALMENTE dedicada ao Gênio inglês, cujo IV centenário de nascimento o mundo todo comemora no corrente ano, encontrará o Leitor, nesta página, o que de melhor pudemos reunir, de e sôbre Shakespeare, conforme prometêramos anteriormente. Vale salientar, de pronto, que, com a presente amostragem, inaugura esta página o plano das Grandes Homenagens do Clube da Madrugada. No caso vertente, certo que muito mais poderíamos oferecer, não fôsse a angústia de espaço. Mesmo assim — e por isso também — fizemos o possível, mercê de cuidadosa seleção das traduções de textos shakespeareanos e da matéria informativa, inteiramente a cargo do poeta Be-

Reconhecido como centro de agitação, criação e projeção cultural, o Clube da Madrugada atraiu jovens, que passaram a participar das reuniões. Eram eles: Jefferson Peres, Guimarães de Paula, Antônio Gurgel do Amaral, Arthur Engrácio, Anthístenes Pinto, Alencar e Silva, Aluísio Sampaio, Francisco Vasconcelos – que juntamente com João Bosco Evangelista e Antônio Cruz editaram o Jornal *Nossos Dias*,

Pedro Santos, Orígenes Martins, Padre Luiz Ruas, Pedro Amorim, Nivaldo Santiago, Paulo Figueiredo, Amazonino Armando Mendes, Felix Valois, Gaia Nina, Nobre Leão, Ernesto Pennafort, João Bosco Evangelista, Thiago de Mello, Astrid Cabral, Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto, Anísio Mello, Ivens Lima, Ernesto Pinho Filho, Edson e Élson Farias, Carlos Gomes, Fábio Lucena, Álvaro Páscoa.

Começaram, aí, as realizações: artes plásticas, poesia, crítica literária, prosa, ficção, ensaios sobre temas sociais e econômicos, lançamentos de livros, apoio a concertos, exposições, conferências, recitais de poesia, com repertório incluindo Fernando Pessoa, Dámaso Alonso, Jacques Prevert, Ledo Ivo, Garcia Lorca. A partir dessa fase, não houve mais atividades de vanguarda, em Manaus, das quais o Clube da Madrugada não fizesse parte.

Segundo o poeta Aníbal Beça, bem depois, vieram os jovens das artes plásticas, a maioria alunos de Moacir Andrade ou de Álvaro Páscoa. Eram eles: Óscar Ramos, Van Pereira, Hannermann Bacelar, Jair Jacquimont, Inácio Evangelista, Manoel Borges, Sérgio Cardoso, Auxiliadora Zuazo. E chegaram os jovens escritores: Aldízio Filgueiras, o próprio Aníbal, Robério Braga, Alexandre Otto, Márcio Souza, Roberto Kahané, Barros de Carvalho, Max Carpentier, Jacob Ohana, Heimar Veras.

E ainda hoje, 2008, o Clube da Madrugada continua a contribuir com a cultura e a atualidade. Seus membros estão entre os mais presentes na vida cultural e nas propostas de vanguarda, em Manaus.

A música e o canto

A música e o canto eruditos sempre tiveram seguidores em Manaus, mais uma das heranças da Época da Borracha, complementadas pelo ensino obrigatório do canto orfeônico, pelos corais de igrejas,

colégios, empresas, e pelo ensino de piano, de violino, de violão e outros instrumentos, que motivavam os jovens, permitindo que essas expressões artísticas se mantivessem vivas e presentes na vida da cidade.

Francisco Higson Bacellar[73], Ílcia Cardoso, Pedro Madeira, com seus violinos; Ivete Ibiapina, Lina Ferreira, Maria José Morais, Gerusa Mustafa, com seus pianos, e outros professores de canto e música, formaram gerações de ótimos instrumentistas.

O Maestro Nivaldo Santiago funda o Coral João Gomes Júnior e o Instituto Musical Santa Cecília, no dia 19 de março de 1956. O Coral faz seu concerto de estréia no dia 13 de julho do mesmo ano, no Teatro Amazonas, sob regência de seu criador, com casa lotada.

A seguir programa do evento comemorativo dos 40 anos do Coral João Gomes Júnior.

73 Manteve por muitos anos o Conjunto de Câmara Orpheus: Marieta Pedrosa, piano; Inês, Estella, Pedro Madeira, Moises Azancoth e o próprio fundador, violino, violoncelo e contrabaixo.

CORAL

JOÃO GOMES JÚNIOR

1956 **1996**

GRANDE CONCERTO COMEMORATIVO
TEATRO AMAZONAS
DIAS 13 E 14 DE JULHO, 21:00h
DIREÇÃO: MAESTRO NIVALDO SANTIAGO

APOIO CUTURAL:

ACESSO Informática

UIS COMPUTADORES E SISTEMA

Programa

I Parte

Breve Histórico com projeção de vídeo.
Orador: Moacir Andrade, Ex-Coralista

Pequeno Intervalo

Regência: Maestro Nivaldo Santiago
Ao piano: Carlos Delan Rodrigues Pinheiro
Solistas: Angela Cordeiro
Aniria Diniz de Carvalho
Cleomar Feitoza

IIa - Parte

Estrela é lua nova	*(Gênero de Makumbá)*	*H. Vila Lobos*
Foi Boto, Sinha	*(Lenda Amazônica)*	*Waldemar Henrique*
Cabocla Bonita	*(Toada Amazônica)*	*Rec. por Mário de Andrade*
Boi Bumbá		*Waldemar Henrique Santiago*
Naquela Estação		*Caetano Veloso*
Moreninha		*Georgina Erismann*
Preludio para ninar gente grande		*Luis Vieira Arr. N. Santiago*

Grande Intervalo

IIIa. Parte

As tuas mãos	*(Coro Femenino)*	*Lorenzo Fenandez e Ronald Carvalho*
Menina de O. Verdes		*Nivaldo Santiago e J. Tufic*
Fascinação		*F.D. Marchetti e A. Louzada*
O Engenho	*(Homenagem ao autor)*	*Dirson Costa e Dacosta e Silva*
Invocação em defesa da Pátria		*H. Villa Lobos e Manoel Bandeira*
Côro dos Peregrinos	*(Opera Tannhauser)*	*R. Wagner*
Salmo XVIII		*Benedito Marcello*

Participaram desse concerto:

Sopranos: Aníria Sabóia, Arlete Montoril, Cleomar dos Anjos Feitosa, Dagmar dos Anjos Feitosa, Elvira Nogueira Fernandes, Francisca Bandeira, Helena Amorim, Idalina Maria Ferreira, Joana Madeiros de Carvalho, Lisete de Castro Lima, Neusa Alves Ferreira.

Mezzo-Sopranos: Belmira Morgado, Léa Norões, Nair Celeste Albuquerque Ausier, Olga Faraco, Tereza Maia, Terezinha de Jesus Rocha da Silva, Terezinha de Jesus Soares, Rosa Magali de Carvalho.

Contraltos: Amália Guimarães, Amélia Albuquerque de Ausier, Conceição Cordeiro de Oliveira, Davina Amanajás, Erminda Cantanhede, Eunice Carneiro, Ilse Arone, Maria do Céu de Melo, Maria José Araújo da Silva, Maria José Ferreira, Themis Barroso de Araújo.

Tenores: Almir Ribeiro, Adim Mohamed Trindade, Carlos Fonseca, George Tetenge, Humberto Couto, Nelson Sapha Kinzen, Pedro Ferreira dos Santos.

Barítonos e Baixos: Alberto Rebelo, Ary Navarro Pereira, Carlos Augusto Carneiro, Joaquim Thiago dos Santos, João Santos, João Salém Pinheiro, Norceu Santiago de Oliveira, Manoel Pollari, Pedro Santiago de Amorim, Roberto Aquino do Vale, Ronald de Melo Botelho.

O Concerto teve como convidadas: D. Manoela Araújo, notável soprano paraense, e as pianistas Maria José Morais e Ivete Ibiapina.

Contribuíram para a realização desse evento: Paróquia Nossa Senhora da Conceição – onde funcionavam o Instituto Musical Santa Cecília e a Juventude Musical Brasileira – Setor Amazonas; Indústrias I.B. Sabba & Cia; Sociedade Comercial de Representações Ltda; César & Cia.

O Coral foi apresentado pelo Professor Doutor Arthur Cezar de Ferreira Reis.

O coral desenvolveu um importante trabalho de resgate e divulgação cultural, inclusive de formação de platéia. Numa época de extrema dificuldade para as atividades culturais, conseguiu se apresentar em escolas dos três graus, clubes, empresas, praças, templos, festivais, estendendo sua programação a Itacoatiara e Nova Olinda do Norte.

Como convidado, teve apresentações em Boa Vista, Belém, São Luís e Recife. Nessa cidade, gravou seu primeiro disco – um compacto duplo -, que foi lançado, em 1964, no *hall* do Teatro Amazonas, em cerimônia bastante concorrida, sendo a apresentação do Coral e do disco feita pelo Professor Arthur Cezar Ferreira Reis, então Governador do Estado.

A Maestrina Cleomar Feitosa ressalta a contribuição e o apoio recebidos do Governo Reis que, sabendo que os integrantes do Coral pretendiam criar uma Escola de Música – não havia nenhuma na cidade -, fez incluir no Orçamento do Estado o valor relativo à aquisição de um imóvel para sede dessa Escola, comprado, reformado e ali instalada a Escola de Música Joaquim Franco, onde passou a funcionar o Coral. Tempos depois, o imóvel foi incorporado ao patrimônio da Universidade do Amazonas. O Coral permaneceu ali por algum tempo, até o local ser ocupado pelo Centro de Artes da Universidade.

A partir daí, sem local fixo para funcionar, ensaiaram um certo período na Igreja de São Sebastião, graças ao apoio de Frei Fulgêncio Monacelli OFM. Depois, voltaram para o Teatro Amazonas, ali permanecendo até serem informados que seriam incorporados ao Coral daquela Casa. Determinados a não deixar morrer o Coral João Gomes Júnior, passaram a ensaiar nos mais diversos locais. Assim o Coral conseguiu chegar até hoje, 2008, respeitado e aplaudido.

A criação e a trajetória do Coral João Gomes Júnior e da Escola de Música Santa Cecília, aos quais veio se juntar a 1ª Orquestra Sinfônica do Amazonas, criada pelo Maestro Nivaldo Santiago e cujo Concerto inaugural se realizou em dezembro de 1956, são marcos do que chamo de *resistência cultural*.

É oportuno falar sobre quem foi João Gomes Júnior. Nasceu em Pindamonhangaba, São Paulo. Estudou no Conservatório de Milão, onde foi aluno do Mestre Cesário Domenicetti. Escreveu mais de 80 canções para o Orfeão Escolar das Escolas Normais e Preliminares, além de outras composições. Foi fundador do Instituto Nacional de Música e Professor de Composição, Instrumentação e Regência no Conservatório Carlos Gomes, em Belém do Pará. Um de seus alunos foi Nivaldo Santiago.

O Governo Arthur Cezar Ferreira Reis[74] foi da maior importância, inaugurando contribuições e intercâmbios, resgatando o que havia de significativo no passado, fazendo-o presente, valorizando o que era feito aqui, à época, abrindo espaço para as mais diversas manifestações, dando voz a artistas, intelectuais, criadores e seus grupos e movimentos.

Como prova da liberdade que as atividades culturais desfrutavam aqui, temos o evento de encerramento do Governo: *Morte e Vida Severina*, peça de João Cabral de Mello Netto, com música de Chico

74 Após a administração Arthur Cezar Ferreira Reis, só vamos encontrar um projeto de desenvolvimento cultural importante, a partir do segundo governo de Amazonino Armando Mendes, quando surgiram e tiveram continuidade, eventos e ações que colocaram Manaus no mapa cultural do país, inicialmente depois no do mundo. Destacamos os Festivais Internacionais – de Ópera; Filmes de Aventura; Jazz; criação das Orquestras Filarmônica; de Câmara; Jovem; do Corpo de Baile (o primeiro do Teatro e proposta e luta do escritor e conselheiro de cultura Áureo Nonato); O restauro de parte da Manaus Antiga e o principal, resgate da auto-estima dos amazonenses.

Buarque de Holanda, encenada pelo TUCA – Teatro Universitário de São Paulo. Peça, música e TUCA recém-premiados em Nice, França, cuja apresentação estava proibida em nosso país, mas que Manaus aplaudiu sem sustos, em noite memorável do Teatro Amazonas, com a presença do Governador Arthur Cezar Ferreira Reis, sua família, seus amigos, toda a equipe do Governo, convidados e o povo da cidade.

Assim, em pouco mais de dois anos, vivi numa Manaus de extrema transformação, participando de um Governo interessado somente no caminhar seguro desta cidade, deste Estado e de seu povo, rumo a um futuro de desenvolvimento, o maior e o mais humano possível. Enfim, vivi a Manaus do renascer.

ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS
UM GOVERNO DEFINITIVO

A trajetória do Professor Arthur Cezar Ferreira Reis, sua interminável luta por uma Amazônia livre e forte, seu perfil nacionalista, a maneira séria, projetiva, independente, como havia instalado e conduzido o INPA – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, em Manaus, e a SPVEA – Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia, em Belém, podem ter sido decisivos para que o Marechal Humberto de Alencar Castello Branco – o primeiro Presidente do Brasil do Regime Militar, iniciado em 1964 – o indicasse para o cargo de Governador do Estado do Amazonas.

Em junho de 1964, ao desembarcar no Rio de Janeiro, retornando de Genebra, onde participara de Conferência Internacional convocada pela ONU, foi surpreendido com a comunicação de que a Assembléia Legislativa do Amazonas o havia eleito Governador.

Assim o Amazonas foi entregue a esse professor e intelectual, respeitado nacional e internacionalmente, fato que contribuiu para o renascimento do Estado e de sua Capital.

O Professor Arthur Cezar Ferreira Reis trouxe sua sabedoria, sua experiência, sua honestidade, sua competência, sua visão de estadista e a determinação de mudar a história recente do Amazonas. Conhecedor da realidade local, chegou acompanhado de vários técnicos, entre

esses alguns amazonenses, que vieram integrar ou prestar serviços especializados ao seu Governo.

O Governador Arthur Reis sabia que entre suas mais difíceis tarefas estaria a de modificar o *status quo* existente em seu Estado e a de inseri-lo no mapa do Brasil e do mundo, já com outra imagem, fruto de uma nova realidade.

Com um projeto de governo definido e comandando uma equipe totalmente afinada com sua direção, o Governador abriu novos horizontes para seu Estado e sua cidade, implantou marcos definitivos para o desenvolvimento, que serviram e servem, até hoje, como *divisores de água* entre o Amazonas de antes e o de depois de Arthur Cezar Ferreira Reis.

É a partir daí que Manaus, uma cidade-estado, revive e dá os primeiros passos rumo a uma nova fase de vida, de desenvolvimento, ampliados pela criação da Zona Franca de Manaus.

A divulgação dos atos do Governo, todos voltados para modificar a situação existente e desenhar um novo caminho, ficou a cargo do DEPRO – Departamento de Turismo e Promoção do Estado, sob Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto, e da Representação do Estado na então Guanabara, dirigida pelo grande escritor paraense Leandro Tocantins. Juntos trabalharam nesse sentido, criando e marcando a imagem de um Amazonas positivo e moderno.

O Governador Arthur Reis e tudo o que ele incorporava como pessoa pública, a força do nome Amazonas, o mistério da região e a sempre surpreendente Manaus, facilitaram, e muito, o trabalho de manter o Estado no panorama midiático brasileiro, com incursões na imprensa internacional.

A vinda de convidados identificados – diplomatas, jornalistas, cinegrafistas, cientistas, formadores de opinião, intelectuais, artistas, brasileiros e estrangeiros – abria espaço para novas e abalizadas análises

e teses sobre o Amazonas, sua capital, seu momento de transformação e credibilidade.

Sem dúvida a aceitação e reinserção do Amazonas, de Manaus, no mapa do País foi um importante resultado do Governo Reis.

O DEPRO – Departamento Estadual de Turismo e Promoção, era também o responsável pela implantação e dinamização do turismo, pela promoção e divulgação das potencialidades e oportunidades nas áreas turística e econômica.

A identificação do potencial, do equipamento e da infra-estrutura existentes e a seleção das áreas de interesse turístico mais próximas foram tarefas que permitiram a elaboração de um plano de ação, voltado para a formulação do *Destino Manaus* e sua inclusão imediata no mapa do Turismo Brasileiro. Foram, então, produzidos os primeiros folhetos promocionais, bilíngües, de turismo e de divulgação econômica, distribuídos no Brasil e no exterior, com ótima aceitação e boa resposta. Foram eles: *Banhos e Igarapés*[75] – o primeiro; *Perfil Geo-Econômico do Estado do Amazonas*; *A Cozinha Amazonense*; *A Pesca No Amazonas; Como Investir No Amazonas; Guia Turístico de Manaus*; *Venha Amar o Amazonas*; *Manaus Capital das Férias e Cidades do Amazonas*.

No país, a Amazônia incluída, era época de censura, perseguição política, encolhimento das artes e da intelectualidade, mas Manaus, o Amazonas, sob o Governo Arthur Reis, como já dito, era livre para criar, expor, propor, e o Governador aplaudia, favorecia, defendia, acompanhava, com interesse e participação, a criação artística, os intelectuais e seus movimentos. Foram inúmeras as suas contribuições para a edição de filmes, reportagens, programas especiais e outras ações voltadas para fortalecer a divulgação e a promoção do Estado.

O Turismo Cultural foi o carro-chefe da programação do DEPRO, quando exposições de vários países foram trazidas e montadas, abrindo para o público local uma importante janela para o mundo. Foram elas:

75 Pesquisa, redação e elaboração do projeto gráfico desta autora.

Indústria, Arte e Desenho Infantil da URSS, presentes o Embaixador e o Adido Cultural daquele país;

Arte Infantil do Japão, também com ativa participação do Consulado local;

Indústria e Arte da Tchecoslováquia, Festival de Cinema Tcheco, esse realizado pela embaixada daquele país em convênio com o GEC e o DEPRO;

2000 anos de Arte Moderna, com participação muito ativa da Embaixada do México, presentes o Embaixador e o Adido Cultural.

A participação do Amazonas na I Feira do Atlântico, realizada em 1965, no Pavilhão de São Cristóvão, Rio, foi importante para a promoção e divulgação do Estado. Seu *stand*, obedeceu a projeto conceitual desenvolvido pelo DEPRO e Anthony Pereira da Cunha Arquitetos Associados, permitindo aos arquitetos criar um espaço genuinamente amazônico: uma palafita belíssima e gigante, surgindo da réplica de um igarapé, cheio de peixes ornamentais e cercado por uma minifloresta, com papagaios, mutuns, tucanos, macacos[76]. Um pedaço da Amazônia, do Amazonas, foi plantado ali. Dentro, inúmeros livros de autores amazonenses e amazônicos, editados pelo Governo do Estado, e uma excelente mostra do artesanato indígena e caboclo, encantava a todos, recepcionados por moças vestindo juta verde, fabricação da Brasiljuta, de Manaus, modelo criado pela conceituada figurinista paraense Maria Augusta Teixeira.

O *stand* foi o grande campeão da Feira: 1º lugar em arquitetura; 1º lugar em visitação; 1º lugar em originalidade. Coube a esta autora participar do projeto conceitual e a coordenação do *stand*.

O cinema mantinha sua posição de lazer e arte preferencial para significativa parcela da população de Manaus. Isso levou Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto a imaginar o Amazonas como locação para um documentário. A idéia foi levada e aceita pelo

76 Esses animais eram do pequeno zoológico do Balneário do Parque 10 de Novembro, que pertencia à Prefeitura Municipal de Manaus, e foram cedidos pelo Prefeito Municipal, Dr. Paulo Pinto Nery; os peixes ornamentais foram patrocínio de um exportador.

Governador. E Glauber Rocha, como já vimos, o cineasta escolhido. Ele chegou com sua equipe e, com assessoria do DEPRO, mergulhou no viver, na cultura amazônica, produzindo o importante documentário *Amazonas, Amazonas*. Até hoje, 2008, o único documentário sobre o Estado.

A promoção econômica teve como principal fonte as abalizadas pesquisas da CODEAMA. Ali o DEPRO identificou dois segmentos da pequena indústria local, praticamente abandonados, mas promissores – o de fabricação de móveis de madeira e de vime e o da juta. Para estimulá-los, procurando instalar o interesse por uma maior produção, mais moderna e dinâmica, e sinalizando com o financiamento do Governo do Estado, realizou a 1ª Feira de Móveis do Amazonas e a 1ª Feira da Juta.

A 1ª Reunião de Embaixadores Brasileiros em Países Amazônicos foi evento de grande impacto, colocando o Governo Arthur Reis em destaque na mídia nacional e internacional. Foi o momento de marcar o lugar do Amazonas, de Manaus, no mapa da diplomacia dos países amazônicos e latino-americanos. Importantes diplomatas brasileiros e dos países amazônicos estiveram aqui e a imprensa presente – nacional e estrangeira – soube entender e explorar o sentido altamente estratégico da reunião, realizada no recém-inaugurado Auditório Alberto Rangel, da Biblioteca Pública, e voltada para o debate e a definição de ações necessárias para a ocupação, valorização e desenvolvimento das Amazônias.

Inovadora e também importante foi a 1ª Reunião Flutuante de Investidores na Amazônia – 1ª RIDA, realizada a bordo do navio *Rosa da Fonseca*, entre Manaus e Belém, com parada em Santarém. Dela participaram empresários brasileiros e os Governadores da Amazônia. O Governador Reis compareceu acompanhado de alguns Secretários e do Presidente do DEPRO, Luiz Maximino. O navio foi transformado

em uma Exposição Flutuante, com as informações mais interessantes da região e, ao final, elaborado e divulgado o *Manifesto de Apoio à Região Amazônica*, com promessa de ações imediatas para seu desenvolvimento.

Ainda na área do turismo cultural, o evento mais importante e de maior repercussão e conseqüência foi *Manaus, Capital das Férias*, que trouxe, durante o mês de julho de 1966, grupos semanais de 100 visitantes, entre alunos e professores universitários do Sul/Sudeste, num total de 400. Aqui cumpriam um roteiro turístico e atividades que os colocavam em contato e os levava a interagir com segmentos da população local, como forma de aproximação e conhecimento; a parte principal do evento incluía visitas aos órgãos de educação e ciência, com a obrigatória visita ao Teatro Amazonas, e, o fundamental: Conferências do Governador do Estado, do Diretor do INPA, do Reitor da Universidade, do Secretário de Planejamento e de outras personalidades que traçavam o mapa do Amazonas e sua importância para a Nação. Este foi o evento que, não continuado pelo seguinte Governo do Amazonas, serviu de modelo para o Projeto Rondon, do Governo Federal.

Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto se preocupou, também, com a possível descontinuidade de alguns programas do DEPRO. Assim, juntamente com sua equipe técnica, da qual fazia parte esta autora, elaborou e deixou prontos, entre outros, os seguintes projetos:

Pousadas na Selva;[77]

Exposição Itinerante do Amazonas;

I Plano Estadual de Turismo;

A *Exposição Itinerante* foi idealizada para ser uma mostra sobre Turismo, Economia, Geografia, Meio Ambiente, Indústria e oportunidades existentes, Artesanato, Artes, Folclore, movimentos culturais do Amazonas, chamando a atenção dos visitantes para o

77 Integrava o I Plano Estadual de Turismo, um dos itens do I Plano de Governo, deixado aprovado pelo Governo Arthur Reis.

Estado, sua Capital, suas potencialidades. Seria montada em um navio que, saindo de Manaus, percorreria, desde Belém, as capitais e cidades importantes da costa brasileira. Estavam previstas palestras, grupos de trabalho, etc., durante a viagem e nas paradas. O projeto previa uma segunda fase, quando seriam estudadas as alternativas mais viáveis para atingir capitais e cidades principais do centro do País.

A implantação definitiva do Turismo, como uma das atividades econômicas básicas do Amazonas, foi realização do governo Arthur Cezar Ferreira Reis e uma de suas maiores contribuições para o Estado e sua Capital. Hoje, 2008, Manaus é um dos *Portões do Turismo Brasileiro* e o Amazonas um dos principais destinos mundiais do ecoturismo.

A CODEAMA, com seu quadro de jovens e ótimos técnicos – economistas, engenheiros, estatísticos, etc., desempenhou um papel fundamental para o desenvolvimento econômico do Estado, contribuindo com valiosos estudos, pesquisas e projetos, inclusive com inovadoras publicações e insubstituível participação nas decisões da Comissão de Desenvolvimento do Estado do Amazonas.

Coube, também, à CODEAMA a divulgação dos favores fiscais concedidos pela União a novos empreendimentos que viessem a se instalar na Região Amazônica, acrescidos dos também concedidos pelo Governo do Estado, o que foi feito maciçamente, especialmente junto às Federações da Indústria, Federações e Associações Rurais, organismos de financiamento e de participação, assim como às empresas de elaboração de projetos econômicos.

A criação da CODEAMA – Comissão de Desenvolvimento do Amazonas e do DEPRO – Departamento Estadual de Turismo e Promoção foram atos relevantes do Governo Reis, não só pelo que representaram como órgãos modernos, mas pelo muito que acrescentaram ao êxito desse governo.

Abaixo, a composição da Comissão de Desenvolvimento e de seu Conselho Consultivo:

COMISSÃO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO ESTADO DO AMAZONAS

C O D E A M A

Criada pela Lei N.º 102, de 17 de dezembro de 1964

PRESIDENTE
ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS

VICE-PRESIDENTE
RUY ALBERTO COSTA LINS

SECRETÁRIO EXECUTIVO
RONALDO FRANCO DE SÁ BOMFIM

CONSELHO CONSULTIVO
ALBERTO CARREIRA DA SILVA — ANDRÉ VIDAL DE ARAÚJO — CARLOS ISRAEL RAMOS LINS — CÉSAR OITICICA — COSME FERREIRA FILHO — DANILO DUARTE DE MATTOS AREOSA — DAVID MELO — FERNANDO FRANCO DE SÁ BOMFIM — JOSÉ FERREIRA LIMA — JOSÉ HORTÊNCIO DA SILVA — LEÔNIDAS SAMPAIO DE QUEIROZ — MÁRIO ELYSIO MOTTA PEREIRA — MÁRIO EXPEDITO NEVES GUERREIRO — NEI SANTI — PAULO CÉSAR SAHIONE FADEL — SAMUEL BENCHIMOL — SAUL BENCHIMOL — SÓCRATES BOMFIM

O Conselho Consultivo era composto pelos secretários de estado, presidentes das empresas estatais e empresários.

Desde sua criação e por muitos anos, a CODEAMA possibilitou ao Estado um planejamento eficiente e um desenvolvimento mais embasado. Infelizmente, esse órgão ímpar, sério e produtivo foi extinto na década de 90.

A Secretaria de Viação e Obras, sob a direção do Engenheiro Mário Elysio Motta Pereira, afinado com sua excelente equipe, foi fundamental para o sucesso do Governo Reis.

As equipes da COHAB-AM, do DEPRO e da Secretaria de Viação e Obras, até por força de seus trabalhos, muitos interligados, foram das que logo incorporaram a filosofia que norteava as ações do Governo Arthur Reis – a colaboração e a interação entre os órgãos.

Essa interação foi possível, principalmente, pela permanente boa-vontade, aceitação e colaboração da Secretaria de Estado do Planejamento e da CODEAMA, com os Doutores Ruy Alberto da Costa Lins e Ronaldo Bomfim ajustando planejamento e ação.

Do *pós-borracha* até o início do Governo Reis, quase nada de relevante havia surgido no espaço urbano de Manaus. Passeando pela cidade, era fácil identificar quanto havia parado. A ausência de uma arquitetura mais recente digna de nota, exceção única à inventiva arquitetura popular das palafitas da beira-rio de Educandos e São Raimundo, podia ser vista como uma constatação dessa difícil época da vida da cidade. Tudo começa a mudar, a reviver, a partir de Arthur Reis.

Vista da Av. Getúlio Vargas – 1965. Fotografo: Corrêa Lima.

Entre os técnicos trazidos, veio um grupo de jovens e bons arquitetos. À época, talvez não houvesse nenhum desses profissionais na cidade. A vinda deles foi de extrema importância e está inserida no que chamo *Governo Arthur Reis, uma Missão Cultural*, com frutos identificáveis, até hoje, na cidade, no seu viver.

Como profissionais independentes, para desenvolver projetos específicos, chegaram: Severiano Mário Porto, mineiro de Uberlândia, radicado, desde a juventude, no Rio de Janeiro, onde os pais eram os proprietários do reconhecido Colégio Brasil-América, em Botafogo; Luiz Carlos Anthony, cujo pai pertencia a essa antiga família amazonense, com seu sócio Fernando Pereira da Cunha, ambos cariocas; para compor a equipe da COHAB-AM – Companhia de Habitação do Amazonas, os cariocas César Oiticica, seu primeiro presidente, e Ivan Pimentel; depois, Leon Shastri Manickchand, de Trinidad-Tobago, todos formados pela Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro. Eles elaboraram excelentes projetos, alguns concluídos no Governo Reis, outros deixados aprovados, para posterior execução. Infelizmente, a maioria não foi executada, privando Manaus dessa contribuição e da existência de marcos diferenciados da moderna arquitetura do País. Entre eles, a presença mais forte foi a de Severiano Mário Porto, que criou, a partir daqui, uma arquitetura com linguagem próxima da região, bem aceita no Brasil, no mundo, e uma das referências da arquitetura brasileira.

Acompanhar sua trajetória nos leva a constatar o quanto ele foi tocado pela Amazônia e sua cultura, o quanto teve de humildade ao procurar na sabedoria do homem simples do interior o conhecimento sobre as diversas madeiras, seus usos e segredos; aprender sobre o clima, a subida e descida das águas, e muito mais. Daí, contando com o concurso de *especialistas* locais, elegeu a madeira – a matéria-prima amazônica por excelência – e a ventilação cruzada das janelas paralelas das casas caboclas como elementos principais de sua nova arquitetura.

Sem ser arquiteta, e aceitando as críticas que fizerem por essa minha opinião, entendo os partidos das casas projetadas por Severiano, para Manaus, como uma releitura das plantas de uma grande parte das casas do interior, onde não há uma sala convencional, tudo é integrado; seus jardins internos, uma reedição das *latadas* das varandas, janelas e jiraus; a simplicidade e o despojamento das casas caboclas estão ali, em suas casas.

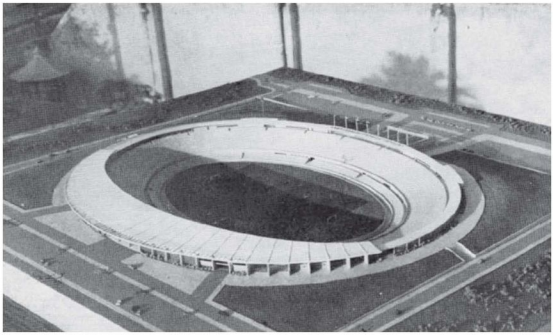
Severiano lança novas propostas, novos partidos, se utiliza de materiais mais regionais, nas casas, nos móveis[78], faz escola, inclusive na região e ganha o reconhecimento nacional e internacional.

Em seus projetos iniciais para o Governo Reis, vemos uma arquitetura ainda sem a influência regional, o que pode ser constatado nos projetos mostrados no nº 42, da revista *Arquitetura*, de dezembro de 1965, edição IAB – Instituto dos Arquitetos do Brasil dedicado ao Amazonas:

- Estádio Vivaldo Lima
- CAMTEL – Manaus
- Assembléia Legislativa
- Anexo do Palácio Rio Negro

78 A primeira loja da Varig e o *stand* da Empresa Amazonense de Turismo, no Aeroporto Eduardo Gomes, eram exemplos dos seus móveis, utilizando madeira, vime e mão-de-obra locais. Roque era o grande artista do vime; Elias Imbiriba o da madeira, ambos já falecidos.

ESTÁDIO VIVALDO LIMA



Estádio Vivaldo Lima Manaus – Vista da Maquete lado da Marquise. Projeto – Arquiteto Severiano Mário Porto

Considerações Gerais

O Estádio Vivaldo Lima em Manaus destina-se a atender o futebol no norte do Brasil e incrementar o intercâmbio com os países vizinhos, (Peru, Equador, Guianas, Venezuela e Bolívia) por demais afastados dos tradicionais centros Desportivos do sul. Estes encontros esportivos constituem motivo de grande interesse na região, dado os contatos existentes e a proximidade com os países limítrofes, justificando-se plenamente a construção de uma praça de esportes, principalmente se considerarmos a localização geográfica central de Manaus.

Na solução adotada tentou-se evitar no grau do possível a utilização de processos dispendiosos, norteando-se a mesma pela simplicidade e o aproveitamento das condições existentes. Procurou-se dentro destes recursos criar uma certa monumentalidade e dignidade julgadas convenientes neste estádio que se afigura como base de um grande centro esportivo em face da projeção regional e internacional de Manaus.

Localização

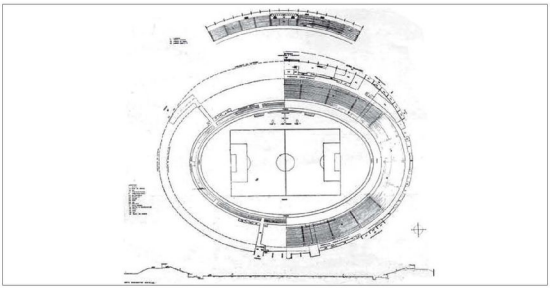
Situa-se à margem da estrada de rodagem AM-1, próximo ao encontro com a estrada do parque 10, no bairro de Flores e a 10 minutos do centro de Manaus.

Neste terreno uma enorme cratera em forma de ferradura resultante de desmonte para aterros, efetuados numa elevação, acomodou-se o estádio com o maior paralelo a linha norte-sul, orientação considerada ótima para campos de futebol a cratera apresenta uma abertura sobre a rodovia onde se concentram os acessos do público. Este setor foi tratado como um grande pórtico.

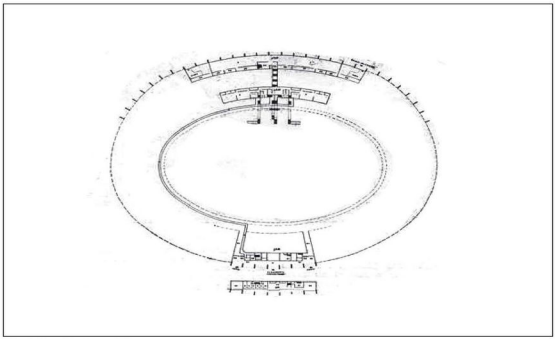
Pórtico

Neste público estão localizadas as dependências de uso contínuo do estádio, como as salas das federações, alojamentos para as delegações visitantes e departamento médico.

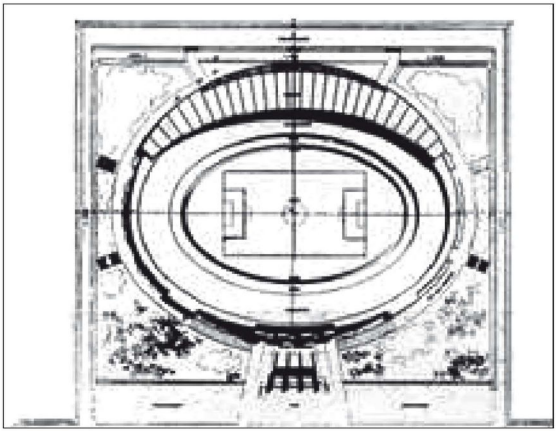
Como está prevista a ocupação de uma área próxima do estádio, por um conjunto da COHAB-AM será dada uma dupla utilização ao departamento médico atendendo também a esta nova população.



Planta geral das arquibancadas.



Planta do subsolo e pórtico.



Planta de situação.

Arquibancada

Constituindo a principal parte do programa influi grandemente no partido adotado no qual foram dispensados praticamente as grandes e dispendiosas estruturas de concreto armado.

Acomodações para 47.000 pessoas foram conseguidas aproveitando-se o talude interno da cratera mencionada. Estas acomodações serão executadas em elementos padrozinados, pré-moldados em concreto, que se acomodam diretamente sobre o talude devidamente preparado e compactado, dispensando-se outro tipo de infra-estrutura.

Serão dois tipos de elementos com 1,20m de comprimento, apoios em forma de "T" invertido de 0,40m x 0,40m na arquibancada e de 0,30m x 0,30m nas gerais formando espelho e sapata e placas horizontais de concreto pousando sobre os "Tês", constituindo assentos ou pisos. Em intervalos regulares são colocados "Tês" de formato especial que formam calhas para captação de águas pluviais. Solução de grande simplicidade eliminando formas, ferragens, mão-de-obra especializada e equipamentos, permitiu uma grande redução no custo da obra, o que vinha atender as condições econômicas e existentes.

Marquise

No lado oposto ao pórtico situa-se a grande marquise, cobrindo parte da arquibancada, cadeiras e tribunas, cabines de rádio e TV (Total de 3.000 lugares),

Localizam-se também aí salão para entrevistas, salão nobre, halls, garagem para acesso ao parqueamento dos ônibus das diversas equipes no subsolo, vestiário e demais dependências.

As ligações com o campo são feitas através de passagens subterrâneas. Foi ainda prevista uma ligação entre os vestiários e o pórtico por uma passagem que circunda o campo correndo

junto ao fosso (7) que faculta o acesso dos jogadores concentrados e a remoção de acidentados para o departamento médico.

Muro Circundante ao Estádio

No muro duplo que circunda o estádio localizam-se bilheterias, entradas saídas, bares, depósitos e sanitários.

Todo de tijolo aparente, na parte externa, recebe uma cinta de coroamento em concreto aparente em toda sua extensão com pilares de amarração espaçados e modulados.

Acessos

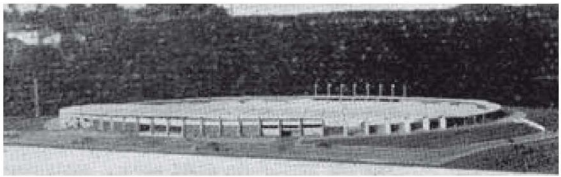
Entradas e saídas para as arquibancadas estão distribuídas na periferia do Estádio no nível mais elevado, sendo seu acesso direto, reduzindo-se a um mínimo o tempo para escoamento do público no final dos jogos. A ligação para as gerais é feita através de túneis que passam sob as arquibancadas, sendo alguns de nível e outros providos de escadas.

Drenagem e Escoamento de Águas Pluviais

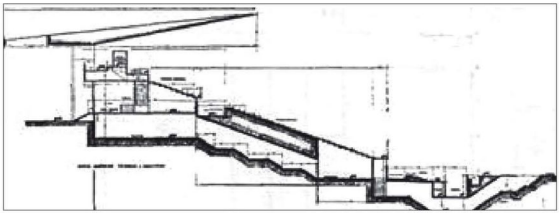
O gramado recebeu um tratamento apropriado para manter a humidade ideal. Nota-se que o fosso separando o público do campo é utilizado para coletar não só as águas do gramado como também do resto do Estádio. Este grande coletor encontra sua saída natural sob o pórtico anteriormente descrito.

Vista do pórtico

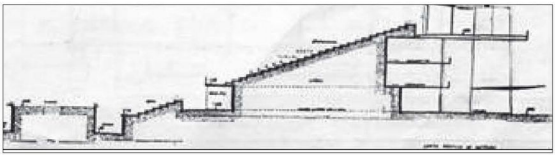
Lado do pórtico



Vista lateral.



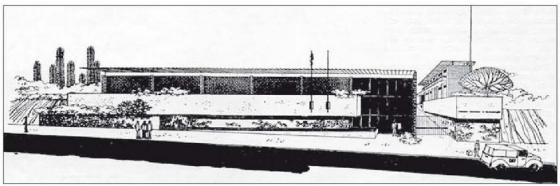
Corte – Marquise.



Corte – Pórtico.

CAMTEL – MANAUS

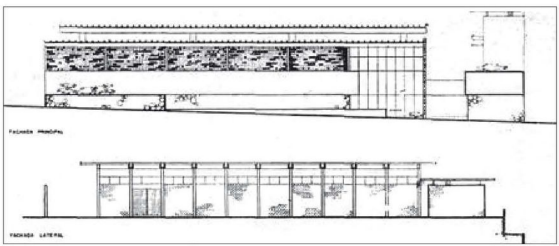
Projeto – Arq.° Severiano Mário Porto. Orientação Técnica: Gol. Lincoln Jeolás Santos – Eng.° Telecomunicações.



Cantel

O atual crescimento de Manaus impõe uma ampliação na sua rede telefônica. Os serviços da CAMTEL serão instalados no conjunto projetado com capacidade para 20.000 terminais.

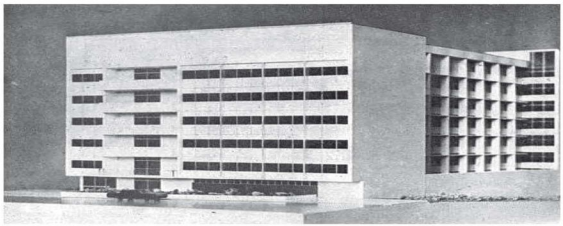
O terreno, elevado em relação à rua permitiu a adoção de um partido de pavimento no prédio principal colocado em posição central. O bloco anexo para equipamento de rádio (microondas) e serviços em dois pavimentos, ocupa a divisa lateral do terreno. A diferença de altura em relação à rua foi aproveitada para o hall principal, galeria e canaleta para os cabos. Neste mesmo nível, no bloco anexo, situa-se a subestação de geradores. O nível superior do terreno é alcançado por uma rampa que facilita o acesso de veículos e equipamentos. O prédio principal aloja administração, equipamento de comutação, contadores retificadores, baterias, etc., em duas alas simétricas cada uma com a capacidade para 10.000 terminais. Dada a sensibilidade dos equipamentos às variações de temperatura, grau de umidade do ar e poeira, será utilizada esquadria fixa, dupla, estando previsto ar condicionado nesta parte do prédio. A solução em um pavimento deste bloco é mais conveniente do ponto de vista estrutural, dispensando-se lajes e vigas especiais para os pesadíssimos equipamentos. Entre a laje de fôrro e a cobertura em telhas do tipo "canalete", foi deixado um espaço vazio formando colchão de ar onde serão distribuídos os condutos de ar-condicionado.



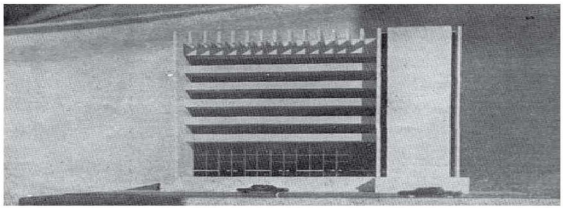
O desenvolvimento de Manaus obriga a uma previsão para a futura ampliação da rede telefônica. Estando, porém, o plano diretor da cidade numa fase de elaboração e estudos não é ainda possível determinar se este crescimento vai conduzir a uma descentralização dos serviços telefônicos ou se a cidade vai manter a estrutura presente na sua expansão. Este problema foi considerado no presente projeto prevendo-se uma estrutura no bloco principal que faculta a execução de um segundo pavimento para duplicação do número de bastidores e respectivos terminais sem no entanto onerar a solução em um pavimento. Foram evidentemente reforçadas as fundações e colunas em vista da possível sobrecarga. As vigas que seriam a parte mais cara, foram no entanto dimensionadas para suportar apenas a laje de forro, suspensa por tirantes em pontos convenientes. As vigas, com perfil em "U" propiciam no atual sistema de cobertura, calhas para escoamento das águas pluviais e futuramente poderão funcionar como "camas" nas quais seriam inseridas as vigas necessárias. Esta solução dispensa escoramentos, permite o reaproveitamento integral das telhas "canalete" e as obras poderão ser executadas sem afetar o funcionamento do prédio.

As partes estruturais do projeto serão executadas em concreto deixado seu revestimento, paredes externas com tijolo à vista e elementos de cerâmica vasada, todos estes materiais abundantes em Manaus.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO AMAZONAS



Maquete da Fachada Secundária.



Maquete da Fachada Principal. Arq.° Severiano Mário Porto

O projeto para este edifício está em fase adiantada de estudos, destinando-se à sede do Poder Legislativo do Estado. O terreno disponível no centro de Manaus, tem frente para duas ruas sendo a fachada principal orientada para a Avenida Getúlio Vargas.

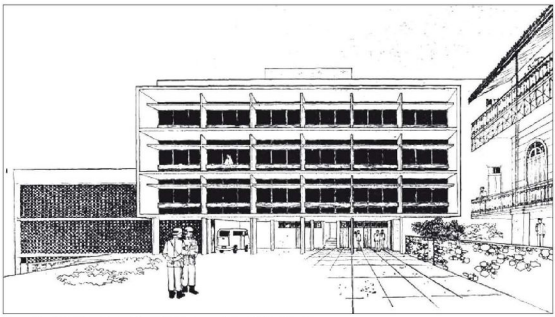
As empenas laterais fazem divisas com os terrenos vizinhos.

Constam do programa todas as dependências necessárias ao volume de serviço. Previu-se um Plenário para 30 deputados, podendo ser ampliado para acomodar até 50 congressistas, lugar para 250 assistentes e um auditório para conferências e projeções de filmes.

No pavimento térreo foram criados dois espaços abertos ladeando as divisas que serão ocupados por jardim e espelho

d'água amenizando os espaços internos. Parte da cobertura é ocupada por um jardim tropical de onde se descortina uma grande vista da cidade.

ANEXO PALÁCIO RIO NEGRO



Anexo Palácio Rio Negro. Arquiteto Severiano Mário Porto

O desenvolvimento do Estado do Amazonas levou a uma expansão dos serviços administrativos. O palácio Rio Negro, atual sede do governo, não estará, em breve, capacitado a abrigar todos estes serviços. O valor histórico e tradicional do prédio, torna no entanto indesejável a sua transferência para outro local, nem seria esta solução aconselhável do ponto de vista econômico. Procedeu-se então ao estudo para o aproveitamento do prédio existente, vinculando-se o mesmo às novas áreas a construir.

O Anexo acomodará as necessidades de crescimento e nas suas instalações estão previstos todos os requisitos técnicos recomendados para o bom funcionamento dos serviços a que se destina.

Sua fase amazônica inicia com o magistral projeto da Secretaria de Produção do Estado, uma das referências do nº 1, da revista *1 aba*

– ARQUITETURA BRASILEIRA DO ANO / RIO DE JANEIRO, GB / 1967-1968, *Amazonas*, edição Vicente B. Gagliardi, páginas de 92 a 103, que reproduzo a seguir:

SECRETARIA DA PRODUÇÃO – AMAZONAS

SEVERIANO MARIO PORTO – ARQUITETO

Partindo de uma idéia inteiramente amazônica, Severiano Porto projetou uma Secretaria de Estado ecológica, constituindo-se, depois do projeto do restaurante "Chapéu de Palha", no mais integrado à realidade regional.

A idéia de utilizar um grande lago de onde emergiriam vários pavilhões, formando o corpo principal da Secretaria, traz a inspiração indígena e utiliza sabiamente conceitos e vivências das populações nativas. A situação privilegiada do terreno, e sua amplidão, possibilitou a dispersão setorial, segundo um critério de prioridade e um programa elaborado pelos técnicos administrativos da Secretaria de Produção. Como se vê, todo o processo criativo foi submetido a um planejamento global, o que possibilitou a criação de um complexo, que, além de ecológico, é funcional, evitando as improvisações comuns a muitos dos prédios públicos brasileiros, em que a funcionalidade é, muitas vezes, sacrificada aos efeitos plásticos.

A Secretaria de Produção alia um planejamento exato à preocupação com o clima e a vivência amazonense.

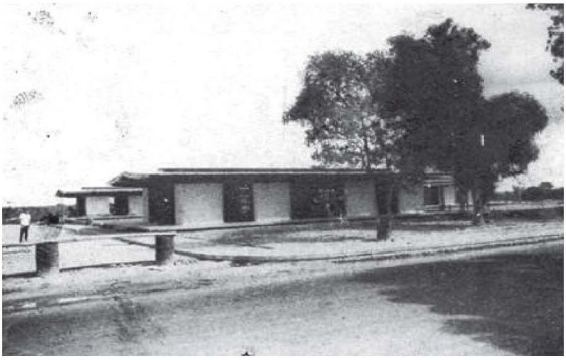
Um outro ponto a ressaltar foi a preocupação do arquiteto com a utilização de materiais abundantes na região. O uso intensivo das diversas madeiras nobres, a substituição de vigas de concreto por vigas de madeira, a utilização do arenito róseo que é o único tipo de pedra encontrado na região, identificam ainda mais a Secretaria de Produção com a região amazônica e, em especial, com o Amazonas.

Construído em sua maior parte, o grupo de pavilhões sobre o lago constitui uma bela unidade plástica, lembrando uma vila amazônica e traindo certa tendência orientalizante. Esta última influência se nota em vários projetos de arquitetos já integrados

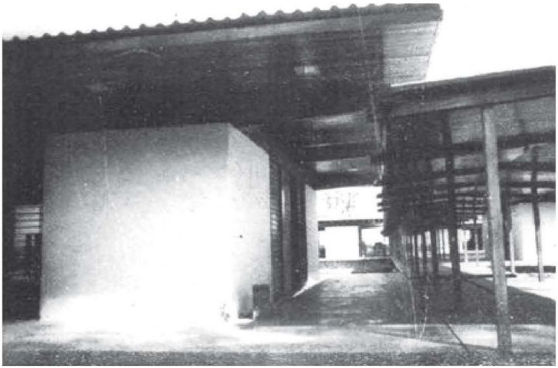
ao mundo amazônico, o que talvez se explique pelos traços orientais encontrados na mentalidade do índio e do caboclo da região.

Secretaria de Produção vem fazendo escola na região amazônica e inspirou o engenheiro Meira, de Belém, no projeto da Universidade Federal do Pará. O processo pavilhão-galeria coberta ou passadiço foi repetido, e deram ao projeto paraense uma leveza que se identifica ao trópico.

Vistas do bloco da administração já construído.

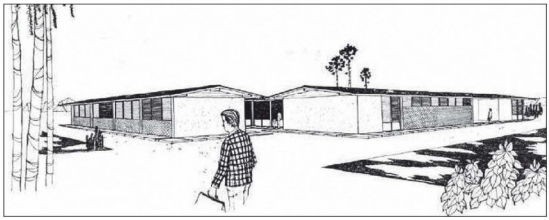


Fachada Principal.

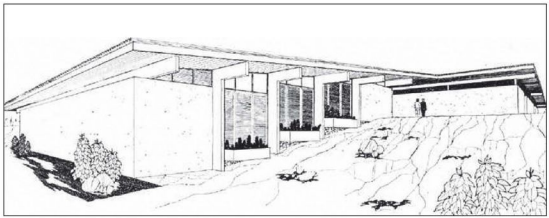


Detalhe da Circulação.

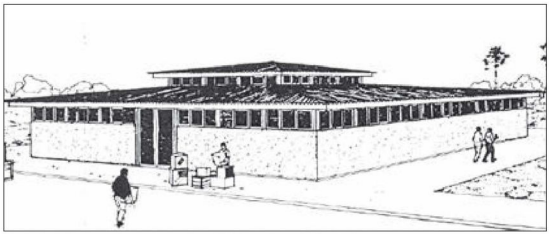
Vista da Área Interna.



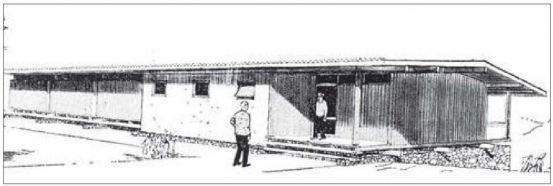
Bloco de Laboratório de Defesa Animal. Arquiteto Severiano Mário Porto.



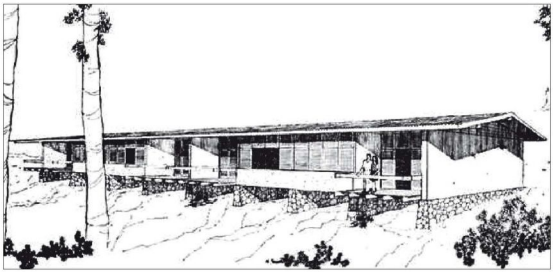
Bloco de Laboratório de Defesa Vegetal. Arquiteto Severiano Mário Porto.



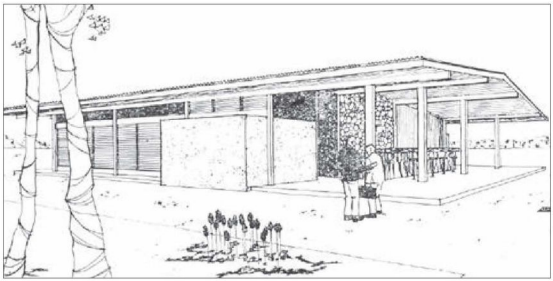
Depósito de Implementos Agrícolas. Arquiteto Severiano Mário Porto.



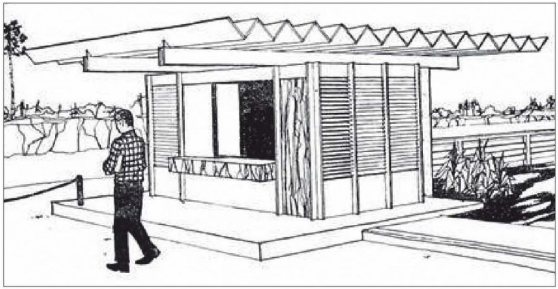
Bloco da Biblioteca. Arquiteto Severiano Mário Porto.



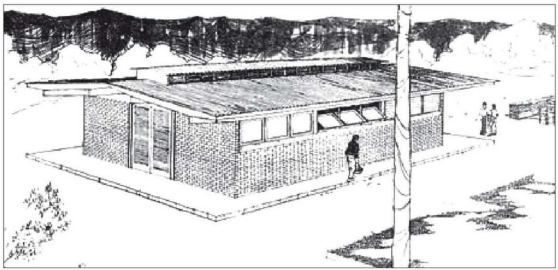
Blocos dos Alojamentos. Arquiteto Severiano Mário Porto.



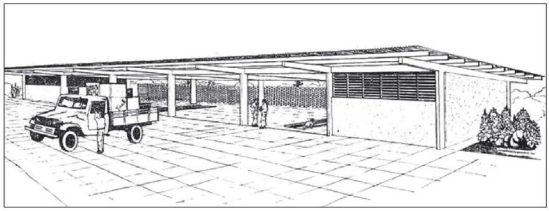
Bloco de Restaurante e Bar. Arquiteto Severiano Mário Porto.



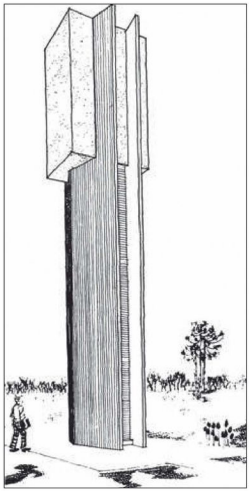
Guarita



Bloco da Carpintaria



Oficina Mecânica



Castelo-D´água

E ele segue com essa linguagem, sempre presentes a madeira e soluções para uma maior e melhor ventilação. Temos, então, os projetos mostrados na *ABA-AMAZONAS*, página de 104 a 125:

Estudo para a Remodelação do Parque Dez de Novembro;

Hotel de Dez Quartos para Região de Caça e Pesca;

Restaurante Chapéu de Palha;

Escolas Pré-Fabricadas;

Residência do Arquiteto em Manaus.

Abaixo detalhes do projeto de remodelação do Parque Dez de Novembro (páginas 106 e 107).

ESTUDO PARA A REMODELAÇÃO DO PARQUE 10 DE NOVEMBRO

As deficiências locais em zonas de recreação e praças de esportes motivaram o presente trabalho, visando a remodelação do Parque 10 de Novembro, o qual será exibido aos agentes da "Aliança para o Progresso".

Local agradável, com características topográficas que fazem indicar possibilidades de vir a ser um dos mais belos locais de recreio. Numa cidade em que as zonas de recreação praticamente não existem, isto é, excluindo-se os famosos e agradáveis banhos, vemos nesta iniciativa de dotar o Parque 10 de Novembro de vários locais para a prática de esportes e variados tipos de diversão, a vontade de suprir uma falha, criando, inclusive, novas possibilidades para a juventude local.

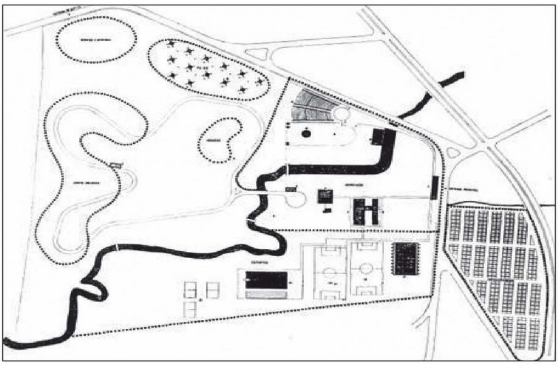
É evidente que este trabalho terá que sofrer necessariamente modificações para a sua implantação definitiva, pois representa, apenas, uma aproximação de um estudo completo.

O Parque 10 de Novembro foi construído pela Prefeitura Municipal de Manaus, no ano de 1942, destinado às atividades recreativas da cidade. Dispondo de uma grande área livre com um

balneário e um bar, sendo o balneário o ponto mais importante, isto devido ao clima da região, onde o banho, nas águas dos igarapés, é um convite permanente.

Nos fins de semana o Parque 10 de Novembro é o local preferido por grande parte da população, por ser um dos poucos logradouros públicos a oferecer as mínimas necessidades recreativas.

Com o crescimento da cidade, também as condições de vida mudaram, surgindo a especialização no trabalho, para os quais a recreação é uma espécie de antídoto ou de derivativo. O tempo de que dispõem as pessoas e as tensões da vida urbana favorecem o aparecimento da recreação como função comunitária.



Plano Diretor do Parque 10 de Novembro. Arquiteto Severiano Mário Porto.

O propósito da administração municipal é o de atender, sempre que possível, às exigências da coletividade e o problema do planejamento de programas recreativos vem sendo estudado com a atenção devida.

Assim é que nos estudos preliminares para a elaboração do Plano Diretor do Município, foi dada ênfase ao problema das áreas verdes ou livres, dos meios recreacionais que o povo não poderá obter com seus recursos individuais, sob o ponto de vista estético, moral e educativo.

Do estudo preliminar anotamos: "Do ponto de vista de áreas verdes ou livres, Manaus é uma cidade doente, pois praticamente não há arborização estudada em suas ruas, bem como não existem praças ou parques, em mínimo suficiente para a população.

Dizem que Manaus é uma cidade dentro da floresta com outra floresta dentro dela. Esta, realmente é a impressão que se tem ao olhar Manaus, do alto de um avião. No entanto, em terra não se tem essa impressão e as árvores parecem ter desaparecido como por encanto, os prédios estão na testada dos terrenos e colados às divisas.

Uma arborização ecológica, com implantação de praças e parques, onde a população possa gozar as horas de lazer, será estudada no Plano Diretor, não só para dar a Manaus a aparência regional que ela deve ter, como também, proporcionar bem-estar coletivo.

O que realmente acontece é o fato da cidade ter um traçado em xadrez de malha quadrada, o que ocasiona lotes demasiadamente profundos, onde quintais mal aproveitados, e sem tratamento, têm arborização nativa.

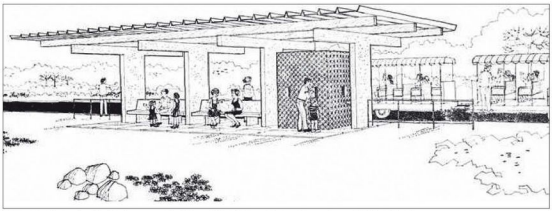
A necessidade de se criar zonas verdes de recreio e lazer é talvez um dos problemas mais difíceis do planejamento de áreas urbanas.

Não construir, deixando espaços abertos e livres é uma medida por muitos considerada, em primeira observação, como de pouca valia, no entanto, é fator fundamental para o equilíbrio das atividades do trabalho e recreação, no âmbito da cidade."

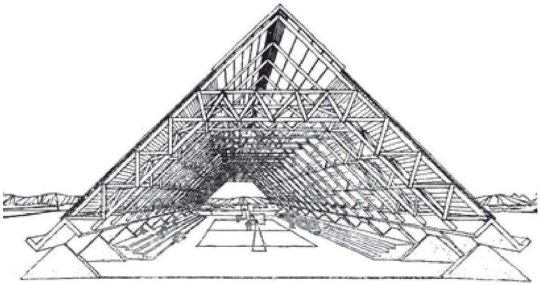
Pelo exposto, a necessidade da criação de áreas de recreação que abranjam vários ramos de atividades motivaram o estudo do Parque 10 de Novembro.

Há deficiência de zonas de recreação, praças de esporte, parques de interesse turístico (zoológicos, aquário, com elementos da fauna regional, pequeno bosque, mostruário da flora amazônica), tornava-se imperioso que algo fosse feito, para que viesse a ser suprida essa falta.

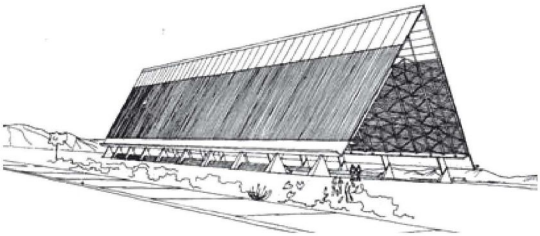
Dentro deste espírito e fazendo um estudo mais aprimorado do alcance do empreendimento, a Prefeitura de Manaus elaborou um projeto que viesse a atender a todas essas necessidades.



Vista da Estação de Embarque do "Trenzinho". Arquiteto Severiano Mário Porto.



VISTAS DO GINASIO COBERTO



Vista dos Quiosques do Parque. Arquiteto Severiano Mário Porto.

HOTEL DE 10 QUARTOS PARA REGIÃO DE CAÇA E PESCA

Para o interior do Amazonas, em zona de caça e pesca abundante, às margens de um dos vários rios da zona de Autazes, foi elaborado o presente estudo.

Estabeleceu-se que o núcleo central teria 10 quartos, e, posteriormente, na medida das necessidades, seriam construídos apartamentos anexos.

O hotel deveria, com sua arquitetura, ambientar o turista dentro da floresta, criando uma atmosfera tranqüila, com vários locais de repouso, bem como proporcionar ambientes para as célebres "conversas de caçador".

Por não ser hotel de cidade, em que a chegada e saída de hóspedes se faz a qualquer hora, e devido ainda ao número reduzido de quartos, foi estudada uma solução para que somente uma pessoa, durante o dia ou a noite, pudesse atender a todo o movimento do hotel.

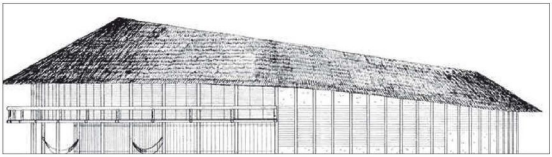
Os quartos, que se situam no pavimento superior, têm o seu acesso através de escada e varanda interna, sendo dessa maneira controlados e atendidos pela portaria, localizada no térreo.

Foi prevista, ainda, a moradia do gerente dentro do hotel, bem como, também, o quarto dos empregados residentes.

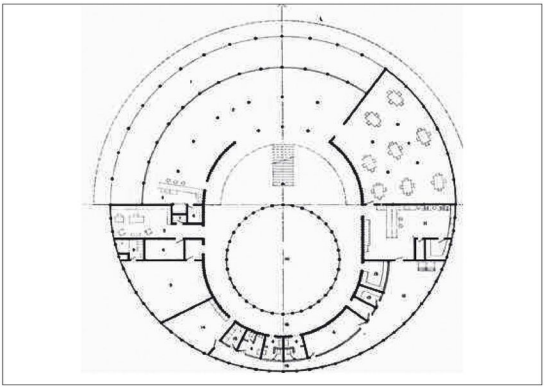
Materiais de construção e acabamento: estrutura: em tronco de madeira bruta cobertura: em palha de palmeira piso do pavimento térreo e dependências sociais: em seções circulares de troncos de tamanhos e qualidades variados. O viveiro para pássaros ficará na parte interna, onde estará localizada, também, uma grande coleção de plantas da região.

Varanda: na parte externa do pavimento térreo, uma enorme varanda, onde, durante o dia, o hóspede poderá ficar em redes ou cadeiras de descanso.

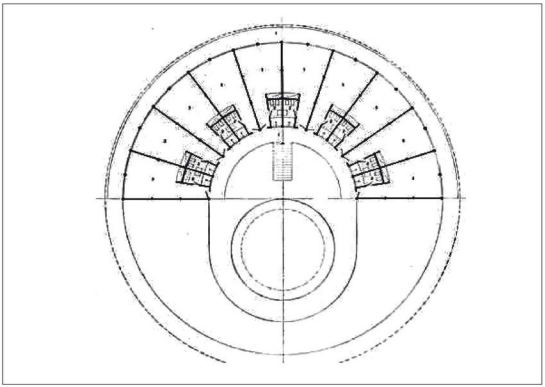
Nota – Ao entardercer, quando surge grande quantidade de mosquitos, o hóspede se transferirá para o interior do hotel, todo telado, onde também encontrará locais para redes e cadeiras de descanso.



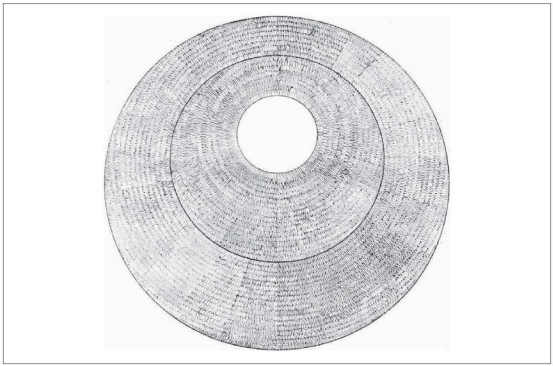
Fachada. Arquiteto Severiano Mário Porto.



Planta do Pavimento Térreo. Arquiteto Severiano Mário Porto.



Planta do Pavimento Superior. Arquiteto Severiano Mário Porto.



Planta de Cobertura. Arquiteto Severiano Mário Porto.

RESTAURANTE CHAPÉU-DE-PALHA

Restaurante de rápida execução, baixo custo e com materiais típicos da região, tais como madeira e palha. Situado no bairro de Adrianópolis, tranqüilo, de clima privilegiado e fora do centro urbano.

Materiais usados:

fundação: sapatas aparentes de concreto;

estrutura: postes de aquariquara, madeira característica da região;

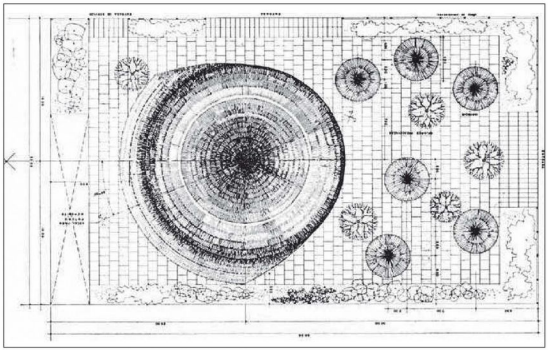
cobertura: palha de palmeira;

piso do salão: tijolo recozido;

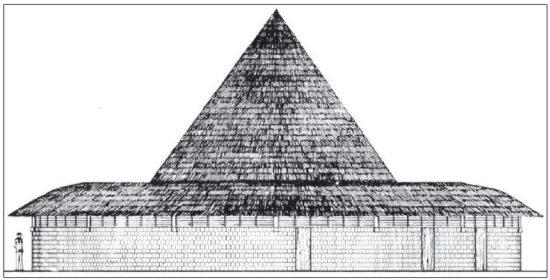
paredes externas: tijolo aparente;

acabamento geral: verniz.

A decoração se desenvolverá dentro do mesmo espírito, com utilização de cadeiras de vime, abajur em forma de chapéu, etc.



Planta da Situação. Arquiteto Severiano Mário Porto.



Fachada Posterior. Arquiteto Severiano Mário Porto.

ESCOLAS PRÉ-FABRICADAS

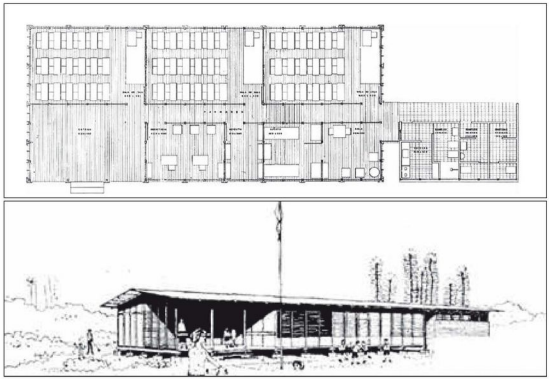
A construção no Amazonas, e em especial no interior, envolve problemas de grande monta. Carência de materiais ou preço alto, ausência de mão-de-obra qualificada, grandes distâncias a vencer, são alguns dos obstáculos que se apresentam comumente ao homem de Governo ou empresário decidido a construir em Manaus, e, principalmente, no interior do Estado. Tudo parece querer indicar a pré-fabricação como a melhor maneira de racionalizar e diminuir o custo da construção amazonense. Muito maior ainda quando o problema for o da repetição de um prédio com finalidade específica, como é o caso de escolas, que devem ser construídas em vários bairros e cidades do interior.

O arquiteto Severiano Porto, querendo racionalizar a construção de grupos escolares em Manaus, projetou um prédio simples, ventilado, de baixo custo, fácil de ser adaptado a qualquer tipo de terreno. Construção mista, alvenaria-madeira, tem grande parte de seus elementos pré-fabricados, podendo ser transportado com facilidade, utilizando matéria-prima local.

Projeto já executado em vários bairros e subúrbios de Manaus vem tendo uma aceitação bastante grande, apesar de ser, em sua maior parte, de madeira, material considerado menos nobre pelos habitantes da cidade.

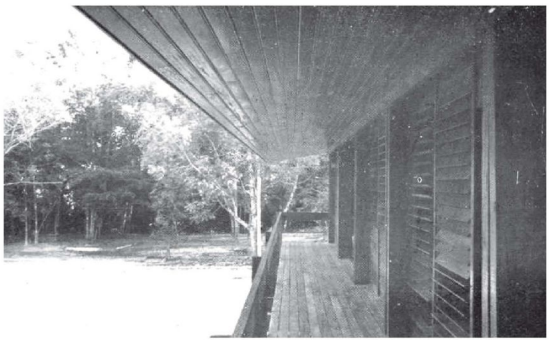
Indiscutivelmente, trata-se de um projeto ecológico, e atende às necessidades de barateamento e racionalização da construção, uma das metas dos construtores amazonenses.

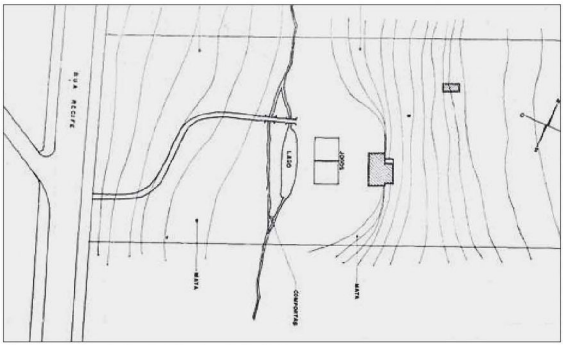
Pode-se considerar fundamental o papel do arquiteto Severiano Porto na divulgação das possibilidades da madeira como material de construção em uma região tão rica em florestas.



Planta da Escola com 35 Salas. Arquiteto Severiano Mário Porto.

RESIDÊNCIA DO ARQUITETO, EM MANAUS





Planta de Localização. Arquiteto Severiano Mário Porto.

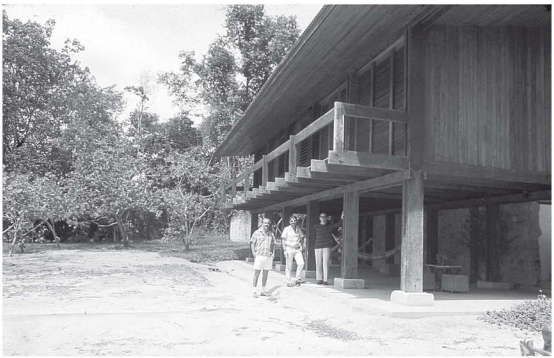
O programa da casa foi elaborado a partir do aproveitamento de um cômodo de alvenaria e de um muro de arrimo preexistentes na encosta do terreno, e previa, no pilotis, banheiro, vestiário, para servir também ao banho (piscina rústica de água corrente), local de estar, com espaço para armar várias redes, e escada coberta para o primeiro pavimento; e, no primeiro pavimento, sala-de-estar, varanda, 3 quartos, toilete, banheiro e sala-de-almoço-cozinha.

Além dos elementos já construídos, foram levantados, em alvenaria, a sala-de-almoço-cozinha e os dois banheiros, um em cima do outro. A parte destinada à sala-de-estar e quartos foi executada em madeira, inteiramente separada da de alvenaria, nela encostando simplesmente.

O arquiteto procurou compensar a orientação desfavorável com um grande beiral, que pega os quartos e a sala, usando réguas reguláveis em todos os quartos, portas de veneziana de correr na sala, e eliminando o vidro nesta fachada. Todos os cômodos foram tratados com a preocupação de obter uma ventilação cruzada constante.

Toda a madeira empregada na construção recebeu somente o tratamento de "serraria", o que lhe deu aparência rústica, e a aplicação de uma demão de verniz à base de poliuretano.

Foram utilizadas as seguintes madeiras: maçaranduba, nos pequenos barrotes colocados dentro dos blocos de fundação, e louro em todo o resto da casa, salvo nas réguas reguláveis, que são de cedro. O piso, as empenas, as paredes dos quartos e da sala-de-almôço foram executados em tábuas de friso, de 4x1. Os armários, que funcionam também como elementos divisórios, têm, em sua parte superior, indo até o teto, réguas duplas de 4x5 cm, espaçadas cada 5 cm, para permitir a ventilação



Os arquitetos Severiano Porto e Murilo Lagares com amigo, na área externa de sua primeira casa de Manaus.

Cada vez mais integrado à cidade, à região, Severiano Porto instala aqui a sua família e a matriz de seu escritório, ficando o do Rio de Janeiro sob a direção de seu sócio e colaborador, Arquiteto Mário Emílio Ribeiro. Aqui vive até 2002, colaborando e contribuindo para o crescimento cultural e técnico local, seja como arquiteto, professor

universitário, conferencista, como fundador e primeiro Presidente da Seção Amazonas do Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB, seja como homem de cultura, de saber, de inventividade.

Com sua arquitetura reconhecida, aplaudida e premiada, leva Manaus e o Amazonas para o Brasil e o mundo e planta aqui uma parte importante da nova arquitetura brasileira. Infelizmente parte dela já jogada ao chão, inclusive projetos premiados. Entre seus projetos para Manaus, posteriores ao Governo Arthur Reis, destaco:

Igreja do Rio Preto da Eva;

Residência do Arquiteto;

Sede da Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA;

Campus da Universidade Federal do Amazonas – Arquitetura e Urbanismo;

Inúmeras residências, entre outras as das famílias: Alexandre Ale, Orsini Oliveira, Carlos Souza, Heliando Maia, Robert Schuster, esta à beira do Igarapé do Mariano, nas cercanias de Manaus.

Os Arquitetos Luiz Carlos Antony e Fernando Pereira da Cunha, através da sua empresa Antony & Pereira da Cunha Arquitetos Associados, elaboraram alguns bem propostos projetos, dos quais destacamos os publicados no já citado nº 1, da Revista *ABA-Amazonas*:

Plano Diretor de Manaus;

Plano de Urbanização do Bairro da Raiz;

Memorial Descritivo do Palácio Cultural Lobo D´Almada.

PLANO DIRETOR DE MANAUS

ANTONY & PEREIRA DA CUNHA

ARQUITETOS ASSOCIADOS

Em 1965, o então Governador Arthur Cézar Ferreira Reis, preocupado com o futuro desenvolvimento de Manaus, contratou os arquitetos Luiz Carlos Antony e Fernando Pereira da Cunha para elaborarem o Plano Diretor da Cidade de Manaus.

Posteriormente, houve mudança de Govêrno, tendo assumido o atual Governador Dr. Danilo de Mattos Areosa, que continuou seguindo a mesma linha de ação do govêrno anterior, compreendendo a necessidade e urgência do planejamento urbano proposto e dando todo o seu apoio.

Manaus é uma cidade-ilha no meio de uma floresta-mar, tendo 230.000 habitantes. No passado, foi elaborado um pequeno estudo urbanístico pelo Govêrno Eduardo

ZONEAMENTO - PLANO DIRETOR

PLANO VIÁRIO

Ribeiro, e dêsse estudo são frutos as avenidas largas e bem traçadas de Manaus.

Atualmente, com a criação da Zona Franca de Manaus, a firma Antony & Pereira da Cunha — Arquitetos Associados Ltda., modificou a conceituação do Plano Diretor do Município, diante da necessidade de se criar um Distrito Industrial, cujos estudos econômicos estão a cargo do CNPI — Consórcio Nacional de Planejamento Integrado S. A., através de uma de suas componentes, a TECNOMETAL S. A.

Manaus, segundo o Plano Diretor, terá duas barragens, construídas pelo DNOCS, na boca dos Igarapés de Educandos e São Raimundo. Desta forma poder-se-á ter uma avenida de ligação este-oeste, marginal ao Rio Negro, dando outra feição ao Plano Viário.

Dentro dêsse mesmo Plano Viário, destacam-se a avenida de contôrno e as de penetração ao centro da cidade.

As citadas barragens conterão as águas dos igarapés em nível permanente, durante a cheia e a vazante, proporcionando aos manauenses dois belos lagos com suas margens urbanizadas com jardins e avenidas-parques.

Do ponto de vista habitacional, dois conjuntos foram por nós projetados, um para o Govêrno do Estado, com 500 habitações, uma escola primária, um clube, lojas, mercado e a um ambulatório; o outro conjunto habitacional foi projetado para o IPASE.

Outra sugestão nossa é aquela que se refere à arborização da cidade: que sejam feitas praças com arborização, cada uma de um tipo de árvore, por exemplo: uma arborizada só com seringueiras, outra só com oitis, outra só de piquiás, etc.

Nossa idéia é de que Manaus se transformará numa cidade polinucleada, e seus vários centros de comércio, abastecimento, culto, diversão, etc. são previstos para uma população de 800 mil habitantes.

No plano cultural, a cidade será dotada de um Palácio Cultural, o Lôbo d'Almada, cuja construção será financiada pelo BNH, sendo que o convênio acaba de ser assinado.

O Palácio Lôbo d'Almada congregará a Secretaria de Turismo, o Museu do Índio, a Pinacoteca, a Numismática, um restaurante típico e um auditório.

Objetivamente, o Plano Diretor já está sendo aplicado nos seguintes pontos:

Plano Viário — ruas e artérias estão sendo alargadas ou construídas, como é o caso do anel perinetral.

Plano Cultural — Promove-se a construção do Palácio da Cultura Lôbo d'Almada, que será financiada pelo BNH.

Plano Turístico — prepara-se o centro de convenções e o Parque 10. Este último dotado de piscina e área para prática de esportes. Outrossim, promove-se a ligação de Manaus, por vôos internacionais, com outros países.

Plano Industrial — Está sendo elaborado o Plano do Distrito Industrial.

Plano Habitacional — Iniciado no Govêrno Arthur Reis, com a criação da COHAB-AM, seu primeiro Presidente construiu e viu inaugurado o 1º Conjunto Habitacional financiado pelo BNH, em Manaus, o Conjunto de Flôres, com 306 residências, bem como adquiriu o terreno para a construção do segundo conjunto habitacional, traçou urbanístico e projetou as casas, aprovando os citados projetos no BNH, deixando ao seu sucessor a execução do futuro Conjunto do Parque 10 de Novembro. A atual administração da COHABAM é responsável pelo início das obras do Conjunto Parque 10 de Novembro, término do Conjunto da Ruiz, extensão das atividades da Companhia de Habitação ao interior do Estado, bem como pela execução do Conjunto do IPASE.

PLANO DE URBANIZAÇÃO DO BAIRRO DA RAIZ, MANAUS

ANTONY & PEREIRA DA CUNHA
ARQUITETOS ASSOCIADOS

O projeto do Bairro da Raiz foi levado a efeito objetivando o atendimento do plano habitacional do Govêrno amazonense.

Os estudos se desenvolveram no sentido do aproveitamento máximo da área (84.647 m²) destinada a atender àquele programa. Observou-se, inicialmente, que a área era pequena para o perfeito funcionamento de "uma unidade de vizinhança", mas, tendo em vista a grande urgência do programa, apresentou-se a solução que, se não perfeita, mais se aproximou, proporcionalmente, de um bem planejamento urbanístico, qual seja:

1.º) Foi eliminada, totalmente, a penetração de veículos no interior do bairro, por se tratarem de unidades populares e tendo em vista as distâncias se apresentarem pequenas, fáceis de se percorrer a pé. Êste procedimento, além de ser o mais correto para o programa, apresentou as seguintes vantagens: gastou-se menos na área; mostrou-se mais econômico, pela eliminação de ruas no lugar das quais surgiram alamêdas para pedestres.

2.º) As alamêdas para pedestres serão arborizadas, obedecendo à orientação de um botânico da região, e terão como função o atendimento às residências a ligação com áreas verdes e a localização para a instalação de esgotos pluviais e de águas servidas.

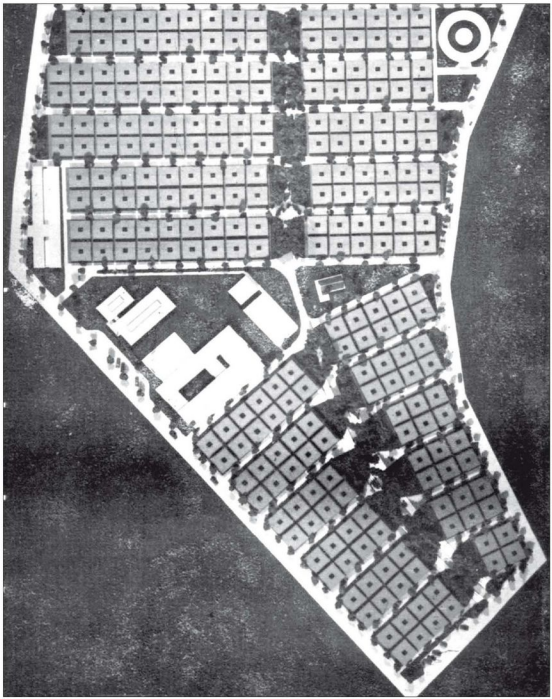
3.º) A locação das residências obedeceu à melhor orientação solar, procurando-se norte-sul, evitando-se leste-oeste.

4.º) Adotou-se, para melhor ventilação das quadras, as casas geminadas duas a duas. Preferiu-se a solução de casas em série, pois, embora dando maior número de habitações, impediria a ventilação cruzada, permitindo-a somente na direção das alamêdas, o que seria prejudicial aos moradores. Mais adiante, no projeto de arquitetura, pode-se notar o cuidado que se teve para tornar as residências mais agradáveis, tendo em vista o clima amazônico — previu-se colchão-de-ar e ventilação cruzada no teto e habitações.

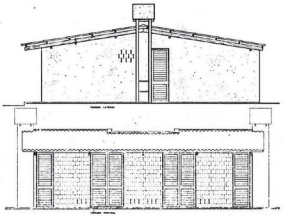
5.º) As quadras se comunicam através das alamêdas de pedestres com as áreas verdes, que se interligam em todo o planejamento, convergindo para o "plateau" (atualmente campo de futebol) onde será construído o Centro Comunal, em que ficarão congregados todos os serviços de uso comum: polícia, prefeitura, pôsto de saúde, creche, pombal, coreto, monumento, caixa d'água, igreja, lago, parques e escola primária.

6.º) Em locais preestabelecidos, serão construídos o mercado, as lojas e os abrigos para atender à população (farmácias, sapatarias, barbearias, bares, alfaiatarias, enfim, locais de trabalho para fixação da população). O mercado será localizado na entrada do bairro no trajeto trabalho-domicílio, facilitando a compra e a carga-descarga dos gêneros, bem como o tráfego de caminhões.

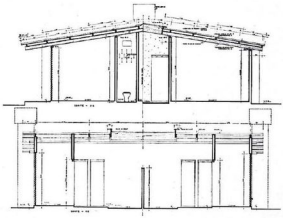
A COHAB-AM também fez a seleção e providenciou a aquisição,



FACHADA LATERAL



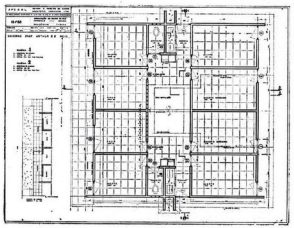
FACHADA PRINCIPAL

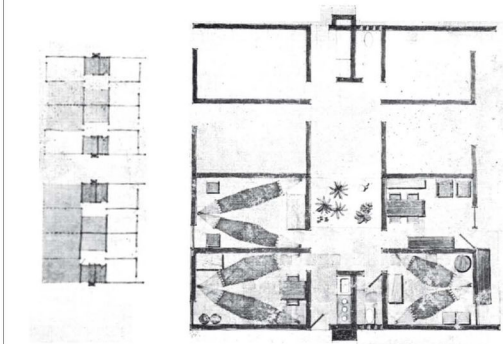


CORTE A-A

CORTE B-B

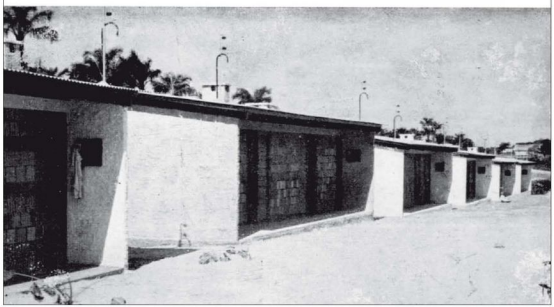
PLANTA BAIXA DA RESIDENCIA TIPICA

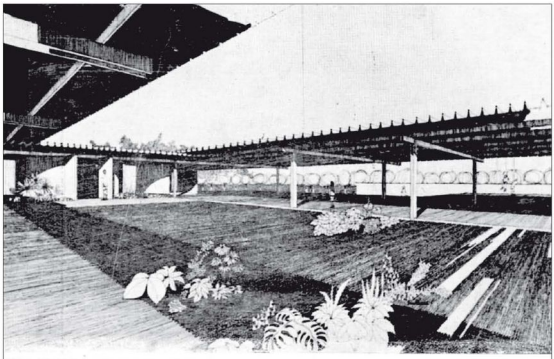




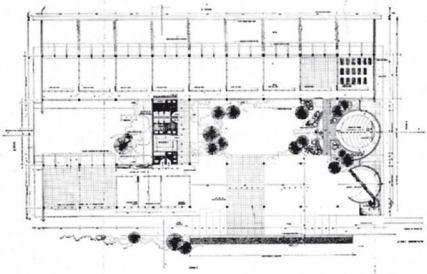
PROJETO INICIAL DA RESIDENCIA TÍPICA

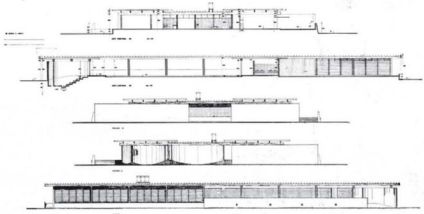
ASPECTO DO CONJUNTO CONSTRUIDO





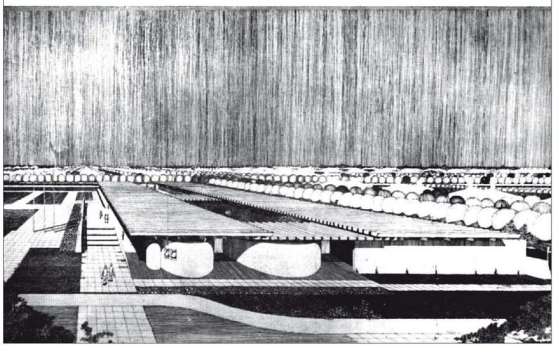
ESCOLA DO BAIRRO DA RAIZ - VISTA DO PÁTEO INTERNO

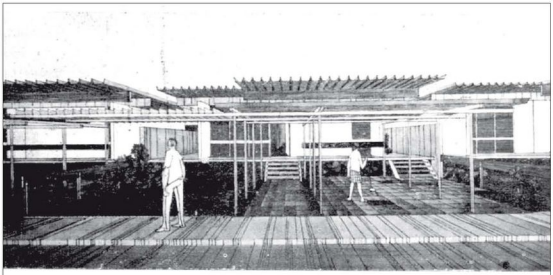




ESCOLA DO BAIRRO DA RAIZ - CORTES E FACHADAS

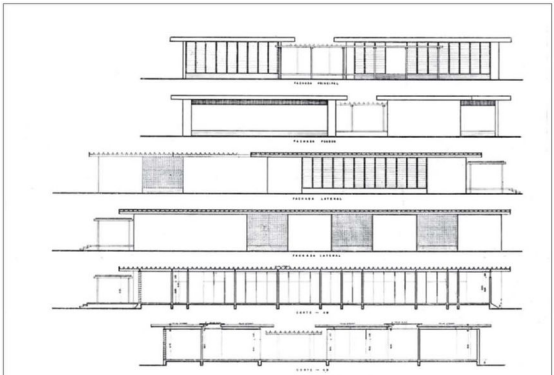
VISTA GERAL





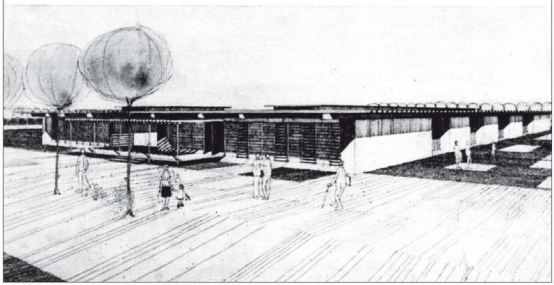
AMBULATÓRIO DO BAIRRO DA RAIZ - FACHADA PRINCIPAL

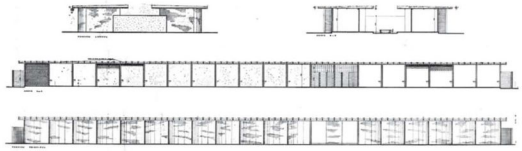
PLANTA BAIXA



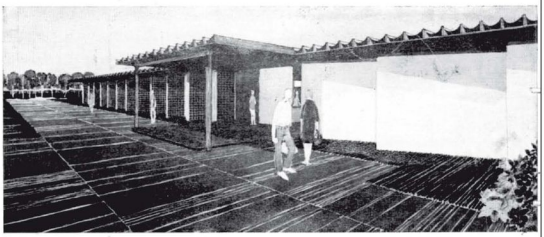
AMBULATORIO DO BAIRRO DA RAIZ - FACHADAS E CORTES

VISTA GERAL





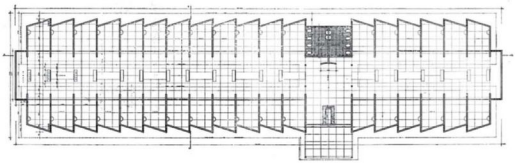
CORTES E FACHADAS

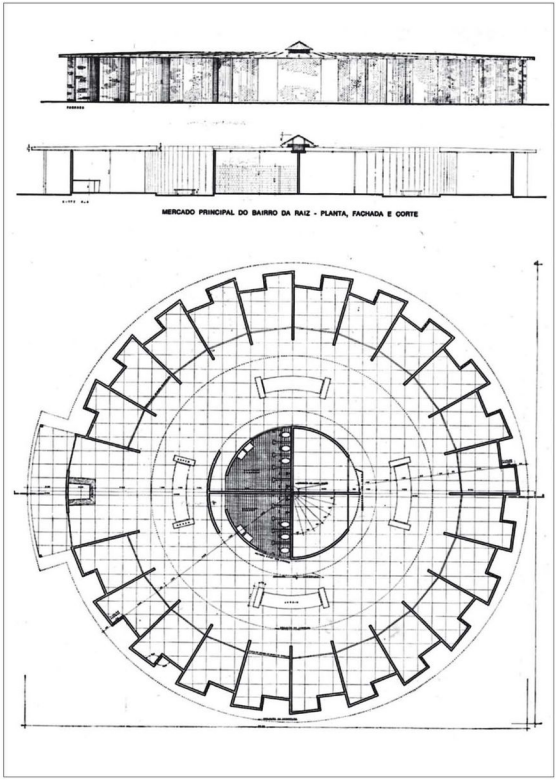


CENTRO COMERCIAL DO BAIRRO DA RAIZ

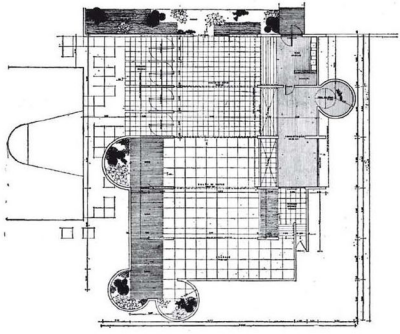
VISTA PRINCIPAL

PLANTAS DAS LOJAS

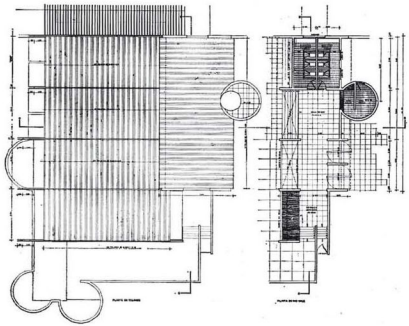




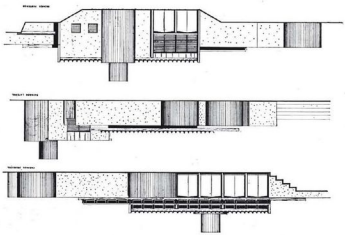
MERCADO PRINCIPAL DO BAIRRO DA RAIZ - PLANTA, FACHADA E CORTE



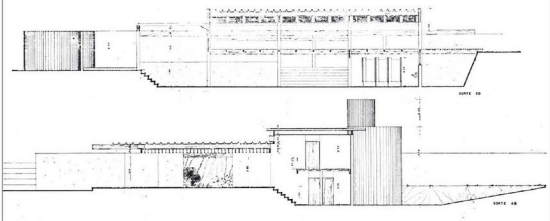
CLUBE DO BAIRRO DA RAIZ - PLANTA DO 1.º PAVIMENTO



PLANTA DO 2.º PAVIMENTO E DA COBERTURA



CLUBE DO BAIRRO DA RAIZ - CORTES E FACHADAS PRINC.PAL E LATERAL



MEMORIAL DESCRITIVO DO PALÁCIO DA CULTURA LÔBO D'ALMADA

ANTONY & PEREIRA DA CUNHA
ARQUITETOS ASSOCIADOS

O Govêrno do Amazonas, seguindo a ação dinâmica do Professor Arthur Cezar Ferreira Reis, incluí no seu Plano de Ação várias obras de inestimável valor cultural.

Faltava à cidade de Manaus um centro cultural que pudesse estimular o forte desejo de sua população em difundir seu interêsse pela cultura. Foi-nos dada a incumbência de projetar um edifício que pudesse abrigar várias instituições de cultura: Museu do Índio, Pinacoteca, Escultura, Numismática, exposições itinerantes, aulas de pintura e escultura e a sede do Departamento de Turismo.

Devido aos pequenos recursos do Estado não se poderia prever a construção de um Museu isolado da sede do Departamento de Turismo. Por esta razão, tornou-se imprescindível uma solução que desse a flexibilidade necessária para o atendimento do programa-projeto. O terreno por nós indicado situa-se na Avenida Eduardo Ribeiro, principal artéria de vivência da cidade. Como autores do Plano Diretor da cidade, já havíamos previsto a necessidade de edificar um centro de cultura no final da avenida, todavia o terreno proposto, atualmente uma praça, seria obra muito onerosa para uma ação a curto prazo. Ficou estabelecido que primeiro seria erguido o Museu Lôbo d'Almada.

Análise do programa proposto:

1) Terreno: o único disponível é pequeno para o programa. Está localizado na Av. Eduardo Ribeiro.

2) Orientação: a orientação do terreno permite duas fachadas na sua maior dimensão, voltadas para a direção leste-oeste com uso de mise-soleil.

3) Declive: o declive do terreno sugeriu o aproveitamento na direção sul, de um andar onde estão localizados os serviços gerais e garagens que atenderão ao prédio.

4) Estrutura: o sistema adotado foi o concreto armado.

Sendo o preço do cimento, em Manaus, de cêrca de NCr$ 10,00/saco, e baixa a resistência do concreto, uma vez que a brita é substituída por areião, fomos obrigados a adotar uma estrutura de vãos modestos. O entreeixo é de 6 m, sendo o vão no sentido transversal de 8 m. Devido ao baixo TC do concreto, adotamos o sistema de laje tipo "voalle". Nos caixotes, localizamos as luminárias. A luz fria é difundida por telha branco-translúcida.

Especificando, temos:

Estrutura: tôda em concreto aparente, impermeabilizada à base de PVA.

Pilares: em forma de "H", permitindo a localização dos tipos de instalação hidráulica, esgôto e eletricidade.

Paredões (laterais): em concreto aparente, com trabalho em baixo relêvo impresso pelas fôrmas.

Cobertura: em casca de concreto, de seção elítica. As unidades serão separadas a fim de favorecer a entrada da luz zenital, através das telhas plásticas.

Peitoril dos balanços: em concreto aparente apicoado.

Instalação elétrica: visando a permitir flexibilidade total para os objetos expostos.

A luz-ambiente artificial de luz fria difusa.

A iluminação natural será feita através das aberturas "brise-soleil", voltadas para sul-norte.

Esgotos e águas pluviais não apresentam problemas, estando as entradas e subidas dos tapes no vazio dos pilares.

PLANTA:

O acesso ao pilotis é feito por escadaria em granito. A entrada da sala de projeções do clube cultural fica ao lado da caixa da escada nobre. Na esplanada do pilotis estará localizada uma escultura; à direita estão os dois cilindros em tijolo aparente, alternados, que encerram as salas do clube cultural. A esquerda, o hall nobre, os elevadores, escada e sala de exposições itinerantes.

Os acessos verticais estão no têrço do bloco, tendo à esquerda, no primeiro pavimento, as áreas destinadas às funções menores do programa: Diretor do Museu, Sede do Departamento de Turismo. A direita, ocupando dois terços restantes do prédio, está localizado o Museu do Índio. O salão tem pé direito útil de 4,50 m, com áreas vazadas no piso e teto.

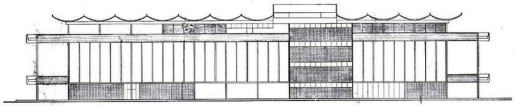
No 2.º pavimento, à esquerda, está localizado o salão de exposições da Coleção Numismática do Estado, que é considerada a 3.ª do mundo. As moedas serão expostas em placas de blindex, em sanduíche. A disposição será vertical e horizontal de acôrdo com estudos que serão feitos posteriormente. A direita dos acessos verticais está localizado o salão de pintura e escultura, sendo que as varandas e terraços serão usados para exposição de esculturas ao ar livre.

Consta do programa fornecido pelo DEPRO um restaurante, que preferimos situar no último andar, pois daí se descortina uma vista panorâmica do Teatro Amazonas. No último andar também existem peças de escultura e o salão de aulas de desenho.

As pequenas dimensões do terreno e o gabarito prefixado pelos contratantes exigiram que a distribuição das áreas para as diversas funções fôsse a mais compacta possível.

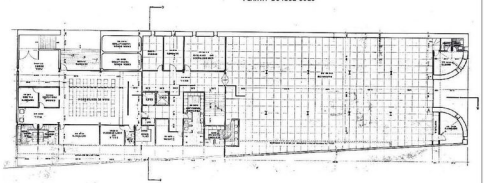
Previmos no Plano Diretor a área vizinha ao Museu para, a médio prazo, ser desapropriada para a construção do Centro Cívico da cidade, ficando o prédio Lôbo D'Almada com funções exclusivamente de museu.

Achamos que a medida do Govêrno em dotar a cidade de um centro cultural é das mais promissoras e acreditamos no seu pleno êxito.

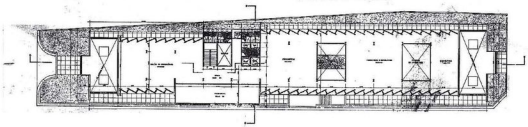


FACHADA

PLANTA DO SUB-SOLO



PLANTA DO 2.º PAVIMENTO



Também elaboraram para a Prefeitura Municipal de Manaus na gestão Paulo Pinto Nery o projeto da Sede do Novo Distrito Rodoviário Municipal e para o Departamento de Estado de Turismo e Promoção DEPRO o projeto de Urbanismo da Orla da Ponta Negra e do *Stand* do Amazonas na Feira do Atlântico – Pavilhão de São Cristovão – Rio de Janeiro – 1965

O projeto de Urbanismo da Orla da Ponta Negra integrou o I Plano Estadual de Turismo e foi deixado pronto para ser implantado pela administração seguinte. A não execução tanto do plano quanto do projeto permitiram que fosse dada outra destinação à orla, prejudicando o crescimento harmônico da cidade e impedindo a instalação organizada de parte de seu equipamento.

O do *stand* já descrito anteriormente não foi localizado. Espero que a descrição feita anteriormente permita ao leitor imaginar que a beleza e o inusitado do projeto que recebeu vários prêmios e surpreendente aceitação do público, que fez do Amazonas o grande sucesso da I Feira do Atlântico.

A COHAB-AM teve sob sua responsabilidade a implantação e o desenvolvimento das ações relativas ao Plano Nacional de Habitação, do Banco Nacional de Habitação, no Amazonas, incluídas no Programa Biênio 1965-1966 do Governo do Estado.

Essa atuação está descrita a seguir, conforme matéria da revista *ABA-Amazonas*, já citada.

A COHAB E O PLANO HABITACIONAL NO AMAZONAS

O problema habitacional do Amazonas, como sói acontecer no resto do País, é um problema mais da Capital. Tôdas as condicionantes da vida moderna, bem como a cada vez maior procura da cidade, esvaziando os campos, faz com que, pouco a pouco, núcleos habitacionais em péssimas condições de vida se formem nas periferias ou em locais não ocupados e de fácil acesso das cidades. Manaus não fugiu a regra geral, e o cabocio amazônida, também, não deixou de se sentir atraído pelo convite da cidade e pela talvez fácil conquista de um lugar ao sol, na indústria, no comércio etc. Homem acostumado ao morar à beira dos rios, seu lugar preferido para montar seu tapiri foi, sem dúvida, às beiradas dos inúmeros igarapés que cortam Manaus. Ali se formaram verdadeiros núcleos, bairros sôbre as águas e as palafitas proliferaram, até ganharem o grande rio, já aí num aglomerado maior e trágico — a célebre cidade flutuante.

Foi durante o Govêrno do eminente sociólogo Professor Arthur César Ferreira Reis que se veio a iniciar um estudo em profundidade do problema habitacional e das condições sub-humanas das populações dos igarapés e cidade flutuante. Um levantamento sócio-econômico desta última foi levado a efeito por um grupo de estudantes de sociologia, da PUC, e suas conclusões vieram a dar uma idéia da realidade daquele imenso núcleo — verdadeira cidade dentro de outra.

Com a extinção da Cidade Flutuante, levada a cabo por determinação e execução da Capitania dos Portos, viu-se o Govêrno do Estado com o grande problema de alojar e integrar definitivamente aquela população — ... 30.000 pessoas.

A solução partiu mais do sociólogo do que do governante — foi planejado o Bairro da Raiz, que viria a alojar todos aquêles ex-habitantes da cidade flutuante.

Antecipava-se, assim, o Govêrno Estadual, ao plano do BNH, que utilizava verbas federais.

O conjunto da Raiz, em linhas gerais, compreende:

Área total do terreno:	84.640 m²
Área dos lotes:	98 m²
Áreas de construção:	140 unidades c/37 m²
	222 unidades c/45 m²
	362 unidades
Área já construída:	139 unidades
Total de unidades:	494 unidades

Em 27 de junho de 1965, pela Lei 226, era criada, em regime de Economia Mista e tendo como maior acionista o Govêrno do Estado, com 51% das ações, a Companhia de Habitação do Amazonas — COHAB-AM, que constituída em 21 de setembro, começou a operar em 26 de outubro do mesmo ano, tendo sua primeira diretoria composta pelo arquiteto César Oiticica, Diretor-Presidente, Economista Nozor dos Santos Nascimento, Diretor-Financeiro, e Economista Vicente Pereira, Diretor Técnico.

Integrava-se, assim, o Amazonas ao Plano Habitacional do Banco Nacional da Habitação, e a COHAB-AM, através de seus convênios com o BNH, carreava para o Amazonas uma boa soma de recursos do Govêrno Federal.

Os trabalhos iniciais da COHAB-AM desenvolveram-se cientificamente, partindo-se da pesquisa de áreas apropriadas, levantamento topográfico da área escolhida, terraplenagem do terreno, aprovação do projeto no BNH e início do que seria hoje o Bairro de Flôres:

Área total do terreno:	140.000 m²
Área dos lotes:	120 m²
Área de construção:	280 m²
Total das residências:	306

Concomitante à construção, o Setor Sócio-Econômico da COHAB-AM providenciava o levantamento das populações a serem transferidas para aquele conjunto, transferência esta que deveria estar adstrita às normas ditadas pelo BNH.

Num verdadeiro trabalho de equipe, desenvolvia-se a rotina da COHAB-AM, o que possibilitou a entrega, numa primeira fase, de 50 unidades, por ocasião do 2.º aniversário do Govêrno Arthur Reis, e, posteriormente, a 30 de janeiro de 1967, último dia daquela gestão, eram inauguradas as restantes 265 residências do Bairro de Flôres.

O urbanismo do Bairro de Flôres visou à integração da arquitetura à natureza. O terreno, atravessado por um igarapé natural, fica localizado num dos pontos mais agradáveis da cidade, na Estrada de Flôres, próximo do centro, tendo sido sua localização um dos pontos determinantes de sua escolha, pois que se evita, assim, o problema de deslocar para pontos demais distantes do local de trabalho.

O mercado local, bem como a área de recreação, deixados projetados, ainda se encontram em fase de construção. Inaugurado, coube ao Estado ultimar tôda a parte relativa a água, esgôto e luz, o que só foi concluído em junho p.p., tendo sido entregue aos moradores em ato solene, que contou com a presença do Ministro do Interior, em 13 de julho de 1967, já na gestão Danilo Areosa, tendo como presidente da COHAB-AM o Maj.-Eng.º José Ribamar.

Atualmente a COHAB-AM está com um programa para cumprir que atinge até meados do próximo ano que atinge a quantidade de 1797 unidades, sendo as restantes 363 unidades do Bairro da Raiz, agora sob a responsabilidade da COHAB-AM, e 1.303 unidades do nôvo conjunto residencial.

O conjunto residencial cuja construção agora se inicia pode ser descrito da seguinte maneira:

Área total do terreno:		965.000 m²	
Área dos lotes:		266 m²	
Áreas de construção:	com 28 m²	417	unidades
	com 37 m²	450	unidades
	com 45 m²	436	unidades
		1.303	unidades

Seu urbanismo foi elaborado pelos arquitetos César Oiticica e Leon Manickchand, que também tiveram o cuidado de providenciar um levantamento climatológico da região, baseado em dados fornecidos pelos Serviços de Meteorologia dos Padres Salesianos e Instituto de Pesquisas da Amazônia, o que muito contribuiu para a locação ideal das casas, obtendo-se o mínimo de insolação no interior das mesmas, levando-as ao máximo de confôrto. As casas terão um, dois e tr s quartos, além de sala, cozinha e sanitários. Foi também projetado um sistema de esgotos que utilizará fossas biológicas individuais, e a distribuição de água potável será baseada em fonte própria, havendo ainda, um reservatório elevado com capacidade aproximada de 250.000 litros.

O programa da COHAB-AM desenvolve-se, no momento, entre a Capital e o interior do Estado. Na Capital sua ação adstrita aos já citados conjuntos do Parque 10 de Novembro e Bairro da Raiz, e no interior volta-se, inicialmente para os municípios de Benjamim Constant, Itacoatiara, Parintins e, ainda, Colônia Militar de Tabatinga.

Inauguração do Conjunto Habitacional de Flores, da COHAB-AM, vendo-se a Sra. Graziela da Silva Reis desatando a fita inaugural.

A COHAB-AM também fez a seleção e providenciou a aquisição, pelo Governo do Estado, de áreas para os próximos Conjuntos Habitacionais – *Castelo Branco*, no Parque Dez, e *31 de Março*, no Japiim, os quais eram, à época, ambas áreas da floresta limítrofe.

Os projetos de arquitetura e urbanismo do *Conjunto Habitacional Castelo Branco*, de autoria de Cesar Oiticica e Ivan Pimentel, apesar de bem propostos, foram modificados pela direção da COHAB-AM, do Governo Danilo Areosa.

Pode-se dizer que os partidos adotados para esses conjuntos habitacionais – casas ao invés de apartamentos – conduziram Manaus a um melhor modelo de crescimento urbano, que evitou a concentração de prédios, pressionando a área central já urbanizada – como aconteceu em Belém, para dar exemplo mais próximo – e que fez surgir novos espaços residenciais, dotados de boa infraestrutura, que acabaram forçando o crescimento da malha urbana que, em função deles, acabou dotada de ótimos acessos.

Os arquitetos César Oiticica e Ivan Pimentel, da COHAB-AM, paralelamente ao seu trabalho específico, colaboraram com a Secretaria de Estado do Planejamento, CODEAMA e com o DEPRO, ao elaborarem e doarem para esses órgãos os excelentes projetos:

- Sede da Secretaria de Coordenação e Planejamento e Comissão de Desenvolvimento do Estado do Amazonas – CODEAMA, reproduzido a seguir Revista *ABA-Amazonas*, nº 1.
- Pousadas na Selva[79].

79 Esse projeto não foi localizado no Órgão de Turismo, nem nos arquivos dos arquitetos.

SECRETARIA DE COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO E COMISSÃO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO AMAZONAS — CODEAMA

CESAR OITICICA — IVAN PIMENTEL ARQUITETOS:

O programa estabelecido compreendia os escritórios da Secretaria de Coordenação e Planejamento e da CODSAMA, assim como uma sala de reuniões e uma biblioteca, comuns aos dois organismos.

Deve-se frisar que a colocação dêstes dois órgãos em um mesmo prédio atendia a uma necessidade administrativa fundamental, já que a CODEAMA é um órgão de assessoramento da Secretaria.

Segundo entendimentos iniciais, a arquitetura deveria atender ao funcionamento exato das atividades a serem exercidas, isto é, sem permitir superdimensionamento de áreas, tendo em vista o aspecto econômico, considerado como muito importante. No entanto, o prédio, como sede de Secretaria de Estado, deveria apresentar características nobres e principalmente, um profundo sentido de adaptação à Região e ao seu clima especial.

O terreno destinado ao projeto pertencia ao Estado e ocupava posição central em relação à cidade, sendo, por isso mesmo, de dimensões limitadas, correspondendo, praticamente, à forma geral de construção.

Ficou determinado, de início, que não haveria condicionamento de ar, sendo, portanto, necessária proteção absoluta contra o clima da região. Esta foi, de resto, a preocupação fundamental do projeto e a determinante do partido adotado.

Assim, procuramos cercar os espaços úteis de varandas, visando total aeração e a proteção das fachadas da radiação solar. Utilizamos, na extremidade externa da varanda, elemento pendurado, em veneziana, atuando como "brise-soleil". Projetamos todos os elementos de fachada em veneziana. Evitamos em todo o projeto o emprêgo do vidro.

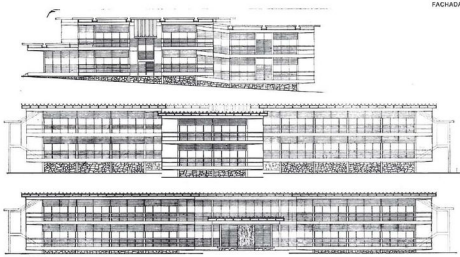
Apesar da grande quantidade de madeira utilizada, os acabamentos e detalhes de execução são bastante simples, objetivando sempre a redução do custo da obra e tendo em vista as dificuldades particulares de construção em Manaus. Podemos dizer que, apesar da existência de certos materiais alienígenas (telhado em canaleta de fibro cimento, por exemplo), mantivemos o propósito inicial de projetar para a região. O emprêgo dêsses materiais (importados para o Estado) justifica-se pela inexistência local de materiais que satisfaçam às necessidades fundamentais do projeto (no caso do telhado, exemplo citado, qualquer material de cobertura teria que ser importado).

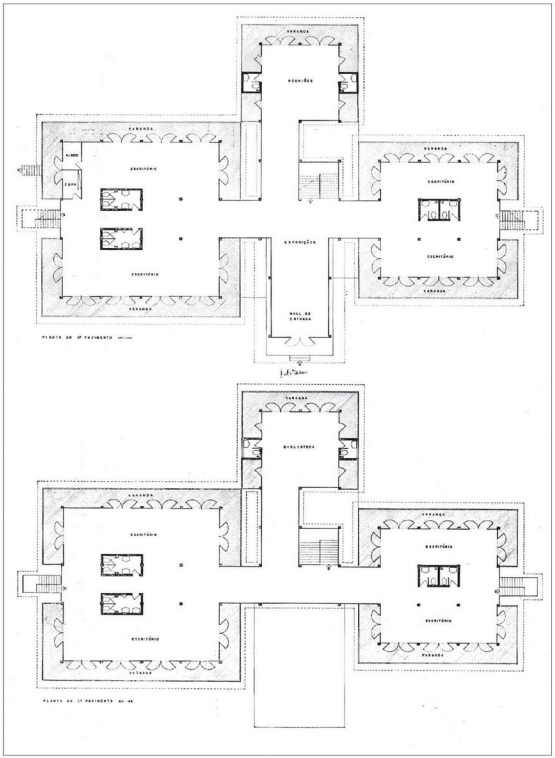
Procuramos, por outro lado, fornecer um sistema perfeito e moderno de instalação elétrica, proposição esta dificultada pela versatilidade permitida na distribuição dos compartimentos de escritório.

Procuramos adaptar, ao máximo, o prédio ao terreno, estando o bloco correspondente à sala de reuniões e biblioteca em nível mais baixo, sendo a ligação feita por rampas.

Pretendeu-se uma unidade de espaços e de tratamentos, diferenciando, porém, os setores de público daqueles correspondentes aos escritórios. A sala de reuniões e a biblioteca foram isoladas do corpo do prédio, procurando-se definir suas atuações especiais.

FACHADAS




VARANDA
ESCRITÓRIO
EXPOSIÇÃO
HALL DE ENTRADA
BIBLIOTECA
PLANTA DO 1º PAVIMENTO

Antecedendo décadas à atual febre do ecoturismo, o Governo Arthur Reis, a partir do DEPRO – Departamento Estadual de Turismo e Promoção, já elegia áreas do interior do Estado com maior apelo turístico, definia o projeto-piloto respectivo e inclusive a localização das primeiras *Pousadas na Selva*. Infelizmente, o Governo seguinte não levou avante esse projeto, apesar desse tipo de hospedagem vir a atender ao reclamo forte de boa parte dos turistas que aqui chegavam, principalmente os estrangeiros: o contato mais próximo com os rios e com a floresta.

Inicialmente seriam construídas duas pousadas, uma, às margens do Rio Preto da Eva, a poucos quilômetros de Manaus, com acesso direto pela AM-010, Manaus-Itacoatiara, em fase de conclusão e entregue ao tráfego no final do Governo Reis; a outra, no Município de Manacapuru, às margens do Solimões, à época, com acesso somente por via fluvial.

Tanto o projeto de Severiano Porto *Hotel de 10 Quartos para Região de Caça e Pesca*, como as Pousadas na *Selva*, idealizadas pelo DEPRO e projeto de César Oiticica e Ivan Pimentel, estavam inseridos nesse projeto piloto e atendiam, ao segmento de *turistas de selva* de antes, hoje Ecoturismo.

Sobre a arquitetura que surgiu, aqui, no Governo Reis, e que fez escola, na região e no Brasil, acho bem elucidativa a interpretação de César Oiticica, em texto do artigo reproduzido a seguir, publicado no mesmo nº 1 da já citada Revista ABA-AMAZONAS.

AMAZONAS — EXPERIÊNCIA DO CLIMA E MATERIAIS NA HABITAÇÃO POPULAR

CESAR OITICICA — ARQUITETO

Com as primeiras vivências locais dos arquitetos chegados a Manaus a partir de 1965, surgiu o interêsse pela definição mais precisa das condicionantes de uma arquitetura que estivesse de acôrdo com o clima e que utilizasse materiais da região.

Suas experiências iniciais não lograram grande êxito nesse sentido, mas, pouco a pouco, com maior compreensão da região e da realidade, conquistaram algumas vitórias que podem ser consideradas importantes.

A obra, nesses dois anos e meio de Amazonas, do arquiteto Severiano Pôrto, evidencia essas conquistas e é um exemplo de identificação progressiva do arquiteto com a realidade amazonense.

Os arquitetos da COHAB do Amazonas — Ivan Pimentel, Leon Manickchand e o autor dêste artigo — buscaram, também, através de pesquisas orientadas no campo da habitação popular, uma arquitetura que atendesse às condições climáticas e que utilizasse materiais locais, sempre que possível.

Sem dúvida, a arquitetura que surge em Manaus, no Governo de Arthur Reis, vem com forte influência amazônica, no que concerne a materiais e partidos, e com boas respostas às exigências do clima.

É nesse Governo, época da criação e implantação do BNH – Banco Nacional da Habitação, em nível nacional, que surgem aqui novos conjuntos habitacionais, inicialmente todos populares.

A essas contribuições inovadoras, podemos somar as ações diretas do Governo Arthur Reis, entre as quais: o estímulo para o crescimento e instalação definitiva da Universidade do Amazonas[80]; a edição, lançamento e distribuição nacional dos mais importantes autores amazonenses e amazônicos, trazendo para a atualidade essa contribuição; o apoio e a total liberdade dada às artes e atividades culturais e as ações desenvolvidas para criação da Zona Franca de Manaus.

O trabalho afinado, programático e projetivo do Governo como um todo, sob a condução forte e presente do Governador, fez da Administração Arthur Cézar Ferreira Reis um *Governo Definitivo* para o ressurgimento do Amazonas, de Manaus.

80 A doação das áreas para a instalação da Universidade do Amazonas e da Reserva Ducke, do INPA foram atos do Governo Arthur Cézar Ferreira Reis.

Transcrevo, a seguir, trechos do livro-depoimento de Arthur Cezar Ferreira Reis – *Como Governei o Amazonas*, uma espécie de prestação de contas, que permitirão uma melhor avaliação sobre essa importante e correta administração.

Governar sem uma programação seria continuar a incidir no tremendo erro do passado personalista e desarvorado. Com a colaboração de técnicos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e os que de pronto pude encontrar em Manaus, fiz elaborar um Plano Bienal 1965-1966, que cobrisse os vários ângulos da administração e me permitisse promover um novo estado de consciência, de trabalho, de ação realizadora, inclusive na área do espírito. O Amazonas precisava ascender no conceito do País e tomar uma decisão para o progresso.

O Plano Bienal de Governo, visando à equação e à promoção de soluções da problemática estadual, apesar das descrenças de muitos, de certas resistências e incompreensões, foi executado como se pode verificar no balanço que se faz mais adiante, balanço realístico de que se encarregaram a Secretaria de Coordenação e Planejamento e a CODEAMA.

Era necessário, no entanto, além de um Plano Bienal de Governo, ainda de acordo com o que nele se expressava, a reformulação da máquina operacional do Estado, que era profundamente defeituosa, destituída de qualquer possibilidade de oferecer rendimentos positivos e já obsoleta em face das mudanças que se operavam por toda parte do Brasil e era preciso iniciar no Amazonas. Com a ajuda de um grupo de especialistas da Fundação Getúlio Vargas, foi possível a elaboração de reforma, através da qual toda uma mecânica nova foi sendo implantada no Estado para permitir que se abrissem novos horizontes à vida de nossa terra. A reforma exigia, porém, para que se tornasse efetiva, precisa, o censo dos servidores. Esse foi feito...

...Fêz-se o enquadramento, procurando redistribuir o pessoal de acordo com a experiência que possuía e os conhecimentos que vinha demonstrando. Dessa maneira, e pela primeira vez, procedeu-se a uma lotação melhor do funcionalismo para que as tarefas que devemos esperar executem bem.

O IPASEA não funcionava dentro de suas obrigações, como órgão de Previdência: não prestava serviços e era um sorvedouro de recursos, extraídos dos vencimentos do funcionalismo, para utilização que desrespeitava os seus objetivos. Foi por isso reorganizado e hoje é um estabelecimento modelar.

No campo educativo e cultural, demos ênfase especial aos três graus de ensino, à formação de especialistas, de servidores estaduais e ao lançamento, em termos de profundidade, de uma ampla ação de desenvolvimento cultural. Nesse particular, parece-me que os resultados são visíveis e não admitem contestação. Aumentamos o número de salas de aulas, abrimos Ginásios e cursos pedagógicos, reaparelhamos o ensino com instrumental necessário para que funcionassem bem. À Universidade, demos tudo o que era possível dar, desde os recursos financeiros para que instalasse as suas Faculdades, e para que pusessem em condições de funcionamento as novas Faculdades (Medicina, Engenharia, Farmácia e Odontologia) que haviam sido criadas. Criamos os

Prêmios "Tenreiro Aranha" e "Estelita Tapajós" para premiar escritores e cientistas. Fizemos realizar Cursos de Treinamento, de Especialização e de Atualização para os servidores do Estado. Criamos a Escola de Serviço Público, já com seus cursos em funcionamento. Conseguimos a realização de cursos de alto nível – Gerência, Demografia, Análise Econômica, CEPAL. A Biblioteca Pública foi enriquecida em seu acervo bibliográfico em mais de Cr$ 100.000.000. Criamos o Instituto de Música "Joaquim Franco". O Arquivo Público deixou de ser um monturo de papéis para se transformar numa casa organizada, capaz de permitir o estudo do passado do Amazonas. Demos início à Pinacoteca do Estado. Decretamos a mobilização de universitários, professores, pessoas de boa vontade, para a erradicação do analfabetismo.

Pela Secretaria de Imprensa, na intenção do incentivo à cultura, já fizemos editar 104 volumes nas séries TORQUATO TAPAJÓS, EUCLIDES DA CUNHA, RAYMUNDO MONTEIRO, ALBERTO TORRES, MONTEIRO DE SOUZA, EULÁLIO CHAVES, PAULINO DE BRITO e EDUARDO RIBEIRO e na série Plaqueta, abrangendo o campo específico do ensaio literário, da geografia, da antropologia, da economia, da sociologia, da ciência política, da análise literária, do direito público e privado, da poesia, do romance, do teatro, da crônica, da história, da didática. Estão em edição nove obras, do próximo lançamento.

A Política Sanitária recebeu igualmente os nossos cuidados particulares. Conseguimos que o SESP voltasse a operar, graças à nossa contribuição financeira, proporcionada através de convênios, produzindo aqueles mesmos resultados que o haviam credenciado no passado e estavam agora limitados à falta daqueles recursos. A Secretaria de Saúde restaurou-se nas suas funções. Abrimos o Hospital "Getúlio Vargas", a Maternidade "Eliza Souto", em Manacapuru, demos novas instalações ao Hospital "Chapot Prevost". Os Hospitais dos atacados do "mal de Hansen" deixaram de ser o depósito de enfermos que nos envergonhavam e haviam permitido desonestidades administrativas verdadeiramente monstruosas, transformando-se em estabelecimentos que acodem e dão aos enfermos as condições humanas e sanitárias a que têm direito. O Hospital de Alienados Eduardo Ribeiro passa por total transformação em suas instalações físicas. Postos de Saúde foram abertos em todo o Estado. O rendimento que estamos alcançando é expressivo – a mortalidade infantil, por mil pessoas, em 1964 foi de 100,6; em 1965, de 84,3; em 1966, de 67,0; a mortalidade geral em 1964 atingiu este índice: 13,6; em 1965, 11,4; em 1966, 10,0.

O surto violento de endemias não tem ocorrido. O estado sanitário da população não é mau, ao contrário, é bom. No interior do Estado, no momento em que me empossei no Governo, havia apenas 1 médico. Hoje esse número ascende a 14.

A política de transportes e comunicações mereceu igualmente as nossas atenções. O DERAM, pela primeira vez, apresentou resultados positivos. Antes de julho de 1964, em 18 anos, haviam sido construídos 276 kms de rodovia. De julho de 1964 ao dia de hoje, 561 kms. A Estrada Manaus-Itacoatiara permite o tráfego diário para uma linha de ônibus. A Cacau – Pirêra – Manacapuru

está, também, em pleno tráfego. Estradas pioneiras são Humaitá – Lábrea e a Humaitá – Porto velho, esta da maior importância porque nos vai permitir, com a construção da Humaitá – Careiro, a ligação direta com Brasília, o que significa que vencermos o isolamento da Amazônia Ocidental para o contato direto com o Centro e o Sul do país.

A CAMTEL que vai assegurar a Manaus um novo serviço telefônico modernissimo, ligará a nossa capital a Itacoatiara, Parintins, Manacapuru, e Coari, levando essa ligação em futuro próximo às demais sedes municipais do Estado. A importância desse serviço de comunicação é de tal ponto que já serve de modelo a organizações que estão se criando em outros Estados e permitiu a celebração de um Convênio Preliminar entre o nosso Estado e o Pará para uma política interestadual de comunicações.

O incentivo à produção, como era natural, visando-se à criação de um novo status nas nossas condições econômicas, básicas no programa de mudanças de estruturas que planejáramos, esteve a cargo das Secretarias de Produção, de Coordenação e Planejamento e da CODEAMA. Foi eficiente e já vem autorizando a segurança de novos empreendimentos nos setores da agropecuária e da industrialização. Os programas da iniciativa privada estão assentados em grande parte nos estudos que as três unidades administrativas realizaram. O senhor Cosme Ferreira, titular da Secretaria de Produção, em livro que circula ao mesmo tempo que este, dá uma conta exata, minuciosa, clara e objetiva do que se realizou ali sob sua orientação e sua dinâmica de homem experimentado.

A CODEAMA, nos estudos que efetuou, trouxe contribuição admirável à promoção de nossas possibilidades. Editou, com esse objetivo, 31 volumes, que cobrem os aspectos fundamentais do nosso processo econômico, inclusive as perspectivas de industrialização, na base do aproveitamento dos nossos recursos naturais, sejam aqueles da espécie vegetal, sejam aqueles da espécie mineral. A Companhia de Desenvolvimento, que planejou, está em vias de instalação. Será o instrumento mais atuante, se lhe assegurarem continuidade e vitalidade, para o processo visando o progresso econômico, porque a ela caberá o planejamento e a montagem de unidades econômicas a serem transferidas, posteriormente, à iniciativa privada como experiência de incentivos. Esses, de outro lado, além das providências decretadas pelo Governo Federal, encontraram cobertura nas medidas que decretamos, como seja, as isenções tributárias que permitam acolher bem quantos desejam participar do aumento de nossa riqueza.

Ainda que referir, nesse particular, o papel que vem exercendo o Banco do Estado. É o depositário obrigatório de todos os nossos recursos financeiros. Através dele, a CODEAMA realiza a política estadual de subsídio e financiamento à produção. Em convênio com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, para as operações de repasse, representa aquela entidade bancária que agora atua no Estado. Significa, assim, o Banco um suporte admirável às iniciativas públicas e privadas, estas principalmente. Devemos-lhe muito do êxito que foi possível alcançar no que diz respeito ao nosso crescimento econômico.

O saneamento das finanças, por uma política tributária nova, esclarecida e humana, de maneira a que ninguém se visse ferido em seus direitos de criar riquezas e servir à coletividade, recebeu tratamento conveniente. Diminuiram-se certas alíquotas, apesar das restrições de muitos, que entendiam a providência desacertada e prejudicial às rendas públicas. A fiscalização exercida produziu resultados magníficos. A rotatividade no exercício dos exatores também serviu a uma melhor arrecadação. A circulação clandestina de mercadorias e de produtos nossos perdeu a vitalidade anterior. O descaminho, que era uma constante vergonhosa, perdeu a velocidade do passado. Os orçamentos foram elaborados como autênticos instrumentos da vitalização do Estado e não mais de pressão tributária e de aplicações ruinosas ou desastrosas. Têm sido tecnicamente preparados e através deles pode apreciar-se um retrato exato do que é a nossa vida. São exatamente orçamentos programas.

As obras públicas que conseguimos realizar em Manaus e no interior são espelhos muito claros de toda uma decisão para criar, na infra-estrutura estadual, as bases físicas que permitam o bem funcionamento de serviços públicos. Imensa programação foi executada. No balanço que vai anexo pode ser verificada a obra admirável que a Secretaria de Viação e Obras conseguiu realizar em dois anos e meio de atividades. Quero confessar que é esse um dos motivos de que posso me orgulhar como Governador do Amazonas.

Acrescente-se a essa tarefa material, a nova arquitetura, que obedeceu aos imperativos ecológicos e nos apresenta, perante o Brasil, como área modelar. As novas construções de escolas e demais edifícios públicos são construções apontadas nas revistas especializadas de arquitetura e urbanismo, como construções que precisam ser consideradas no que representam como revolução. Deixo ao meu sucessor algumas dessas obras em fase de conclusão. São elas:

Ginásio "Marquês de Santa Cruz" (São Jorge)

G. E. "Princesa Isabel " (Av Epaminondas)

G. E. "Hermenegildo de Campos" (Bairro Presidente Vargas)

Quartel da Polícia Militar (B. Petrópolis)

Casas Populares Raiz – 5ª etapa (Raiz)

Centro de Saúde do IPASEA (Parintins)

G. E. "José das Chagas" (Parintins)

Instituto Benjamin Constant – Manaus (prosseguimento da reforma)

Colégio Estadual do Amazonas – prosseguimento da reforma

Hospital "Eduardo Ribeiro" (prosseguimento da reforma)

Prédio da Imprensa Oficial (prosseguimento da reforma)

Secretaria de Produção (conclusão)

Estádio Vivaldo Lima

Palácio Rio Negro (instalação de elevadores)

Casas Populares e conclusão da reforma do leprosário "Antônio Aleixo"

Além desses, há os serviços de construção, recuperação e/ou muro no interior do Estado.

Estão prontos os projetos da Assembléia Legislativa, do Palácio Lobo d'Almada; de reformas e ampliação do Palácio Rio Negro e da construção do prédio da CODEAMA e Secretaria de Planejamento.

Manaus, como sede dos três poderes do Governo, exigia um tratamento especial. Seu Governo Municipal, hoje de uma eficiência incomum, não podia arcar com a solução de todos os problemas que lhe são afetos. A nossa participação portanto não podia deixar de existir. Fizemos traçar, por isso, um plano Diretor para a capital, plano que, uma vez executado, dentro da melhor técnica urbanística, assegurará a Manaus uma posição ímpar no quadro da rede urbana brasileira. Esse Plano divide a cidade em vários setores que a devem marcar. Depois do que Eduardo Ribeiro fez, traçando um projeto inicial do centro urbano que ele encontrara uma aldeia e transformara numa cidade, pela primeira vez se cogitou de dar, à capital, aquelas condições físicas que lhe garantam um desenvolvimento futuro dentro de linhas harmônicas e progressistas.

O problema habitacional, numa cidade em crescimento como Manaus, precisava ser cogitado prontamente. A COHAB-AM é o órgão que criamos e está fazendo surgir bairros novos com casas populares, bairros traçados a rigor e nos quais os moradores encontrarão tudo de que carecem para uma vida tranqüila. Mas havia em Manaus uma excrescência, a CIDADE FLUTUANTE. Vimo-la pela primeira vez em Genebra, em dois filmes que tinham por cenário o Brasil. Apareciam como páginas degradantes na vida de uma Cidade. Quando assumi o Governo e a vi diretamente, decidi exterminá-la. Fez-se inicialmente o levantamento do que representava, inclusive de sua população. Foi empresa que confiei a alunos meus, habilitados e amorosos da tarefa, da Escola de Sociologia e Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tivemos a cooperação da Capitania dos Portos, que se revelou eficiente, retirando moradores e extinguindo habitações. No Bairro da Raiz, traçado um plano urbanístico e arquitetônico, construímos 132 casas, das quais 46 já ocupadas, destinadas todas elas aos que, deixando a Cidade Flutuante e não tendo regressado ao interior, desejaram permanecer em Manaus, vivendo uma vida, agora de espécie humana.

A divulgação do Amazonas não se fazia em termos publicitários que nos honrassem. Servíamos ao comentário irreverente, ao noticiário deprimente. Era preciso promover em linhas novas. O DEPRO, inteiramente reformulado, passou a exercer as atividades, divulgando-nos com realismo e com intensidade invulgar. Comparecemos a exposições nacionais, promovemos exposições locais, difundimos nos Estados, pelo cinema, pelo rádio e pela imprensa, o Amazonas que se alterava na sua fisionomia. Várias centenas de estudantes, em caravanas, vindas do Sul, como professores, intelectuais, sob os cuidados do DEPRO e coordenação da Sra. Paulina Kaz, visitaram Manaus e ao

regressar se transformaram em divulgadores do que somos hoje, sem que nisto as despesas do Estado tivessem sido senão aquelas relacionadas com os passeios que proporcionamos. Tudo mais, constante de passagem, alimentação e divulgação foi à conta dos interessados. Não há notícia de promoção mais barata no mundo, nem mais eficiente. Horas em televisões e rádio e páginas de jornais divulgaram-nos, sem nos custar um cruzeiro.

A política de assistência social, de que nenhum Governo pode ausentar-se, esteve a cargo de divisão especializada, integrante de meu Gabinete Civil. Realizou um trabalho da maior eficiência com resultados que se podem facilmente averiguar a simples visita aos internatos de menores, o "Maria Madalena", para meninas, e o "Melo Mattos", para meninos, onde há hoje disciplina, trabalho, compreensão, humanidade, asseio físico e moral e onde realmente se processa a recuperação e a formação de novos seres humanos.

Os Gabinetes Civil e Militar, como os serviços de comunicações, instalados no Palácio Rio Negro, apresentaram o rendimento que eu esperava, confiados que estavam a quem tinha a paixão do dever e o objetivo de cooperar comigo na execução de várias tarefas, difíceis, que exigiam não apenas dinâmica, mas a decisão de fazer.

As Representações do Amazonas na Guanabara, em São Paulo, Brasília e Belém, cumpriram zelosamente as suas obrigações. Sem menosprezar as demais, cabe uma referência particular a do Rio de Janeiro, pelo vulto e excelência do trabalho, que permitiu contatos rápidos e com sucesso, com a alta administração federal e serviu à divulgação do Estado no centro de onde realmente ainda não emigrou a Capital da República.

A Procuradoria Geral do Estado, no desempenho das graves funções de defensora dos interesses do Estado e da sociedade atuou, com galhardia e segurança, de maneira a merecer a minha integral confiança.

Os serviços de estatística, essenciais aos programas de trabalho de qualquer natureza, como indicativos da realidade que os algarismos propõem, depois de anos de estagnação, reincorporaram-se à dinâmica que imprimimos nos negócios da administração. O Anuário referente a 1964 foi publicado, o que não ocorria antes, estando pronto o referente a 1965 e em elaboração o de 1966.

Nem Manaus, nem o Amazonas, prestaram até este momento a homenagem de gratidão e de respeito àquele capitão português, FRANCISCO DA MOTA FALCÃO, que lhe lançara os fundamentos, quando, em 1669, construiu, de pedra de barro, onde hoje se ergue a Secretaria de Fazenda, o Fortim de São José do Rio Negro, o Forte da Barra, como também lhe chamavam, raiz e garantia do núcleo urbano que mais tarde se transformou na nossa formosa e dinâmica Capital. Queremos, no momento em que deixamos o Governo, gravar-lhe o nome. A placa que fizemos inaugurar no local próprio, importa na singeleza de seus dizeres, na homenagem que lhe quisemos prestar. Os nomes do Hagiológico cívico dos povos não podem perder-se no tempo. São

numes tutelares que guiam, orientam e lhes dão a substância necessária à continuidade.

Desejo esclarecer, ainda, que, no decorrer de minha administração, as relações que mantivemos com os Poderes Judiciário e Legislativo processaram-se, depois de desentendimentos iniciais, em absoluta concordância. Nenhum fato novo alterou essas relações. Na Assembléia Legislativa, uma Comissão Parlamentar de Inquérito, a meu pedido, examinou reservas que se faziam. Nada do que se afirmava foi verificando como real. As acusações eram improcedentes e expressavam, antes, atitudes oposicionistas e nada mais.

Com a União, as relações se fizeram da maneira mais perfeita. Em momento algum encontrei obstáculos às nossas reivindicações, sempre consideradas com rapidez, para atendimentos totais. Um empréstimo federal, somando 700 milhões de cruzeiros, de acordo com o plano de ajuda aos Estados foi-nos concedido, depois da autorização legislativa necessária. Destinaram-se a obras educacionais e de saúde pública. Estamos prestando contas à União das aplicações realizadas. Convênios recentemente firmados no Ministério da Educação, num total de Cr$ 1.601.440, vão permitir, a meu sucessor, realizar programas de ensino primário, ensino médio, construção e equipamento de salas de aula, bolsas de estudo, há que acrescentar mais de 87 milhões de cruzeiros para construção de escolas de fronteira, constante de convênio anterior, ainda não liberado.

Com o GEF e os Comandos Militares das três armas mantivemos, igualmente, a maior cordialidade, nenhum episódio marcando distanciamento foi registrado. Ao contrário, tudo se processou no ambiente da maior cordialidade, aproximação e cooperação franca e leal.

A contribuição da antiga SPVEA não foi ponderável. Os convênios firmados não nos ministraram recursos substanciais. Deve-nos aquele extinto órgão federal mais de 8 bilhões de cruzeiros. Somente no período em que o dirigimos, o Amazonas recebeu integralmente os recursos que lhe haviam sido destinados.

Dois bilhões de cruzeiros foram concedidos ao Estado, pelo Governo Federal, na base da política de cooperação com as unidades federais. Empregamo-los nas operações de saúde, construção de casas do Bairro da Raiz, enriquecimento do acervo da Biblioteca da Pública, construção de grupos escolares.

A Polícia Militar, o Batalhão Amazonas, de tantas tradições que enobrecem a história do Estado, comportou-se magnificamente nos momentos delicados que tivemos de enfrentar.

O Estádio "Vivaldo Lima" é obra de envergadura que iniciamos e não tivemos a ventura de ver inaugurado. Quando terminado, será maior do norte do país, apropriado a grandes provas desportivas nacionais e interamericanas.

O Banco de Crédito da Amazônia, como órgão creditício por excelência, para as operações de valorização regional, esteve presente à minha administração, com regularidade, em mais de um momento prestando-nos o seu concurso valioso.

A Legião Brasileira de Assistência, seção local, e que entrara em marcha lenta nas suas atividades, recuperou-se e voltou a realizar-se plenamente.

Os órgãos do Ministério da Agricultura, em convênio com o Estado, atuaram regularmente, com excelentes resultados.

Não sendo político partidário, tive, porém, a incumbência de organizar, em nosso Estado, a ARENA. Cumpri as instruções que recebi. As recentes eleições que se realizaram garantiram-lhe uma vitória esmagadora – o Senador Federal, cinco Deputados Federais, numa bancada de sete, e vinte deputados estaduais, num Legislativo de trinta. Desejo que fique bem registrado que nessas eleições, as mais tranqüilas, as mais livres e as mais reais que se realizaram em nossa história nesses últimos quinze anos, sem que houvesse fraude ou pressões do Poder Público, não usei a máquina do Estado, seja a policial, seja a do Tesouro, seja a dos transportes, para que esses resultados fossem obtidos. Tenho a satisfação de afirmar que isso é absolutamente exato, não admite a contestação de quem quer que seja.

No mesmo livro, III parte – Balanço da Administração – pode-se visualizar melhor a amplitude e a importância das principais medidas tomadas, que mudaram não só a imagem mas também a estrutura do Estado.

A seguir, destacamos algumas delas:

1. ADMINISTRAÇÃO GERAL

A Reforma Administrativa, resultante de estudos feitos pela equipe de técnicos da Fundação Getúlio Vargas, foi efetivada pela Lei nº, 223, de 18 de junho de 1965, que deu nova estrutura administrativa ao Governo do Estado do Amazonas.

Para a concretização da referida reforma, o Departamento de Administração e Serviço Público do Amazonas – DASPA efetuou as alterações, dentre as quais destacaram-se a criação da Escola de Serviço Público do Estado do Amazonas – ESPEA e a especialização de funcionários na EBAP, visando solucionar um dos maiores problemas da Pública Administração, que seja o da formação do elemento humano para cumprir sua finalidade como instrumento de prestação de serviço à comunidade. Com referência aos novos órgãos, foi criado o cargo de Secretário Sem Pasta para a Coordenação e o Planejamento, como medida indispensável à complementação do sistema de planejamento implantado no Estado, com atribuições que não poderiam ser dadas a uma outra Secretaria com estrutura tradicional.

No tocante à construção e recuperação de prédios para o funcionamento dos órgãos administrativos do Governo, foram efetuadas as que permitiram àqueles órgãos melhores condições de trabalho para o cumprimento das tarefas que lhe foram atribuídas, dando ao seu pessoal o necessário conforto para o desempenho de suas funções.

2. EDUCAÇÃO E CULTURA

A política educacional adotada pelo Governo foi orientada dentro dos ditames traçados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que teve como seu ponto culminante a sanção da Lei nº. 436, de 10 de julho de 1966, através da qual o governo instituiu o Sistema Estadual de Educação do Amazonas, dando uma nova estrutura e maior flexibilidade ao sistema educacional do Estado.

De acordo com as linhas traçadas pela lei, pode-se destacar a organização contínua e progressiva, compreendendo a educação pré-primária, primária, média, superior, de excepcionais e supletiva.

Ensino Primário

No ensino Primário, onde a rede de prédios escolares era insuficiente para atender à população escolar na faixa etária de 6 a 14 anos de idade, foi dispensado um tratamento especial, tanto no que se refere à construção de novas escolas como à recuperação das já existentes. O Plano Bienal previa a construção de 480 novas salas de aula. Muito embora não tenha sido atingida totalmente essa meta, foram construídas e equipadas 82, e estão em fase de conclusão 58. Além das construídas, foram recuperadas 175 salas que não mais apresentavam condições de funcionamento, aumentando consideravelmente a capacidade de matrícula e diminuindo, conseqüentemente, o déficit de escolarização no Estado.

No que respeita à evolução da matrícula no ensino primário, pode-se observar que de 1964 para 1966 houve um acréscimo de cerca de 98%.

Ensino Médio

A atuação do Governo no setor educacional não se restringiu apenas a construir e equipar escolas primárias, mas foi muito mais além, atingindo o ensino médio e até mesmo o ensino superior, quando adquiriu um prédio para o funcionamento da Faculdade de Filosofia e recuperou 18 salas de aula.

Formação e Aperfeiçoamento do Magistério

Muito embora o Plano Bienal não quantificasse nem especificasse os cursos a serem realizados, o Governo do Estado, através dos seus órgãos competentes, realizou 12 cursos de treinamento de professores do ensino médio, além de conceder 15 bolsas de estudos para especialização fora do Estado.

Estímulo à Difusão Cultural e Artística

Neste campo da política educacional ressalte-se a execução integral de um plano previamente traçado e a preocupação da difusão cultural e artística de obras de interesse social e econômico do Estado do Amazonas. Desse modo, foram atingidas as seguintes metas:

Distribuição de Prêmios Culturais – como uma prova insofismável de apoio e estímulo à formação cultural do povo amazonense, o Governo distribuiu 4 prêmios de Cr$ 500.000 (quinhentos mil cruzeiros) cada um, sendo 2 em 1965 e 2 em 1966, aos trabalhos literários que alcançaram a primeira classificação.

Concessão de Subvenções – com o propósito de aumentar o número de oportunidades de escola à população em idade escolar do Estado, o Governo concedeu subvenções econômicas a diversos estabelecimentos escolares particulares, a fim de que pudessem manter o seu funcionamento.

Concessão de Bolsas de Estudo – o quadro abaixo demonstra o total de bolsas de estudos concedidas a estudantes que não possuíssem condições para prosseguir os estudos.

RELAÇÃO NUMÉRICA DE BOLSISTAS (1965-1966)			
	1964	1965	1966
PRIMÁRIO (manutenção)	-	20	5
ENSINO MÉDIO (manutenção) (anuidades)	- -		1.102 363
ENSINO SUPERIOR (local) (fora do estado)	- 23	80 135	281 203

3. SAÚDE E SANEAMENTO

O Plano de Desenvolvimento Econômico e Social para o biênio 1965-1966 previa a ampliação da rede hospitalar, bem assim a construção e instalação de postos de saúde e subpostos de saúde no interior do Estado. Além disso, sugeria a construção de pequenos serviços de abastecimento público de água por meio de poços tubulares ou através do aproveitamento de fontes ou poços rasos. Foram realizadas obras não previstas no Plano Bienal, das quais se podem destacar a construção de um hospital de isolamento, construção de um posto de puericultura no Município do Careiro, recuperação e ampliação de vários hospitais e postos médicos, instalação de novos serviços assistenciais, distribuição de medicamentos às unidades do interior do Estado e celebração de convênios para a concessão de subvenções destinadas à complementação da manutenção de unidades hospitalares.

4. ENERGIA ELÉTRICA

A política energética do estado representa um dos pontos de maior destaque na execução das metas traçadas pelo Plano Bienal do Governo do Estado para 1965-1966.

Na Capital do Estado a execução desses serviços estava a cargo da Companhia de Eletricidade de Manaus – CEM, que vinha atuando de maneira positiva no quadro infra-estrutural da cidade. Possuía a CEM uma capacidade instalada de 22.500Kw e tinha condições de ampliar para 30.000kw, desde que a situação

exigisse essa potência a cidade de Manaus está atualmente bem servida, visto que, a época a ponta de carga máxima era de 13.000kw.

Nos demais municípios do Estado a eletrificação estava sob a responsabilidade das Centrais Elétricas do Amazonas – CELETRAMAZON, que vinha realizando uma obra digna de destaque neste setor de infra-estrutura econômica.

A potência instalada no interior do Estado antes da execução do Plano de Eletrificação da CELETRAMAZON era de cerca de 500kw e, em que peses às dificuldades iniciais de instalação da Companhia. Essa situação se modificou podendo-se constatar o seguinte:

Programa de Geração	
Instalados	2.500 kw
Em execução	3.800 kw
Programa de Novas Redes de Distribuição	
Executada	58,4 km
Em execução	132,4 km

Deve-se ressaltar que as obras em execução deveriam estar terminadas em junho de 1968, sendo que a maioria estaria concluída em dezembro de 1967.

De acordo com o Programa de Trabalho da CELETRAMAZON, o primeiro município a ser beneficiado foi Parintins, com a instalação de uma usina termoelétrica de 1.000kw, com uma ampliação de mais de 500kw, cujo término está previsto para junho de 1967.

O Plano de Eletricidade da CELETRAMAZON abrangia mais os municípios de Coari, Maués, Benjamin Constant, Manacapuru, Barreirinha, Tefé, Manicoré, Codajás, Lábrea, Humaitá e Eirunepé. As obras deverão estar concluídas em junho de 1968. Os municípios de Urucará, Santo Antônio do Içá e São Paulo de Olivença, muito embora estivessem com os trabalhos iniciados, a sua conclusão dar-se-ia num prazo mais dilatado, em virtude da existência de prioridades mais altas.

A CELETRAMAZON é uma empresa de economia mista, com capital de Cr$ 5.000.000.000,00 (cinco bilhões de cruzeiros).

5. POLÍTICA RODOVIÁRIA

O Plano Bienal, a fim de complementar o tradicional sistema fluvial de ligação entre os diversos núcleos existentes no Estado, estabelecia prioridades para a construção de vários trechos rodoviários.

O caráter pioneiro de penetração e ocupação territorial, que representa a rodovia para a região amazônica, por si só justificava a sua construção.

Dessa forma, passamos a enumerar os trabalhos que se processaram nesse setor no biênio 1965-1966, que englobará, também, outras atividades não previstas no Plano:

I – Metas Previstas no Plano

Estudos e Projetos – Sentindo a deficiência reinante em investimentos de capital social básico neste setor de infra-estrutura, o Governo do Estado, através da Divisão de Estudos e Projetos do Departamento de Estradas e Rodagem do Amazonas, elaborou um plano de trabalho a fim de que fosse cumprido o previsto no Plano Bienal. Dessa forma, foram executados 467 Km de estradas, dos 793 previstos. No entanto, deve ser ressaltado que os 326km restantes, deixaram de ser cumpridos, em virtude de uma reformulação no escalonamento prioritário, em função de outras rodovias de maior urgência, não previstas no Plano.

Construção – No concernente ao programa de construção de rodovias, foram executados 132,5km de estradas, dos 285,2km previstos... A meta não foi integralmente atingida em face do aparecimento de obras de maior sentido econômico para a área.

Pavimentação – Da extensão de 201km previstos para serem executados, no período de 1965-1966, somente 35km foram pavimentados, e os 166km restantes não foram levados a efeito pelo aparecimento de outras obras de mais alta prioridade.

Conservação – Plano previa a conservação de 281km de estradas. Somente 10km da Rodovia Humaitá-Lábrea deixaram de ser conservados, por motivo de transferência de recursos para outras rodovias de maior significado socioeconômico para o Estado.

II – Metas não Previstas no Plano

Estudos e Projetos – Foram levados a efeito estudos para a construção de rodovias, como a AM-20, Humaitá – Nova Olinda, que se estenderia pelo espaço de 700km. Esta obra foi descontinuada e os trabalhos iniciais foram incorporados às obras da Rodovia Porto Velho – Manaus. A construção da Rodovia Porto Velho – Manaus concorreu para que não fossem levadas a efeito as obras previstas para a construção da Rodovia AM-21, Curari – Mamori, e AM-22, Aleixo – Encontro das Águas, as quais teriam a extensão de 70 e 25km, respectivamente.

Construção – Foi levada a efeito, dentro do biênio, a construção de um ramal de 1 km de extensão, que ligou o Bombeamento a São Raimundo. Foi efetivada, ainda, a construção de 166,2km, como parte da primeira abertura da Rodovia AM-280/480, Manaus – Porto Velho, a qual atingirá a extensão de 198km.

6. DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL

O Plano refere-se à Atividade Extrativa Mineral; ao Extrativismo Vegetal, destacando-se a borracha e o guaraná; à lavoura de subsistência e de exportação, destacando-se a juticultura; produção animal; pesca e piscicultura.

Grande parte das decisões em favor da concretização do Plano, nesse setor, dependeram de ações do Governo Federal. A parte que coube ao Estado, foi limitada pelos modestos recursos de que dispunha para tão grande finalidade. Assim, a ação do Governo se fez sentir beneficamente nas áreas subordinadas à Secretaria de Produção, podendo-se destacar as seguintes realizações:

Edifício-Sede – encontra-se em fase de execução a construção do edifício-sede da Secretaria da Produção, composto de 4 pavilhões interligados, com capacidade para comportar serviços técnicos e burocráticos, serviço de laboratório, oficinas para máquinas e veículos, biblioteca, apartamentos para estagiários e visitantes, etc., numa área de cerca de 10 hectares, onde funcionarão, também, um campo experimental e instalações para piscicultura.

Postos de Revenda – com a finalidade de atender aos agricultores do interior, foram instalados postos de revenda nos seguintes municípios: Itacoatiara, Autazes, Manacapuru, Santo Antônio do Içá e Parintins. Ressalte-se que pela primeira vez, na história do Amazonas, o Governo comparecia ao interior do Estado para entregar aos agricultores, por preço de custo, as ferramentas que lhes eram necessárias.

Campos de Experimentação – como peça fundamental para o desenvolvimento do setor agrícola do Estado, foi recuperado e ampliado o Campo Experimental Angelino Bevilaqua, situado no Km 14 da estrada Torquato Tapajós.

Funcionaria nesse campo, um grande aviário, para fornecimento de pintos, bem como seriam ali preparadas áreas de pastos para ensaio.

Defesa Sanitária Animal – foi recuperado o prédio onde funcionou o antigo posto da ALIMENTAMAZON e instalado o Posto de Defesa Animal com equipamentos adequados, possuindo vacinadores e medicamentos, tanto para os serviços de defesa sanitária dos rebanhos como para vacinação humana, anti-rábica e antitetânica.

Desenvolvimento Pecuário – esse campo de atuação é da mais alta significação para o desenvolvimento econômico da Amazônia e assim encarando foi que o Governo dedicou especial atenção nesse setor. Primeiramente, importou cem matrizes de gado selecionadas, da raça Gir. Depois, através da Secretaria de Produção se propôs a facilitar o trabalho dos fazendeiros de Goiás e de Minas Gerais interessados em vender reprodutores aos criadores do Amazonas.

Cerca de 1.500 animais foram recebidos no Estado como resultado dessa providência.

Pesca – sentindo a necessidade de formação de uma infra-estrutura no Estado, foi considerada plano prioritário, na área da Secretaria de Produção, a restauração dos frigoríficos do Estado, um dos quais – o F-2 – se destinava, especificamente, à produção de gelo para pescadores e à guarda do pescado que não foi imediatamente vendido. Esta unidade seria desmontada e reinstalada à margem do rio Negro, em prédio a ser construído nas proximidades da Olaria do Estado, em virtude de graves defeitos na estrutura de concreto do prédio onde está localizado. A outra unidade, denominada de F-1, foi posta em

funcionamento, tendo recebido razoável quantidade de carne, peixe, e outros produtos de origem animal e vegetal perecíveis.

Juta, Guaraná e Borracha – outros estudos foram feitos pelo CODEAMA no que se refere à produtividade, seleção de sementes e mecanização da cultura da juta. Para a safra de 1967, medidas mais agressivas foram tomadas pelas entidades públicas e privadas, incluindo o apoio irrestrito do Ministério da Agricultura, pelo que foi possível a contratação de 150 toneladas de sementes para serem distribuídas aos juticultores amazonenses.

Por sua vez, uma nova política foi levada a efeito com relação ao guaraná, tendo como metas principais a ampliação dos mercados consumidores no país e no exterior, e o aperfeiçoamento de sua cultura, através de processos de seleção individual e de genética que estão sendo conduzidos pela Secretaria da Produção, no município de Manaus e pelos órgãos federais no município de Maués.

No que se refere à borracha, o Governo esteve sempre atento às repercussões que porventura resultassem da adoção de uma nova política econômica pelo Governo Federal, a fim de evitar os impostos desfavoráveis sobre a economia desse produto, ainda hoje de grande relevância na economia do Estado. Deve-se acrescentar que o Banco da Amazônia S.A. e a CODEAMA, num esforço conjunto, estão estudaram um plano de racionalização de extração da borracha para a Amazônia, com a finalidade de aumentar a produtividade, e proporcionar melhores condições de trabalho ao seringueiro.

Para auxiliar o cumprimento desta política, o Governo voltou suas vistas para o BEA, como se pôde verificar pelo aumento do seu capital que estava previsto para Cr$ 1.500 milhões no biênio 1965-1966. Essas alterações extra Plano eram as seguintes: elevação para Cr$ 3 bilhões e proximamente para Cr$ 5 bilhões.

Tal como previsto no Plano, o Banco do Estado do Amazonas S.A., conjuntamente com a Comissão de Desenvolvimento Econômico do Estado do Amazonas – CODEAMA, foram os instrumentos de execução da política econômico-financeira do Governo Estadual. Na qualidade de agentes financeiro do Governo, gerindo os recursos próprios e depósitos dos poderes públicos, o BEA promoveu o seu desenvolvimento expansionista, ampliando sua rede de agências e o volume de suas operações.

Dentro das diretrizes propostas pelo Plano Bienal, o BEA partiu para aplicações através de sua Carteira Agropecuária-Industrial, AGRINPEC, limitadas aos recursos oriundos do Fundo de Planejamento e Estudos Econômicos.

Ainda através de sua Carteira Especializada – AGRINPEC, o BEA se empenhou no estímulo à pecuária no Estado, uma vez que ela se afigura como atividade altamente promissora para a economia amazonense.

Visando angariar recursos mais significativos para o cumprimento de sua política de industrialização, foram mantidos entendimentos com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico – BNDE. Destes encontros resultou o credenciamento do BEA como Agente Financeiro para operações de repasse

de créditos oriundo dos Acordos do Trigo e do FIPEME – Financiamento à Pequena e Média Empresas, assim como de recursos constantes das linhas operacionais do FINAME – Fundo de Financiamento para Aquisição de Máquinas e Equipamentos Industriais.

Recomendou o Plano Bienal a abertura de agências nas cidades de Boca do Acre, Maués, Benjamin Constant e Manacapuru. Foi efetuadas à aberturas nas duas primeiras, em 15.09.65 e 22.01.66, respectivamente, estando a última, Maués pronta para sua inauguração. Os trabalhos para a instalação da filial de Benjamin Constant ficaram prestes a ser iniciados. Extra Plano, figura no programa do BEA a instalação, de sua filial na cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara.

7. PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL

No campo da Previdência e Assistência Social, nada foi previsto no Plano de Desenvolvimento Econômico e Social para o biênio 1965-1966. No entanto, o governo do Estado realizou admirável trabalho nesse setor.

O Governo criou através da Lei 201, de 3.5.65, o Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado do Amazonas – IPASEA, com a finalidade de realizar o seguro social do servidor do Estado, bem como de cooperar na solução de problemas de assistência que lhe sejam referentes.

8. DIVISÃO DE SERVIÇO SOCIAL

A Divisão de Serviço Social manteve o propósito de executar uma assistência prática e eficaz. Buscou através de triagem e pesquisas, o conhecimento das dificuldades mais comuns para uma boa ordem de trabalho. Assim procurou prestar ao povo, não apenas uma assistência social, mas um serviço social que resolvesse problemas daqueles que necessitassem.

Trabalhos de vulto foram realizados no setor de serviço social.

9. TELECOMUNICAÇÕES

Sentindo as deficiências reinantes nesse setor infra-estrutural, que é indispensável à vida econômica do Estado, o Governo, no seu Plano de Desenvolvimento Econômico e Social para o biênio 1965-1966, traçou as diretrizes necessárias para a sua ação.

Esta se faz sentir através da Companhia Amazonense de Telecomunicações – CAMTEL, empresa de economia mista criada pela Lei Estadual nº 182. de 27.3.65.

A área de ação da CAMTEL abrangeu a capital do Estado e os Municípios de maior importância econômica: Itacoatiara, Parintins, Manacapuru, Coari, Maués, Borba, Manicoré, Boca do Acre e Benjamin Constant.

Na capital seu objetivo diz respeito à instalação de um sistema moderno e eficiente de telefonia automática, que deveria entrar em funcionamento até

maio de 1967, com capacidade inicial de 6.000 linhas. O sistema planejado para a capital permitia uma expansão rápida para 10.000 linhas que, em fase posterior, poderia se desenvolver até 20.000.

No interior, o seu objetivo era dotar os Municípios acima mencionados de um sistema básico de radiotelefonia, através das rede VHF/UHF, que operarão em freqüência da ordem de 300MHS e com uma rede operando em HF (SSB) em duplex.

Os recursos que a CAMTEL dispunha eram oriundos do seu capital social subscrito, que integralizado em 27 meses, e do financiamento do Governo do Estado, de numerário proveniente das facilidades oferecidas pela Lei Federal nº 4.452, de 5.11.64, para aplicação de até 10% da quota destinada pelo Fundo Rodoviário Nacional, em instalações de telecomunicações de Estados com as características do nosso.

10. HABITAÇÃO

Dentro dos grandes objetivos do Plano de Desenvolvimento Econômico e Social para o biênio 1965-1966, inseriu-se a política habitacional, que visava estimular a construção de moradias próprias, destinadas a beneficiar classes menos favorecidas.

O problema habitacional mais se fazia sentir na capital do Estado, através da Cidade Flutuante, que se localizava nas proximidades do porto de Manaus, ou seja, na entrada da cidade. Levantamentos efetuados, revelaram a existência de cerca de 2.500 casas.

Essas habitações não apresentavam as mínimas condições de conforto e higiene aos seus usuários, além de constituírem um grave problema de ordem social.

Sentindo a necessidade de resolver esse difícil problema, o Governo Revolucionário extinguiu a cidade flutuante e, ao mesmo tempo, elaborou um programa de construção de 2.000 casas populares, a cargo a Secretaria de Viação e Obras Públicas, das quais concluiu 130 unidades.

No que diz respeito à construção de casas da cidade Barão de Mauá, a serem edificadas às margens da Rodovia Torquato Tapajós, o programa ainda não foi levado avante, em vista da necessidade de maiores estudos preliminares.

Paralelamente a esse programa delineado pelo Governo, surgiu a Companhia de Habitação do Amazonas (COHAB-AM), à qual o Plano apenas faz referências, a fim de levar a cabo projetos de maior amplitude.

A COHAB-AM, constituída em 21.8.65, iniciou suas operações em 26.10.65, com um capital de Cr$ 100.000.000, integralizado pelo Estado e por particulares. Atualmente seu capital se eleva a Cr$ 500.000.000.

A COHAB-AM elaborou dois projetos, um dos quais compreendia a construção de 866 casas populares, localizadas no Bairro de Flores, em Manaus. Desse projeto, que contava com recursos provenientes do Banco Nacional da Habitação, já concluiu 146 unidades.

O segundo projeto referia-se à construção de 1.400 casas populares, no bairro do Parque 10 de Novembro, em Manaus. Para essa empreitada, a COHAB contaria com recursos do Estado, da Prefeitura de Manaus e do Banco Nacional de Habitação.

11. PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

A atuação conjunta da Secretaria de Planejamento e com a CODEAMA constituiu o instrumento que polarizou a ação do Governo no setor de planejamento e desenvolvimento socioeconômico. Ambos os órgãos, vale ressaltar, foram criados na gestão de Arthur Reis.

A atuação da CODEAMA materializou-se dentro de 4 campos principais:

publicação de estudos socioeconômicos especializados, inclusive traduções de textos de técnicos de renome mundial, que interessam ao desenvolvimento econômico estadual;

realização de estudos e levantamentos socioeconômicos, formulação de critérios de prioridades para financiamento e alocação de recursos de investimento e emissão de pareceres técnicos;

constituição de entidades que objetivam ao desenvolvimento socioeconômico do Estado;

realização de cursos que objetivam o aperfeiçoamento do pessoal técnico.

No primeiro dos campos apontados anteriormente, destacam-se os seguintes trabalhos:

1) Na série de Estudos Específicos

Nº 1 – Manacapuru – Provável Celeiro da Juta

Nº 2 – Sistema de Transporte Coletivo de Manaus

Nº 3 – O Sistema de Planejamento Estadual do Amazonas

Nº 4 – Juta – James Dempsey (tradução)

Nº 5 – Projetos Industriais (Modelos básicos para pedidos de Financiamento)

Nº 6 – Novo Distrito Ferrífero no Brasil – Rio Jatapu – Amazonas

Nº 7 – Proposição para uma Política Mineral para o Estado do Amazonas

Nº 8 – A Missão do BNDE em Manaus

Nº 9 – Reflexões sobre o Desenvolvimento da Amazônia

Nº 10 – A Cultura da Juta e sua Mecanização

Nº 11 – Incentivos Fiscais no Amazonas (Leis Estaduais)

Nº 12 – Reivindicações

Nº 13 – Os flutuantes de Manaus

Nº 14 – Diagnóstico Socioeconômico da Cultura da Juta na Amazônia

Nº 15 – Diagnóstico Socioeconômico Preliminar da Produção Industrial no Amazonas

Nº 16 – Diagnóstico Socioeconômico Preliminar da Agricultura no Amazonas

Nº 17 – Diagnóstico Socioeconômico Parcial da Indústria Extrativa no Amazonas

Nº 18 – A Cidade de Manaus

Nº 19 – Legislação de Incentivo ao Desenvolvimento da Amazônia

Nº 20 – Um Estudo Parcial da Estrutura do Mercado Consumidor da Amazônia e suas Tendências

Nº 21 – Juta – A Fibra Dourada da Índia – Dr. B.C.Kundu (tradução)

Nº 22 – Uma Bibliografia sobre Desenvolvimento Econômico.

2) Na série Estudos de Viabilidade

Nº 1 – Juticultura Mecanizada – Pré-projeto;

Nº 2 – Rizicultura Mecanizada – Pré-projeto;

Nº 3 – Industrialização de Óleos Vegetais – Pré-projeto;

Nº 4 – Usina de Pasteurização do Leite – Pré-projeto;

Nº 5 – Pecuária Leiteira – Pré-projeto;

Nº 6 – Industrialização da Mandioca – Pré-projeto;

Nº 7 – Industrialização da Madeira – Placas de Madeira Aglomerada;

Nº 8 – Industrialização da Madeira – Serraria

3) Na série Estudos Indicativos

Nº 1 – Informação Indicativas para um projeto de Fazenda de Gado e Plantações em uma área de 10.000 hectares – Várzea-Terra Firme.

Nº 2 – Indicação para o Estabelecimento, em Manaus, de uma Companhia de Armazéns e Silos.

4) Relatórios

Outras Publicações:

- Modelo de Domar;

- Análise de Investimento e Inflação – Claude Machiline;

- Teoria do Desenvolvimento Econômico – W. Arthur Lewis.

No segundo campo de atuação, a CODEAMA apresentou os seguintes trabalhos:

Instituição de um Grupo Executivo para a elaboração de um Atlas Geo-Econômico do Estado do Amazonas;

Reformulação dos critérios de distribuição dos recursos a serem utilizados nos termos das reivindicações conjuntas dos Estados do Amazonas, Pará e Acre;

Elaboração do Diagnóstico Socioeconômico do Estado do Amazonas;

Pesquisa econômica das regiões circunvizinhas à Cidade de Manaus com a finalidade de conhecer as condições de produção de gêneros alimentícios;

Levantamento socioeconômico de Itacoatiara;

Patrocínio e participação em pesquisa sócio-econômica sobre os flutuantes de Manaus, realizada por acadêmicos da PUC do Rio de Janeiro;

Levantamento das condições de produção de Juta no Município de Manacapuru;

Estudo sobre a situação dos prensadores e exportadores de Juta e seus Custos Operacionais;

Elaboração, financiamento e execução de projeto de racionalização da cultura da Juta;

Estudo de mercado sobre a indústria de confecções;

Estudo de mercado sobre a indústria de móveis;

Estudo de mercado sobre a indústria da raspa de mandioca;

Estudo de mercado para averiguar a possibilidade de instalação de um serviço de táxi-aéreo;

Levantamento do custo operacional do sistema de transportes coletivos de Manaus;

Custeio de um trabalho de reconhecimento aéreo de formações geológicas previstas teoricamente no Distrito Ferrífero do Jatapu;

Realização de estudos para apontamento do Município-modelo do Estado do Amazonas;

Celebração de um convênio com o Centro de Pesquisas Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Amazonas para realização de estudos e pesquisas de interesse da CODEAMA;

Levantamento da importação e exportação do Estado do Amazonas;

Levantamento da produção agrícola e extrativa do Estado;

Estudo da evolução da receita tributária do Estado;

Estudo da incidência tributária sobre a madeira;

Estudo da estrutura do custo da produção da juta;

Elaboração da matriz insumo-produto da economia da juta;

Estudo e observação sobre a cultura das fibras no Estado do Pará e Cidade de Belém;

Pesquisa sócio-econômica dos municípios amazonenses;

Elaboração dos pré-projetos apresentados na I RIDA;

Estudo econômico da região pecuária e leiteira do Estado;

Estudo do mercado de carne no Amazonas;

Estudo do consumo de leite em Manaus;

Pesquisa sócio-econômica da Cidade de Manaus;

Estudo sobre a balança comercial do Estado do Amazonas;

Estudo sobre a evolução demográfica do Estado do Amazonas;

Cálculo da renda per-capita do Estado do Amazonas;

Estudo do Mercado da Juta;

Levantamento do consumo de derivados do petróleo no Estado do Amazonas;

Coleta de informações para o projeto de construção do porto de Itacoatiara;

Levantamento de dados estatísticos sobre a economia estadual;

Cálculo estimativo do desemprego no Estado do Amazonas;

Sugestões para elaboração de uma estratégia de desenvolvimento econômico e social para o Amazonas;

Informação sobre a oportunidade de empreendimento pecuário;

Estudo sobre o movimento de empréstimos bancários para as diversas atividades econômicas do Estado do Amazonas;

Colaboração com o BEA, na elaboração de um plano de financiamento à pecuária;

Levantamento de informações para a reportagem especial sobre o Amazonas, revista "Banas Informa", de 18.7.66, sob o título "O Despertar do Amazonas", e para a revista "Manchete".

Elaboração de um estudo parcial da estrutura do mercado consumidor da Amazônia e suas tendências;

Estudo de mercado de embarcações de madeira no Estado do Amazonas;

Levantamento estatístico visando determinar as características sócio-econômicas e culturais da Cidade de Manaus;

Estudos sobre a elasticidade de renda da procura de determinados bens de consumo durável em Manaus;

Determinação dos coeficientes de elasticidade preço da oferta de juta no Estado do Amazonas;

Estudos objetivando a produção local de sementes de juta e relação dos textos estatísticos necessários à determinação do grau de significância da experimentação.

No terceiro, ressaltam-se as seguintes realizações:

Criação de um Grupo de Trabalho para estudar o problema de telecomunicações no Estado, que deu origem à CAMTEL;

Criação do Grupo de Trabalho para estudar o problema do déficit habitacional, que originou a COHAB-AM;

Elaboração dos estudos para a criação da Companhia de Desenvolvimento Econômico do Amazonas – CODEA, bem como a preparação de sua estrutura jurídico-administrativa.

Finalmente, no setor de formação de recursos humanos, destaca-se a realização dos seguintes cursos[81]*:*

Curso Superior de Gerência do Management Center do Brasil;

Curso Sobre Demografia, ministrado pelo Prof. Arthur Hell Neiva;

Curso de Análise Econômica do Conselho Nacional de Economia, em colaboração do Governo do Estado e com a Federação das Indústrias;

Curso de Orçamento por Programa, ministrado pelo Prof. Roberto Andrade;

Curso Especial para a Amazônia, do Centro de Desenvolvimento Econômico CEPAL/BNDE/CODEAMA/BASA.

12) OBRAS PÚBLICAS

Nesse Setor o Governo dispensou tratamentos especiais com o objetivo de formar uma infra-estrutura capaz de impulsionar o desenvolvimento socioeconômico do Estado. Assim é que no biênio 1965/1966 foram realizados as seguintes obras:

Grupo Escolar Luizinha Nascimento
Grupo Escolar Hebert Palhano
Grupo Escolar Pedro Silvestre
Grupo Escolar Antônio Bittencourt
Grupo Escolar Ribeiro da Cunha
Grupo Escolar Nilo Peçanha
Grupo Escolar Cônego Azevedo
Grupo Escolar Machado de Assis
Grupo Escolar Saldanha Marinho
Grupo Escolar Euclides da Cunha
Grupo Escolar Marechal Hermes
Grupo Escolar Farias de Britto
Grupo Escolar Antóvila Mourão Vieira
Grupo Escolar Padre Agostinho Martin
Grupo Escolar Adalberto Valle
Grupo Escolar Vicente Telles de Souza
Grupo Escolar Cunha Mello
Grupo Escolar Zulmira Bittencourt
Grupo Escolar 1º de Maio
Grupo Escolar Carvalho Leal
Grupo Escolar Leopoldo Neves
Conjunto Educacional Coriolano Durand
Grupo Escolar Plácido Serrano
Grupo Escolar José Paranaguá
Grupo Escolar Getúlio Vargas

81 Já citados anteriormente.

Grupo Escolar Fueth Paulo Mourão
Artesanato Padre Stélio Dalison
Artesanato J.G. de Araújo
Artesanato Dom Irineu Jofilly
Colégio Estadual do Amazonas
Instituto de Educação do Amazonas
Instituto Benjamin Constant
Ginásio Estelita Tapajós
Escola Antônio Flores
Faculdade de Ciências Econômicas
Ginásio Agrícola do Paredão[82]
Colégio Estadual do Amazonas
Biblioteca Pública
Arquivo Público
Secretaria de Fazenda do Estado
Sede do IPASEA
Sede do Departamento de Estatística
Anexo à Sede da Secretaria de Saúde
Ginásio Márcio Nery
Centro de Preparação de Oficiais da Polícia Militar do Estado
Edifício Tartaruga[83]
Sub-Delegacia de Polícia da Cachoeirinha
Sub-Delegacia de Polícia de Adrianópolis
Sub-Delegacia de Polícia de Educandos
Sub-Delegacia de Polícia da Praça 14 de Janeiro
Sub-Delegacia de Polícia de São Raimundo
Sub-Delegacia de Polícia de São Jorge
Sub-Delegacia de Polícia da Glória
Sub-Delegacia de Polícia de São Francisco
Sub-Delegacia de Polícia de Santa Luzia
Departamento Estadual de Maternidade e Infância
Sede da TRANSPORTAMAZON
Maternidade Ana Nery
Sede do DASPA
Hospital de Educandos
Colônia Eduardo Ribeiro
Instituto Maria Madalena
Penitenciária Central do Estado
Colônia Agro-Escolar Melo Mattos
Departamento de Águas e Esgotos

82 Recuperado e adaptado para atender ao Programa Turístico-Cultural "Manaus Capital das Férias" – programado e realizado pelo DEPRO – Departamento Estadual de Turismo e Promoção.

83 Compreendendo inclusive construção de instalações da Secretaria de Viação e Obras Públicas, no 2º pavimento e da CAMTEL e LABRE no 3º andar.

Usina de Tratamento de Água do Bombeamento
Reservatório do Mocó
Reservatório da Castelhana
Tribunal de Contas
Teatro Amazonas
Tribunal de Justiça
Postos Médicos de São Raymundo
Postos Médicos de Santa Luzia
Postos Médicos de Educandos
Hospital Dr. Farjado
Frigorífico F-1
Posto de Puericultura Adriano Jorge
Hospital Getúlio Vargas
Sede da CODEAMA
Imprensa Oficial
Delegacia Especializada de Trânsito
Escola Km19
Centro Educacional Coriolano Denand
Rampa de acesso e muros – diversos
Conservatório de música Joaquim Franco
Delegacia Especializada em Trânsito
Leprosário Antônio Aleixo
Sede do Serviço Social
Posto Fiscal da Secretaria da Fazenda
Secretaria de Fazendo do Estado
Instituto Benjamin Constant
Polícia Civil
Guarda Civil
Sede da Produção Animal
Casa do Trabalhador
Instituto de Educação do Amazonas
Posto Médico da Secretaria de Assistência e Saúde
Reservatório da Castelhana
Recuperação de Próprios do Estado Situados no Interior
Grupo Escolar Professora Luiza de Vasconcelos Dias
Grupo Escolar Coronel Cruz
Maternidade Cunha Melo
Grupo Escolar Carlos Pinho
Grupo Escolar Francisco Lopes Braga
Grupo Escolar Santana Filizola
Mesa de Rendas de Itacoatiara
Construção de Próprios novos do Estado Situados na Capital e no Interior.
Grupo Escolas Major Silva Coutinho
Escola Ouvidor Sampaio
Almoxarifado da Secretaria de Viação e Obras Públicas
Escola Abílio Alencar

Loteria do Estado
Olaria do Estado
Quadra de Esportes René Monteiro
Grupo Escolar Almirante Barroso
Grupo Escolar Governador Mello Póvoas
Grupo Escolar Olavo Bilac
Grupo Escolar Monteiro de Souza
Ginásio Márcio Nery
Centro de Saúde IPASEA
Sede do Departamento de Turismo e Promoção
Casas Populares
Grupo Escolar Furtado Belém
Fórum
Grupo Escolar Doutor Fernando Ellis Ribeiro
Grupo Escolar Capitão General Mendonça Furtado
Artesanato Osório Fonseca
Ginásio Vital de Mendonça
Grupo Escolar Vicente Telles de Souza
Grupo Escolar Almirante Barroso
Colônia Agro-Escolar Melo Mattos
Grupo Escolar Vital de Mendonça
Casas Populares do Bairro da Raiz
Maternidade Elisa Souto
Sede do Departamento de Turismo e Promoção
Ginásio Márcio Nery
Centro de Saúde do IPASEA
Grupo Escolar Plácido Serrano
Grupo Escolar Mello Póvoas
Casas para os funcionários da Penitenciária do Estado
Hospital de Isolamento Chapot Prevost
Escola de Serviço Público do Estado do Amazonas
Leprosário Antônio Aleixo
Oficinas Artesanais do Ginásio Modelo
Teatro de Arena do Colégio Estadual do Amazonas
Instituto Benjamin Constant
Obras Diversas na Capital e Interior
Quartel da Polícia Militar
Sede da Imprensa Oficial
Fórum de Justiça
Grupo Escolar Princesa Isabel
Grupo Escolar Marquês de Santa Cruz
Instituto Benjamin Constant
Centro de Saúde do IPASEA
Casas para médicos do IPASEA
Posto de puericultura da Legião Brasileira de Assistência
Hospital de Alienados Eduardo Ribeiro

Grupo Escolar Hermenegildo Campos
Grupo Escolar Padre Agostinho Martin
Colégio Estadual do Amazonas
Lavanderia da Legião Brasileira de Assistência

13) O DEPARTAMENTO DE TURISMO E PROMOÇÃO – DEPRO, foi criado no atual Governo.

O objetivo do DEPRO é o de desenvolver o turismo no Amazonas, face às suas notáveis potencialidades, para que o Estado possa usufruir os benefícios econômicos da expansão do Setor Terciário. A atividade turística no Amazonas constitui, sem dúvida alguma, um ponto básico para o desenvolvimento do Estado.

No biênio 1965/1967, o DEPRO tem a enumeras as seguintes realizações principais:

Construção e instalação de sua sede. Implantação dos diversos serviços necessários ao seu funcionamento;

Planejamento e elaboração de folhetos e guias cobrindo diversos aspectos da vida amazonense, em espanhol, inglês e português, como por exemplo: Guia de Manaus; Banhos e Igarapés; Venha Amar o Amazonas; A Cozinha Amazonense; Amazonas: Perfil Geográfico e Econômico.

Planejamento e execução de cartazes, em preto e branco e em cores, de divulgação do Amazonas;

O Departamento de Turismo e Promoção manteve contatos com a Companhia Colombiana de Aviação (Avianca), com a Embaixada do Brasil em Bogotá, com o Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty) e com o Ministério da Aeronáutica da Colômbia e do Brasil, com o fim de conseguir a ligação Bogotá-Manaus, fazendo com que a capital amazonense ficasse, via Bogotá, diretamente ligada às grandes cidades dos Estados Unidos e Europa, facilitando o acesso de turistas internacionais e reduzindo as tarifas. Tal objetivo foi conseguido e a partir do mês de março os vôos serão iniciados.

Brazil Safari Tours – Após contatos mantidos com os proprietários dessa conhecida agência de promoção turística sediadas em Miami, durante todo o ano de 1966, o DEPRO conseguiu sensibilizar os responsáveis pelo planejamento de excursões da Brazil Safari Tours. Os proprietários vieram, por duas vezes a Manaus, e agora comunicam que, a partir do ano que vem, porão em tráfego, entre Manaus e Belém, um barco de luxo, para turistas, inteiramente refrigerado e decorado por especialistas, para facilitar o turismo no rio.

Com o Ministério do Planejamento, o Departamento de Turismo e Promoção manteve contatos para oferecer os subsídios necessários à elaboração do Plano Nacional de Turismo.

O Departamento de Turismo e Promoção manteve, durante todo o ano de 1966, contatos com o Ministério das Relações Exteriores, visando distribuir material

de propaganda do Amazonas, nos diversos países com que mantemos relações diplomáticas. Essa distribuição foi, também, realizada através das Companhias de Aviação VASP, VARIG, AVIANCA, e por intermédio das Agências de Turismo Brazil Safari Tours, American Express, Selvatur, Biarritz Viagens e Diplomata.

De comum acordo com a Secretaria de Turismo do Estado da Guanabara, com a Embaixada da URSS, o DEPRO fez realizar promoções de interesse do turismo amazonense.

Planejamento de hotéis e pousadas, ecologicamente traçados para serem construídos em áreas de turismo previamente escolhidas.

Organização de um esquema de trabalho que permitiu a presença do Amazonas nos principais jornais e revistas do país e do exterior, sem maiores ônus pra o governo Amazonense.

A distribuição, no País e no Exterior, de folhetos, guias e noticiários de interesse do Amazonas.

Implantação em Manaus, de um serviço de recepção a turistas e autoridades que visitam o Amazonas, mecanismo que estava faltando no Estado e que, por muitas vezes, foi utilizado pelo governo amazonense na organização de visitas especiais, congressos, reuniões, fora da área de turismo.

Execução do programa Manaus, Capital das Férias, em comum acordo com a VASP e Paulinea Kaz Promoções, que possibilitou a vinda de universitários de diversas unidades da Federação ao Amazonas, sem grandes despesas para o Estado e resultando em excelente promoção publicitária em todo o país.

A organização de exposições, feiras, festivais de cinema e exibições teatrais dentro do Estado e em outras Unidades da Federação, tais como: a Exposição Amazonense – 66, no Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro; o Pavilhão do Amazonas, na Feira do Atlântico, no Rio de Janeiro; a Exposição do Amazonas, em Porto Alegre; a Feira da Cultura, em Manaus; o Primeiro Salão de Móveis do Amazonas, em Manaus; a Primeira Festa da Juta do Amazonas, em Manaus; a exibição do Teatro da Universidade Católica (TUCA), em Manaus, etc.

A elaboração de um documentário Amazonas, Amazonas, por uma grande equipe de cineastas, chefiada pelo consagrado diretor Glauber Rocha, e a organização de uma série de pré-estréias oficiais em todo o país do referido documentário.

A elaboração de documentos e diagnósticos sobre o turismo e suas possibilidades no Amazonas, e sua posterior distribuição entre homens de empresas investidoras e homens de turismo em todo o país.

15) DIVULGAÇÃO CULTURAL

Criamos e lançamos, através da Secretaria de Imprensa e Divulgação, novo órgão criado no Gabinete do Executivo, as Edições Governo do Estado do Amazonas. Iniciamos por publicar, com precioso comentário do hoje Ministro Henoch Reis, uma nova e atualizada edição da Constituição do Estado que não

existia impressa. Depois vieram os livros e plaquetas que atingem o número expressivo de 104 volumes, conforme relação que divulgamos em anexo.

As Edições Governos do Estado do Amazonas, recebidas com aplausos de todo o país e até do exterior, onde têm obtido a melhor repercussão, vem contribuindo, sem dúvida alguma, para o maior esclarecimento do Amazonas e da Amazônia, como partes integrantes do Brasil, mundo exótico, Império do nosso país, área subdesenvolvida que precisa ser integrada aos padrões de civilização da região centro-sul do Brasil, com os mesmos estímulos e os mesmo ímpetos da região nordeste, que já ultrapassa aquela fase de subdesenvolvimento.

Os nossos livros que passaram a enriquecer a bibliografia da Amazônia, a revelar valores que se mantinham no esquecimento, a difundir a cultura dos homens da Amazônia, a transmitir o conhecimento exato da região e dos seus problemas, figuram hoje nas bibliotecas das faculdades nacionais, nas universidades brasileiras, nas mãos dos estudiosos, enfim, atingiram todas as camadas do pensamento do país, são procurados pelas livrarias do Rio de Janeiro e figuram também em bibliotecas de outras nações e cito como exemplos, a Alemanha Ocidental, Estados Unidos e Argentina.

LIVROS EDITADOS PELO GOVERNO DO ESTADO

Série Torquato Tapajós

UM CABOCLO AMAZÔNICO, de Mário e Julião Ramos

TRÊS MUNICÍPIOS AMAZONENSES, de Anísio Jobim

TEATRO AMAZONAS (1º Volume), de Mário Ypiranga Monteiro

A CABANAGEM, do Tn.- Cel. Gustavo Moraes Rêgo Reis

TEATRO AMAZONAS (2º Volume), de Mário Ypiranga Monteiro

O MUNDO DE CLARICE LISPECTOR, de Benedito Nunes

MOSAICOS DO AMAZONAS, de Agnello Bittencourt

TEATRO AMAZONAS (3º Volume), de Mário Ypiranga Monteiro

NASCIMENTO DE UMA CIDADE, de Luiz de Miranda Corrêa

PLANTAS E ANIMAIS BIZARROS DO AMAZONAS, de Agnello Bittencourt

NOS ALTIPLANOS DO NHAMUNDÁ, de João Nogueira da Mota

LENDAS AMAZÔNICAS, de Manoel Santiago

TOPÔNIMOS AMAZONENSES, de Octaviano Mello

Série Euclides da Cunha

A TERRA E O HOMEM NOS TRÓPICOS, de Hilgard Reilly Sternberg

PLANEJAMENTO E PROGRAMAÇÃO REGIONAL, de Francisco Ferreira Batista

PORQUE PERDEMOS A BATALHA DA BORRACHA, de Cosme Ferreira Filho

PREDELINQUÊNCIA INFANTIL EM MANAUS, de André Vidal de Araújo

ESTRUTURA GEO-SOCIAL E ECONÔMICA DA AMAZÔNIA (1º volume), de Samuel Benchimol

ESTRUTURA GEO-SOCIAL E ECONÔMICA DA AMAZÔNIA (2º volume), de Samuel Benchimol

FLAGRANTES EDUCACIONAIS DO AMAZONAS DE ONTEM, de Júlio Uchôa

EUCLIDES DA CUNHA E O PARAÍSO PERDIDO, de Leandro Tocantins

BRASIL: ALGUNS VALORES ESSENCIAIS, de Leandro Tocantins

EM MEMÓRIA DE STRADELLI, de Luiz da Câmara Cascudo

ESTUDOS DE PEDAGOGIA E ANTROPOLOGIA SOCIAIS, de André Araújo

FRONTEIRAS DO DESENVOLVIMENTO, de Cosme Ferreira Filho

A BORRACHA DA AMAZÔNIA E A II GUERRA MUNDIAL, de Luiz de Miranda Corrêa

Série Raimundo Monteiro

ANDIRÁS, de Paulo Jaacob

RETALHOS DE MINHA ALMA E DA DOS OUTROS TAMBÉM, de Oséas Martins

RENATA, de Moacir Marques da Silva

11 ANOS NA AMAZÔNIA, de Espiridião de Queiroz Lima

SELETA LITERÁRIA DO AMAZONAS, de José dos Santos Lins

CICLO DAS ÁGUAS, de Elson Farias

TEATRO INFANTIL, de Alfredo Fernandes

JOSÉ VERÍSSIMO VISTO POR DENTRO, de Ignácio José Veríssimo

CONVITE FRUGAL, de Aníbal Beça

DEFUMADORES E PORONGAS, de Álvaro Maia

ÁLGIDA, de Moacir Marques da Silva

Série Alberto Tôrres

ROTINA E DINÂMICA NA VIDA BRASILEIRA

A AUTONOMIA DO AMAZONAS

TEMPO E VIDA NA AMAZÔNIA

A AMAZÔNIA E A INTEGRIDADE DO BRASIL

ASPECTOS DA EXPERIÊNCIA PORTUGUESA NA AMAZÔNIA

ÉPOCAS E VISÕES REGIONAIS DO BRASIL

(Todos de autoria do Professor Arthur Cezar Ferreira Reis)

Série Monteiro de Souza

HISTÓRIA DO AMAZONAS, de Rosa do Espírito Santo Costa

NOÇÕES DE MORAL E CÍVICA, de Sebastião Guimarães

SÚMULA DE HISTÓRIA DO AMAZONAS, de Arthur Cezar Ferreira Reis

PEQUENA GEOGRAFIA DO AMAZONAS, de Sebastião Guimarães

AMAZÔNIDA, HISTÓRIA E ADMINISTRADORES DO AMAZONAS, de Monteiro de Souza, Leovegildo Coelho e Aprígio de Menezes

Série Eulálio Chaves

TEMAS DE DIREITO CONSTITUCIONAL E SOCIAL, de Henoch Reis

PROBLEMAS DE DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO, de Abdul Sayol de Sá Peixoto

PROBLEMAS DE DIREITO E ESTADO, de Waldemar Pedrosa

ELEMENTOS DE DIREITO FINANCEIRO E FINANÇAS (1º volume), de Aríosto Rocha

(ainda não editado) – 2º volume de ELEMENTOS DE DIREITO FINANCEIRO E FINANÇAS, de Aríosto Rocha

DICIONÁRIO DAS DELEGACIAS DE POLÍCIA, de Abdul Rayol de Sá Peixoto

Série "Paulino de Brito"

ITACOATIARA – ROTEIRO DE UMA CIDADE, de Francisco Gomes da Silva

CODAJÁS – VIDA DE UM MUNICÍPIO, de Renato Farias de Almeida

Série Eduardo Ribeiro

LEIS, DECRETOS E REGULAMENTOS DO AMAZONAS (1º volume), de José Cidade de Oliveira

LEIS, DECRETOS E REGULAMENTOS DO AMAZONAS (2º volume), de José Cidade de Oliveira

LEIS, DECRETOS E REGULAMENTOS DO AMAZONAS (3º volume), de José Cidade de Oliveira

LEGISLAÇÃO FISCAL SOBRE RECEITA PÚBLICA, de Sílvio Romano de Miranda Leão

Livros Avulsos

CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DO AMAZONAS, comentada por Henoch Reis

MENSAGEM À ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO (1965)

MENSAGEM À ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO (1966)

AMAZONAS: SUMÁRIO DOS INQUÉRITOS

ANUÁRIO ESTATÍSTICO (1963)

BALANÇO DA ÚLTIMA ADMINISTRAÇÃO, de Arthur Cezar Ferreira Reis

Plaquetas

REGIÃO, VIDA E EXPRESSÃO, de Leandro Tocantins

A DEMOCRACIA NA AMÉRICA LATINA, de Aben Athar Netto
GEF – FATOR DE INTEGRAÇÃO NA AMAZÔNIA, de Gal. Lauro Pinto
AMAZONENSES EM CANUDOS, de Cândido José Mariano
O PROBLEMA NACIONAL DA AMAZÔNIA, de Edgar Teixeira Leite
A LIGA DE DEFESA NACIONAL E A AMAZÔNIA, de Álvaro Alberto da Motta e Silva, Silvestre Travassos Soares e Olympio da Fonseca
UM ANO DE GOVERNO, de Arthur Cezar Ferreira Reis
A COLONIZAÇÃO EUROPÉIA NOS TRÓPICOS, de Arthur Cezar Ferreira Reis
EUCLIDES DA CUNHA E O ITAMARATY, de Hélio A. Sacarabôtolo
REVISÃO MUNICIPAL DO AMAZONAS, do Grupo do IBGE
UM ANO E SEIS MESES DE GOVERNO, de Arthur Cezar Ferreira Reis
DOIS ANOS DE GOVÊRNO, de Arthur Cezar Ferreira Reis
ENCONTRO DA SOCIEDADE TRIBAL E NACIONAL, de Eduardo Galvão
ROTEIRO HISTÓRICO DAS FORTIFICAÇÕES NO AMAZONAS, de Arthur Cezar Ferreira Reis
A MARGEM DA AÇÃO DO RIO BRANCO, de João Frank da Costa
EUCLIDES DA CUNHA E A AMAZÔNIA, de Mário Ferreira França
TURISMO NA FORMAÇÃO DAS LIDERANÇAS, de Paulina Kaz
REGIÃO, DESENVOLVIMENTO E CULTURA, de Diegues Júnior
O FUTURO DOS TRÓPICOS ÚMIDOS, de Pierre Gourou
OPERAÇÃO AMAZÔNIA, Coletânea de discursos
AMAZÔNIA HUMANA: POPULAÇÃO E RENDA, do Prof. José Capela
OPERAÇÃO AMAZÔNIA E INTEGRAÇÃO NACIONAL, Coletânea de discursos
ESTRADA MANACAPURU – CACAU-PIRÊRA, de José dos Santos Reis.

Esta prestação de contas, feita pelo Governador Reis, só vem confirmar a importância de sua administração, forte e produtiva que repleta de ações coerentes e inovadoras, que permitiram a Manaus e seu povo atingir a confortável e dinâmica realidade de hoje, 2008.

A seguir, registro a contribuição incalculável de inúmeros jovens profissionais, a maioria vinda de fora para compor as equipes técnicas de órgão do Governo Arthur Reis, entre os quais lembro de:

Na Secretaria de Obras
Ivo Amazonense Moura de Oliveira; Mário Elysio Motta Pereira[84]; João Augusto Souto Loureiro; Eymar Gondim Pereira; Hugo Reis; João Teixeira Fernandes Filho.

No Departamento Estadual de Águas
Atílio José Viváqua; Marcus Massema; Paulo César Fadel; José Edgar Auduíno; Joel Nielbur; Luiz Otávio Pereira.

Na Representação do Estado na Guanabara
Leandro Tocantins; Geral Brocchi; Ritta Bernardino.

Na Celetramazon
Fernando Bonfim; Gilberto Ferres de Carvalho; Arnaldo Pereira.

Na Secretaria de Planejamento e CODEAMA
Ruy Alberto da Costa Lins – Secretário de Planejamento; Ronaldo Bonfim, Diretor; Edson Farias; Clicério Vieira; Ozias Rodrigues – CODEAMA

Na Companhia de Habitação do Amazonas – COHAB-AM
César Oiticica; Nozor Nascimento; Vicente Pereira; Ivan Pimentel; Leon Manickchand; Terezinha Bayma do Valle; Anternor Amazonas; Renan Freitas Pinto; Amaury Farias; Aníbal Beça; João da Silva.

Na Cantel
Carlos Lins.

Na Secretaria de Comunicação

84 Substituiu Dr. Ivo Amazonense Moura de Oliveira, no cardo de Secretário de Viação e Obras que afastou-se por motivo de doença, ficando no cargo até o final do Governo Reis.

Raymundo Cidade de Oliveira; Márcio Souza.

No Departamento Estadual de Turismo e Promoção
Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto; Frederico Langbeck; Joaquim Marinho; Renato Faro de Andrade; Arthur Engrácio[85]; Thomázia Barbuda de Miranda Corrêa; Josephina Abdalla; Kathleen Lima; Yone Beça; Sheyla Freitas Pinto; Roberta Camila Inbiriba Salgado; Ariosvaldo Moraes.

No IPASEA
José dos Santos Pereira Braga

Vindos através do convênio Estado do Amazonas – SESP:
Heitor Vieira Dourado; Joaquim Mello; Antonino Caricatu Petrucelli;

Tenho certeza de que esqueci alguns, mas os aqui registrados representam minha homenagem a todos os que compuseram o Governo Arthur Cezar Ferreira Reis.

85 Escritor de renome e revisor

ALGUMAS SINGULARIDADES

A cidade da floresta e das águas me supreendeu com outras marcantes singularidades, que destaco a seguir. Por exemplo, foi gratificante descobrirmos que havia uma única e pequena área favelada na Manaus, em 1964, a do Igarapé do Mestre Chico, um dos que cortam a Avenida 7 de Setembro, já na confluência desta com as Avenidas Castelo Branco (Cachoeirinha) e Leopoldo Peres (Educandos). Claro que havia áreas-problemas, como as das beiradas dos outros igarapés, que cortam a Avenida 7 de Setembro, onde a facilidade de acesso e a existência de infra-estrutura urbana e de apoio as tornava atraentes para as famílias de menor poder aquisitivo, que acabavam por se instalar ali.

Uma das primeiras ações da recém-criada COHAB-AM – Companhia de Habitação do Amazonas, através de seu Serviço Social, à frente a competente Assistente Social, Therezinha Bayma do Valle, foi realizar o levantamento socioeconômico, que teve por objeto comunidade do Igarapé do Mestre Chico e por objetivo transferi-la para as unidades que comporiam o primeiro Conjunto Habitacional de Manaus, o de Flores, a ser construído dentro do Plano Nacional de Habitação, Convênio Governo do Estado do Amazonas/Banco Nacional da Habitação – BNH.

O contato inicial com esse universo – não considerado o saneamento – mostrou que além das facilidades que a proximidade do Centro proporcionava, aquelas pessoas dispunham de uma boa qualidade de vida, e isto trazia um certo desconforto em retirá-los dali.

As casas, todas palafitas de madeira, eram excelentes, amplas, claras, muito limpas e bem ventiladas. Suas cozinhas quase sempre tinham um jirau, onde lavavam e secavam louças e panelas. Neles havia um pequeno espaço para as *latadas* de cheiro verde, cebolinha, coentro e pimenta, exigências da culinária local.

As redes, sempre limpas, decoravam as paredes quando enroladas, ou compunham os ambientes, quando atadas. Camas eram exceção, uma prova de inteligência e sabedoria, pois a rede é muito mais fresca e mais amazônica.

Manaus, sem atrativos para pressões populacionais, conservava uma população sem grandes alterações, o que pode ser a explicação mais forte para essa quase ausência de favelas e para a convivência cordial, quase solidária, entre as diversas camadas sociais, que a democrática distribuição das habitações na malha urbana confirmava.

O casario da beira-rio de São Raimundo e Educandos, que poderia ser confundido com favela, não o era, fazia de suas palafitas coloridas, mirando o rio e pintando a paisagem, um dos melhores postais da cidade. Grandes, umas ao lado das outras, protegidas das subidas das águas por suas pernas imensas, de favela só tinham o colorido. Era imperdível, para qualquer turista.

A DIETA CABOCLA

Isolada, Manaus pôde manter vivos seus hábitos alimentares ancestrais.

Apesar das constantes idas e vindas dos amazonenses ao Sul – Sudeste, a alimentação local era bem regional. Peixes e farinhas pontificavam como os principais elementos da dieta diária. E os bichos de casco, com lugar de honra para a tartaruga, como as melhores

iguarias. Dispondo de uma enorme variedade de frutas, estas estavam sempre presentes nas mesas amazonenses.

As diversas bananas – prata, a chamada ouro, a branca ou maçã, pacovã, pacovinha, inajá, também chamada nanica, São Tomé e outras -, enfeitavam as fruteiras de todas as casas e eram consumidas *como macaco* – para mim a maneira mais correta de comê-las; – as pacovã, feitas de várias formas, usadas verdes ou amarelas, eram servidas como sobremesa ou nas merendas: assadas – no forno ou ao sol, cobertas por uma fina camada de manteiga e, por cima, uma mistura de açúcar e canela; verdes ou amarelas eram raspadas com colher ou raladas para o mingau das merendas, podendo ter ou não farinha de tapioca; as maduras, cortadas em fatias, eram fritas e cobertas da mesma maneira que as assadas; estas entram na torta de banana e no pirarucu-de-casaca; as verdes, cortadas bem finas e fritas, ficando bem secas, eram e ainda são vendidas nas ruas, em pequenos sacos transparentes, transportadas em bacias de alumínio, trazidas, à cabeça, por homens, mulheres e até crianças; esta e as outras são servidas em deliciosos doces.

Havia laranjas, limas, tangerinas, sapotis* (pequenas, médias e as enormes sapotas), mamões variados, abricós *, melancias, melões* (os regionais têm a forma aproximada de uma melancia, são enormes, dulcíssimos, amarelos por fora e laranja por dentro), abacaxis cor de ouro e muito doces, cajus, etc. e as pitombas, em pequenos cachos vendidas nas ruas e quase uma mania manauense, sempre havia pessoas comendo-as pelos caminhos. Como não era possível faltar, sempre havia cupuaçus, uxis, maris, pupunhas, bacaba, açaí, sorva, etc. e muitas delas eram transformadas em saborosos doces, servidos como sobremesa ou nas merendas: os de mamão, com ou sem coco, os de coco ralado; os de abacaxi – em rodelas ou ralado, com coco; o de cupuaçu, com ou sem castanha-do-Pará, também oferecido em forma de salame ou como geléia; o cupuaçu, a graviola, o maracujá, servidos como refresco, como

creme ou como sorvete; a pupunha como doce ou compota ou a forma mais costumeira: cozida na água e sal, quando acompanha o café da manhã ou as merendas.

As verduras e legumes eram cultivados no interior próximo e em pequenas hortas na periferia. A colônia japonesa, no km. 30, da Manaus – Itacoatiara, fornecia galinhas, ovos e as tradicionais alfaces, couve, tomate, pepino, repolho; do interior vinham o quiabo, o maxixe, o jerimum – de leite ou caboclo -, o cariru, o jambu, a alfavaca, o cheiro verde, a salsinha, a cebolinha, a macaxeira, a batata-doce, o cará branco ou roxo e outros itens de consumo local. Cenoura, beterraba, couve-flor, rabanete, etc. não estavam à mesa dos amazonenses e nem eram encontrados nas feiras ou mercados.

Os pratos costumeiros do almoço e do jantar eram à base de carne, peixe, galinha e porco[86], – estas criadas nos quintais. Os de carne: picadinho, às vezes feito na gordura de tartaruga, ou na banha de porco, uma delícia; carne assada, cozida e guisados. Nos cozidos e guisados havia sempre quiabo, maxixe, jerimum, batata, batata-doce, macaxeira e couve e, às vezes, repolho, cará roxo ou branco; os bifes, na chapa ou fritos, eram acompanhados de batata ou macaxeira cozida ou frita, farofa e, às vezes vinagrete ; as galinhas assadas ou guisadas eram saborosas; as primeiras, servidas com farofa; as segundas, ensopadas com batata, ervilha e azeitona. Havia sempre arroz, macarrão, às vezes feijão e a total ausência de saladas, exceção para os almoços de domingo ou de festas, quando eram servidas maioneses com ou sem camarão seco, e salada de alface, tomate, cebola, pepino; os peixes eram fritos, assados ou cozidos – as caldeiradas, com batata e ovo; moqueados, servidos com pirão; o tambaqui, na brasa, assado diretamente ou não na folha da bananeira, era um dos pratos principais da dieta amazonense, junto com o pirarucu, jaraqui e as imensas e gordas sardinhas.

86 Deste consumiam a carne e a gordura, transformada em banha, era usada em substituição ao óleo e era preferida por muitos.

Os mingaus eram itens indispensáveis nas merendas da tarde ou da noite. O tacacá, embora não tão costumeiro como em Belém, estava nas esquinas e era tomado à tarde, com sol a pino, e haja suor!, o melhor àquela época era o da Vitória, na esquina da Saldanha Marinho com a Eduardo Ribeiro. Nela também havia mingaus, banana frita – doce ou salgada, bolo podre, maionese, vatapá e outras guloseimas. Sua banca era procurada por todos e vivia cheia. Era ela quem preparava os pratos regionais para as recepções do DEPRO.

Nas festas havia um verdadeiro festival de peixes e nunca faltava tartaruga. Os pratos mais requisitados eram o tambaqui na brasa, o pirarucu-de-casaca e todos os de tartaruga, principalmente o picadinho e a farofa feitos no casco, mas havia quem preferisse o paxicá, o sarapatel.

Bebia-se muito guaraná em Manaus. Todos fabricados na cidade. As cervejas vinham de fora, os vinhos e as cachaças também. A Cervejaria Miranda Corrêa fabricava a XPTO, que era mais consumida no interior. Havia um grande consumo de uísque[87] e vinho importados, entre os ricos; nos aniversários, havia fartura de docinhos, salgadinhos, todos deliciosos.

O horário das refeições também era uma grande diferença. Acostumados ao sem hora para comer das cidades grandes, reagimos muito à exigência do café-da-manhã antes das 7h, o almoço pontualmente às 12h e o jantar entre 18h e 19h. O almoço de domingo, se fosse em casa amazonense, para nós, era uma loucura..., pois aproveitávamos para dormir um pouco mais e nosso café era entre 9h e 10h,donde, como almoçar ao meio-dia? ... Mas, *noblesse oblige* e... lá íamos nós.

87 Muitos o tomavam misturado ao guaraná.

AS PARTEIRAS, AS REZADEIRAS, AS PEGADEIRAS

A Manaus daquela época ainda conservava costumes já desaparecidos e até arquivados em muitos pontos do país. Entre estes, encontrei o socialmente importante uso de parteiras, rezadeiras e pegadeiras.

Lógico que as parteiras foram e são importantíssimas, principalmente nos locais mais distantes e sem médicos, do Brasil e, mais ainda, da Amazônia. Seu trabalho reconhecido e necessário, desde os primórdios da humanidade, uma Manaus, quase sem médicos, não poderia aposentá-lo, como foi feito em outros lugares do país e do mundo. Aqui elas ainda eram queridas respeitadas, requisitadas e necessárias.

Dom, costume, herança cultural, imitação ou aprendizagem, não sei. O que sei é que rezadeiras e pegadeiras existem aqui, ali e acolá, ainda hoje, e a Manaus de 1965 utilizava os seus serviços, as respeitando e prestigiando.

As rezadeiras, tão usadas para tirar *quebranto e mau-olhado* das crianças, também eram procuradas pelos adultos, principalmente nas dores de cabeça ou outras difusas, quando tratamentos tradicionais não resolviam. Elas com suas técnicas, preces e gestos – que não ensinam nem para os de sua família -, em uma, duas, ou três rezas, curam, e nada cobram.

As pegadeiras dedilham a pele, pressionam nervos e ossos, e colocam no lugar desmentiduras e torceduras; costuram com linha e agulha virgem um pequeno quadrado de pano, também virgem, enquanto recitam orações secretas, e assim tratam, com sucesso, o que chamam de *carne trilhada e mãe-do-corpo*. São eficientíssimas.

Essas técnicas não eram exclusivas de mulheres. Alguns homens também tinham esses dons. Muitos, mulheres ou homens, ficaram famosos por suas curas. Entre estes estavam o Dico Paiva e a professora Zélia Souza, que faziam verdadeiros milagres.

Na Manaus de 1965, havia lugares, costumes, usos e outros aspectos, que mais fortemente marcavam sua singularidade. Eram elas:

- A proximidade da floresta
- O rio Negro limpo, com suas praias de areia alvíssima
- O encontro das águas
- Os igarapés cortando a cidade
- As pontes romana e a de ferro (3ª ponte) da Avenida 7 de setembro
- A arquitetura antiga e o Teatro Amazonas, como seu símbolo permanente
- O complexo portuário, sua grandiosidade
- O movimento de navios – transatlânticos, recreios, iates, motores, canoas, catraias, empurradores, na baía do rio Negro
- Os portos secundários: Remédios, Educandos, São Raimundo – seu movimento, sua alegria, sua vitalidade
- Os *recreios* coloridos, com seus nomes incríveis
- As *catraias* e sua enorme contribuição para o transporte local
- Os ônibus, quadrados, coloridos, de madeira, alguns com nomes e quase brinquedos
- Os *lambe-lambe* das Praças da Matriz e da Polícia e as pessoas posando para suas fotos
- O Mercado Adolpho Lisboa, sua arquitetura, seu rebuliço, seu peso cultural
- Os vendedores ambulantes, os pregões, e seu grito matinal
- Os cachorros dormindo ou descansando, descansados, no meio das ruas
- Os urubus, compondo a paisagem e limpando a cidade
- As *vozes*, suas músicas e mensagens
- As casas populares com seus projetos criativos, suas cores e suas luzes coloridas
- O exótico tipo indígena da maioria do povo
- A calma, o tranqüilo uso do tempo, a livre forma de existir, a hospitalidade e a prodigalidade do seu povo
- A praia da Ponta Negra

- Os *banhos*
- Os balneários: Parque Dez, Tarumã e Ponte da Bolívia
- As cachoeiras Tarumã, Tarumãzinho e Gigante[88] (esta a mais selvagem)
- O comprar e comer pitomba na rua. (só vi esta fruta em Manaus, mas, recentemente, 2006, li que ela é da família da Jaboticaba)
- Os incríveis peixes
- Os almoços e jantares à base de bichos de casco – iaçás, tartarugas, etc.
- O edifício-sede da Cervejaria Miranda Corrêa e sua Cerveja XPTO
- As sessões de cinema do GEC- Grupo de Estudos Cinematográficos (jamais pensei encontrar algo igual ou parecido em Manaus)
- As quermesses
- Os passeios de barco
- As cadeiras nas calçadas
- Os papagaios ao vento
- A Pastoral do Luso[89]
- As mulheres à janela
- As idas ao aeroporto, para as chegadas e saídas
- Os *randez-vous* ecológicos
- O Festival Folclórico da Praça General Osório, patrocinado por O Jornal
- As procissões
- O Carnaval de rua da Avenida Eduardo Ribeiro
- Os tradicionais bailes de carnaval do Ideal e Rio Negro
- O *canto do fuxico*
- O *Bar do Pina*
- A cerveja gelada do *Pequeno Príncipe*, os *salgados* do Mocambo, os sorvetes do *Bar Oásis*
- Os apitos dos navios
- O pôr-do-sol equatorial

88 Hoje, 2008, é um esgoto a céu aberto.

89 Clube da colônia portuguesa, localizado no centro na confluência das ruas Tapajós e Monsenhor Coutinho.

Manaus, em 1965, quando a conheci e onde vivi um delicioso tempo, era uma cidade tranqüila, um ponto civilizado no meio da maior floresta do mundo, banhada por muitas águas perto do Equador que, caliente, aquece e afaga.

ÁGUAS DE MANAUS

Como minha homenagem a Manaus e ao seu povo, deixo a poesia de Aníbal Beça, que canta a sua cidade:

ODE ADOCICADA PARA MANAUS
NO PALADAR DA PAIXÃO

O mar da minha aldeia é doce e calmo
Segue sempre sereno sem sentir
Os ventos vagarosos
As chuvas de garoa
A minha aldeia é mar em calmaria
Surge em silêncio quando o sol soluça
Janelas de mormaços
Em corpo se acoitando

A calmaria é brisa de palavras
Edulcorada cana em cantoria
Na rebuçada aldeia
Zumbido som de abelhas

O tempo em minha aldeia nunca passa
E passa em oblação nas águas negras
Mas nunca se ajoelha
Entanto se perdoa.

Esta obra foi composta em Manaus pela KintawDesign, em Bookman Old Style 10/14 e impressa em novembro de 2009.

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA